

GILBERTO VAZ

**ESTUDO COMPARATIVO DOS HÁBITOS DE VIDA E TRAÇOS DE
PERSONALIDADE DE ATLETAS DE BASQUETEBOL JUVENIL NOS
ESTADOS DE SANTA CATARINA (BRASIL) E OKLAHOMA (EUA)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FLORIANÓPOLIS – SC

2006

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DESPORTOS – CEFID
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
ESTUDOS BIOCOMPORTAMENTAIS DO MOVIMENTO HUMANO

GILBERTO VAZ

**ESTUDO COMPARATIVO DOS HÁBITOS DE VIDA E TRAÇOS DE
PERSONALIDADE DE ATLETAS DE BASQUETEBOL JUVENIL NOS
ESTADOS DE SANTA CATARINA (BRASIL) E OKLAHOMA (EUA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Ciência do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Andrade

FLORIANÓPOLIS – SC

2006

GILBERTO VAZ

**ESTUDO COMPARATIVO DOS HÁBITOS DE VIDA E TRAÇOS DE
PERSONALIDADE DE ATLETAS DE BASQUETEBOL JUVENIL NOS
ESTADOS DE SANTA CATARINA (BRASIL) E OKLAHOMA (EUA)**

A COMISSÃO EXAMINADORA ABAIXO ASSINADA APROVA ESTA DISSERTAÇÃO
DE MESTRADO COMO REQUISITO FINAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Andrade (Orientador) – UDESC

Prof. Dr. Olavo Guimarães Feijó

Prof. Dr. Renato Miranda

Prof. Dr. Hélio Roesler

Profª. Drª. Márcia Silveira Kroeff

Prof. Dr. Rudiney da Silva

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Rubens Lange, meu ex-técnico de basquetebol. Amigo e grande mestre, ensinou e concedeu a estrutura necessária para o início da minha carreira como atleta e técnico de basquetebol. Estarás sempre vivo, a cada dia, em minha mente, em meu coração e em minha alma.

In Memoriam

Ao meu filho Gabriel Vaz Durieux, por ter vindo a este mundo dar alegria e sentido à minha vida.

À minha esposa, Adriana Durieux, por estar ao meu lado ajudando em todos os momentos difíceis. Sem o seu apoio, isto não seria possível.

Saudades dos meus avós paternos, Afrísio e Marília Vaz, e maternos, Pedro Paulo da Silva e Bernadina Costa e Silva, que muito contribuíram para minha educação (*In Memoriam*).

Ao meu Pai, Carlos César Vaz, pela educação, compreensão, disciplina e situações especiais.

À minha Mãe, Arlene da Silva Vaz, por ter me apoiado em todos os momentos e insistido que dedicasse meus esforços ao esporte.

Aos meus irmãos, Guilherme Vaz e Carlos César Vaz e família, por estarem ao meu lado e participarem em todos os momentos.

Aos meus sogros, Aldo Durieux e Marily Maes Durieux, pelo grande apoio que deram durante esses anos. Sempre que precisava deles, estavam ao meu lado para ajudar.

Que Deus abençoe a todos.

AGRADECIMENTOS

À minha família, aos amigos e colegas que, em seu íntimo, percebem a doação e o árduo trabalho que envolve esta profissão, e compreendem alguma ausência minha, repartindo comigo os momentos de felicidade.

Ao Prof. Dr. Alexandro Andrade, exemplo de profissionalismo, pelo suporte acadêmico na Graduação, pela orientação no Mestrado e pela grande amizade que nutrimos durante esses anos.

Aos Professores que compõem a banca de avaliação, Prof^ª. Dr^ª. Márcia Kroeff, que me ensinou muito durante as aulas no Mestrado, e Prof. Dr. Olavo Guimarães Feijó, todo o meu agradecimento e reconhecimento pelo seu exemplo de vida e profissional, e ao Prof. Dr. Renato Miranda.

Ao Prof. Paulo Henrique Xavier de Souza (Paulão), amigo e parceiro de todos os momentos no CEFID/UDESC e grande incentivador das minhas atividades esportivas e universitárias. Ao Prof. Marino Tessari, pelo apoio incansável para o meu crescimento profissional dentro e fora do CEFID/UDESC. Aos Professores Andrey Portela, Mário César Nascimento, colegas de curso e parceiros de estudos.

Ao grande amigo Osny Raffe Júnior e família, pelas contribuições e estímulos no meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Aos Professores das disciplinas que frequentei neste Mestrado: Prof. Dr. Francisco Rosa Netto; Prof. Dr. Noé Gomes Borges Júnior; Prof^ª. Dr^ª. Thaís Silva Beltrame; Prof^ª. Dr^ª.

Giovana Zarpelon Mazo; Prof. Dr. Sebastião Iberes Lopes Melo; Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs; Prof. Dr. Adalberto Pizzolatti (*In Memoriam*).

Aos técnicos da *Oral Roberts University*, Rick Karr e Jerry Finkbenner, pela amizade e apoio nas visitas realizadas nas escolas do estado de Oklahoma (EUA).

Ao Prof. Dr. Hélio Roesler e ao Prof. Dr. Rudiney da Silva, pelas detalhadas e importantes contribuições na minha qualificação. Aos técnicos e atletas de basquetebol de Santa Catarina e Oklahoma que entrevistei durante este estudo.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, por viabilizar a realização deste trabalho e permitir as experiências acumuladas.

RESUMO

ESTUDO COMPARATIVO DOS HÁBITOS DE VIDA E TRAÇOS DE PERSONALIDADE DE ATLETAS DE BASQUETEBOL JUVENIL NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA (BRASIL) E OKLAHOMA (EUA)

Autor: Gilberto Vaz

Orientador: Alexandro Andrade

O objetivo deste estudo é comparar os indicadores de hábitos de vida e os traços de personalidade dos atletas de basquetebol juvenil, que disputam competições de alto nível em Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA). Esta pesquisa do tipo ‘Aplicada’ utilizou para análise e interpretação dos dados a abordagem quantitativa, mensurando as variáveis: sexo e posição em quadra; e qualitativa, comparando e interpretando os dados obtidos nos questionários de hábitos de vida e traços de personalidade. A população pesquisada foi constituída por atletas com idades entre 16 e 18 anos, que praticam basquete, no mínimo, há um ano. Em Santa Catarina, foram pesquisados 157 jogadores (76 homens; 81 mulheres); em Oklahoma 150 jogadores (75 homens; 75 mulheres). A técnica de amostragem adotada foi do tipo ‘Probabilística Aleatória’, estratificada por localização e sexo. Os instrumentos utilizados foram: para Hábitos de Vida, o questionário de Estilo de Vida na Infância e Adolescência (EVIA); para o teste de traços de personalidade, o *BIG FIVE TEST* (adaptado do NEO-PI). Os resultados apontam diferenças entre os grupos pesquisados. Nos Hábitos de Vida, as diferenças mais importantes estão nos indicadores socioeconômicos: os atletas americanos, masculinos e femininos, estão distribuídos de forma mais equilibrada nas classes B1, B2, C, enquanto os brasileiros nas classes A1, A2, B2. Na prática esportiva, nos grupos masculino e feminino, verificou-se que os atletas americanos praticam mais esporte que os brasileiros. No tempo que pratica basquete, os atletas brasileiros jogam em média há 4 anos e os americanos, há 7,3 anos; as brasileiras jogam em média há 4,2 anos e as americanas, há 6,4 anos. Os brasileiros treinam em média 2h e 30m por dia, enquanto os americanos treinam 2h e 45m por dia; as brasileiras treinam em média 2h e 36m por dia, enquanto as americanas treinam 2h e 27m por dia. Na frequência semanal que pratica basquete, os brasileiros treinam 4,98 dias por semana e os americanos, 4,86 dias por semana; no feminino, as brasileiras treinam 4,37 dias por semana e as americanas, 4,56 dias por semana. Os indicadores físicos, por posição em quadra, apresentam diferenças importantes em ambos os grupos pesquisados. Em todas as posições, nos grupos masculino e feminino, o IMC dos atletas americanos é superior ao dos brasileiros, indicando que os americanos são mais fortes que os brasileiros. Existem traços de personalidade distintos entre os atletas brasileiros e americanos por sexo e posição em quadra. Os americanos apresentam mais traços de autoconfiança, criatividade, liderança e motivação em comparação aos brasileiros. Os brasileiros apresentam mais traços de espírito de grupo em comparação aos americanos. Os traços de personalidade autocontrole, combatividade, concentração e sociabilidade são semelhantes entre brasileiros e americanos. Concluiu-se que os atletas americanos possuem mais qualidades positivas associadas à personalidade que os brasileiros. No grupo feminino, as atletas americanas apresentam mais traços de autoconfiança, criatividade, combatividade, sociabilidade, liderança e motivação em comparação às brasileiras. Os traços de personalidade autocontrole, espírito de grupo e concentração são semelhantes entre brasileiras e americanas. Concluiu-se que as atletas americanas possuem mais qualidades positivas associadas à personalidade que as brasileiras.

Palavras-chave: Traços de personalidade. Hábitos de Vida. Basquete.

ABSTRACT

STUDY COMPARATIVE OF THE HABITS OF LIFE AND TRAITS OF PERSONALITY OF ATHLETES OF JUVENILE BASKETBALL IN SANTA CATARINA'S STATES (BRAZIL) AND OKLAHOMA (USA)

Author: Gilberto Vaz

Adviser: Alexandro Andrade

The objective of this study is to compare the indicators of life habits and the traits of personality of the athletes of juvenile basketball personality, that they dispute competitions of high level in Santa Catarina (Brazil) and Oklahoma (USA). This research of the type 'Applied' it used for analysis and interpretation of the data the quantitative approach, measuring the variables: sex and position in court; and qualitative, comparing and interpreting the data obtained in the questionnaires of life habits and personality traits. The researched population was constituted by athletes with ages among 16 and 18 years, that practice basketball, at least, there is one year. In Santa Catarina, 157 players were researched (76 men; 81 women); in Oklahoma 150 players (75 men; 75 women). The technique of adopted sampling was of the type 'Random Probabilistic', stratified by location and sex. The used instruments were: for Habits of Life, the questionnaire of Habits of Life in the Childhood and Adolescence (EVIA); for the test of personality lines, BIG FIVE TEST (adapted of the NEO-PI). The results point differences among the researched groups. In the Habits of Life, the most important differences are in the socioeconomic indicators: the athletes american, masculine and feminine, they are distributed in a more balanced way in the classes B1, B2, C, while the brazilians in the classes A1, A2, B2. In practice sporting, in the masculine and feminine groups, it was verified that the american athletes practice more sport than the brazilians. In the time that practices basketball, the brazilian athletes play on average 4 years ago and the americans, 7,3 years ago; the brazilians play on average 4,2 years ago and the americans, 6,4 years ago. The brazilians train 2h and 30m on average a day, while the Americans train 2h and 45m a day; the brazilians train 2h and 36m on average a day, while the Americans train 2h and 27m a day. In the weekly frequency that practices basketball, the brazilians 4,98 days a week and the americans, 4,86 days a week; in the feminine, the brazilians 4,37 days a week and the americans, 4,56 days a week. The physical indicators, for position in court, present important differences in both researched groups. In all of the positions, in the masculine and feminine groups, the american athletes' IMC belongs superior to the to the brazilians, indicating that the americans are stronger than the brazilians. Different traits of personality exist among the brazilian and american athletes for sex and position in court. The americans present more traits self-confidence, creativity, leadership and motivation in comparison with the brazilians. The brazilians present more traits group spirit in comparison with the americans. The traits of personality self-control, militancy, concentration and sociability are similar between brazilians and americans. It was ended that the american athletes possess more positive qualities associated to the personality that the brazilians. In the feminine group, the american athletes present more traits self-confidence, creativity, militancy, sociability, leadership and motivation in comparison with the brazilians. The traits of personality self-control, group spirit and concentration are similar between brazilians and americans. It was ended that the american athletes possess more positive qualities associated to the personality that the brazilians.

Key-words: Traits of personality. Habits of life. Basketball.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Correspondência dos tipos físicos endomórfico, mesomórfico, ectomórfico com os traços de personalidade 63
- Figura 2 – Modelo do questionário do instrumento *Big Five Test* para a realização do teste de personalidade 126
- Figura 3 – Modelo do diagnóstico do teste de personalidade realizado pelo instrumento *Big Five Test* 127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ALA (masculino).....	144
Gráfico 2 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ARMADOR (masculino).....	147
Gráfico 3 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de PIVÔ (masculino).....	150
Gráfico 4 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole em TODAS AS POSIÇÕES (masculino).....	153
Gráfico 5 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ALA	172
Gráfico 6 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ARMADORA	175
Gráfico 7 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de PIVÔ.....	178
Gráfico 8 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole em TODAS AS POSIÇÕES	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição do modelo 16 PF da análise fatorial de Cattell dos traços de personalidade.....	89
Quadro 2 – Descrição do modelo da análise fatorial de Eysenck dos traços de personalidade.....	90
Quadro 3 – Adjetivações universalizadas do NEO-PI para os fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole.....	94
Quadro 4 – Diferenciação das terminologias dos fatores dos traços de personalidade entre o modelo CGF e o <i>Big Five Test</i>	102
Quadro 5 – Localização das qualidades positivas nos níveis dos traços de personalidade.	155
Quadro 6 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores socioeconômicos dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos.....	185
Quadro 7 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores dos hábitos de vida dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos.....	186
Quadro 8 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores de prática esportiva sistematizada dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino	187
Quadro 9 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores físicos por posição em quadra dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino	188
Quadro 10 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de ALA.....	189
Quadro 11 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de ARMADOR	190
Quadro 12 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de PIVÔ.....	191
Quadro 13 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, em TODAS AS POSIÇÕES	192

Quadro 14 – Avaliação comparativa dos resultados: Qualidades Positivas dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino	193
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição da população: informações gerais de Santa Catarina e Oklahoma; estimativa da população de jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino.....	115
Tabela 2 – Descrição da amostra: população dos jogadores pesquisados em Santa Catarina e Oklahoma, masculino e feminino.....	116
Tabela 3 – Amostra dos jogadores de basquete masculino e feminino: Santa Catarina.....	117
Tabela 4 – Amostra dos jogadores de basquete masculino e feminino: Oklahoma.....	118
Tabela 5 – Constituição da amostra por sexo e posição em quadra dos jogadores brasileiros e americanos, masculino e feminino.....	118
Tabela 6 – Critérios de Classificação Socioeconômica – ABIPEME (Brasil) e Gallup (EUA).....	123
Tabela 7 – Classificação do grau de instrução do chefe de família dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos.....	123
Tabela 8 – Classificação socioeconômica por posse de bens dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos.....	124
Tabela 9 – Escala dos valores qualitativos e diagnósticos da personalidade nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole do <i>Big Five Test</i>	128
Tabela 10 – Equivalência das escalas de valores qualitativos e diagnósticos da personalidade nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole entre o <i>Big Five Test</i> e o NEO-PI.....	128
Tabela 11 – Comparação do grau de instrução do Pai e/ou da Mãe entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	131
Tabela 12 – Comparação da classificação socioeconômica entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	131
Tabela 13 – Comparação do hábito de acordar entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	132
Tabela 14 – Comparação do hábito de dormir entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	132
Tabela 15 – Comparação do hábito de leitura entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	133

Tabela 16 – Comparação do hábito de estudar entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	133
Tabela 17 – Comparação do hábito de jogar basquete por lazer entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	134
Tabela 18 – Comparação da posse de materiais esportivos entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)	134
Tabela 19 – Comparação dos locais mais utilizados para as práticas esportivas entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)	135
Tabela 20 – Comparação do tempo que pratica basquete entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	136
Tabela 21 – Comparação da frequência semanal que pratica o basquete entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	136
Tabela 22 – Comparação das horas de treino diário entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	137
Tabela 23 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ALA (masculino)	138
Tabela 24 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ARMADOR (masculino).....	139
Tabela 25 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de PIVÔ (masculino).....	140
Tabela 26 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos em TODAS AS POSIÇÕES (masculino).....	141
Tabela 27 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ALA (masculino).....	143
Tabela 28 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ARMADOR (masculino).....	146
Tabela 29 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de PIVÔ (masculino).....	149

Tabela 30 – Comparação dos fatores de personalidade, Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos em TODAS AS POSIÇÕES (masculino).....	152
Tabela 31 – Comparação do Traço autoconfiança entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	156
Tabela 32 – Comparação do Traço autocontrole entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	157
Tabela 33 – Comparação do Traço criatividade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	157
Tabela 34 – Comparação do Traço combatividade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	157
Tabela 35 – Comparação do Traço espírito de grupo entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	158
Tabela 36 – Comparação do Traço concentração entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	158
Tabela 37 – Comparação do Traço sociabilidade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	159
Tabela 38 – Comparação do Traço liderança entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	159
Tabela 39 – Comparação do Traço motivação entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino).....	159
Tabela 40 – Comparação do grau de instrução do Pai e/ou da Mãe entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	160
Tabela 41 – Comparação da classificação socioeconômica entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	161
Tabela 42 – Comparação do hábito de acordar entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	161
Tabela 43 – Comparação do hábito de dormir entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas.....	162
Tabela 44 – Comparação do hábito de leitura entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas.....	162
Tabela 45 – Comparação do hábito de estudar entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas.....	162

Tabela 46 – Comparação do hábito de jogar basquete por lazer entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	163
Tabela 47 – Comparação da posse de materiais esportivos entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	164
Tabela 48 – Comparação dos locais mais apropriados para as práticas esportivas entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	164
Tabela 49 – Comparação do tempo que pratica basquete entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	164
Tabela 50 - Comparação da frequência semanal que pratica o basquete entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	166
Tabela 51 – Comparação das horas de treino diário entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	166
Tabela 52 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ALA.....	167
Tabela 53 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ARMADOR.....	168
Tabela 54 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de PIVÔ.....	168
Tabela 55 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas em TODAS AS POSIÇÕES.....	169
Tabela 56 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ALA	171
Tabela 57 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ARMADOR .	174
Tabela 58 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de PIVÔ.....	177
Tabela 59 – Comparação dos fatores de personalidade, Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas em TODAS AS POSIÇÕES.....	180
Tabela 60 – Comparação do Traço autoconfiança entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	182

Tabela 61 – Comparação do Traço autocontrole entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	182
Tabela 62 – Comparação do Traço criatividade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	182
Tabela 63 – Comparação do Traço combatividade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	183
Tabela 64 – Comparação do Traço espírito de grupo entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	183
Tabela 65 – Comparação do Traço concentração entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	184
Tabela 66 – Comparação do Traço sociabilidade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	184
Tabela 67 – Comparação do Traço liderança entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	184
Tabela 68 – Comparação do Traço motivação entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas	185

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 O PROBLEMA.....	21
1.2 OBJETIVOS.....	26
1.2.1 Objetivo geral.....	26
1.2.2 Objetivos Específicos.....	36
1.3 JUSTIFICATIVA.....	27
1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	29
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	30
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	31
2.1 A FILOSOFIA DO ESPORTE COMPETITIVO.....	31
2.2 PSICOLOGIA DO ESPORTE.....	39
2.3 O ESPORTE E A PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE.....	42
2.3.1 Definição de personalidade.....	46
2.3.2 Conceitos de personalidade.....	48
2.3.3 Teorias da Personalidade.....	49
2.3.3.1 Teorias Tipológicas da Personalidade.....	50
2.3.3.2 Teoria Psicanalítica da Personalidade.....	51
2.3.3.3 Teoria dos Traços da Personalidade.....	52
2.3.3.4 Teoria da Personalidade da Aprendizagem.....	54
2.3.3.5 Princípio da Abordagem Interacional.....	55
2.3.4 Estrutura da personalidade.....	56
2.3.5 Desenvolvimento da personalidade no esporte.....	56
2.3.5.1 Relações entre personalidade e esporte.....	58
2.3.5.2 Personalidade do atleta.....	59
2.3.6 Diferenciações de atletas do sexo feminino em relação a pratica esportiva.....	62
2.3.7 Relações entre personalidade e constituição física.....	63
2.3.8 Relações entre esporte e adolescência.....	65
2.4 O DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS JOVENS DE ALTO RENDIMENTO.....	69
2.4.1 Aspectos relativos aos treinamentos de atletas jovens de alto rendimento.....	70
2.4.2 Critérios para o desenvolvimento de atletas jovens de alto rendimento.....	73
2.4.2.1 Identificação do talento esportivo.....	76
2.4.3 Preparo psicológico individual e coletivo de atletas jovens de alto rendimento.....	77

2.4.3.1 Métodos e técnicas de preparação psicológica de atletas de alto rendimento	83
2.5 MODELOS DE ANÁLISE DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE	86
2.5.1 A evolução dos modelos de análise dos traços de personalidade	88
2.5.1.3 O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) de avaliação da personalidade	91
2.5.2 O modelo <i>BIG FIVE</i> de avaliação da personalidade.....	101
2.5.3 Estudos sobre traços de personalidade em atletas de alto rendimento	104
2.6 MODELO DE ANÁLISE DOS HÁBITOS DE VIDA.....	106
2.6.1 Estudos sobre hábitos de vida em atletas de alto rendimento.....	108
3 MÉTODO.....	112
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	112
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	114
3.2.1 Descrição da população	114
3.2.2 Definição da amostra.....	115
3.2.2.1 Amostra de Santa Catarina (Brasil).....	117
3.2.2.2 Amostra de Oklahoma (EUA).....	117
3.2.2.3 Constituição da amostra por sexo e posição em quadra	118
3.3 INSTRUMENTOS DO ESTUDO	119
3.5 ESTUDO PILOTO.....	120
3.6 COLETA DE DADOS	121
3.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	122
3.6.1 Indicadores físicos.....	122
3.6.2 Indicadores socioeconômicos	122
3.6.3 Indicadores de Hábitos Vida	124
3.6.4 Indicadores dos Traços de Personalidade	125
3.6.5 Tratamento estatístico.....	129
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	130
4.1 MASCULINO.....	130
4.1.1 Hábitos de Vida dos atletas brasileiros e americanos	130
4.1.1.1 Indicadores socioeconômicos	130
4.1.1.2 Indicadores de hábitos de vida.....	132
4.1.1.3 Indicadores de cultura esportiva.....	134
4.1.1.4 Indicadores de prática esportiva sistematizada	135
4.1.2 Indicadores físicos por posição em quadra.....	137

4.1.2.1 ALA: altura, peso e massa corporal	138
4.1.2.2 ARMADOR: altura, peso e massa corporal.....	138
4.1.2.3 PIVÔ: altura, peso e massa corporal	139
4.1.2.4 TODAS AS POSIÇÕES: altura, peso e massa corporal	140
4.1.3 Traços de personalidade dos atletas brasileiros e americanos	141
4.1.3.1 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição de ALA.....	141
4.1.3.2 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição ARMADOR.....	144
4.1.3.3 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição PIVÔ	147
4.1.3.4 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, em TODAS AS POSIÇÕES	150
4.1.4 Qualidades positivas Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança, Motivação dos atletas brasileiros e americanos	153
4.2 FEMININO.....	160
4.2.1 Hábitos de Vida das atletas brasileiras e americanas	160
4.2.1.1 Indicadores socioeconômicos	160
4.2.1.2 Indicadores de hábitos de vida.....	161
4.2.1.3 Indicadores de cultura esportiva.....	163
4.2.1.5 Indicadores de prática esportiva sistematizada	165
4.2.2 Indicadores físicos por posição em quadra.....	167
4.2.2.1 ALA: altura, peso e massa corporal	167
4.2.2.2 ARMADORA: altura, peso e massa corporal.....	167
4.2.2.3 PIVÔ: altura, peso e massa corporal	168
4.2.2.4 Todas as posições: altura, peso e massa corporal	169
4.2.3 Traços de personalidade das atletas brasileiras e americanas.....	169
4.2.3.1 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição de ALA.....	169
4.2.3.2 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição ARMADOR.....	172
4.2.3.3 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição PIVÔ	175

4.2.3.4 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, em TODAS AS POSIÇÕES	178
4.2.4 Qualidades positivas Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança, Motivação das atletas brasileiras e americanas	181
4.3 RESUMO E AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS PRINCIPAIS RESULTADOS APRESENTADOS DOS JOGADORES BRASILEIROS E AMERICANOS, MASCULINOS E FEMININOS	185
4.3.1 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Socioeconômicos	185
4.3.2 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Hábitos de Vida	186
4.3.3 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores de Prática Esportiva Sistematizada	187
4.3.4 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Físicos por Posição em Quadra	188
4.3.5 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – ALA.....	189
4.3.6 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – ARMADOR.....	190
4.3.7 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – PIVÔ.....	191
4.3.8 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – TODAS AS POSIÇÕES.....	192
4.3.9 Avaliação comparativa dos resultados: QUALIDADES POSITIVAS	193
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	194
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
ANEXOS	223

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA

O basquete, desde sua criação em 1891 até os dias de hoje, evoluiu no que diz respeito ao ambiente técnico, na condição física e psicológica do atleta, como também no campo das regras, da tecnologia e dos equipamentos. Essa evolução transformou o basquete num fenômeno social, econômico e cultural em todo o mundo, notadamente nos EUA, país criador do esporte, possuidor do campeonato profissional mais organizado e valorizado, a NBA (*National Basketball Association*), onde alcançou o maior desenvolvimento e a melhor performance técnica, sendo considerado um centro de excelência e, por isso, referência obrigatória nos estudos científicos de natureza comparativa.

Entre o Brasil e EUA, a evolução do basquetebol teve desenvolvimento distinto. Observa-se que, no Brasil, os campinhos de ‘peladas’, onde a maioria dos brasileiros teve contato pela primeira vez com o esporte, equivalem às quadras de basquete, onde os norte-americanos também tiveram contato com o esporte pela primeira vez. Nesse contexto, tem-se a primeira diferença no comportamento social-esportivo entre brasileiros e americanos e, da mesma forma, a primeira similitude. A diferença está na popularidade do esporte: enquanto, nos EUA, o basquete é popular e profissionalizado, no Brasil, ele é elitista e considerado ainda um esporte amador praticado em clubes e associações desportivas, apesar de iniciativas setorializadas no sentido de popularizá-lo. A semelhança está em como se processa o contato da criança e do adolescente com o esporte popular. Pode-se, com isso, justificar a superioridade técnica e numérica dos atletas norte-americanos em relação aos brasileiros.

Bergamo (2003) constatou que a trajetória e o crescimento esportivo dos jogadores norte-americanos e brasileiros são desconhecidos pela maioria dos profissionais ligados ao basquete em função da carência de estudos comparativos que apontem semelhanças e diferenças e definam parâmetros confiáveis na avaliação da evolução dos atletas desde as categorias de base. O problema, segundo o autor, não está somente na identificação do perfil psicológico, biológico e social, tomando-se por base o atleta já consagrado, mas no acompanhamento do processo de desenvolvimento do atleta jovem, visto que a seleção unicamente pelos dotes físicos está relacionada com os resultados de curto prazo, que despertam interesses superficiais, desprezando o caráter científico das pesquisas acadêmicas, voltadas aos aspectos físicos, técnicos e psicológicos das categorias de base.

Essa problemática foi confirmada por Versari (2004) e Friedmann (1998), em pesquisa realizada com 500 jogadores de basquete universitário americano, masculinos e femininos, entre 1997 e 2002, pré-qualificados e recrutados pela NBA para comporem as 29 equipes da Confederação, ao constatarem que o processo de seleção dos atletas dava-se exclusivamente por suas características físicas. O resultado da pesquisa indicou que 62% dos atletas selecionados eram cortados nos primeiros seis meses de avaliação. O principal motivo dos cortes não estava na falta de habilidade ou condição física, 3% e 5% respectivamente, mas porque 92% dos atletas cortados não estavam preparados emocionalmente ou não tinham o perfil psicológico desejado para enfrentar as pressões exercidas pelos técnicos, mídia, torcida e familiares, e por isso não se adaptavam às equipes profissionais.

Para De Rose Júnior; Tavares e Gitti (2004), o basquete, por suas características próprias de confronto, demonstração, comparação e avaliação, apresenta peculiaridades que devem ser analisadas separadamente, a fim de se conhecer suas implicações no desempenho dos atletas. Dessa maneira, torna-se necessário conhecer as especificidades sociais e

psicológicas dos atletas, e suas inter-relações, que poderão influenciar na obtenção de melhores resultados individuais e coletivos.

Simões, De Rose Júnior, Knijnik e Cortez (2004) argumentam que o comportamento do atleta, observado no ambiente esportivo e social, fornece possibilidades de estudos sobre os traços de personalidade, tendo em vista que cada indivíduo deve ter um conhecimento a respeito do seu comportamento, caso contrário esses esportistas não poderiam controlar suas emoções, pensamentos e sentimentos e manter um comportamento desejável, antes, durante e após as competições. Acrescenta-se o fato de que os atletas, desde as categorias de base, sofrem pressões para que obtenham um melhor desempenho, colocando-os numa situação de comprometimento para que eles sempre tenham uma ótima atuação. Assim, dependendo da situação em que ocorra a competição, e de todas as implicações que a envolvem, muitos problemas de ordem física e psicológica poderão ser causados aos jovens participantes. (DE ROSE JÚNIOR; VASCONCELLOS, 1993).

Entre os pesquisadores e psicólogos, observa-se que não há consenso quanto à existência, ou não, de uma personalidade pré-definida de atleta. Mas em Weinberg e Gould (2001) encontra-se a expressão “personalidade do esportista”, que define a personalidade ideal do atleta como aquela que possui determinadas qualidades positivas, tais como: autodisciplina, autoconfiança, inteligência de jogo, controle emocional, concentração, motivação positiva, determinação, compromisso, entre outras.

Para Singer (1986), essas qualidades podem ser medidas e reconhecidas por meio de um processo de avaliação psicológica conhecido como testes de traços de personalidade. O autor acrescenta que o comportamento de atletas pode ser definido em função de certas características consistentes e permanentes durante um determinado período de tempo. Através de testes específicos, obtêm-se os traços de personalidade necessários para descrever as consistências do comportamento do atleta antes de uma competição.

Segundo Balaguer (1994), o objetivo principal no uso de testes de avaliação psicossocial deve ser dirigido à aquisição ou melhora das habilidades psicológicas necessárias para fazer frente às distintas situações esportivas, de forma que permita melhorar ou manter o rendimento esportivo, assim como ajudar no crescimento e bem-estar pessoal dos esportistas.

Porém, de acordo com Weinberg e Gould (2001, p. 52), simplesmente conhecer os traços de personalidade de um indivíduo nem sempre ajudará a prever como ele irá se comportar em uma determinada situação. Reliu (1997), Rúbio (2001a), Weineck (1999) e Barreto (2003) sustentam que toda avaliação psicológica deve integrar outros componentes aos testes psicológicos, como: características físicas, idade, nível competitivo e características socioculturais, a fim de possibilitar diagnósticos mais precisos. Ou seja, os testes de traços de personalidade devem ser integrados aos inventários de estilo de vida.

Neste sentido, o Ministério do Esporte e Turismo (Brasil, 2002), através da Portaria 221, de 01 de outubro de 2002, disciplinou e unificou os formatos, métodos e aplicações dos testes físicos e psicológicos. Quanto aos procedimentos de coletas de informações nas avaliações e comparações psicológicas, a Portaria 221 sugeriu que os testes devem registrar os dados psicossociais junto aos testes de personalidade e que o perfil psicológico do atleta seja analisado considerando os fatores de temperamento, estabilidade emocional, extroversão, dominância e agressividade. Portanto, pode-se dizer que a Portaria definiu como modelo ideal de análise do perfil psicológico de atletas o modelo dos ‘Cinco Grandes Fatores’ (CGF): Emocionalidade, Abertura à experiência, Egocentrismo, Extroversão e Autocontrole.

Assim, este estudo aplicará o modelo CGF, para os testes de traços de personalidade, e o inventário ‘Estilo de Vida na Infância e Adolescência’ ou EVIA, para o questionário de hábito de vida, pois esses instrumentos atendem aos princípios norteadores de uma investigação científica voltada aos estudos de traços da personalidade.

Para McCrae e Costa (1989), o modelo CGF é uma versão moderna da Teoria de Traços de Personalidade. Esse modelo representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável em 50 países. O CGF é operacionalizado pelo NEO-PI-R, instrumento criado pelos pesquisadores americanos Paul Costa e Robert McCrae.

Pesquisas realizadas por Gosling, Rentfrow e Swann (2003), empregando o NEO-PI-R em 112 atletas universitários, revelaram os traços de personalidade, combinando os cinco fatores nos escores positivos e negativos, para autoconfiança, liderança, autocontrole, motivação, concentração, criatividade, combatividade e sociabilidade. Pereira, Pires e Brandão (2002) apresentaram pesquisa com 250 adolescentes (125 masculinos e 125 femininos), utilizando o NEO-PI-R, em que definiram os tipos de personalidade mais indicados à atividade física e ao esporte. Cunha e Oliveira (2003) correlacionaram traços de personalidade e o desempenho dos atletas, empregando o NEO-PI-R, em um time de futebol da 1ª divisão do Campeonato Paulista,

O inventário EVIA foi desenvolvido por Sobral (1989) em 1982 e adaptado no Brasil por Torres e Gaya (1998). Para Sobral *apud* Torres e Gaya (1998), o estudo dos hábitos de vida configura-se como importante fator de análise do fenômeno da performance desportiva.

De acordo com Torres e Gaya (2000), “estudos realizados por Sallis et al, Mao e Taks et al, em 1995, por Cauley, em 1991, Grupta, em 1986, e Black e Bredemeier, em 1988, apontaram prováveis efeitos do nível socioeconômico na performance desportiva”. Torres e Gaya (2000), em pesquisa realizada com 397 atletas (239 homens e 154 mulheres) participantes da etapa final dos Jogos da Juventude de 1996, concluíram que o nível socioeconômico configura-se como uma variável importante na prática esportiva, na medida em que o acesso ao esporte de rendimento apresenta-se restrito a uma parcela economicamente privilegiada da população.

Este estudo comparativo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais indicadores de Hábitos de Vida e Traços de Personalidade diferenciam os atletas de basquete juvenil nos Estados de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA), com idades entre 16 e 18 anos, que disputam competições de alto nível e qual a relação entre os dois grupos?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é comparar os indicadores de hábitos de vida e os traços da personalidade dos atletas de basquetebol juvenil, com idades entre 16 e 18 anos, que disputam competições de alto nível nos Estados de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA).

1.2.2 Objetivos específicos

- ❑ Identificar e comparar os hábitos de vida por sexo, incluídos os indicadores socioeconômicos, de hábitos de vida (acordar, dormir, leitura, estudar, jogar basquete), de cultura esportiva e de prática esportiva sistematizada dos atletas de basquetebol juvenil de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA);
- ❑ Identificar e comparar os indicadores físicos por sexo e posição em quadra dos atletas de basquetebol juvenil de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA);
- ❑ Identificar e comparar os traços de personalidade por sexo e posição em quadra dos atletas de basquetebol juvenil de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA);
- ❑ Identificar e comparar por sexo e posição em quadra as qualidades positivas autoconfiança, autocontrole, criatividade ou inteligência de jogo, combatividade,

espírito de grupo, concentração, sociabilidade, liderança e motivação, dos atletas de basquetebol juvenil de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA).

1.3 JUSTIFICATIVA

O basquete é um poderoso fator mobilizador que influencia o comportamento de jovens atletas em qualquer parte do planeta, capazes de criar padrões e moldar comportamentos. A importância e complexidade do fenômeno esportivo de alto rendimento não são ignoradas pelas Ciências do Esporte que buscam, através de métodos próprios, a obtenção de dados e a consequente intervenção, objetivando a melhoria da performance (SOUZA FILHO, 2000).

No Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte da Universidade de São Paulo (GEPPSE-USP), Brandão, Hata, Bonjardim e Macedo (2005) cadastraram, entre 1995 e 2004, 508 publicações científicas, nacionais e internacionais, relacionados à Psicologia do Esporte. Segundo esse estudo, a incidência dos temas apresentou a seguinte amostragem: a ansiedade e estresse foram os mais pesquisados com 76% dos trabalhos; motivação e orientação esportiva com 5% cada uma; competitividade 4%; análise comparativa de aspectos psicológicos e traços de personalidade, apenas 1%. Observou-se que a maioria dos estudos privilegia os efeitos da situação sobre o comportamento do indivíduo, priorizando as pesquisas sobre o estado do sujeito, deixando em segundo plano os traços de personalidade do indivíduo.

Para Versari (2004), na fase de transição do jogador amador para o profissional, as áreas mais necessárias à pesquisa são aquelas que permitem a verificação: a) das habilidades interpessoais; b) do comportamento individual e coletivo dentro e fora das quadras; c) da administração de treinamentos específicos; d) do relacionamento dos tipos de personalidade

dos atletas com o seu desempenho, comparando com o desempenho de outros atletas, profissionalizados ou não, da mesma categoria ou categorias diferentes.

Segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 162): “[...] O desconhecimento das personalidades que integram uma equipe leva a um clima emocional de anomia (anarquia, desorganização), onde se sentem as criaturas não propriamente pertencentes a algo, mas alheias e pertencentes a este algo”.

Para Barreto (2002), um treinador, conhecendo a personalidade do seu atleta, saberá atuar com ele como pessoa e como desportista. Ao observar a personalidade do atleta, se introvertida, ambivertida ou extrovertida, o técnico, então, estabelecerá a metodologia apropriada do treinamento esportivo. Barreto (2002) argumenta e conclui: se os atletas são diferentes, biológica e psicologicamente, a aprendizagem esportiva, conseqüentemente, será também diferente; os indivíduos, segundo o seu tipo de personalidade, aprendem e condicionam as novas aprendizagens; esse conhecimento permitirá ao treinador orientar metodologicamente, e com mais acerto, seus atletas de uma forma mais previsível, tanto nos treinamentos como também nas competições e nos processos motivacionais (BARRETO, 2002).

Considerando os argumentos de Barreto (2002), dentro de uma equipe de basquetebol, é necessário que os componentes da comissão técnica (treinadores e assistentes) conheçam seus atletas, primeiro, avaliando de forma sistemática suas características individuais, virtudes, defeitos, questões relacionadas à família, amigos; e, segundo, comparando e correlacionando as características físicas e psicológicas de seus atletas com atletas de outras equipes. O alinhamento dessas informações permitirá à comissão técnica um diagnóstico mais preciso dos hábitos de vida e traços de personalidade de cada atleta.

Em tese, esta pesquisa possui características singulares, visto a escassa literatura que identifique e compare os hábitos de vida, incluídos os indicadores socioeconômicos, de

cultura esportiva e de prática esportiva sistematizada, e os traços de personalidade em atletas de basquetebol juvenil do Brasil e EUA.

1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com atletas de basquetebol juvenil, compreendendo a idade entre 16 a 18 anos, de ambos os sexos, dos Estado de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA), que estejam jogando basquetebol há pelo menos um ano.

Os atletas pesquisados neste estudo foram considerados como de alto rendimento, envolvidos dentro do ambiente competitivo, mesmo não sendo profissionais¹.

Outra delimitação diz respeito ao desempenho físico e técnico e estado emocional do atleta. Os psicólogos e pesquisadores desenvolveram várias técnicas e métodos para avaliar a personalidade do atleta que possibilitam diagnosticar e definir os ‘traços’ e ‘estados’ de personalidade. Por sua vez, as teorias de comportamento utilizadas pela Psicologia Esportiva diferenciam o estilo típico de comportamento de um indivíduo, os traços, dos efeitos da situação sobre o comportamento, os estados. Esta pesquisa considerou apenas os ‘traços’ do pesquisado, buscando identificar e comparar esses traços de personalidade nos atletas brasileiros e americanos. Assim, na coleta de dados, os questionários foram aplicados fora do ambiente de competição, ou seja, o estado emocional do atleta era neutro².

Cabe salientar que existe diferenciação de interpretação entre as expressões: os atletas americanos têm mais traços de motivação que os atletas brasileiros de os atletas americanos são mais motivados que os atletas brasileiros. A primeira expressão refere-se ao traço de

¹ Este estudo comparativo não avaliará os Hábitos de Vida no sentido da ‘qualidade de vida’ dos atletas pesquisados, se ativos ou sedentários, ou se a prática do basquete é ou não um fator constitutivo de saúde.

² Este estudo não tem por objetivo apresentar análises e diagnósticos sobre o desempenho físico e técnico e estado emocional dos atletas pesquisados, como, por exemplo, as diversas formas de estados de ansiedade que se manifestam antes, durante e após uma competição.

personalidade; e a segunda, refere-se ao estado de personalidade. Porém isso não exclui a possibilidade de descrever analogias, desde que comprovadas empiricamente, em que determinado traço de personalidade ou hábito de vida influencie no desempenho físico e técnico do atleta.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo, ora apresentado, traz a Introdução, com a definição do problema pesquisado, o objetivo geral e objetivos específicos, a justificativa e a delimitação da pesquisa. O segundo capítulo apresenta a Revisão da Literatura, abordando a Filosofia do Esporte Competitivo, a conceituação e procedimentos da Psicologia do Esporte, as relações do esporte com a psicologia da personalidade, o processo de desenvolvimento de atletas de alto rendimento e a avaliação dos modelos de análise de traços de personalidade e hábitos de vida. O terceiro capítulo aborda os materiais utilizados e o Método de Pesquisa, com a caracterização da população e amostra pesquisada, os procedimentos metodológicos de coleta de dados e o tratamento estatístico empregado. A Apresentação dos Resultados está no quarto capítulo, em que a comparação dos hábitos de vida, os indicadores físicos e os traços de personalidade dos atletas de basquete juvenil de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA) são demonstrados por sexo e posição em quadra. No quinto capítulo, são discutidos e analisados os resultados apurados no capítulo anterior. Por último, são relatadas as Conclusões e listadas as Referências Bibliográficas e os Anexos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A FILOSOFIA DO ESPORTE COMPETITIVO

Para Barbero (1993), Brohm (1993) e Rúbio (2001a), o esporte contemporâneo é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século XX e tem agregado em torno de si um número cada vez maior de áreas de pesquisa, constituindo as chamadas Ciências do Esporte, compostas por disciplinas como Antropologia, Filosofia, Psicologia e Sociologia do Esporte, no que se refere à área sócio-cultural, incluindo também a Medicina, Fisiologia e Biomecânica do Esporte. Bracht (2000) vê nesse conjunto de disciplinas que compõem as Ciências do Esporte uma tendência à interdisciplinaridade. Para Rúbio (2002), essa tendência ainda não representa uma prática interdisciplinar, uma vez que as diversas subáreas convivem enquanto soma, mas não em relação, fazendo com que as Ciências do Esporte vivam hoje um estágio denominado ‘pluridisciplinar’.

Segundo Silva (1967, p. 01), “Só há esporte quando ocorrem três fatores: jogo, movimento e agonística ou competição”. Para definir ‘jogo’, Silva (1967) utilizou o conceito filosófico de Huizinga:

O jogo em seu aspecto essencial é uma ação livre, executada e sentida como se situada fora da vida corrente, mas que, entretanto, pode absorver completamente o jogador, sem que dela obtenha proveito; por outro lado, essa ação é executada em espaço e tempo determinados e se desenvolve segundo ordem e regras onde reina uma propensão a rodear-se de mistério e a se disfarçar, a fim de se separar do mundo habitual (HUIZINGA *apud* SILVA, 1967, p. 4)

Silva (1967) concluiu que, no jogo, encontram-se os elementos e os efeitos constitutivos da beleza: equilíbrio, compensação, contraste, relevo, variação, união, desunião. No jogo, se somam duas condições que o homem pode observar: ritmo e harmonia. Nesse

sentido, o jogo passa a ter a capacidade de desenvolver, por meio dele, formas e contribuições para gerar talentos, aperfeiçoar potencialidades e criar novas habilidades de conviver.

Segundo Friedmann (1996), o jogo pode ser ensinado de duas formas: primeiro, o jogar espontâneo, em que o jogo tem apenas o objetivo de divertimento; segundo, o jogar dirigido, em que ele passa a ser proposto como fonte de desafios, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem.

O jogo exige a predisposição de quem vai entrar nele o conhecimento de suas regras, sem, no entanto, haver a possibilidade de prever qualquer resultado enquanto ele está se efetivando. Daí a necessidade de chegar a uma perspectiva interna a ele e abandonar-se totalmente em tal espaço, assumindo como condição o risco de obter o resultado desejado ou não. “O atrativo que o jogo exerce sobre o jogador reside exatamente nesse risco. Usufruímos com isso de uma liberdade de decisão que, ao mesmo tempo, está correndo um risco e está sendo inapelavelmente restringida” (GADAMER, 1996, p. 149).

Por movimento, entende-se, segundo Canestrari *apud* Silva (1967, p. 11), como elemento vivo da personalidade. O atleta deve mostrar o grau de interesse e capacidade que revela em relação a este aspecto comportamental; a força da motivação que o faz dirigir e alimentar dar-lhe-á significado, valor e finalidade. Sem este componente, a motivação, o movimento perde seu valor psicológico e formativo, para tornar-se mera repetição motora, puramente instrumental, sem associar-se a uma mínima participação afetiva.

Da combinação fisiológica dos nervos, reflexos e músculos, e mais os motivos psíquicos, diz-se Psicomotricidade. A psicomotricidade está associada à personalidade, porque o indivíduo utiliza seu corpo para demonstrar o que sente. E o indivíduo tendo problemas motores apresentará problemas de expressão (FONSECA, 1988).

Barreto (2000) diz que a psicomotricidade permite a integração do indivíduo com o espaço à sua volta, utilizando, para isso, o movimento, levando em consideração os aspectos

psicológicos, relacionais, cognitivos e motrizes. É a educação pelo movimento consciente, visando melhorar a eficiência. Dessa maneira, no momento em que a psicomotricidade educa o movimento, ela, ao mesmo tempo, coloca em jogo as funções da inteligência.

De Lisi *apud* Silva (1967, p. 12) observou a relação da psicomotricidade com a personalidade e agrupou os indivíduos em quatro tipos: 1) Indivíduo forte, hábil, ágil: É o atleta ligeiro, o operário manual ótimo e versátil, enfim o sujeito de motricidade evoluída e harmoniosa; 2) Indivíduo forte, lento, inábil, pesado: É o atleta pesado, o operário adaptado a trabalhos duros que exigem resistência, o sujeito com tempos de reação demorada; a reação tônica prevalece sobre a ação automática; 3) Indivíduo débil, célere, hábil, ágil: É o atleta ligeiro não exaurível, o operário adaptável a trabalhos minuciosos, mas de pouca força e resistência, o sujeito de motilidade um tanto desarmoniosa, mas evoluído nos componentes psicomotores a serviço de faculdades intelectuais; 4) Indivíduo fraco, lento, inábil, embaraçado: É o tipo inadapado a exercícios de ginástica, a esportes, a trabalhos manuais, sujeito a motilidade de todo desarmônica e ineficaz.

Na conceituação de agonística, a idéia do mecanismo de compensação, a procura de um atestado de valor; é o afã da vitória e de luta emancipada de camadas profundas da personalidade; evidentemente a luta, mesmo sem vitória, será gratificante, desde que o élan de vitória seja o impulso inicial. A agonística tem função catártica, ou seja, da libertação de emoções, às vezes reprimidas, e por esta razão é que a palavra agonística define, melhor que competição, a atividade esportiva. É o melhor meio expressivo para definir a descarga de energia numa demonstração de excelência. Agonística não é apenas luta, é amor à luta, é a sadia liberação de uma sobrecarga agressiva; portanto, é mais que luta ou competição, porque essas duas palavras não encerram o componente psicológico e, como tal, não têm implicação catártica. Os componentes da agonística são: Agressividade; Tensão; Compensação; Exibicionismo; Motivação (SILVA, 1967).

Para Corsini (2004), todos os seres humanos (inclusive os animais) trazem consigo um impulso agressivo. A agressividade é um comportamento emocional que faz parte da afetividade de todas as pessoas. Portanto, é algo natural. No entanto, a maneira de reagir frente à agressividade varia conforme a sociedade e cultura em que vive a pessoa, pois cada uma tem as suas leis (umas inclusive agressivas), valores, crenças, etc. Alguns comportamentos agressivos são tolerados, outros são proibidos. Nas sociedades ocidentais, bastante competitivas, a agressividade costuma ser aceita e estimulada quando esta vale como sinônimo de iniciativa, ambição, decisão ou coragem. Mas é impedida, reprimida ou punida quando identificada como atitudes de hostilidade, de sentimentos de cólera. Corsini (2004) afirma que existem dois tipos de agressividade: Instrumental: que é dirigida apenas para alcançar uma recompensa. Não visa acarretar sofrimento ao outro; Hostil: que tem como objetivo atacar e/ou ferir o outro. Pode-se encontrar agressividade na forma verbal: ataca por meio de palavras, e física: que envolve o ataque físico.

Segundo Freud (1976), a agressividade é um conjunto de tendências presente em todos os indivíduos, que se manifesta em comportamentos reais ou fantasiosos que objetivam prejudicar, destruir ou humilhar o outro.

Poucas atividades requerem um envolvimento total do ego como a do atleta, porque nele uma força irracional, normalmente destruidora como a agressividade, desempenha papel dominante. O êxito em quase todas as competições esportivas exige uma atitude e um comportamento de alto teor agressivo. Por consequência, na dinâmica da agonística, encontra-se o sentimento de culpa, uma vez que, a agressão e culpabilidade estão sempre juntas. O sentimento de culpa ocorrerá com mais freqüência e profundidade naqueles atletas que descarreguem com maior vigor e intensidade sua carga agressiva (SILVA, 1967).

No basquete, a agressividade deve ser entendida como uma prontidão para a realização do ato com explosão, devendo estar presente, em especial, nos rebotes e disputas de bola,

acompanhados de uma carga emocional elevada, determinada pela evolução do resultado, do ambiente e da velocidade de jogo. Quanto aos aspectos psicológicos e aos valores morais envolvidos na prática do basquetebol, pode-se afirmar que o praticante desse esporte desenvolve a confiança em si mesmo, a responsabilidade, a sociabilidade, o espírito de cooperação, o espírito de luta, o reconhecimento da vitória e da derrota e a agressividade criativa, que é a determinação e a coragem para tomar decisões e realizar tarefas durante um jogo (FERREIRA, 2001).

A tensão é um elemento dinâmico da agonística; encerra em si mesma a tendência à distensão. Ou seja, feito determinado esforço, deve-se conseguir o objetivo pretendido. A necessidade de descarregar a energia acumulada é fonte de atividade criadora no atleta. Por conseguinte, é fator estimulante e propulsor da atividade esportiva, gerando emoções, vinda da incerteza do resultado final da competição. Esta emoção vem da tensão, isto é, da tendência de se conseguir alguma coisa, baseada em probabilidade ou improbabilidade, feita em forma de esforço que pode ser de espécies variadas. A tensão põe à prova a força do atleta; sua força física e moral, seu espírito combativo, sua habilidade, seu engenho, valor, espírito de perseverança, em definitivo, põe à prova e revela seu caráter. Por isso, é um elemento que empresta ao jogo certo conteúdo ético. O atleta, que sempre deve tentar vencer, ou solucionar a incógnita – tendência à distensão – deve manter-se, todavia, dentro das regras (SILVA 1967).

Cratty (1984, p.130) diz que o “grau de tensão psíquica que um atleta pode estar experimentando como resultado da sua participação no esporte depende da sua inserção no esporte específico dentro do sistema de valores que a pessoa se identifica intimamente ou cujas opiniões são importantes para elas”.

A compensação está para atividade esportiva como um meio de afirmação social e de prestígio pessoal; significa uma realização, pois, em muitos casos, essa afirmação destina-se a

compensar uma deficiência, um sentimento de inferioridade. Não é sem razão que a mais importante atividade esportiva brasileira, o futebol, seja procurada, de preferência, por pessoas oriundos de meios pobres e socialmente humildes. É um mecanismo psicológico de caráter compensador, pela busca da elevação econômica e social (SILVA, 1967).

Segundo Bouet *apud* Silva (1967, p. 30), certas condições inerentes ao esporte, permitem que as diferentes compensações se efetuem:

- a) A segurança de um quadro definido, regulado, arbitrado; a não-gravidade do insucesso; b) As satisfações imediatas que, de todos os modos, proporciona o exercício corporal; c) O princípio do perpétuo recomeço; d) A ênfase sobre o ego atuante no esporte responde à necessidade, ligada a qualquer forma de compensação, já que restitui importância ao indivíduo; e) A sociabilidade do esporte (lembramos que, segundo Adler, o sentimento de inferioridade tem sua origem numa exagerada falta de sentimento social); f) Os esquemas combativos do esporte canalizam o desejo de revanche, geralmente inerente às necessidades de compensação; g) A grande variedade de gêneros esportivos e os modos de praticá-lo predispõem todas as formas de possibilidades de compensação, conforme o caso (SILVA, 1967, p. 30).

O indivíduo que se mostra em público com freqüência traz em si ou adquire uma necessidade exibicionista. Subjacente ao exibicionismo está o narcisismo; e eis que um elemento é pressuposto inevitável do outro. Na dinâmica psicológica, o mecanismo de introjeção primária está expresso na obtenção de autógrafos, em cumprimentos e abraços. Ninguém se exhibe se não em busca de aplauso, de admiração e reconhecimento do sexo oposto. Mais ostensivo no homem, mais disfarçado na mulher. O exibicionismo do atleta é uma manifestação secundária, é o deslocamento do narcisismo para a criatividade motora; o desejo de atrair atenção. No exibicionismo, está subjacente a idéia de estética de movimento, de elegância e vigor masculino, de graça e leveza feminina. Através da exibição, o atleta de ambos os sexos solidifica e amplia a imagem do corpo ou esquema corporal, permitindo-lhe a integração entre corpo e espírito. A exacerbação do exibicionismo pode provocar no atleta o que é chamado de ‘máscara ou mascarado’, adquirindo característica de senda patológica. O certo é que o exibicionismo constitui importante elemento da agonística, dos mais insubstituíveis, mola propulsora que leva o atleta a lutar; e certamente o mais perigoso de causar-lhe dano (SILVA, 1967).

O termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas à ação ou à inércia em diversas situações. De modo mais específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas, com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo. Em muitos casos, atletas superam a dor ocasionada por lesões menos graves, motivados principalmente por competições de grande repercussão ou para provarem algo a si próprios (CRATTY, 1984).

Segundo Silva (1967, p. 39), em sentido amplo, pode-se dizer que motivação é a soma de todos os elementos da agonística. Em sentido restrito, destacam-se:

- a) A necessidade de sensações, ou seja, o prazer que a atividade lúdica provoca no ser humano. [...] É a busca de um prazer, uma diversão, um regozijo pela capacidade de imaginar e realizar, em suma, é a capacidade de criatividade motora que proporciona sensação de prazer, mesmo que ela não atinja um grau de excelência; b) O interesse de competir, isto é, a manifestação ostensiva da necessidade de afirmação para obter estima e reconhecimento; c) A necessidade de afiliação, de incorporar-se ao meio social, através da demonstração de força ou de habilidade motora; d) Dificuldade de afirmação em nível superior; e) Necessidade de evasão nos esportes como forma de exploração e integração na natureza ampla; a atividade esportiva encerra algo de identificação com as forças naturais, atendendo a remanescentes arcaicos e regresso à vida infantil; f) O papel do corpo como situação motivante, isto é, a atividade esportiva constitui eficiente meio de esclarecimento da função do corpo e da noção de sua imagem; g) A independência financeira possível em esportes altamente profissionalizados (SILVA, 1967, p. 39 a 41)

Cratty (1984) distingue dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A primeira seria a estimulação pela própria tarefa. A outra se relaciona a um esforço modelado por prêmios materiais e sociais, externos à natureza e ao interesse na tarefa.

Samulski (1995) considera que a motivação de um atleta depende de determinantes internos e externos. Entre os determinantes internos, encontram-se: a) Aspiração, que seria a expectativa quanto ao próprio desempenho futuro; b) Motivação, que depende da hierarquia dos motivos. Segundo essa hierarquia, o motivo mais desejado na vida é o da auto-realização, que no esporte pode ser obtida de várias maneiras; c) Atribuição causal, em que o atleta busca analisar os fatores que foram responsáveis pelo êxito ou pelo fracasso. Essa atribuição pode ser interna (próprios esforços) ou externa (dificuldade da tarefa ou casualidade). Já os

determinantes externos dizem respeito a: incentivos: elogios, reconhecimento, dinheiro; dificuldades e problemas: tarefas muito fáceis ou muito difíceis são desmotivadoras. O que se observa é que existe uma relação curvilínea entre a motivação e o rendimento esportivo: índices muito baixos ou muito altos de motivação implicam em rendimentos baixos; uma motivação média parece favorecer um rendimento máximo.

O objetivo do ensino e treinamento deve desenvolver no atleta a capacidade de autocontrole, automotivação (motivação intrínseca) e a capacidade de assumir responsabilidade em situações de fracasso. A motivação no esporte depende da estrutura da personalidade do atleta, sobretudo de como e em que medida se convertem algumas necessidades esportivas relevantes em alguma característica da estrutura deste indivíduo. O desenvolvimento intelectual é um forte aliado do desportista que busca o sucesso; nesta dimensão, a visão da necessidade e utilidade da prática esportiva, relacionando o envolvimento do treinamento físico com questões de ordem geral, as funções socializadoras, as funções compensadoras no esporte. Considerando que o reforço intelectual da motivação no esporte requer um determinado nível intelectual, é compreensível que este esforço possua uma maior importância entre pesquisadores da Psicologia do Esporte do que propriamente entre os esportistas ou dirigentes (BARRETO, 2002).

De Marco e Junqueira (1993) consideram que a motivação nos esportes é determinada, por um lado, pelas possibilidades específicas do esporte como campo de ação e de vivência, e por outro lado, pela influência dos aspectos motivacionais específicos da personalidade.

Segundo Becker (2000), a principal função do técnico é o de motivador. Os treinadores reconhecem este fato como sendo principal, tanto nos treinamentos como nas competições. Segundo Webster *apud* Magill (2000), a atitude do técnico frente à sua equipe antes do jogo pode ser encorajadora, apesar da ansiedade gerada pela competição e vontade de perseguir a vitória, ou pode ser frustradora, criando um nível tão alto de ansiedade que ela

interfere no desempenho dos jogadores, bloqueando as atividades positivas, acarretando-lhes uma derrota. Assim, alguns pontos que devem ser enfatizados para o alcance cada vez maior da participação nos programas de esporte: a) aplicação de uma dinâmica adequada aos programas visando facilitar os caminhos que despertam os motivos dirigidos à aprendizagem; b) os técnicos devem assumir uma postura crítica e científica sobre o seu trabalho, e que este deve levar em conta as necessidades e desejos específicos dos indivíduos; c) os problemas relacionados aos programas de treinamento devem ser revisados continuamente construindo novos compromissos e descobrindo outras possibilidades de ensino.

2.2 PSICOLOGIA DO ESPORTE

A Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática de atividade física e esportiva competitiva e não competitiva. Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo (RÚBIO, 2000 a).

A Psicologia no Esporte é a transposição da teoria e da técnica das várias especialidades e correntes da Psicologia para o contexto esportivo, seja no que se refere à aplicação de avaliações para a construção de perfis, seja no uso de técnicas de intervenção para a maximização do rendimento esportivo (FEIJÓ, 2000).

O processo de avaliação psicológica no esporte é conhecido como psicodiagnóstico esportivo e está relacionado diretamente com o levantamento de aspectos particulares do atleta ou da relação com a modalidade escolhida. As investigações de caráter diagnóstico têm como objetivo determinar o nível de desenvolvimento de funções e capacidades no atleta com a finalidade de prognosticar os resultados esportivos (FEIJÓ, 2000).

No esporte de alto rendimento, o psicodiagnóstico está orientado para a avaliação de características de personalidade do atleta, para o nível de processos psíquicos, os estados emocionais em situação de treinamento e competição e as relações interpessoais. Com o resultado do diagnóstico, pode-se chegar a conclusões referentes a algumas particularidades pessoais ou grupais que oferecem subsídios para se fazer uma seleção de novos atletas para uma equipe, para mudar o processo de treinamento, individualizar a preparação técnico-tática, escolher a estratégia e a tática de conduta em uma competição e otimizar os estados psíquicos. Os métodos utilizados para esse fim podem ser tanto da categoria de análise de particularidades de processos psíquicos, nos quais se enquadram os processos sensoriais, sensoriais-motores, de pensamentos, mnemônicos³ e volitivos⁴ como os de ordem psicossociais, nos quais são estudadas as particularidades psicológicas de um grupo esportivo, buscando revelar e explicar sua dinâmica (LUCCAS, 2000).

Para Rubio (2001c), diferentemente de outras áreas da Psicologia, nas quais já foi desenvolvido e validado um grande número de instrumentos de avaliação, a área de esportes ainda carece de referencial e conhecimento específicos para investigação, e isso tem acarretado problemas bastante sérios. Um deles é a utilização de instrumentos advindos da avaliação em psicologia clínica, utilizados indevidamente na avaliação esportiva. O outro é a importação de instrumentos de psicodiagnóstico esportivo, desenvolvido em outros países e aplicados sem adaptação à população brasileira, que apresenta condições físicas e culturais distintas de outras populações. Diante disso, questões de ordem ética têm emergido para reflexão sobre o uso e abuso de resultados obtidos por meio de instrumentos de avaliação psicológica no esporte. Se naquilo que se refere ao psicodiagnóstico esportivo a Psicologia do Esporte brasileira ainda busca sua maturidade, é na prática da intervenção psicológica junto a

³ Mnemônico: Técnica para desenvolver a memória e memorizar coisas, que utiliza exercícios e ensina artifícios, como associação de idéias ou fatos difíceis de reter a outros mais simples ou mais familiares, combinações e arranjos de elementos, números etc.

⁴ Volitivo: Capacidade sobre a qual se baseia a conduta consciente de se decidir por um certo tipo de conduta em função de motivações. As funções mentais dividem-se em afeto, cognição e volição.

atletas e equipes que se pode observar a multiplicidade de perspectivas. No caso das modalidades coletivas, o foco da intervenção recai sobre as relações grupais, a formação de vínculo e organização de liderança, e aqui também a diversidade de procedimentos é grande. São amplamente utilizados os jogos dramáticos advindos do psicodrama, o desenvolvimento de autoconhecimento por meio das técnicas de senso-percepção, bem como procedimentos verbais originários da psicanálise de grupos. (RÚBIO, 2000a).

A Psicologia do Esporte não é feita apenas dos aspectos relacionados com a prática esportiva. Ela também é feita do estudo do fenômeno esportivo a partir do referencial da Psicologia Social (RUBIO, 2001b). Segundo a autora:

Por essa perspectiva, o esporte é reconhecido como um conjunto complexo de elementos que envolvem o atleta, protagonista do espetáculo; o espectador e a torcida, razão da realização do espetáculo; e os patrocinadores e as empresas empenhados com a manutenção de equipes e atletas, responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais negócios do planeta e pela superação do amadorismo, um dos elementos fundantes do Olimpismo moderno. Isso porque é possível afirmar que toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela em sua organização, no processo de ensino-aprendizagem e na sua prática, os valores subjacentes da sociedade na qual ele se manifesta (RUBIO, 2001b, p. 4)

Recentemente, alguns estudiosos começaram a repensar a Psicologia do Esporte, transferindo-a de um modelo de habilidades individuais e passaram a observar a necessidade de uma aproximação com a Psicologia Social para a compreensão e explicação desse fenômeno complexo e abrangente que é a atividade física e esportiva. Questões como o desenvolvimento do atleta, formas de manejo e controle de concentração e ansiedade, aspectos de liderança em equipes, estudadas e tratadas de maneira pontual e pragmática dentro da Psicologia do Esporte voltada para o rendimento, foram deslocadas de contextos sociais maiores que é o lugar e o momento que o atleta está vivendo (RUBIO, 2001b).

É também pela perspectiva da Psicologia Social que a Psicologia do Esporte tem atuado junto aos projetos sociais em que o objetivo primeiro dessas instituições é promover o desenvolvimento da prática da cidadania ou oferecer alternativas de socialização,

principalmente para crianças e jovens, tendo o esporte como facilitador. É o esporte como meio e não como fim (AZEVEDO; JUNISHI, 2000).

Para Barreto (2002), a Psicologia Social é fundamental nos esportes coletivos. Dirige-se para o estudo das relações entre os atletas, das relações entre o atleta e o grupo, e entre o grupo social e o outro. Uma equipe de basquetebol terá mais chances de vitórias ou mesmo de ganhar um campeonato se o grupo for coeso, ou seja, um número de pessoas integradas, voltadas para objetivos comuns. São as chamadas unidades morais, espirituais e psicológicas de uma equipe. Uma equipe unida necessita de várias condições: um grupo identificado com a meta estabelecida e consciente da sua realidade; pessoas afirmativas, seguras, disciplinadas, guerreiras, maduras psicologicamente, controladas emocionalmente, conscientes da árdua tarefa que têm pela frente; presença de um líder tático e um líder afetivo do tipo senso-prático; liberdade para criar, sem críticas.

2.3 O ESPORTE E A PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE

Na literatura pesquisada, verificou-se que há um grande número de pesquisadores e profissionais voltados à pesquisa da personalidade em situações esportivas. No entanto, muitas questões sobre este assunto ainda não foram devidamente equacionadas e esclarecidas. Entre psicólogos e pesquisadores, existem divergências entre o próprio conceito de personalidade e sobre as teorias que tentam explicar sua aplicação na Psicologia do Esporte. De um modo geral, os psicólogos não aceitam a idéia de que a personalidade seja simplesmente atratividade social, porque essa idéia lhe atribuiria um significado demasiado restrito (WEINBERG; GOULD, 2001).

Entre os vários pontos em debate no estudo da personalidade, merecem destaque o tratamento idiográfico (individual) em contraposição ao tratamento nomotético (geral) que se

refere aos efeitos da hereditariedade e do ambiente na formação da personalidade (FADMAN; FRAGER, 1986).

Ao se referirem à natureza da personalidade, os pesquisadores se defrontam com outro debate conceitual, de igual essência ao referido acima, qual seja, a existência da controvérsia entre a influência da hereditariedade (genética ou constituição) e do ambiente (comportamento) na formação da personalidade do indivíduo. Essa polêmica tem feito com que muitos psicólogos enfatizem mais a importância de uma ou de outra para o desenvolvimento de um indivíduo. As discussões acerca da preponderância dos elementos ambientais ou hereditários na gênese da Personalidade são antigas e inconclusivas. A tendência moderna e politicamente correta seria entender a pessoa como um resultado de influência equilibrada dos elementos ambientais e hereditários; mas, como o politicamente correto sempre se caracteriza por acentuada simulação de discurso, melhor é compreender as duas concepções.

Allport (1973, p. 98) enfatiza que o aspecto mais importante do acordo científico é que nenhuma qualidade ou aspecto seja de origem exclusivamente hereditária ou exclusivamente ambiental. Os dois fatores causais devem estabelecer uma relação de equação entre elas, ou seja, um fator deve atuar como multiplicador; desta forma, se um dos dois fatores for zero, não poderá haver personalidade.

Mcgurk (1976) coloca que a questão da hereditariedade e meio-ambiente assumem três posições distintas: 1) O determinismo genético extremo é adotado por aqueles que acreditam que o desenvolvimento seja resultante do desenvolvimento maturacional do plano genético básico com que cada indivíduo é dotado no momento da concepção; e que as diferenças ou semelhanças entre os indivíduos são atribuídas à herança genética de cada um. 2) Por outro lado, a posição ambientalista, enfoca o desenvolvimento como resultado da aprendizagem e experiência, onde as diferenças individuais surgem em respostas às diferenças

no encontro com o meio externo. 3) A posição interacionista rejeita o fato de que o desenvolvimento seja determinado totalmente por uma ou por outra influência, mas pelo produto entre as duas determinantes.

Smith (1977, p. 13 e 14) propõe um modelo de quatro mecanismos de influência. São eles: 1) Mecanismo Genético-Constitucional Direto: sugere uma influência dos genes e/ou da constituição de maneira direta na formação da Personalidade. Neste caso, a influência ambiental é diminuta e a participação constitucional é quase absoluta. São poucas as situações que se enquadram neste mecanismo e a maioria delas refere-se aos casos de deficiência mental, como por exemplo: Síndrome de *Down*; 2) Mecanismo Genético-Constitucional Indireto: os genes são herdados como possibilidades de se tornarem ou não determinantes de características na personalidade, dependendo do tipo de atuação ambiental. Um indivíduo que tenha em si uma potencialidade genética de ser alto, por exemplo, poder terminar seu desenvolvimento com baixa estatura se o meio não lhe fornecer condições adequadas de nutrição. 3) Mecanismo Ambiental Geral: dentro do espaço sociocultural a que pertence o indivíduo pode favorecer o desenvolvimento de alguns traços peculiares na forma de relacionamento para com o mundo. Os estímulos, as solicitações, as oportunidades de treinamento, as normas de convivência, enfim, o patrimônio oferecido à pessoa através do sistema sócio-cultural e ambiental poderão determinar modalidades características da pessoa existir. Será sobre as potencialidades constitucionais que o ambiente desempenhará uma ação modeladora da Personalidade, ou seja, o ambiente poderá alterar os rumos do desenvolvimento geral conferindo uma determinada maneira do indivíduo ser. 4) Mecanismo Ambiental Específico: encontram-se aqui os elementos ambientais relacionados a determinados aspectos do desenvolvimento da Personalidade. Neste caso, pode-se detectar um elemento ambiental específico e responsável pela alteração no rumo do desenvolvimento da

Personalidade. Isso quer dizer que sem este fator ambiental específico a Personalidade tomaria outro rumo e o indivíduo apresentar-se-ia na vida com outra performance existencial.

Apesar de existir a concordância entre alguns autores de que nenhum aspecto da personalidade está livre da influência da hereditariedade e do meio-ambiente, é um tanto difícil prever quanto desta ou daquela característica é devida aos dois fatores. Conforme Allport (1973, p.100):

Uma pessoa pode dever um determinado traço principalmente à hereditariedade, enquanto outra, pode dever o mesmo traço à aprendizagem. Uma pode ser reservada e quieta por causa do seu temperamento, e ser irritável, sobretudo por razões genéticas, outra, por causa da superestimulação e frustrações em suas experiências de vida (ALLPORT, 1973, p. 100).

Segundo Singer (1986, p. 82), “a genética fornece a estrutura do indivíduo enquanto que as experiências de vida estimulam ou reprimem as tendências comportamentais” e, nesse sentido, a maioria dos psicólogos aceita a hipótese de que a estrutura e dinâmica da personalidade do indivíduo determinam o seu comportamento.

Quando o comportamento é demonstrado, o resultado puro é reflexo do nível em que uma variedade de traços de personalidade existe. [...] Assim, o arranjo dos sistemas psicofísicos de cada pessoa dita as tendências a responder de uma forma predizível quando estimulada. [...] Essas tendências são construídas através dos anos, e a partir de então, o comportamento torna-se mais estabilizado com a experiência e o tempo, ficando mais resistente às mudanças ou modificações à medida que aumenta a força do hábito (SINGER, 1986, p. 82)

Santos (1978) diz que mesmo que o comportamento possa ser previsto sob certos aspectos, todo ato humano é pessoal, dependendo das coordenadas que constituem a personalidade do indivíduo, de suas condições no momento e das variáveis externas que facilitam, dificultam ou impedem as suas reações. Muitos aspectos como atributos físicos, fatores cognitivos, condições socialmente geradas e agentes ambientais, atuam sobre o indivíduo, influenciando no seu comportamento. No entanto, para Allport (1973 p. 232 e 281):

Apesar da situação poder provocar grandes modificações no comportamento, só poderá fazê-lo dentro dos limites potenciais apresentados pela personalidade. [...] Os traços de personalidade, por serem fixos e estáveis, são considerados amplitudes de comportamento possível e, a partir daí, podem ser ativados em diferentes pontos dessa amplitude, de acordo com as exigências do ambiente. Uma pessoa só poderá perceber a situação presente e executar o que a tarefa realmente exige, se for através de suas capacidades anteriores (ALLPORT, 1973, p. 232 e 281).

Qualquer uma das duas posições não deve ser levada ao extremo de forma isolada. Não há dúvida de que pessoas de componentes hereditários semelhantes, como gêmeos, por exemplo, sob pressões ambientais diversas, apresentam personalidades diversas; da mesma forma, ambientes culturais homogêneos não determinam a total uniformidade das pessoas que nele vivem. Existe, sim, o fato de que pessoas de ambientes socioculturais comuns apresentarem características comuns. A existência destas qualidades comuns, todavia, não significa que todos os integrantes daquela cultura são naturalmente iguais (HALL et al, 1984).

O problema central da formação da personalidade reside, então, em dois termos. O primeiro se refere ao conjunto de dados relativos à hereditariedade, o segundo, os que derivam do ambiente. Em termos de Psicologia da Personalidade, parece que a visão mais adequada é a que considera a personalidade como função de ambos os fatores. Dessa forma, não seria a personalidade uma resultante da ação exclusiva das forças do ambiente e da natureza, mas da conjunção dessas forças com as derivadas da capacidade de autodeterminação do ser humano. Atualmente, o mais sensato seria admitir uma natureza biopsicossocial para como origem da Personalidade e o peso com que cada qual desses elementos participam na maneira como a pessoa é hoje, será variável e individual (BARRETO, 2002).

2.3.1 Definição de personalidade

O termo personalidade, em português, ou *personnalité*, em francês, ou *personality*, em inglês, provém da palavra latina *persona*, que muitos autores admitem que, originalmente, significava uma máscara usada pelos atores no teatro antigo. Conforme essa derivação, não é de surpreender que a interpretação, nos dias de hoje, conserve ainda resquícios daquela significação, isto é, as aparências exteriores do indivíduo ou suas qualidades superficiais. Carl

Jung usava o conceito *persona*, em sua descrição da estrutura da personalidade, em oposição às características mais íntimas e básicas. A *persona* reporta-se a comportamento facilmente reconhecido, mas que constitui somente uma pequena parte da personalidade integral. Numa interpretação livre, pode significar a aparência externa, a face externa do “eu” usada pelas pessoas em resposta às exigências da convicção social (LUNDIN, 1974, p. 4).

Definições psicológicas classificam a personalidade em várias categorias, dependendo do aspecto que está sendo enfatizado, podendo ser: a) *Omnibus*: a personalidade é a soma de todo o comportamento; b) Integrativas: a personalidade se acentua sobre algum princípio de organização, não é dada ao acaso, poderá ser um impulso básico, uma necessidade. São padrões de satisfação, negação, atraso e punição, operados em nossa sociedade desde a infância; c) Hierárquicas: acentuam as relações divisórias, demarcando funções ou camadas de traços característicos; d) Ajustamentos: a personalidade consiste nos aspectos do indivíduo que o dirigem para manter-se instável e equilibrado, em harmonia com aquilo que o cerca (LUNDIN, 1974, p. 4 e 5).

Smith (1977, p. 6 a 8) afirma que: “Personalidade é a organização dinâmica de traços, no interior do eu, que determina o único modo de o indivíduo desempenhar seus papéis sociais”. Considerando essas e outras definições, o autor ordenou a personalidade em três definições: a) Definição de Traços: a personalidade tem unidades; estas unidades estão organizadas e sua organização determina interações com o meio ambiente. Smith sintetizou assim as interpretações da corrente de psicólogos que adotam “unidades” como respondentes: “Uma personalidade é um indivíduo distinto, definido pelos traços que o diferenciam de outros indivíduos”. A definição por traços preocupa-se com as dimensões que ajudam a distinguir uns indivíduos dos outros. b) Definição Organizacional: os que acreditam que o maior progresso virá da atenção dada ao todo, ao invés das partes; salientam que a personalidade é uma organização dinâmica. Ressaltam o fato dos indivíduos serem

organismos vivos e que estes constituem um sistema de estrutura e atividades sob coordenação central. Os psicólogos interessados nas fragilidades e intensidades da organização da personalidade preferem a seguinte definição: “Uma personalidade é um todo dinâmico, definido pelos diferentes atributos estruturais do eu”. c) Definição Interacional: os interacionistas afirmam que o homem é um animal social que só pode ser completamente compreendido, considerando-se o contexto social em que vive e se desenvolve. Afirmam, também, que nada é tão importante quanto outras pessoas para a determinação da natureza do indivíduo e, além disso, afirmam que a coisa mais importante e valiosa para se compreender uma pessoa é o seu modo geral de interagir com outras. “Personalidade é um campo organismo-ambiente, definido por sua maneira característica de desempenhar papéis sociais”.

2.3.2 Conceitos de personalidade

Segundo Allport (1973), o ser humano é dotado de características que o diferenciam dos demais, que o fazem um ser único, é capaz de realizar complexas relações no seu meio e cada pessoa pode reagir de maneiras diferentes a uma mesma situação ou estímulo. Pode-se dizer que a individualidade é uma marca do homem e se forma a partir de um conjunto de fatores como a genética, o meio em que vivem ou mesmo acontecimentos durante sua vida. O homem trás consigo marcas e potencialidades desde o seu nascimento e que dentro de certos limites poderão ser influenciados por diversos fatores. Esse conjunto de características herdadas e adquiridas irá formar a personalidade do indivíduo que será própria de cada ser, e determinante no rumo que sua vida irá tomar, nas suas decisões, e até mesmo na profissão que irá seguir. Para Allport (1973, p. 27):

A personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos, são as relações do conjunto, corpo e mente que interagem mutuamente e que motivam e influenciam seus pensamentos e atos, e será determinante no processo de adaptação do indivíduo (ALLPORT, 1973, p. 27)

Conforme Lawther (1978, p. 102): “A personalidade é um termo usado para caracterizar o indivíduo e se forma à medida que a pessoa cresce e se relaciona com o meio e o temperamento. É um termo usado para indicar a natureza das reações mentais e emocionais”. Segundo Lundin (1974 p. 4):

Uma interpretação possível é a de considerar a personalidade como a soma total das respostas de uma pessoa, isto é, tudo que uma pessoa faz ou é capaz de fazer. [...] Personalidade é a organização do equipamento comportamental singular que cada indivíduo adquiriu sob condições especiais de seu desenvolvimento (LUNDIN, 1974, p. 4)

Ao estudar as definições de vários autores, combinando-as segundo a posição nomotética, Eysenck *apud* Barreto (2002, p. 149) conceituou assim a personalidade:

Personalidade é a soma total dos modos comportamentais atuais e potenciais do organismo, determinados pela hereditariedade e meio. Ela nasce e se desenvolve através da interação funcional de quatro setores sobre os quais os modos comportamentais se organizam: o cognitivo (inteligência), o conotativo (caráter), o afetivo (temperamento) e o somático (constituição) (EYSENCK *apud* BARRETO, 2002, p. 149).

Para Weinberg e Gould (2001, p. 50), “Personalidade é a soma das características que tornam uma pessoa única. O estudo da personalidade ajuda-nos a trabalhar melhor com estudantes, atletas e praticantes de exercício”.

2.3.3 Teorias da Personalidade

A origem da Teoria da Personalidade deve muito mais à profissão médica e às exigências das práticas médicas, visto que a formação dos pioneiros nesse campo (Freud, Jung e outros) é um resultado da combinação de suas teorias da personalidade com a prática psicoterápica como meio de tratamento de doenças mentais, na tentativa de entender tanto a natureza básica do homem quanto aos desvios e peculiaridades de sua conduta. À medida que a Psicologia progredia, de uma análise introspectiva da mente humana para uma ciência de comportamento humano, surgiu à necessidade do estudo da personalidade ser retirado do

domínio médico e psicoterápico para tornar-se parte integral de uma psicologia científica (BRASIL, 1971).

As Teorias da Personalidade procuram analisar os fatos de natureza variada, na medida em que os mesmos são significação funcional para o indivíduo. Outras Teorias da Personalidade tendem a se agrupar em duas classes: 1) Aquelas que acentuam a estrutura ou o tipo de personalidade, algumas baseadas no pressuposto de que todas as pessoas têm traços comuns que podem ser medidos através de uma variedade de dimensões; 2) Aquelas que acentuam o processo de desenvolvimento, considerando qualquer característica singular ou específica da personalidade (BRASIL, 1971).

Segundo Brasil (1971), as Teorias da Personalidade também podem ser agrupadas pela epistemologia, considerando as abordagens científica, analítica e sintética, em Teoria Psicanalítica, Teorias Neopsicanalíticas, Teorias em Termos de Traço e Tipo, Teorias em Termos de Associação e Aprendizagem e Teorias Fenemológicas.

Na literatura pesquisada, foram encontradas dezenove teorias diferentes de personalidade. Neste estudo, dar-se-á atenção àquelas que deram origem ao estudo da personalidade e que tenham ligação com a Psicologia do Esporte.

2.3.3.1 Teorias Tipológicas de Personalidade

Lundin (1974) e Eysenck (1977) dizem que, sob o ponto de vista histórico, as primeiras tentativas para descrever a personalidade foram realizadas pelos antigos gregos e consistiram em classificar os homens em várias categorias. Uma Teoria dessa natureza foi creditada a Hipócrates, que apresentou que havia, basicamente, quatro tipos de homens: o melancólico: propenso à tristeza, taciturno e circunspecto; o sangüíneo: feliz e jovial; o colérico: excitável e irascível; e o fleumático: vagaroso e não-emotivo.

Wundt *apud* Eysenck (1977), acrescentando à teoria grega, afirmou existirem dois princípios de reatividade aos processos afetivo-emocionais: a força e a velocidade de mudança. Por exemplo, os coléricos e os melancólicos estão inclinados a fortes reações afetivas, enquanto os sanguíneos e os fleumáticos, ao contrário, a reações muito fracas. Em termos de velocidade de mudanças, os sanguíneos e os coléricos apresentam taxas de respostas mais altas e os melancólicos e os fleumáticos, mais baixas.

Eysenck *apud* Barreto (2002) substituiu os conceitos de mutável e imutável de Wundt pelos tipos de personalidade introvertido e extrovertido. Ambos foram aceitos, sem resistências, pelo atual contexto científico. O esquema apresentado foi considerado extremamente útil pela Psicologia Moderna, em virtude de suas raízes históricas.

Outra tentativa para classificar os homens foi feita pelo psiquiatra alemão, Spranger, em 1928, que propôs a existência de seis tipos de homens, de conformidade com sua orientação para a vida: tipo teórico; tipo econômico; tipo político; tipo estético; tipo social; tipo religioso (LUNDIN, 1974).

A principal dificuldade, nas teorias tipológicas, é a suposição de que todas as pessoas se enquadrarão num determinado e limitado número de classes. Essas teorias podem descrever umas poucas características, que, de modo geral, constituem uma simplificação do entendimento da personalidade.

2.3.3.2 Teoria Psicanalítica de Personalidade

Popularizada por Sigmund Freud e pelos neofreudianos, Carl Jung e Erik Erickson, a Teoria Psicanalítica da personalidade é caracterizada por dois temas. Primeiro, são enfatizados os determinantes inconscientes do comportamento, que Freud chamava de *id* ou impulsos instintivos e o modo pelo qual tais impulsos entram em conflito com os aspectos

mais conscientes da personalidade, como o *superego* (a consciência moral) ou com o *ego* (a personalidade consciente). Em segundo lugar, essa abordagem focaliza-se mais no entendimento da pessoa como um todo do que na identificação de traços ou disposições isolados (LUNDIN, 1974).

Para Lundin (1974, p. 24), a teoria de Freud realça o aspecto do desenvolvimento, ou seja, como o ser humano tornou-se a espécie de personalidade que é hoje. Ao inverso das teorias de traços e tipo lógicas, “Freud estava interessado nas causas do comportamento, nas razões pelas quais nos comportamos e como o fazemos”. Freud destacou a significação da mente inconsciente, acreditando que as razões para os atos devem ser encontradas em acontecimentos passados, assim como nos instintos, que se acham armazenados no inconsciente e não podem ser prontamente percebidos pela consciência.

Embora a Teoria Psicanalítica tenha tido um impacto importante sobre o campo da psicologia, especialmente em abordagens clínicas à psicologia, ela teve pouco impacto na Psicologia do Esporte. Weinberg e Gould (2001, p. 52) concluíram que a fraqueza da abordagem psicodinâmica é que ela se focaliza nos determinantes internos do comportamento, dando pouca atenção ao ambiente social. Por essa razão, muitos especialistas em Psicologia Esportiva contemporâneos não a adotam.

2.3.3.3 Teoria dos Traços de Personalidade

Segundo Lundin (1974, p. 21), “a palavra traços refere-se a um termo que, de modo geral, descreve determinadas respostas, nas quais parece existir alguma característica em comum”.

Para Allport (1973), um traço pode ser conceitualizado “como uma predisposição da pessoa para agir de modo particular diante da apresentação de certas classes de estímulos”,

distinguindo os traços em comuns, únicos ou pessoais. Os traços comuns são os aspectos da personalidade com relação aos quais as pessoas de uma população geral podem ser produtivamente classificadas em formas de comportamento. Mesmo sendo influenciados por considerações nominais e artificiais, os traços comuns refletem, até certo ponto, disposições verídicas e comparáveis em muitas personalidades que, em função da sua natureza humana e cultura comum, desenvolvem, mesmo que em graus diferentes, modos semelhantes de ajustamento aos seus ambientes. Em contra-partida, uma disposição pessoal ou traço individual se refere a qualquer predisposição generalizada que seja peculiar ao indivíduo. Allport subdividiu os traços únicos em três grupos: Cardeais, Centrais e Secundários. O traço cardeal seria a característica predominante da personalidade de cada um. Os traços centrais são as descrições predominantes da personalidade. Um homem pode ser descrito com traços centrais de extroversão, dominação, agressão e confiança em si mesmos. Os traços secundários são mais superficiais e, obviamente, menos reconhecidos e expressos. Referem-se às reações de uma pessoa a situações mais específicas. Allport concluiu que a Psicologia não pode eliminar a concepção de predisposição, que supõe uma prontidão para respostas, sem a qual seria impossível explicar a estabilidade e coerência do comportamento. (ALLPORT, 1973).

Para Nuttin (1969, p.13), a personalidade de um indivíduo é caracterizada pela composição individual dos traços de personalidade: necessidades, motivos, interesses, atitudes, temperamento, sendo que certos traços referem-se mais aos aspectos formais da conduta e da personalidade, enquanto que outros se relacionam mais às nossas opiniões, interesses e atitudes com relação a determinadas classes de objetos.

Cattell (1975) enfatiza que a personalidade pode ser vista como uma configuração total, na qual se pode reconhecer três subestruturas ou grupos de traços: traços cognitivos ou habilidades, traços de temperamentos ou estilísticos e traços dinâmicos. O autor desenvolveu

um inventário com 16 fatores (chamados também de dimensões) de personalidades independentes, que ele acreditava descreverem uma pessoa, nos quais traços diferentes mantinham, reciprocamente, alta correlação.

Eysenck *apud* Barreto (2002) considera dois traços os mais significativos, que seriam dimensões primárias da personalidade: extroversão e neurotismo. Essas dimensões são representativas da atividade nervosa. Dessa forma a extroversão é um contínuo entre extroversão e introversão e o neurotismo é um contínuo entre neurotismo (instabilidade emocional) e psicotismo (estabilidade emocional). Essas dimensões permitiriam uma descrição do comportamento das pessoas. O autor argumenta que a personalidade pode ser mais bem entendida considerando-se os traços que são relativamente permanentes e estáveis com o passar do tempo.

A Teoria dos Traços pressupõe que as unidades fundamentais da personalidade (traços) são relativamente estáveis, sendo permanentes e consistentes em uma variedade de situações. Considera-se que os traços predis põem uma pessoa a agir de uma certa forma, independentemente da situação ou da circunstância. Entretanto, uma predisposição não significa que o atleta sempre agirá dessa maneira; significa dizer apenas que o atleta provavelmente será competitivo em situações esportivas (BARRETO, 2002).

2.3.3.4 Teoria da Personalidade da Aprendizagem

A Teoria da Aprendizagem, segundo Lundin (1974, p. 31), estuda os processos significativos para o ajustamento humano. Entre as questões examinadas, destacam-se: como funciona a aprendizagem no nosso desenvolvimento inicial, a importância da motivação, os efeitos das condições aversivas como o castigo e a ansiedade, o conflito e suas conseqüências e a importância de aprender um comportamento novo em psicoterapia. As teorias da

aprendizagem, que tratam dos problemas da personalidade, realçam a importância do reforço para o desenvolvimento do comportamento, ou de sua supressão, para a eliminação de formas inadequadas de comportamento.

A Teoria da Aprendizagem pressupõe a existência de padrões de comportamento, adquiridos durante o longo período de desenvolvimento humano, e que estes formam a personalidade. Por exemplo, as condições vigentes na infância e na adolescência contribuem para o tipo especial de personalidade que se irá possuir na idade adulta. Ou seja, a Teoria da Aprendizagem diz que o comportamento é em parte determinado pela situação ou ambiente. Essa abordagem sustenta que influências e reforços ambientais moldam a forma de como a pessoa se comporta. Pode-se agir com confiança em uma situação, mas com reservas em outras (LUNDIN, 1974).

2.3.3.5 Princípio da Abordagem Interacional

A Abordagem Interacional considera a situação e a pessoa como co-determinantes de comportamento, ou seja, variáveis que, juntas, determinam comportamentos. Conhecer os traços psicológicos e a situação particular de um indivíduo é útil para entender o comportamento. Não apenas os traços pessoais e os fatores situacionais determinam independentemente o comportamento; às vezes, eles interagem ou se misturam de formas singulares para influenciar o comportamento (WEINBERG; GOULD, 2001).

A maioria dos psicólogos e pesquisadores do esporte prefere a abordagem interacional ao estudo do comportamento. Bowers *apud* Weinberg e Gould (2001) verificou que a interação entre pessoas e situações poderia explicar duas vezes mais comportamentos do que os traços ou situações isoladamente (WEINBERG; GOULD, 2001).

2.3.4 Estrutura da personalidade

Para Weinberg e Gould (2001), a personalidade está dividida em três níveis separados, porém relacionados entre si: a) Núcleo Psicológico: é o nível básico da personalidade, o componente mais profundo. Ele inclui atitudes e valores, interesses e motivações e crenças sobre si e seu valor. O Núcleo Psicológico representa a peça central da personalidade e é o ‘eu real’, e não quem o indivíduo quer que os outros pensem o que ele é; b) Respostas Típicas: são as formas como cada indivíduo aprende a ajustar-se ao ambiente ou como geralmente responde ao mundo; c) Comportamento Relacionado ao Desempenho de Papéis: é a forma como se age, baseado em como se percebe uma situação social. É o aspecto mais variável da personalidade, onde situações diferentes requerem o desempenho de papéis diferentes (Martens, 1977).

Barreto (2002, p. 149, 150, 151) reuniu as teses de Cattell, Allport, Cratty e Eysenck, e dividiu a estrutura da personalidade em setores. a) Setor Cognitivo: relaciona-se à inteligência e é suportada por três aspectos: aptidão para pensar de maneira abstrata; aptidão para aprender; aptidão para adaptar meios aos fins; b) Setor Conativo: relaciona-se ao caráter; c) Setor Afetivo: relaciona-se à estrutura emocional do indivíduo na sua natureza biológica. A intensidade das respostas emocionais varia entre as pessoas, porém com mais frequência no esporte; d) Setor Somático: relacionam-se à constituição física e à aparência do indivíduo.

2.3.5 Desenvolvimento da personalidade no esporte

A importância da atividade física no desenvolvimento da personalidade é reconhecida tanto pelas Ciências do Esporte como por professores, treinadores e atletas. Pessoas com determinada estrutura da personalidade se interessam por modalidades esportivas especiais ou

por determinada forma de prática esportiva. Assim, para o rendimento esportivo, algumas características como sociabilização, estabilidade emocional e motivação se desenvolvem com a prática esportiva, sendo necessárias certas características de personalidade, como: capacidade de liderança, dominância, extroversão e comunicação social.

Para Samulski (2002b, p. 37), desenvolvimento da personalidade é o desenvolvimento integral de um indivíduo que inclui: desenvolvimento motor, motivacional, cognitivo, social e emocional, da infância até a idade adulta. Parte-se do princípio de que o desenvolvimento da personalidade pode ser influenciado num grau elevado por meio de processos de aprendizagem individual e de socialização, em que: a) Individualização é o processo de desenvolvimento da autodeterminação do indivíduo, aquele que objetiva uma diferenciação e amadurecimento da personalidade de forma autônoma. Autoconfiança e auto-identidade deverão ser desenvolvidas de maneira recíproca em comportamentos futuros. b) Socialização é o processo pelo qual a pessoa adquire capacidades sociais, como percepção social, o idioma, motivos e atitudes sociais, integração, interação e comunicação social, que lhe permite agir adequadamente em situações sociais.

Lundin (1974, p. 9) destaca as mudanças comportamentais que ocorrem quando o organismo interage com estímulos em seu ambiente: a) O comportamento aprendido na infância está entre os primeiros aprendidos e persiste na vida adulta; b) A mesma intensidade de privação é relativamente mais forte na infância do que na vida adulta; c) Há determinados períodos críticos no processo de desenvolvimento e certos tipos de comportamento que podem ser normalmente modelados durante esses períodos.

A linha comportamental trabalha com o desporto através de um esquema de adequação do comportamento pela premiação ou punição. Deste modo, a mudança do comportamento, que acontecerá através de estímulos e respostas, erros e acertos, incentiva o comportamento adequado ou elimina o inadequado otimizando os atletas na busca da conquista desportiva. A

psicologia comportamental é treinável; é, neste ponto, onde os técnicos, preparadores físicos e demais profissionais da área da ciência do treinamento encontram respaldo para a incluírem em seus trabalhos (RAMIREZ, 1999).

Segundo Feijó (1998), até o presente, a escola comportamentista tem sido aquela mais utilizada na Psicologia Aplicada ao esporte. Seu método principal tem sido o estímulo-resposta, o reflexo condicionado, os testes psicotécnicos. Do ponto de vista humano, o comportamentismo tem sido mecanicista com um pragmatismo mais preocupado com os resultados do atleta do que com o bem estar total do atleta como pessoa.

Na visão psicanalítica, o corpo no desporto pode ser considerado o acúmulo de experiências motoras provenientes de estímulos internos e externos, e suas manifestações físicas serão as somatórias dos princípios de prazer ou desprazer provenientes de diversos momentos da vida do atleta e aparecerão constituídas das inúmeras técnicas de controle corporal. Em um determinado momento desportivo, estas manifestações podem se expandir em representações simbólicas e modificar as relações entre o atleta e o desporto, principalmente quando se trata do sucesso ou fracasso das ações desportivas. (RAMIREZ, 1999).

2.3.5.1 Relações entre personalidade e esporte

A importância do esporte como formador de virtudes e da personalidade foi propagada e salientada em todas as épocas, nas mais diversas condições sociais e predominantemente em sistemas sociais fechados. Pode-se afirmar que a prática desportiva tem efeitos diretos sobre o corpo humano, e supõe-se que exista esta relação desde a Antigüidade.

Sack *apud* Thomas (1983) previu duas hipóteses ou variantes quanto à relação entre esporte e personalidade: 1) Pessoas com uma estrutura de personalidade específica buscam

atividades numa modalidade desportiva condizente. Existe uma afinidade estrutural entre a modalidade desportiva e a personalidade. A correlação entre o esporte e a personalidade, por conseguinte, seria explicável pela seleção e não pela aprendizagem. Exemplo: as pessoas orientadas para o rendimento se dedicam ao esporte competitivo, as agressivas se interessam pelo boxe e as pessoas introvertidas pelos esportes individuais; 2) A prática do esporte altera a personalidade do atleta. Qualidades da personalidade já existentes, medianamente pronunciadas, tornam-se fortemente pronunciadas pela prática intensiva do esporte; por exemplo: a ambição pela performance. No ímpeto de um processo de socialização ou aprendizagem compensada, o esporte permite substituir as qualidades indesejáveis da personalidade por qualidades desejáveis. Samulski (2002, p. 38) acrescenta uma terceira hipótese: os processos de seleção e de socialização influenciam de forma recíproca.

Segundo Sack *apud* Thomas (1983, p. 128), foram pesquisados mais de mil trabalhos empíricos, e concluíram que: 1) A visão macrossocial permite conceber o esporte como parte substancial das instituições sociais e que exerce um efeito socializante sobre o indivíduo. O atleta, como membro desta instituição e participante ativo das atividades desportivas, altera valores, conceitos e formas de conduta em direção a normas sociais aceitas. O esporte deve ser considerado como instância socializante; 2) Atividade desportiva de intensidade, como acontece no esporte de alto rendimento e também no esporte de massa, conduz a desvios e destaques na estrutura da personalidade. A personalidade do atleta distingue-se, de forma característica, da média das personalidades dos não-atletas.

2.3.5.2 Personalidade do atleta

Neste ponto, os autores convergem suas temáticas a responder três questões: 1) Existe a Personalidade do Atleta? 2) Existem diferenças entre atletas e não-atletas? 3) Há diferenças

entre atletas das diversas modalidades desportivas no que concerne às características da personalidade? Observou-se na literatura pesquisada que as respostas são divergentes. A seguir, as respostas convergentes e divergentes:

Para Sack *apud* Thomas (1983), os numerosos resultados de pesquisa, todos muito controvertidos e inconsistentes, não se prestam para apoiar os conceitos dos que acreditam na existência de uma estrutura típica da personalidade do atleta de competição de alto nível. Frequentemente, os atletas de competição de alto nível são extrovertidos, dominantes, otimistas, orientados para a performance, ou seja, não se distinguem de forma relevante da média dos que praticam esporte.

Segundo Bierhoff-Alfermann *apud* Thomas (1983, p. 133), “não existe a personalidade do atleta”. Puderam ser comprovadas diferenças entre diversos grupos esportivos e não-atletas; mas estas diferenças parecem pouco consistentes e concludentes. Além disso, não ficou claro quais as variáveis que contribuíram para essas diferenças.

Singer (1986, p.121) destaca as seguintes características psicológicas dos atletas de alto nível: possuem mais conhecimentos específicos; usam e processam melhor a informação; detectam e identificam de forma mais rápida os objetos relevantes; processam as informações situacionais melhor; tomam decisões de maneira mais rápida e apropriada.

Em 1977, foi realizado um grande estudo comparativo entre atletas e não-atletas. Foram testados quase 2 mil universitários do sexo masculino, usando os 16 traços de personalidade de Cattell. Não foi encontrado um perfil de personalidade único que diferenciasse atletas de não-atletas (WEINBERG; GOULD, 2001).

Segundo Sack *apud* Thomas (1983), apesar de toda a inconsistência dos resultados pôde-se constatar que existem diferenças ocasionais e mínimas da personalidade entre atletas adolescentes de 12 a 22 anos: os praticantes são pouco mais motivados, menos reservados e fechados, revelam menor ansiedade, tem boa capacidade de adaptação social. Raramente

acontece que os praticantes de esportes sejam menos motivados a se empenhar, menos agressivos, menos autônomos, de iniciativa própria do que os que não praticam esportes.

Para Sack *apud* Thomas (1983), é raro encontrar divergências significativas entre atletas das diversas modalidades desportivas. Pode-se afirmar com certeza que as diferenças de personalidade entre atletas das diversas modalidades desportivas é menor do que aquelas entre atletas e não-atletas. Por conseguinte, não se confirma a tese de que a diferença entre atletas e não atletas seria ainda maior entre os atletas das várias modalidades desportivas. Mantêm-se a grande variação dos resultados obtidos.

Ballone (2005) afirma que existe uma relação entre a personalidade da pessoa e sua opção ou escolha para a prática deste ou daquele esporte. A grande divisão ou classificação poderia ser feita considerando aquelas pessoas voltadas para os esportes competitivos e as outras para os não-competitivos. Assim como, entre os não-competitivos, teríamos aqueles voltados ao condicionamento de resistência, de força, de habilidade, de persistência, etc.

Algumas pesquisas comparam a personalidade de atletas vitoriosos com atletas que fracassam. Morgan *apud* Ballone (2005) diz que os atletas vitoriosos respondem, mais freqüentemente, ao perfil denominado *iceberg profile*. Essa característica não se trata de uma personalidade particularmente fria, mas de um modelo definido e caracterizado por atitudes dirigidas para se conseguir evitar, com sucesso, momentos de neurose, depressão, fadiga, confusão e ira, e de se manter orientado por normas que dizem respeito ao vigor, ao sucesso, à vitória e a outros valores culturalmente preconizados.

Segundo Weinberg e Gould (2001), algumas diferenças de personalidade parecem distinguir atletas e não-atletas, mas essas diferenças específicas não podem ser consideradas definitivas. É possível que certos tipos de personalidade sejam atraídos para um determinado esporte, e não que a participação em um esporte de alguma forma mude uma personalidade. As razões para essas diferenças permanecem desconhecidas.

Foram analisadas outras pesquisas e os dados colhidos apresentaram mais novas perguntas do que responderam, não representando base suficiente para recusar ou confirmar os pronunciamentos nem sempre corretos e insofismáveis sobre a correlação entre atividade desportiva e personalidade.

2.3.6 Diferenciações de atletas do sexo feminino em relação a pratica esportiva

Segundo Cattell (1975), estudos de correlação do comportamento revelaram uma estrutura muito semelhante entre os sexos. Contudo, nesses fatores, os indivíduos tendem a se colocar em níveis diferentes. Os resultados indicam que as mulheres são menos dominantes, emocionalmente sensíveis e superprotegidas, imaginosas, mais infantis, mais conservadoras, mais expansivas e menos auto-suficientes.

Nos estudos realizados por Bushan e Agarwar *apud* Weinberg e Gould (2001), utilizando o 16 PF de Cattell, descobriram que as mulheres de projeção esportiva, comparados a homens esportivos, tiveram escores significativamente mais altos nos fatores primários de desconfiança, dominância e tensão; e escores mais baixos em afetividade, estabilidade emocional; e, em fatores de segunda ordem, escores altos em angústia, aprumo vivaz e independência.

Willian *apud* Weinberg e Gould (2001), em 1980, verificou que atletas do sexo feminino bem-sucedidas diferiam marcadamente da ‘mulher-padrão’ em termos de perfil de personalidade. Comparadas com as mulheres não-atletas, as atletas revelaram-se mais orientadas à conquista, independentes, agressivas, emocionalmente estáveis e positivas. A maioria desses traços é desejável para prática de esportes. Aparentemente, atletas destacados têm características de personalidade semelhantes, independentemente de serem homens ou mulheres.

2.3.7 Relações entre personalidade e constituição física

A constituição física é uma determinante da personalidade, junto com a hereditariedade-genética e meio-ambiente-comportamento. Na terminologia da Psicologia, é chamada de ‘Determinante Somático’. O psicólogo W.H.Sheldon apresentou, em 1942, a Teoria Constitucional, com o objetivo de relacionar físico ao comportamento. Concluiu-se que toda a constituição física pode ser identificada em três tipos: 1) O tipo endomórfico possui acentuado desenvolvimento das vísceras, corpo arredondado, é essencialmente gordo e baixo, e com um desenvolvimento ósseo e muscular deficiente. 2) O tipo mesofórmico é de constituição muscular, possuindo músculos e ossos desenvolvidos; 3) O tipo ectomórfico é alto e delgado, possui cavidades corporais pequenas e carecendo de desenvolvimento muscular (BARRETO, 2002) (Figura 01).

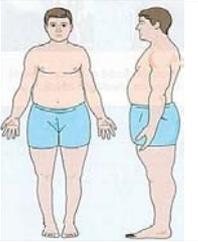
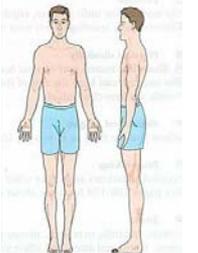
CORRESPONDÊNCIA TIPOS FÍSICOS COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE		
	ENDOMÓRFICO	VISCEROTÔNICO
	<ul style="list-style-type: none"> - Vísceras acentuadas; - Corpo arredondado; - Gordo e Baixo; - Desenvolvimento ósseo e muscular deficiente; - Pele macia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sociável; - Aprecia o conforto e o relaxamento; - Afável; - Apreciador da boa mesa e bebidas; - Tolerante; - Condescendente - Tem necessidade de afeto;
	MESOMÓRFICO	SOMATOTÔNICO
	<ul style="list-style-type: none"> - Possui músculos e ossos desenvolvidos; - Espadaúdo; - Postura Vertical; - Pele grossa; - Aparência madura; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ativo; - Vigoroso; - Amante de exercício físicos; - Aventureiro; - Corajoso; - De maneira franca; - Indiferente; - Desejo de poder e domínio; - Competitivo.
	ECTOMÓRFICO	CEREBROTÔNICO
	<ul style="list-style-type: none"> - Alto; - Delgado; - Cavidades corporais pequenas, Tórax plano; - Pequeno desenvolvimento muscular; - Cérebro grande; - Aparência Jovem; 	<ul style="list-style-type: none"> - Retraído; - Inibido; - Introverso; - Atitudes comedidas; - Artístico; - Mentalmente intenso; - Ansioso; - Prefere a privacidade;

Figura 1 – Correspondência dos tipos físicos endomórfico, mesofórmico, ectomórfico com os traços de personalidade.

Fonte: BARRETO (2002)

Porém, em investigações subseqüentes feitas na mesma linha, não confirmaram o resultado obtido por Sheldon. Comprovou-se que diferenças quanto à alimentação, má saúde, etc., podem explicar significativas mudanças no tipo somático do indivíduo. Por isso, Sheldon chegou a modificar a sua concepção do tipo somático para poder incluir tais variações. A nova concepção recomenda que a classificação seja feita a partir de uma série de fotografias obtidas durante um largo período de tempo, e levando em conta a história individual quanto à alimentação e ambiente (BARRETO, 2002).

Cratty (1984) fez as seguintes observações ao trabalho de Sheldon: 1) As pessoas estão conscientes do relacionamento do corpo com a personalidade e muitas tendem a agir quando se espera que o façam de uma forma específica; 2) As relações entre construção corporal e personalidade, defendidas por Sheldon, não são muito claras, mas parece haver algumas tendências gerais verdadeiras nas suas afirmações; 3) Estudos e pesquisas têm verificado que certos esportes, quase sempre, exigem características corporais específicas em atletas de alto rendimento, sejam eles musculosos ou atletas de esporte de pista, sejam franzinos ou jogadores de basquete; 4) Treinadores esportivos requerem tipos extremos de construção corporal, provavelmente encontrando a predominância de certos traços de personalidade nos atletas.

O conceito moderno da relação entre ‘Constituição Física e Personalidade’ foi definido por Eysenck *apud* Barreto (2002, p. 150) como sendo dependente e determinado pelo estado funcional (tônus e equilíbrio) e pelas condições de atividade dos sistemas endócrino, nervoso autônomo, vascular e vasomotor e nervoso central. Eysenck considerava que isto dependia da composição química do sangue e do grau inato da perfeição da estrutura anatômica em geral e de cada órgão em particular, assim como da idade do indivíduo. Esses estudos têm no princípio da validade genotípica sobre as observações fenotípicas, dois aspectos: a preponderância relativa das medidas verticais sobre as medidas horizontais e o

inverso. Distingue-se outro tipo: o intermediário, resultando numa visão constitucional de três tipos. Eysenck desprezou a correlação entre doenças físicas e mentais com tipo físico e personalidade, afirmando que estas estão mais ligadas aos fatores genéticos de natureza probabilística.

2.3.8 Relações entre esporte e adolescência

Segundo Rapaport (1982, p. 23), o termo adolescência vem do latim “*adolescere*” e significa “crescer ou crescer até a maturidade”. É um momento marcado por lutas pela aquisição da identidade de adulto. Em termos cronológicos, sua definição é controversa, mas será aqui entendida como o tempo que se estende por volta dos doze ou treze anos até pouco depois dos vinte anos, com grandes variações individuais e culturais. De acordo com Osório (1989), este período tende a ocorrer mais cedo nas moças que nos rapazes, e terminar mais cedo em sociedades mais primitivas.

A adolescência se subdivide em quatro fases: 1) Puberdade: abrange dos 11 aos 13 anos e se caracteriza pelas alterações substanciais orgânicas e conseqüentemente de repercussão psicológica; 2) Adolescência Inicial: aparece dos 13 aos 16 anos. É o momento em que o problema do terror corporal e a incorporação da imagem, que o jovem faz de si mesmo, começam a ser resolvido. Esta imagem é eminentemente psicológica. O adolescente procura encontrar o reconhecimento da sua imagem, através de outros adolescentes e dos adultos. É a procura incessante da satisfação, afetividade que agora está misturada à sensualidade e sexualidade. A idade está permeada de sonhos, fantasias e sentimentos apaixonados e terminais. O adolescente ama ou detesta de maneira definitiva. Não é nem razoável nem racional, temperamental, drástico em si mesmo. Aparecem fortes problemas de consciência, através de críticas punitivas à sua própria pessoa e comportamento. É uma época

em que o amor e a solidão são totais. A imagem do adolescente se estrutura, dinamiza e aparece por uma forma de autoconcepção que irá se ampliar na medida em que o seu mundo social e sua capacidade filosófica; 3) A terceira fase se dá dos 16 aos 20 anos, em que o adolescente desenvolve sua identidade, procura idealista a negação do mundo que acha corrupto. Torna-se crítico do mundo adulto, no qual encontra defeitos maiores do que são. É através da crítica e da procura em encontrar adultos coerentes, que o adolescente se desenvolve. Nesta transição, o adolescente começa a adquirir de forma gradual uma imagem real do seu corpo e ao mesmo tempo desenvolver contatos heterossexuais. Nesta etapa da adolescência ocorrem os momentos mais significativos de relacionamento. A consciência existencial se torna mais aguda e as amizades adquirem sentido que, em etapas anteriores, não era tão profundas e importantes. Exige de si consciência pessoal valorativa e sensitiva. Essa consciência possibilita, a partir de uma cultura, que também pode ser algum tipo de incentivo, que lhe propicie e provoque desafios e integrações; 4) A última etapa pode situar-se entre 20 e 25 anos. Esta é uma dimensão existencial recente e que tende a se afirmar devido à sociedade pós-industrial e às exigências tecnológicas e científicas de um mundo evolutivo (MOSQUERA; STOBÄUS, 1984).

Muss e College (1971, p. 27) afirmaram que o comportamento adolescente é culturalmente determinado: “Enquanto permanece o argumento que a duração da pubescência é estabelecida por fatores biológicos, a da adolescência é determinada por instituições sociais e pelo grupo social”. Os correlatos psicológicos, particularmente notáveis na área do ajustamento sexual e do reconhecimento social, são o que aproxima pubescência e adolescência. Na cultura ocidental, pode-se dizer que a adolescência é o período de ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional, e de luta pela emancipação dos pais (OSÓRIO, 1996).

Segundo Feijó (1998, p. 20), “o indivíduo começa com a experiência da individualidade física e evolui até os níveis da própria consciência de sua personalidade, por ocasião do seu desenvolvimento adolescente”.

Para Osório (1989, p. 10), “a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano”. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isso, não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência.

A tendência grupal surge no sentido de dar suporte à insegurança quanto ao que se é. O grupo serve como um processo defensivo que ajuda o sujeito a configurar-se. A uniformidade que o grupo lhe traz lhe atualiza a segurança de saber quem é. Se de um lado estas filiações estão a serviço da segurança emocional, pode ser visto na história da humanidade, a indução e manipulação como a trágica juventude hitlerista, nas promessas de uma raça superior (OSÓRIO, 1996).

A dependência do grupo é a transferência de parte da dependência familiar para o grupo, o grupo ajuda o adolescente a sair de casa. O grupo também ajuda na vivência do exercício do bem e do mal. A Teoria Piagetiana sustenta que somente através da interação com outros jovens, da comparação de diferentes projetos de vida e da necessidade de trabalhar conjuntamente na reformulação da existência é que o adolescente caminha em busca da aquisição de sua identidade (OSÓRIO, 1996).

Nas fases do desenvolvimento, vê-se que é na adolescência que o indivíduo se dispõe mais aos embates da vida. A energia do adolescente, dada pela sua própria condição orgânica, veste o indivíduo de um potencial agressivo, superior a qualquer outra etapa do desenvolvimento. Tem-se dito que não basta ter essa energia em potencial, mas é preciso saber de usá-la. O adolescente, sentindo-se perdido em suas percepções e ações, pode acabar

realizando esse potencial de maneira desviada (Ex: violência contra os pais, roubo, vandalismo) e ser, por isso, chamado de rebelde, bagunceiro. O importante papel mobilizador da sociedade vem do adolescente ou mais especificamente de seu impulso para transformar. Oportunizar a expressão da agressividade, talvez seja mais uma das funções do esporte durante esta fase do desenvolvimento. Possibilitar que o jovem entre em contato com seu potencial, por exemplo: sua resistência, diante de uma corrida, é permitir que o sujeito gradue sua força e determinação frente a uma tarefa (ABERASTURY, 1990).

Ao conseguir elaborar bem suas perdas, o adolescente poderá entrar para a vivência dos fracassos e conquistas reais, condições básicas para sua adaptação ao grupo social, sem perder as energias motivadoras para a permanente reconstrução de uma ordem social melhor. É na adolescência que, superadas as angústias, haverá a necessária elaboração entre o desejo e sua adequação ao social. Em freqüente conduta contraditória, o adolescente tem, em geral, dificuldades em perceber as próprias contradições, e revela-se nas tentativas de mostrar-se coerente (ABERASTURY, 1990).

Para Mosquera e Stobäus (1984, p. 112), a adolescência é um momento marcante do desenvolvimento humano. Entre aquisições e perdas encontra-se um sujeito em constante luta pela afirmação de sua identidade, criando comportamentos e modos de se relacionar com o outro, com o esporte, com o mundo. Neste quadro nota-se que o desporto pode ajudar a aceitar as mudanças físicas e dar uma nova imagem ao corpo, possibilitando um conhecimento real do mesmo, assim como da dinâmica da estrutura corpórea a respeito da identidade psicológica. Barros (1993) reforça a importância de se ter em mente o significado psicossocial do esporte para os adolescentes, já que todo atleta tenta atingir os quatro elementos fundamentais para uma atuação esportiva: personalidade ajustada, carga agressiva equilibrada, resistência às frustrações e estabilidade emotiva.

Nos dias atuais, o adolescente, inserido nessa cultura repleta de tecnologias diversificadas (internet, jogos eletrônicos), tende a ser modificado por elas, na sua forma de pensar, de agir e até mesmo de sentir. Com as dificuldades de se inserir no mundo, o contato virtual torna sua vida mais fácil. Ele pode ser quem quiser, pode assumir as características físicas que mais lhe agradarem, pode se passar por qualquer outra pessoa que não seja ele mesmo, e assim pode se adaptar com mais facilidade ao seu novo mundo virtual. Isto, de certa forma, facilita o seu relacionamento com o mundo real, mas, por outro lado, cria um mundo fictício, do qual ele terá dificuldades para sair e enfrentar o seu mundo real. A agressividade para a vida, a socialização e a aprendizagem, a forma de se comunicar, tudo isso pode ser alterado pelo uso excessivo da tecnologia.

2.4 O DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS JOVENS DE ALTO RENDIMENTO

O esporte competitivo de alto rendimento é uma atividade que envolve esforço físico vigoroso e o uso de habilidades motoras complexas, por indivíduos cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. A competição esportiva exige dos atletas dedicação intensa, muitas vezes exclusiva, dependendo do nível do atleta, com o objetivo de obter o melhor desempenho, em busca de resultados traduzidos em vitórias pessoais e/ou coletivas (McPHERSON; CURTIS; LOY, 1989; BARBANTI, 1997).

Para o atleta considerado de alto rendimento, integrante de equipe que disputa competições de nível nacional e internacional, estar inserido nesse contexto significa ser um competidor regular e efetivo e superar os mais elevados níveis de exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Esse empenho inclui, também, aspectos relacionados à sua vida pessoal. Eles independem da modalidade praticada, pois o objetivo principal desses atletas é obter o melhor desempenho e, sempre que possível, vencer. O que muda são as metodologias

de treinamento, peculiares a cada esporte, mantendo-se o conceito básico que norteia a competição. (WEINBERG; GOULD, 2001).

Todos esses fatores fazem do esporte competitivo uma atividade repleta de situações provocadoras de estresse, ansiedade e desgaste físico, com as quais os atletas devem conviver em sua rotina esportiva; além das relações pessoais, familiares e sociais, que o atleta adolescente vive, em função da idade, muito mais intensamente (LIMA, 1990).

2.4.1 Aspectos relativos aos treinamentos de atletas jovens de alto rendimento

Na última metade do século XX, Zakharov, (1992), Bompa (1995), Gallahue (1995), Filin (1996), Weineck (1991) e Matveev (1997), apresentaram a importância da organização do processo de treinamento de longo prazo. No Brasil, algumas pesquisas avançaram focadas nessa perspectiva. Ressaltam-se os estudos de Paes (1989), Kreb's (1992), Barbanti (1997) e Greco (1998). Entretanto, os discursos da literatura nacional e internacional a respeito da formação de atletas jovens apresentam-se um tanto polêmico, pois a abordagem é complexa em virtude das diversas fases de crescimento do atleta jovem: pré-púbere, púbere e adolescência. Somando-se a isto, observa-se uma escassez de estudos que contemplem os esportes coletivos de uma forma mais ampla.

O nível competitivo imposto nas idades mais precoces vem crescendo em todo o mundo, e isso pode trazer conseqüências e provocar equívocos no desenvolvimento do atleta jovem, uma vez que a ênfase, na competição, aumenta de forma notória na utilização pelos treinadores de volumes e intensidades inapropriados no treino de adolescentes. A maioria dos profissionais responsáveis pelo trabalho com adolescentes, pressionados por pessoas interessadas no desempenho destes jovens e no modelo de competição, não respeita a individualidade biológica, nem o devido tempo de preparação. Por melhor que seja a

preocupação com as escolhas de treinamento, programas alternativos e alimentação, são muitos os fatores que podem interferir, tanto positivamente quanto negativamente, na formação de atletas jovens, pois a capacidade física e psicológica para o êxito muda e evolui com a idade (SALMELA, 2003).

Segundo Matsudo (1999), nos modelos internacionais de desenvolvimento do atleta, a metodologia está acoplada ao processo de treinamento de longo prazo, o que garante, em parte, o sucesso desses modelos, contrariamente ao que acontece no Brasil, onde não existe modelo específico, tampouco uma metodologia de treinamento adequado para o processo de formação. Para Matsudo (1999, p. 339), o mesmo pode até ter sido eficiente em dado momento, mas o resultado final foi prejudicado pelo sistema de treinamento a que esses atletas estavam submetidos, levando a muitas desistências precoces justificadas pelas sobrecargas físicas e mentais.

Weineck (1996) argumenta que para se atingir o sucesso desportivo em nível internacional é necessário haver um planejamento generalizado desde as fases pré-escolares até a idade adulta. Portanto, a elaboração de metodologias organizadas pedagogicamente é um dos fatores principais para garantir a ótima preparação dos jovens no desporto.

Nesse aspecto, inúmeros autores defendem a idéia de que o processo de formação deve desenvolver-se em etapas. Filin e Volkov (1998) sugerem que a programação de treinamento deve respeitar o ritmo das atividades escolares, visto que programas de treinamento que requerem esforço máximo não devem acontecer após atividades escolares com grande exigência intelectual e vice-versa. Quando isto ocorrer, a soma da fadiga mental e física pode influenciar negativamente, tanto no treinamento como na escola, prejudicando as áreas de desenvolvimento. Caso isso se torne rotina na vida dos adolescentes, provavelmente, as conseqüências implicarão no abandono dos estudos ou a desistência do esporte.

Bompa (2002) aponta a necessidade de três etapas de desenvolvimento na promoção do atleta jovem: a primeira etapa compreende o treinamento geral, subdividido em iniciação (6-10 anos) e formação atlética (11-14 anos); a segunda etapa compreende o treinamento especializado (15-18 anos) e a terceira etapa é caracterizada pelo alto desempenho. Assim, são preservadas as mudanças biológicas e psicológicas comuns a estas etapas da vida.

Carazzato (1999) apresenta três classificações de desenvolvimento: físico-motor, mental e desenvolvimento técnico. Cada uma dessas áreas apresenta características próprias, apontando-se, na área de desenvolvimento físico motor, 40% de desenvolvimento até os 7 anos e 50% dos 8 aos 20 anos de idade. Na área de desenvolvimento mental 35% acontece até os 7 anos e 40% dos 8 aos 17 anos de idade. Já a área de desenvolvimento técnico apresenta 15% de desenvolvimento até os 7 anos e 70% dos 8 aos 20 anos. O restante do desenvolvimento para todas as áreas acontece até os 25 anos de idade. O alerta do autor reside no fato de que a especialização precoce pode trazer conseqüências em cascata, dado que o processo antecipado do desenvolvimento físico-motor compromete diretamente o aparelho motor acarretando uma perda de aproximadamente 20% de sua potencialidade máxima. O desenvolvimento mental fica prejudicado, pois a 'profissionalização' precoce atrapalha os estudos, evitando que o atleta atinja o ápice mental e intelectual desejável, interferindo indiretamente na compreensão tática do jogo, afetando também o desenvolvimento técnico, já que a sua antecipação, antes mesmo de o processo de mielinização estar completo, compromete o seu desenvolvimento integral. Essas necessidades serão ou não atingidas pelos fatores externos, caracterizados pelo ambiente de trabalho oferecido a estas pessoas. Entende-se que, em se tratando de esportes coletivos e em especial o basquetebol, o processo de treinamento deve dar-se pelas múltiplas possibilidades de o jovem desempenhar suas habilidades técnicas, táticas e afetivas, assim como desenvolver seu potencial biológico.

O Comitê Olímpico Internacional (COI), preocupado em garantir o sucesso esportivo, patrocinou um estudo elaborado pelo Conselho Internacional em Ciências do Esporte e Educação Física (ICSSPE) sobre os programas que buscam desenvolver talentos esportivos, culminando com a elaboração de um manual com recomendações sobre o assunto. Na avaliação do estudo, foi observado que os diferentes programas estão vinculados aos seguintes sistemas: a) estatal (antigo bloco socialista), no qual o governo garante a execução do programa. Hoje, apenas Cuba permanece nesse sistema; b) não estatal (Estados Unidos, Austrália e Japão), no qual o governo participa junto com empresas privadas e universidades; c) assistemático (Brasil, Egito, Índia), caso em que não há um investimento seguro e permanente tanto do governo quanto da iniciativa privada. (MATSUDO, 1999).

Outro ponto importante levantado pelo estudo diz respeito às dificuldades e limitações das características culturais da sociedade, do nível socioeconômico, da precipitação na análise dos resultados, da carência de estatísticas e da falta de testes específicos. Essas dificuldades ganham evidência quando o processo é acompanhado pelos enganos na tentativa de predição futura, quando se utiliza uma única variável como preditora do talento e o mesmo modelo para esportes coletivos e individuais. Esse processo não garante o sucesso permanente, pois a estabilidade da aptidão física, ou mesmo de uma única variável de um indivíduo, pode se manter numa posição de ordem relativa dentro de um grupo com o passar do tempo (MATSUDO, 1999).

2.4.2 Critérios para o desenvolvimento de atletas jovens de alto rendimento

Filin (1996, p. 46) propõe que, “no treinamento de jovens, o objetivo principal seja a preparação técnica através da assimilação dos exercícios competitivos e seu aperfeiçoamento. A efetividade do aperfeiçoamento desportivo dos praticantes depende da ótima composição da

preparação física e assimilação da técnica”. Por isso, a técnica deve ser observada em estreita interligação com o nível do desenvolvimento das qualidades físicas e psicológicas dos atletas jovens.

A preparação de longo prazo favorece o desenvolvimento potencial das crianças e adolescentes nas diferentes etapas do desenvolvimento biológico, cooperando com o processo final de seleção, uma vez que é impossível revelar o tipo ideal dos adolescentes possuidores das qualidades morfológicas, funcionais e psicológicas, indispensáveis para posterior especialização. Esse sistema possibilita, a tempo e a hora, que crianças e adolescentes revelem seus potenciais de perfeição física e técnica (MATVEEV, 1996).

Durante o processo inicial, as avaliações ocorrem na base de observações, não existindo outro critério de aptidão desportiva, uma vez que avaliações isoladas dos índices morfológicos, funcionais, psicológicos e pedagógicos são insuficientes para a prática da seleção. O principal objetivo é a revelação das capacidades correspondentes a um tipo de esporte, sem deixar de observar os sinais instáveis que condicionam os êxitos na atividade esportiva futura, considerando-se que as capacidades esportivas são dependentes das aptidões hereditárias. Assim, é necessário ter em vista tanto o crescimento dos índices como o seu nível inicial, para garantir o grau de exatidão no prognóstico do futuro atleta. Neste caso, a monitorização do crescimento é imprescindível em todo o processo de formação (FILIN; VOLKOV, 1998).

O potencial do resultado esportivo do atleta depende do nível de desenvolvimento das qualidades físicas e ritmo de crescimento dessas qualidades no processo do treinamento especial. O desenvolvimento físico é avaliado levando-se em consideração a estrutura corporal (peso, altura); em seguida, as capacidades motoras (velocidade, saltos) e comparadas com dados de controle de critérios para avaliação das qualidades físicas. Os dados de controle são extraídos da média da população de escolares e da média dos melhores atletas da mesma

idade, servindo como ponto de referência no momento de detecção e acompanhamento da evolução, respectivamente. Esse processo segue as demais etapas, acrescidas das exigências pedagógicas, psicológicas, fisiológicas, biológicas e sociológicas, ligadas às etapas da preparação esportiva e particularidades do esporte. Para cada prova e/ou modalidade esportiva, será estabelecido uma correlação entre os índices iniciais do desenvolvimento das qualidades físicas específicas e o resultado da prova. Assim, cada treinador poderá controlar o nível do desenvolvimento das principais qualidades físicas e seus ritmos de desenvolvimento, segundo o esporte específico (FILIN; VOLKOV, 1998).

Na fase de especialização única, ou seja, só em uma modalidade, estará acontecendo à conclusão da formação dos sistemas funcionais que, segundo Weineck (1991), é condicionado não só pelas características do treinamento, como por exemplo, o desenvolvimento da força, resistência, velocidade, flexibilidade, coordenação e habilidades (capacidades físicas), mas também pela individualidade biológica, desenvolvimento maturacional e acima de tudo pelo talento dos praticantes.

No caso do basquetebol, poucos são os estudos encontrados sobre propostas de longo prazo. Na prática, observa-se a reprodução empírica do conhecimento de treinadores que atuam no treinamento com crianças e adolescentes. Esse problema foi visto por Paes (1989), sobre a especialização precoce, quando crianças submetidas a cargas elevadas de treinamentos na infância e pré-puberdade não avançaram no processo. Tendo o jogo de basquetebol como esporte coletivo, Paes (1989) coloca que a especialização deverá ocorrer após uma vivência diversificada de forma natural, decidida pelos próprios adolescentes. A idade média fica entre quatorze e quinze anos. Dessa forma, acontecerá um processo pedagógico único, respeitando as fases sensíveis e críticas do desenvolvimento e suas características específicas. É importante garantir a continuidade dos objetivos, meios e métodos do treinamento dos adolescentes no que diz respeito ao desenvolvimento físico, fisiológico, psicológico, técnico-

tático, social e espiritual em todas as fases, para não haver a performance precoce e nem a estabilização da mesma. Deve-se observar minuciosamente o crescimento constante do volume das cargas e aumentá-las gradativamente, buscando a especificidade natural a cada ano. Nas fases iniciais, o objetivo principal é a assimilação dos movimentos básicos e das ações táticas-técnicas, ou seja, partindo da razão de fazer para o modo de fazer e também dar oportunidade aos jovens de conhecer o jogo utilizando-se do seu potencial intelecto. No aspecto físico, a coordenação dos movimentos é o assunto principal, não esquecendo simultaneamente dos princípios e valores no esporte quando analisado enquanto fenômeno cultural (PAES, 1989).

De forma geral, a proposta de treinamento de longo prazo, sugeridas na literatura nacional e internacional, são equivalentes, porém trabalhadas em diferentes terminologias. Outros aspectos importantes a serem observados nos planejamentos de longo prazo direcionam-se à modalidade específica, origem da pessoa, genética e ao meio ambiente.

2.4.2.1 Identificação do talento esportivo

Hohmann (2003) estabeleceu quatro critérios para identificação do talento: 1) Atuação juvenil: por meio de disciplinas determinadas por componentes de execução, a qual permanece eqüitativamente estável durante a puberdade. A atuação na competição favorece uma informação sobre futuros resultados atléticos; 2) Desenvolvimento da velocidade de execução: quanto mais próximo do limite estiver o talento, menores são os prognósticos de progresso no futuro. Para evitar os prejuízos provocados pela melhor execução da atleta, a execução do começo do período de interesse deve ser dividida entre os resultados alcançados neste período de tempo. Em algumas disciplinas esportivas, a importância da velocidade de desenvolvimento é óbvia; 3) Utilização de condições de atuação: existe diferença quando se

analisam as qualidades mais gerais ou mais específicas. As qualidades gerais não requerem capacidades grandes em uma ou várias habilidades básicas; por outro lado, as qualidades específicas requerem um número maior das qualidades gerais. 4) Tolerância à carga: este critério está relacionado com a tolerância a cargas altas e máximas de treinamento sem lesionar-se. Atletas com propensão a lesões não estão integradas ao conceito profundo de talento.

Esse critério de talento (tolerância à carga) não seria tão crítico hoje em dia, se os treinadores trocassem suas estratégias de treinamento desde o começo da reabilitação, em caso de o atleta lesionar-se, por uma estratégia que previna as lesões, incrementando as qualidades de formas preventivas de treinamento no começo do treino (HOHMANN, 2003).

2.4.3 Preparo psicológico individual e coletivo de atletas jovens de alto rendimento

Segundo Brandão (2000), nas categorias juvenis, a Psicologia Esportiva tem importância fundamental e deve ser estudada mais a fundo pelos profissionais da área, pois, dentro da prática desportiva, há momentos e fases distintos a serem superados. Cada um destes momentos deve estar integrado ao desenvolvimento do atleta, levando-se em conta que um bom processo evolutivo depende da base para se chegar ao alto rendimento. O desporto de base apresenta outras exigências do que simplesmente qualificar um jovem atleta ao alto rendimento.

Um aspecto importante da aplicação da Psicologia nas categorias juvenis está na motivação do futuro atleta para o desporto e na preocupação de que nem todos os jovens pensam em se tornar ou serão grandes atletas. Neste último ponto é importante ressaltar que mesmo aqueles que têm como meta o desporto de alto rendimento, pode não vir a ser. Há que

se pensar em um trabalho que vise, se não esclarecer, pelo menos diminuir o conflito do porquê de ser um futuro campeão e do porquê de estar ali (BRANDÃO, 2000).

Para Venzon (1998), em toda a ação desportiva, existe envolvimento psicológico, seja consciente ou não; e a qualidade deste envolvimento interferirá na intensidade de aprendizagem dos exercícios e no resultado competitivo. Nessa linha de raciocínio, Weineck (1999) sugere que um equilíbrio nos aspectos psicológico e hormonal apresentará uma nova melhora das capacidades físicas, possibilitando um aumento na intensidade do treinamento.

Os aspectos psicológicos, quando não desprezados, poderão se tornar grandes aliados do treinador, principalmente quando as soluções de problemas desportivos estiverem relacionadas às peculiaridades dos aspectos emocionais. Uma boa estratégia de condução, principalmente quando se fala sobre atletas em formação, está em se conseguir mensurar e controlar o volume e a intensidade das cargas físicas e dos efeitos psíquicos nas atividades técnico-táticas, a fim de capacitar o atleta nas diversas habilidades exigidas pelo desporto, diminuindo, com isso, esforços e movimentos exaustivos desnecessários, reduzindo os níveis de estresse causados pelo excesso de carga, aumentando o prazer que o praticante sente pela atividade. Nesse sentido, a Psicologia do Esporte é utilizada na análise do comportamento do atleta, podendo influir de forma positiva ou negativa no funcionamento físico, técnico, tático e, portanto, no rendimento desportivo. Através de avaliações e estudos sobre estes comportamentos, pode-se compreender e modificar os atletas a fim de otimizá-los (BUCETA, 1998).

Ferguson (1999) analisou dois casos de planejamento do trabalho feito com adolescentes: um deles refere-se ao aumento da competitividade seguida pela profissionalização do desporto na adolescência e o outro faz um paralelo entre os desejos como influenciador da prática desportiva do indivíduo. Há casos de pais que chegam a investir grandes quantidades de dinheiro no futuro desportivo de seus filhos. Desta forma é

fácil encontrar, dentre os diversos motivos que levam uma pessoa a praticar um determinado desporto, indo desde as relações interpessoais na adolescência, em que jovens buscam nos grupos identidades comuns, até atletas juvenis que estão praticando um determinado desporto em virtude dos sonhos e desejos de outros, principalmente pais e técnicos. O que se pode verificar, com esta crescente profissionalização do desporto juvenil, é que nos últimos anos tem ocorrido um rejuvenescimento na idade de início da prática desportiva.

No basquetebol, pensa-se numa estratégia de intervenção psicológica que não esteja apenas calcada na modificação de comportamento, mas que trabalhe, em primeira instância, com a subjetivação e particularidades de cada jogador, isso considerando que a posição ocupada em quadra não depende unicamente de uma questão estratégica, mas também do que é subjetivo. Alguns elementos merecem atenção: o caráter coletivo do jogo que estabelece relações entre seus participantes; o desenvolvimento físico se cruzando a todo o momento com a constituição psíquica e a construção e separação dos desejos dos adolescentes que até então estavam colados aos dos pais. Dentro do basquetebol, são estas três estruturas (ataque, defesa e transição) que sustentam as relações entre os indivíduos que, no confronto desportivo, existem tanto com os companheiros quanto com os adversários. É na transição que o contra-ataque se caracteriza quando, a partir da bola recuperada, tenta-se, em velocidade, alcançar a cesta contrária sem que haja tempo suficiente para que o sistema defensivo do adversário se arme e se fortaleça. Neste momento do jogo, os aspectos subjetivos dos atletas tornam-se mais evidentes, principalmente porque se joga com o erro adversário e tenta-se assumir uma posição de superioridade emocional. As repetições do inconsciente ficam mais perceptíveis na transição justamente porque o atleta não tem controle da situação vivida (FERREIRA; DE ROSE JÚNIOR, 1987).

Uma importante característica do jogo de basquetebol é que, se tudo estiver de acordo com uma prática eficaz, cerca de 70 a 90% do tempo de jogo os atletas não estarão em contato

com a bola. Isso reforça um ‘jogar sem bola’ que é fundamentado em diversas situações de ajuda. A ajuda pode acontecer tanto para facilitar o deslocamento do jogador que está com a posse de bola quanto na conquista de espaços favoráveis; ou facilitar o desmarque de companheiros e colocá-los em situações propícias para a execução de passes e/ou arremessos. Desta forma, os recursos utilizados para este fim (de ganhar espaços e promover desequilíbrio defensivo), como bloqueio e corta-luz, enriquecem a conduta do jogador que se vê conscientizado de sua importância no contexto da prática desportiva (FERREIRA; DE ROSE JÚNIOR, 1987).

Dentre estes recursos, há outros elementos e situações táticas que desafiam a criatividade e inteligência dos atletas, como antecipação, fintas, e comunicação; que além de estarem inseridas no contexto desportivo, favorecem as relações interpessoais dos companheiros de equipe e a ‘coesão grupal’ responsável por parte do confronto desportivo. Neste sentido, táticas e estratégias são relevantes a muitos atos bem sucedidos e também são predisposições afetivas e atitudes que o atleta apresenta em relação ao grupo (GOMELSKI, 1990).

Para Golmeski (1990), as táticas só têm sentido como fator de surpresa, posto que os adversários geralmente adaptam-se repetidamente a elas. Neste sentido, na defesa, encontram-se as pressões e as defesas mistas. No ataque, uma rápida penetração ou um ataque baseado em movimentos com ajuda dos bloqueios. Habitualmente triunfam aquelas equipes em que há maior número e jogadores de alta qualidade, virtuosos com a bola, com capacidade para criar e improvisar; isso porque o basquetebol cresce no seu aspecto criativo, no plano da improvisação, a partir dos jogadores e não pela rapidez, nem pela organização dos movimentos que se põem em prática. Mas o autor alerta que, se os cinco jogadores se põem a improvisar num mesmo momento, surgirá o caos, já que os movimentos táticos têm um determinado desenho de jogo e uma ordem na disposição e na ação conjunta dos jogadores.

Nestas e em outras situações, a Psicologia Esportiva aparece na busca de um amadurecimento individual e coletivo, principalmente porque estes momentos são caracterizados pelo lugar que este atleta toma no grupo e pela tomada de decisão do jogador, que deve acontecer de maneira rápida e estar de acordo com os objetivos e demais ações do próprio grupo desportivo. Deste modo, o atleta se vê exposto, jogando a partir de suas expectativas e também com as dos outros (companheiros, técnicos, pais, torcida).

Com o aumento do número e da importância de jogos competitivos entre adolescentes, pôde-se constatar que a maioria dos atletas jovens sente-se intimidada por chamar a responsabilidade do jogo para si, principalmente em se tratando de erros ‘tolos’, dos quais estariam sujeitos e que poderiam comprometer o resultado final da partida. O medo da cobrança por parte daqueles que esperam alguma coisa faz com que muitas das ações de jogo fiquem limitadas ao: “minha ou meu companheiro que se vire!”, provocando um time apático, sem determinação. O medo de errar uma bandeja, um passe, um arremesso, ou qualquer elemento que favoreceria o ataque do time adversário e que ‘custe’ a vitória não pode recair em qualquer um deles, então, se era para perder, que o culpado fosse outra pessoa, qualquer um. Mas, como nenhum atleta, em sua consciência, entra em quadra para perder; fica claro que estes comportamentos são produzidos por questões inconscientes, fora do controle dos mesmos (RAMIREZ, 1999).

Para trabalhar esses aspectos, Ramirez (1999) elaborou uma atividade com três pontos essenciais: um primeiro destinado em mostrar aos atletas suas capacidades e potencialidades; um segundo para fazê-los perceberem que o erro existe não só na prática desportiva, mas também no cotidiano das pessoas; e um terceiro reservado a um espaço para uma verbalização onde elas pudessem manifestar suas emoções, sensações e razões.

Se para a Psicologia do Esporte a idéia está em se trabalhar no nível do próprio corpo (que é simbólico e se apresenta pela linguagem) e na espontaneidade de suas reações, ao se

utilizar artifícios que permitam a verbalização, possibilita-se também um reajustamento das próprias manifestações psicológicas, isso porque através desta verbalização, o adolescente terá a chance de se deparar com seus conflitos, atualizando-os ou ressignificando-os, transformando as experiências que se manifestam através dos comportamentos simbólicos que dela decorrem e que não fazem senão exprimi-los. Na medida em que se possibilita escutar as opiniões dos jogadores a uma situação concreta, cada um, com frequência, interpretará de maneira diferente uma determinada fase e proporá seu final. Assim, a atitude consciente dos jogadores, a respeito das ações conjuntas da equipe, são muito importantes, pois eles são os intérpretes diretos dos esquemas e movimentos, personificando em quadra, não só as decisões do treinador, mas de uma equipe. Por tal motivo, é necessário ter em conta as propostas dos jogadores e atrair suas habilidades para que proponham variações como se tratassem de sua própria criação, evitando a desconfiança que se tem das novas interações. Desta forma, a segurança e eficácia dos movimentos se manifestarão, possivelmente, em futuras partidas (RAMIREZ, 1999).

Atualmente a subjetividade intrínseca do desporto tem levado muitos profissionais a repensarem seus métodos de treinamento e a reavaliarem suas filosofias de trabalho. Estes profissionais reconhecem que o desempenho atlético do desportista será fornecido, não só pelo treinamento físico, mas também através de um trabalho psicológico integrado. Aprender a jogar de maneira inteligente passa a ser tão ou mais importante quanto ensinar aos jogadores a especificidade do desporto. As propostas são variáveis, e seguem caminhos diversos.

Jackson e Delehanty (1997) incluíram em seus treinamentos a filosofia *zen*, alcançando resultados surpreendentes. Para isso, experimentaram no time do *Chicago Bulls* diversas práticas espirituais e psicológicas que associaram ao basquetebol; e, neste ponto, introduziram as questões do não-egoísmo proveniente da filosofia *zen*, empregando diversas técnicas, ou artifícios, como a meditação, a visualização, o relaxamento, a leitura de livros e

sessões de filmes, para sublinhar algumas coisas que eram necessárias numa equipe desportiva.

Para Jackson e Delehanty (1997), a primeira providência de um técnico está em formular uma visão para o time. A visão deve levar em consideração não apenas o que se quer, mas como chegar a algum lugar. O principal ponto deve ser o trabalho sem egoísmo, onde a meta era dar a todos, no time, um papel importante, usar regularmente os dez jogadores, e dar aos outros tempos suficiente de jogo para que pudessem se harmonizar facilmente com o resto do time quando estivessem na quadra. A coisa importante era deixar todos pegarem na bola para que não se sentissem espectadores.

2.4.3.1 Métodos e técnicas de preparação psicológica de atletas de alto rendimento

A preparação psicológica utiliza métodos e técnicas específicos, capazes de influenciar e manter o equilíbrio e a estabilidade emocional, necessária para obtenção da performance esportiva nas competições e durante a longa jornada de treinamento. O objetivo é auxiliar o atleta e/ou equipe a maximizar seu potencial mental e físico, de maneira harmônica, colaborando com a obtenção de melhores desempenhos dentro do campo esportivo.

No Basquetebol, o aperfeiçoamento constante, estudar técnicas, trocar idéias com colegas, fazer uma rigorosa auto-análise, são ações que ajudarão no desenvolvimento da performance. Os atletas devem criar o hábito da auto-análise de sua performance individual nos treinos e nas competições, através da reflexão sobre sua tática individual, entendendo tática individual como a inteligência para o jogo e no jogo. O atleta deve possuir mente aberta para perceber o ambiente do jogo, analisar a tática coletiva do adversário, a tática individual do seu colega de time, a tática individual do seu adversário, os critérios da arbitragem (que também combinam sua tática de arbitragem), as instruções do seu técnico e tudo que envolve

uma partida de basquetebol, escutando e ouvindo quem tem mais experiência, mais tempo de basquete e sempre não sendo o dono da verdade, exercitando, assim, a humildade de estar sempre na posição de aprendizagem. O atleta necessita exercitar sua inteligência individual para operacionalizar a inteligência coletiva. Possuir olhos, ouvidos, boca para comunicar e uma mente que reserva experiências anteriores que auxiliam na tomada de decisões em fração de segundos no campo de jogo. Os atletas devem e precisam usar toda a condição humana para perceber e executar bem as ações quer seja durante uma partida, no pedido de um tempo técnico, no intervalo do jogo, em situações das paradas normais durante a partida como também na vida. Muitas das vezes, os jogadores não percebem que jogar basquetebol é muito mais que executar ações táticas coletivas exaustivamente treinadas. Também é criar alternativas para otimizar as ações dos colegas, ou ler as variações táticas do adversário, estar cada vez mais rápido para pegar rebotes (rapidez de reação = antecipação); portanto, atitude com inteligência (SCHMIDT; WRISBERG, 2001).

De acordo com Weinberg e Gould (2001), o técnico ou professor deve ajudar os atletas ou jogadores, dando-lhes informações e *feedback* sobre o sucesso de seus movimentos. É normalmente fornecido após conclusão da resposta. O *feedback* precisa ser sincero e condicionado a algum comportamento. Seja um elogio ou uma crítica, o *feedback* precisa estar ligado ou condicionado a um comportamento específico ou a um conjunto de comportamentos. O *feedback*, quando sincero, demonstra que se está preocupado e se importa em ajudar o atleta.

Quando um indivíduo treina sem conhecer os resultados, é pouco provável que melhore seu rendimento ou comportamento, pois o conhecimento dos resultados serve de guia para os atletas em suas tentativas posteriores e permite-lhe selecionar o que é válido na sua execução, devendo ser este conhecimento o mais preciso possível. Quando um atleta acha seu estilo correto, e não está, o técnico deve perceber este fato, e começar a desfazer este hábito

antigo, edificando um novo estilo correto. Isto tem que ser feito gradualmente e de forma positiva. O atleta tem que aceitar a informação como algo agradável e o professor/treinador têm que possuir o *feeling* necessário para transmitir essas informações (KNAPP, 2004).

Ao se observar o ambiente de competições, é comum escutar técnicos, atletas e até a torcida verbalizarem em determinados momentos dos jogos que determinado atleta deve ter atenção ou se concentrar no jogo. O grande problema é saber se o atleta compreende o que significa estes dois conceitos e saiba como utilizá-los de forma precisa e adequada na regulação de seu jogo.

De forma específica, Magill (2000) define atenção como a interpretação da informação sensorial, em que se destacam os sinais captados pelos canais sensoriais: ótico, acústico, tátil, cinestésico e vestibular. Rützel *apud* Samulski (2002) define a atenção como um processo seletivo: a percepção e imaginação interna são dirigidas, focalizadas, fixadas e concentradas simultaneamente a um estímulo específico, ou seja, a conteúdos do pensamento e imaginação. Esse conceito evidencia a importância de associar a percepção ao processamento de informação de forma dinâmica.

Concentração, segundo Weinberg e Gould (2001, p. 326), é a capacidade de manter o foco da atenção sobre os estímulos relevantes do meio ambiente. Quando o ambiente muda muito rápido, conseqüentemente, o foco de atenção precisa ser mudado também. Pensamentos sobre aspectos irrelevantes podem aumentar a freqüência de erros durante a competição.

A fim de um maior rendimento esportivo, o treinamento da atenção e da concentração deve propiciar situações na qual o atleta passará em uma competição, podendo se adaptar a estas de forma mais rápida. Gould e Damarjian (2000) lembram que é fundamental a avaliação dos processos de atenção do atleta. Os autores recomendam, durante os treinamentos, a variação de estímulos que o atleta deverá verbalizar. De acordo com seu programa de treinamento, o treinador deve criar atividades que possam estimular o

desenvolvimento da capacidade de atenção em todas suas formas, bem como a flexibilidade para o atleta modificar seu foco de concentração de acordo com suas características individuais e as necessidades envolvidas nas partidas. E também educar os atletas sobre a influência que a mudança de atenção e as habilidades de concentração podem ter em sua performance. Eles precisam entender as várias demandas relacionadas à atenção de seu esporte. Se uma fraqueza é identificada ou se eles estão interessados em acentuar alguma habilidade importante na atenção, há sempre caminhos para ajudá-los a desenvolver essas habilidades.

2.5 MODELOS DE ANÁLISE DE TRAÇOS DA PERSONALIDADE

Segundo Lundin (1974, p. 65), “de todos os métodos de medida da personalidade, o inventário tornou-se o mais popular”. Um inventário típico pede ao indivíduo que responda a uma série de perguntas referentes a ele mesmo, o que pensa a respeito de certas coisas, ou como procederia sob determinado conjunto de circunstâncias. Algumas vezes, os itens são redigidos na forma de afirmações e a pessoa indica seu acordo ou discordância. Pode responder ‘sim’ ou ‘não’, ou ‘não tenho opinião’, ou ‘verdadeiro’, ‘falso’, ou ‘não sei’, ‘concordo’ ou ‘discordo’, ‘gosto’ ou ‘não gosto’. Com frequência, os inventários de personalidade são baseados na Teoria de Traços da Personalidade, de modo que as respostas de uma pessoa funcionam como indicações de traços. As respostas são quantificadas e somadas, para formarem uma avaliação do grau de um traço particular que a pessoa possui, como é indicado pelas suas respostas. Alguns testes podem ter como finalidade medir um traço único, mas muitos deles usualmente oferecem um perfil mostrando a posição que o indivíduo ocupa, no que se refere a diversos traços. Depois que se atribuem notas ao teste,

pode-se traçar um perfil, para mostrar como o indivíduo se situa em uma variedade de traços, em relação à coletividade em que o teste foi padronizado (LUNDIN, 1974).

Uma das grandes vantagens desses inventários é a facilidade com que podem ser apurados e interpretados. São objetivos, no sentido de que métodos de aplicação e as técnicas de atribuição de notas e interpretação são os mesmos para todos que se submetem ao teste; descreverão, contudo, somente limitados aspectos da personalidade. Uma destas é o fato de que medem com exatidão somente até o ponto em que o indivíduo é capaz de julgar ou avaliar o seu próprio comportamento (LUNDIN, 1974).

O conhecimento da personalidade é fundamental ao sucesso de um técnico, de um professor ou de um instrutor. Entretanto, segundo Weinberg e Gould (2001, p. 58), os inventários psicológicos por si só não podem prever realmente o sucesso esportivo.

Os primeiros trabalhos de ‘Avaliação em Psicologia do Esporte’ investigavam principalmente a relação entre traço de personalidade e rendimento do sportista. Devido a conclusões e resultados contraditórios, alguns psicólogos do esporte apresentaram uma série de problemas metodológicos e conceituais sobre a relação entre personalidade e rendimento esportivo. Sua conclusão é que a avaliação dos traços específicos dos sportistas mediante testes de personalidade, desde que sejam fidedignos, tem uma utilidade prática muito limitada para prever o rendimento esportivo (MARTENS, 1977).

Segundo Fleury (2005), os objetivos do Psicodiagnóstico Esportivo são: a) Identificar, considerando as variáveis psicológicas que interferem no rendimento de atletas, a partir do esporte em particular que pratica, o grau de habilidade e as variáveis que as controlam; b) Estabelecer objetivos: uma vez identificado o grau de habilidade para cada variável envolvida, devem estabelecer os objetivos que se deseja alcançar através de intervenção adequada; c) Orientar a seleção de técnicas de intervenção: a avaliação deve promover informações relevantes para a seleção de técnicas psicológicas mais efetivas em função das características

do atleta para uma correta intervenção; d) Avaliação dos resultados: a intervenção deve ser avaliada, antes, durante e depois de implementada.

Em 1985, a *American Psychological Association* (APA) forneceu diretrizes no uso de testes psicológicos, dentre elas destacam-se: 1) Não usar testes psicológicos para selecionar atletas; 2) Incluir explicação e *feedback*; 3) Conhecer os princípios de testagem e os erros de avaliação; 4) Conhecer as limitações do teste; 5) Assegurar o sigilo; 6) Adotar uma abordagem intra-individual; 7) Entender e avaliar os componentes específicos da personalidade (WEINBERG; GOULD, 2001).

2.5.1 A evolução dos modelos de análise dos Traços de Personalidade

O sistema de Cattell baseou-se em análises fatoriais de descrições de personalidade obtidas através de questionários e avaliações entre pares. Cattell foi o responsável pelo desenvolvimento de uma metodologia que permitiu agrupar de forma objetiva centenas de descritores de traços (DIGMAN, 2003).

É importante observar que os métodos das análises fatoriais existentes na época eram muito limitados e pouco sofisticados. Análises fatoriais, que hoje são realizadas em poucos minutos por computador, eram feitas manualmente com a ajuda de réguas de cálculo e demandavam considerável trabalho e esforço. Essas dificuldades computacionais foram em parte responsáveis pela complexidade do modelo de Cattell, que utilizava 16 fatores primários e 8 fatores de segunda ordem (DIGMAN, 2003) (Quadro 1).

ANÁLISE FATORIAL DE CATTEL – O MODELO 16 PF	
FATORES	DESCRIÇÃO
FATOR A:	RESERVADO (Sizotimia) X EXPANSIVO (Afectotimia)
FATOR B:	MENOS INTELIGENTE X MAIS INTELIGENTE
FATOR C:	EMOTIVO (Fraqueza do Ego) X AMADURECIDO (Força do Ego)
FATOR E:	SUBSMISSO X DOMINANTE:
FATOR F:	SÓBRIO (Dessurência) X DESPREOCUPADO (Surgência)
FATOR G:	EVASIVO X CONSCIENCIOSO
FATOR H:	ACANHADO (<i>Trectia</i>) X DESENVOLTO (<i>Parmia</i>)
FATOR I:	RÍGIDO (<i>Harria</i>) X BRANDURA (<i>Premia</i>)
FATOR L:	CONFIANTE (<i>Alaxia</i>) X DESCONFIADO (Protensão)
FATOR M:	PRÁTICO (Praxernia) X IMAGINOSO (<i>Autia</i>)
FATOR N:	GENUÍNO X REQUINTADO
FATOR O:	PLÁCIDO (Adequação Serena) X APREENSIVO (Propensão ao Sentimento de Culpa)
FATOR Q1:	CONSERVADOR X EXPERIMENTADOR
FATOR Q2:	DEPENDENTE DO GRUPO X AUTO-SUFICIENTE
FATOR Q3:	SEM AUTODISCIPLINA X CONTROLADO
FATOR Q4:	TRANQUÍLO (Baixa Tensão Érgica) X TENSO (Alta Tensão Érgica)
Fatores de 2ª ordem I:	AJUSTAMENTO X ANGÚSTIA (Ansiedade)
Fatores de 2ª ordem II:	INTROVERSÃO X EXTROVERSÃO
Fatores de 2ª ordem III:	BRANDURA EMOCIONAL X APRUMO VIVAZ
Fatores de 2ª ordem IV:	SUJEIÇÃO X INDEPENDÊNCIA

Quatro 1 – Descrição do modelo 16 PF da análise fatorial de Cattell dos traços de personalidade
Fonte: DIGMAN (2003)

Porém, mesmo sem facilidades computacionais sofisticadas, já no final da década de 1940, críticas foram formuladas à complexidade do modelo desenvolvido por Cattell e soluções mais simples começaram a ser apresentadas. Fiske *apud* Digman (2003) demonstrou que uma solução de cinco fatores era satisfatória utilizando 21 escalas bipolares de Cattell. Digman (2003) comenta que, apesar de sua qualidade, o trabalho de Fiske não influenciou o desenvolvimento de modelos na área. O modelo de Cattell continuou a ser utilizado e os principais modelos fatoriais desenvolvidos posteriormente, por exemplo, Eysenck, em 1970, não utilizaram uma solução de cinco fatores.

Os estudos de Eysenck aconteceram praticamente ao mesmo tempo aos estudos de Cattell e usando um método quase idêntico. Eysenck usou a análise fatorial e propôs duas dimensões: Extroversão x Introversão e Neuroticismo x Estabilidade. Eysenck determinou ainda uma terceira dimensão que chamou de Psicotismo, que é a dimensão que separa as pessoas normais das anormais (EYSENCK, 1977) (Quadro 2).

ANÁLISE FATORIAL DE EYSENCK – O MODELO DAS DIMENSÕES	
FATORES	DESCRIÇÃO
EXTROVERSÃO	INTROVERSÃO X EXTROVERSÃO
NEUROTICISMO	É composta por um conjunto de características de personalidade, englobando ansiedade, depressão, vulnerabilidade psicológica e hostilidade.

Quadro 2 – Descrição do modelo fatorial de Eysenck dos traços de personalidade
Fonte: EYSENCK (1977)

Eysenck (1977) afirmou que as estruturas físicas do nosso sistema nervoso vão mediar comportamentos que nos levam a diagnosticar os indivíduos como extrovertidos e introvertidos, neuróticos ou estáveis.

Nova evidência empírica, de que um modelo de cinco fatores seria mais adequado para descrever a estrutura da personalidade, surgiu no final da década de 1950 com um estudo de Tupes e Christal (1992). Esses autores analisaram os dados que embasaram a criação do 16-PF de Cattell e dois conjuntos de dados do estudo de Fiske e concluíram que uma solução de cinco fatores produziria o melhor modelo possível. O trabalho original de Tupes e Christal foi publicado como um relatório para a Força Aérea Americana e permaneceu desconhecido da maioria dos pesquisadores por alguns anos. Digman (2003, p. 419) observa que, enquanto o trabalho de Tupes e Christal permanecia desconhecido, “as publicações de Cattell e Eysenck dominaram a literatura como os principais modelos obtidos através da análise fatorial”. Porém, algumas replicações e corroborações do modelo de cinco fatores foram publicadas na

década de 1960. Foi também demonstrada, naquela época, a utilidade do modelo para predição de comportamento e desempenho acadêmico.

2.5.1.3 O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) de avaliação da personalidade

Segundo Digman (2003), desde Cattell e Eysenck, muitos pesquisadores voltaram seus estudos para determinar se há dezesseis características, como descreveu Cattell, ou duas, conforme Eysenck, ou se na verdade está em algum lugar entre os dois conceitos. O modelo dos Cinco Fatores parece responder pela maioria das diferenças de personalidade entre os indivíduos. Estes fatores incluem duas dimensões de Eysenck: Extroversão e Emocionalidade, e outras três: Abertura a Novas Experiências, Egocentrismo ou Amabilidade, Autocontrole ou Consciência (DIGMAN, 2003).

O modelo CGF originou-se de estudos da linguagem natural dos pesquisadores de traços de personalidade. No início da década de 1930, McDougall *apud* Briggs (2002) sugeria analisar a personalidade a partir de cinco fatores independentes que, na época, foram denominados intelecto, caráter, temperamento, disposição, e humor. Nessa mesma época, na Alemanha, Klages *apud* Digman (2003) também sugeria que uma análise da linguagem ajudaria a entender a personalidade. Isso levou outro estudioso da área, Baumgarten, a examinar termos utilizados para descrever traços de personalidade em alemão. O trabalho de Baumgarten teve uma influência fundamental sobre Allport que, em conjunto com Odbert, examinou cerca de 400.000 palavras do *Webster's New International Dictionaire*, derivando 4500 descritores de traços de personalidade (BRIGGS, 2002).

Porém, vários autores têm questionado a origem do número de fatores. Como já foi mencionado, o modelo CGF tem suas origens na análise da linguagem utilizada para descrever pessoas. O uso de descritores de traços (geralmente adjetivos) da linguagem natural

tem sido defendido como a melhor estratégia para identificar fatores que permitam entender melhor certas características da personalidade (BRIGGS, 2002). Esse posicionamento decorre de uma hipótese léxica que afirma que “as diferenças individuais mais significativas nas interações diárias das pessoas são codificadas na linguagem” (GOLDBERG, 2002, p. 204).

A descoberta dos cinco fatores foi acidental e se constitui em uma generalização empírica, replicada independentemente inúmeras vezes. Como o modelo não foi desenvolvido a partir de uma teoria, não há uma explicação teórica *a priori* (e satisfatória) dos motivos que levariam a organização da personalidade em cinco (e não quatro, ou sete) dimensões básicas (McCRAE; COSTA, 2001). Alguns autores não consideram isso como uma dificuldade para o modelo. McCrae e Costa (2001) afirmam que situações similares existem em todas as ciências. Biólogos, por exemplo, identificaram oito classes de vertebrados. A teoria da evolução pode ser usada para explicar o desenvolvimento das classes, mas não há teoria que explique por que os vertebrados se dividem em oito (e não em cinco, ou onze) classes.

Goldberg (2002) argumenta que se uma característica de personalidade for saliente, isto é, capaz de gerar diferenças individuais socialmente relevantes, as pessoas vão notar esta característica e, como ela é importante, vão querer falar sobre ela. Em consequência, uma palavra ou expressão terminará sendo inventada para descrever essa característica ou traço.

McAdams (2004) observa que os cinco fatores se referem a informações fundamentais que geralmente quer-se ter sobre pessoas com quem se vai interagir. Anteriormente, Goldberg (2002) também havia observado que os cinco fatores sugerem que o desenvolvimento da linguagem em diferentes sociedades expressa uma preocupação em obter cinco conjuntos de informações sobre pessoas. Aparentemente, nas sociedades estudadas, as pessoas querem saber se o estranho, o visitante ou o aprendiz com quem vai interagir é: a) Ativo e dominante ou passivo e submissivo; b) Socialmente agradável ou desagradável; amigável ou frio; distante; c) Responsável ou negligente; d) Louco, imprevisível ou normal, estável; e) Esperto

ou um tolo, aberto a novas experiências ou desinteressado por tudo aquilo que não diz respeito à experiência do cotidiano.

O modelo CGF é uma versão moderna da Teoria de Traço, que representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável. Os cinco fatores não emergem apenas em instrumentos desenvolvidos com a finalidade de identificá-los. Os principais inventários de avaliação da personalidade, desenvolvidos com base em várias teorias da personalidade (16-PF, MMPI, escala de Murray, California Q-Set, as escalas de Comrey), quando submetidos a análises fatoriais, isoladamente ou em conjunto, produzem soluções compatíveis com o modelo CGF. Independentemente da teoria em que os autores se basearam para desenvolver instrumentos objetivos de avaliação da personalidade, análises fatoriais desses instrumentos sistematicamente têm demonstrado que os fatores emergentes são consistentes com o modelo CGF (McCRAE; COSTA, 1989, 2001; DIGMAN, 2003; McADAMS, 2004; BRIGGS, 2002).

A questão que emerge a seguir diz respeito à universalidade de um sistema baseado numa estrutura lingüística. Seriam essas questões as mesmas em todas as culturas? Como o modelo CGF é relativamente recente, o número de replicações transculturais ainda é pequeno. Porém, o modelo já foi replicado em inglês (1985), alemão (1990), japonês (1985), chinês (1990), hebraico (1996), russo (1998) e no Brasil em 2003 (McCRAE; COSTA, 2001).

Em 2003, Robert McCrae e Antonio Terracciano desenvolveram pesquisas sobre traços de personalidade em diversos países, utilizando a versão portuguesa do NEO-PI-R⁵. No Brasil, após pequenas adaptações, o NEO-PI-R foi aplicado nas cidades de Belo Horizonte (UFMG), Santa Catarina (UNISUL) e São Paulo (UNIABC), levantando dados de 611 universitários. Os dados foram somados aos obtidos em outros países, perfazendo uma

⁵NEO-PI - Instrumento criado pelos pesquisadores americanos Paul Costa e Robert McCrae. Operacionaliza os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole) e, constitui atualmente, o instrumento de preferência dos investigadores de personalidade.

amostra total de 50 países. Em termos gerais, pode-se afirmar que, no Brasil, foi possível identificar fatorialmente as cinco grandes dimensões de personalidade (ALVARENGA, CARVALHO; MENDOZA, 2004).

McCrae e Costa (2001) salientam que pode haver vantagens adaptativas na capacidade de identificar nos outros as características que fazem parte dos cinco fatores. Nesta linha de raciocínio, Buss (2001, p. 473) argumenta que o modelo CGF representa “dimensões importantes do terreno social e que seres humanos foram selecionados para percebê-las e agir com relação a elas”. Essas dimensões explicam por que os cinco fatores estão representados na linguagem de todas as culturas. As replicações obtidas em outras culturas tendem a apoiar a universalidade do modelo CGF. Embora haja consenso em relação à solução de cinco fatores, ainda persistem divergências com relação à denominação dos fatores e aos traços ou características de personalidade agrupadas em cada dimensão. A denominação dos fatores não representa um problema metodológico ou epistemológico. Sua importância restringe-se a facilitar a comunicação. Porém, o consenso com relação ao conteúdo das dimensões é fundamental para o modelo CGF (Quadro 3).

ADJETIVAÇÕES UNIVERSALIZADAS: NEO-PI		
FATOR 1 EMOCIONALIDADE (R)	FATOR 2 EXTROVERSÃO (E)	FATOR 3 ABERTURA (O)
N1: Ansiedade N2: Hostilidade N3: Depressão N4: Autoconsciência N5: Impulsividade N6: Vulnerabilidade	E1: Entusiasmo E2: Gregariedade E3: Positividade E4: Atividade E5: Excitação E6: Emoções Positivas	O1: Fantasia O2: Estéticas O3: Sentimentos O4: Ações O5: Idéias O6: Valores
FATOR 4 EGOCENTRISMO (A)	FATOR 5 AUTOCONTROLE (C)	
A1: Entusiasmo A2: Franqueza A3: Altruísmo A4: Complacência A5: Modéstia A6: Disposição	C1: Competência C2: Ordem C3: Respeito C4: Realização, esforço C5: Autodisciplina C6: Deliberação	

Quadro 3 – Adjetivações universalizadas do NEO-PI para os fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole.

Fonte: McCrae e Costa (2002)

Goldberg (2002) e Digman (2003) organizaram as diversas soluções fatoriais encontradas. A descrição que segue é um resumo simplificado do entendimento atual que se têm dos cinco fatores:

FATOR 1: NEUROTICISMO OU ESTABILIDADE EMOCIONAL: As características de personalidade que se agrupam neste fator são: afeto positivo e negativo, ansiedade, estabilidade emocional. Pessoas que têm nível alto dessa dimensão podem experimentar sentimentos negativos específicos tais como ansiedade, raiva ou depressão e tenderão a vivenciar simultaneamente várias dessas emoções. São pessoas que respondem emocionalmente a situações que não afetariam a maior parte das pessoas; e suas reações tendem a ser mais intensa do que o normal. Têm a tendência de interpretar situações habituais como ameaçadoras e pequenas frustrações como desesperadamente difíceis. Suas reações emocionais podem persistir por longos períodos de tempo, por isso é provável encontrá-las de mau humor. Esses descompassos da regulação emocional podem reduzir a capacidade cognitiva do pensamento objetivo, a tomada de decisões e o gerenciamento do estresse. No outro extremo da escala, indivíduos que pontuam baixo na dimensão têm menor reatividade emocional e são mais difíceis de serem perturbados. São mais calmos e estáveis emocionalmente e não sentem emoções negativas persistentes. Suas facetas são: **Ansiedade:** pessoas que têm alta ansiedade sentem que alguma coisa perigosa está para acontecer. Podem temer situações específicas ou simplesmente serem temerosos. Sentem-se tensos e nervosos. A escala de ansiedade não mensura medos ou fobias específicos, mas pessoas que pontuam alto na escala têm probabilidade de apresentar tais temores, assim como níveis elevados de ansiedade. **Hostilidade:** pessoas que pontuam alto sentem-se enraivecidas, bravas e perturbadas quando as coisas não acontecem do seu jeito; são sensíveis quando pensam que não foram tratadas de forma justa e sentem-se ressentidas e amargas quando acham que foram enganadas. **Desencorajamento:** esta escala mede as diferenças individuais na tendência de

entrar em estados depressivos, tristeza, rejeição e desencorajamento. Quem pontua alto não sente energia e tem dificuldade em iniciar atividades, tendendo a possuir sentimentos de culpa, tristeza, desesperança e solidão. **Auto-referência:** as emoções de vergonha e constrangimento constituem a essência desta faceta. Pessoas auto-referentes são sensíveis acerca do que os outros pensam delas. Sentem-se facilmente constrangidos, com frequência envergonhados, e aparentam timidez e ansiedade social. **Impulsividade:** refere-se a pouca habilidade em controlar fortes desejos e impulsos. Os desejos são percebidos como sendo fortes e a pessoa não consegue resisti-los, embora possa, mais tarde, arrepender-se do comportamento. Pessoas impulsivas são imoderadas e sentem fortes desejos e urgências que têm dificuldades de resistir. Preferem os prazeres imediatos às recompensas de longo prazo. **Vulnerabilidade:** essa faceta analisa o oposto da resiliência. Pessoas que pontuam alto nesta escala sentem-se incapazes de lidar com forte estresse e tornam-se dependentes, desesperançadas ou entram em pânico quando se defrontam com situações de emergência.

FATOR 2: EXTROVERSÃO E INTROVERSÃO: A Extroversão é um traço marcado pelo envolvimento da pessoa com o mundo externo. Os extrovertidos gostam de estar com muita gente, são cheios de energia e experimentam emoções positivas. Geralmente ficam entusiasmados, são dirigidos para a ação e fazem parte daqueles que gostam de dizer ‘Sim’ ou ‘Vamos’ para qualquer oportunidade que surja. Em geral, gostam de agitação e excitação. Quando em grupos, gostam de conversar e chamar atenção para si mesmos; são enfáticos e assertivos e têm um nível de exuberância, energia e atividade maior que os introvertidos. Estes, por sua vez, tendem a serem quietos, discretos, deliberados nas atitudes, e pouco ligados às atividades sociais no mundo. A sua carência de vida social não deve ser interpretada como timidez ou depressão. Os introvertidos simplesmente precisam de menos estímulos externos que os extrovertidos; para estarem bem, preferem ficar sozinhos. A independência e a reserva da introversão são, às vezes, erroneamente interpretadas como não

amistosos ou arrogância. Na realidade, um introvertido que tenha um nível elevado de afabilidade poderá não procurar os outros, mas será muito agradável quando for procurado por eles. Pode ter maior ou menor contato com pessoas e ter expressão maior ou menor de sentimentos e emoções. Suas principais características são: **Amistosidade**: está relacionada ao calor humano e ao gosto por fazer amizades, procurando-as com frequência. Esta faceta mostra o quanto às pessoas são amistosos, gostam de outras pessoas e demonstram sentimentos positivos para os outros. No entanto, pessoas com essa característica podem demonstrar reservas nos relacionamentos e em situações de muita exposição, ou com pessoas mais evasivas. **Gregariedade**: mostra o desejo de se estar na companhia de pessoas para trabalhar e se divertir; acham a companhia das outras pessoas divertida, estimulante e recompensador - não gostam de ficar sozinhos. Sente-se à vontade, seja com pessoas a sua volta ou mesmo quando está sozinha. Se o assunto é diversão, a companhia de amigos é bem vinda, porém aprecia e desfruta manter seus momentos de privacidade. **Assertividade**: gostam de dizer o que pensam, tomar posição e dirigir as atividades dos outros. Tem a característica principal de expor as idéias tão logo quanto possível. **Atividade**: esta faceta está relacionada a uma vida movimentada, agitada e, em geral, sempre ocupada. Pessoas que se encaixam nessa faceta se movem rapidamente, agem enérgica e vigorosamente; são ativas e gostam de ritmo intenso no que fazem. **Busca de excitação**: Pessoas com alto nível nesta escala facilmente se entediam quando não têm um nível alto de estímulo; buscam emoções fortes e riscos. O nível médio aprecia tanto as atividades agitadas ou excitantes quanto a tranquilidade para seus momentos de reflexão; embora aprecie o estímulo que a agitação ou risco apresentam, não está constantemente procurando-os. **Emoções positivas**: Esta escala mede o nível e frequência de humor e sentimentos positivos, como otimismo, entusiasmo e expressão de alegria e ânimo. Em geral, são pessoas que agem positivamente diante de

incertezas ou mudanças, mas também assumem posições céticas, buscando dados confirmadores para embarcar numa posição otimista.

FATOR 3: INTELECTO OU ABERTURA A NOVAS EXPERIÊNCIAS: Este fator, que também tem sido chamado de Abertura para Novas Experiências, engloba características como flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação e interesses culturais. O eixo de abertura às experiências descreve uma dimensão do estilo cognitivo que distingue pessoas criativas e imaginativas das outras mais convencionais e realistas. Pessoas abertas são intelectualmente curiosas, apreciam a arte e são sensíveis às belezas do mundo. Quando comparadas às pessoas mais fechadas, são mais conscientes de seus sentimentos. Costumam pensar e agir de modo individualista e não convencionalmente. Os intelectuais costumam atingir níveis altos de aberturas à experiência e, por isso, este fator tem sido chamado também de Cultura ou Intelecto. Outra característica das pessoas de estilo cognitivo aberto é a sua facilidade para pensar em símbolos e abstrações distantes da experiência concreta. Dentre as características de quem aceita experiências e situações novas está a capacidade para mudanças (internas e externas) e, inclusive, há a disponibilidade para viajar. Pessoas com baixos níveis de Abertura às experiências tendem a ter interesses mais estreitos e comuns, preferindo coisas simples, diretas e óbvias e não as complexas, ambíguas ou sutis. Costumam desconfiar das artes e das ciências, achando que, em geral, artistas e cientistas são pouco práticos e fantasiosos. São indivíduos fechados, escolhendo aquilo que lhes é familiar. São conservadores e resistem à mudança. Suas facetas são: **Imaginação:** tem gosto pela imaginação e fantasia (contraposto à praticidade e objetividade); **Interesses artísticos:** demonstra gosto e admiração pelas artes, música, estética; **Percepção emocional:** valoriza os sentimentos e emoções no cotidiano das ações; **Mudanças:** gosto por atividades diferentes e mudanças; **Intelecto:** facilidade e gosto para lidar com idéias que comparam pessoas e coisas; **Liberalismo:** defesa da liberdade individual (contrário de valores tradicionais).

FATOR 4: NÍVEL DE SOCIALIZAÇÃO, AFABILIDADE OU EGOCENTRISMO:

A Afabilidade descreve o número de fontes que alguém busca para definir suas normas de comportamento correto. Alta Afabilidade ou o adaptador: são pessoas que tendem a subordinar suas necessidades sociais às dos outros; aceitam os desejos e normas do grupo ao invés de insistir em seus desejos pessoais. A harmonia é a coisa mais importante para ele do que, por exemplo, divulgar a sua visão pessoal sobre as coisas. O perfil do adaptador é base para papéis sociais importantes como educação, serviço social e psicologia. Nesta dimensão estão aqueles que seguem um grande número de padrões ou normas, como, por exemplo, cônjuge, líderes religiosos, amigos, chefe ou ídolos culturais. Baixa Afabilidade ou o desafiador: são pessoas que, no outro extremo, seguem apenas suas próprias idéias. Está mais focado nas suas necessidades pessoais. O desafiador se preocupa mais em conquistar e exercitar poder; segue o ritmo de sua própria música ao invés de entrar em coro com o grupo. O perfil do desafiador é fundamento para papéis sociais importantes como propaganda, gerência e liderança militar. No nível médio, encontra-se o negociador, capaz de transitar entre a liderança e a subordinação, agindo conforme a exigências da situação. Os dois extremos desse traço são pessoas que se dirigem para outras pessoas (o adaptador) e pessoas que se dirigem contra outras pessoas (desafiador). Na sua forma extrema, o adaptador pode se tornar alguém com personalidade dependente, que perde completamente seu sentido de pessoa. Já o desafiador pode criar uma personalidade narcisista, anti-social e autoritária, alguém que perde o sentido de empatia pelos outros. Essa dimensão consegue abranger e descrever a dependência ou altruísmo do adaptador, a independência ou egocentrismo do desafiador e a interdependência ou situacionalismo do negociador. Pessoas com esses traços demonstram características como cooperação, altruísmo, empatia e transparência pessoal. As facetas dessa dimensão são: **Confiança**: mostra o quanto confia em outras pessoas; **Transparência pessoal**: capacidade de se abrir e expressar o que sente e pensa;

Solidariedade: gosto em ajudar as pessoas; **Complacência:** tendência a conceder e evitar conflitos em contraposição a ser desafiador e questionador para afirmar o que quer; **Modéstia:** o quanto valoriza explicitamente as qualidades que sente ter; **Empatia:** sensibilidade pelas emoções dos outros e capacidade para se colocar no lugar do outro.

FATOR 5: CONSCIENCIOSIDADE OU AUTOCONTROLE: Este fator agrupa traços ou características de personalidade que levam a responsabilidade, honestidade, ou, no outro extremo, negligência, irresponsabilidade. Alguns estudos têm mostrado que este fator se correlaciona com desempenho acadêmico, organizando e dirigindo o comportamento, o que levou alguns autores a denominá-lo vontade (desejo) de realização. Esta dimensão diz respeito ao modo de como se controla, regula e dirige os impulsos. Impulsos não são males em si, pois, às vezes, pressões de curto prazo exigem uma decisão rápida, e responder ao que ocorre no primeiro impulso pode ser uma resposta muito efetiva. Indivíduos impulsivos são freqüentemente percebidos como divertidos para se conviver. No entanto, quando se age por impulso, é possível envolver-se num grande número de problemas, pois alguns impulsos são anti-sociais; e ações anti-sociais sem controle são nocivas à sociedade e podem levar à retaliação dirigida para quem agiu dessa forma. Outro problema com as ações impulsivas é que elas produzem recompensas imediatas, mas trazem indesejáveis conseqüências de longo prazo. Alguns exemplos são: relacionamentos inadequados no ambiente de trabalho, insultos intempestivos que levam ao fim um relacionamento importante, ou o uso de drogas que destroem a saúde. O comportamento impulsivo, mesmo quando não é seriamente prejudicial, diminui a eficiência das pessoas de modo significativo. A ação irrefletida não permite a análise de ações alternativas, que poderiam oferecer melhores resultados. A impulsividade desvia as pessoas de projetos que requerem uma seqüência organizada de estágios. Por tudo isso, as realizações de pessoas impulsivas são eventuais e inconsistentes. A Conscienciosidade descreve um número de objetivos para os quais alguém se dirige. Alta Conscienciosidade

descreve uma pessoa que se focaliza em menos objetivos e exibe muita autodisciplina na busca de seu foco. Baixa Conscienciosidade descreve alguém que busca um número maior de metas, mas também é mais subjetiva e tem um foco mais difuso. De forma geral, esta dimensão diz respeito ao autocontrole e regulação dos impulsos. Inclui: **Auto-eficácia**: credibilidade na própria capacidade de fazer coisas; **Organização**: planejamento e estabelecimento de prioridades; **Senso de dever**: senso de dever e motivação para cumprir obrigações; **Motivação para conquista**: motivação para a excelência e estabelecimento de objetivos próprios, seguindo-os; **Autodisciplina**: quando se propõe a fazer algo, é disciplinado e persiste no que faz; **Cautela**: pensar antes de agir em contraposição a agir por impulso.

Atualmente esse modelo é considerado pela comunidade acadêmica de psicologia americana como o mais fidedigno na descrição da personalidade. Não é um teste de inteligência ou habilidades específicas e não pretende diagnosticar problemas de saúde mental; dá uma idéia do que faz o indivíduo ser uma pessoa única, com seu jeito próprio de pensar, sentir e interagir com os outros (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2005).

2.5.2 O modelo *BIG FIVE* de avaliação da personalidade

De Posada (2004a; 2004b) não inventou um novo modelo de avaliação da personalidade ao desenvolver o teste '*Big Five*'. O psicólogo adaptou o modelo CGF a um *software* e, após pequenas variações de terminologia, disponibilizou-o na internet (Quadro 4).

Fator	CGF	BIG FIVE TEST
1	Neuroticismo ou Estabilidade Emocional	Emocionalidade Negativa
2	Extroversão/Introversão	Extroversão
3	Intelecto, Originalidade ou Abertura a Novas Experiências	Abertura
4	Nível de Socialização ou Afabilidade	Egocentrismo
5	Escrupulosidade, Vontade de Realização ou Conscienciosidade	Autocontrole

Quadro 4 – Diferenciação das terminologias dos fatores dos traços de personalidade entre o modelo CGF e o *Big Five Test*

Utilizando um questionário com 25 perguntas (Anexo 3), extraídos do NEO-PI R, De Posada (2004a; 2004b) relacionou cada Fator a uma escala de valores qualitativos. A Psicometria é interpretada pelo pesquisado, observando uma escala de cinco variáveis: alta, alta negativa, ambivalente, baixa positiva, baixa. As escalas de valores qualitativos são:

EMOCIONALIDADE NEGATIVA: Elástico: Tem a tendência de conduzir situações estressantes de forma segura e estável. Está livre do estresse até em situações estressantes. Pensa de forma analítica e racional. Pode dar a impressão de ser insensível, frio, relaxado ou que não se importa muito com as coisas. Respondente: Tende a estar calmo, seguro e estável. Surpresas, pressões, situações difíceis, crises ou circunstanciais estressantes podem levá-lo a uma preocupação, irritação ou ao desencorajamento. Reativo: Tende a responder de forma alerta. É uma pessoa preocupada e atenta. É facilmente excitável. Pode sentir estresse, porém menos que os outros. Serve como a consciência de um grupo. Pode assumir a responsabilidade por problemas que foram causados por outros. Pode ser percebido como ansioso, tenso, irritado ou preocupado.

EXTROVERSÃO: Introvertido: Prefere trabalhar sozinho. Geralmente é sério, indiferente, calado. Prefere escrever ou comunicar-se por escrito do que pessoalmente. Pode ser percebido como frio e distante. Ambiverto: Trabalha mais facilmente com outras pessoas do que sozinho. Gosta de ficar com pessoas; ficar muito tempo sozinho lhe incomoda. Às

vezes, prefere estar só, outras vezes com pessoas. Extrovertido: Prefere estar com outras pessoas e envolto na atividade. Pode ter problemas em escutar, pois tende a dominar a conversação. É falador, entusiasta, sociável, cálido, confiado e divertido.

ABERTURA: Conservador: Possui conhecimento profundo sobre o trabalho, tópico ou tema. Tende a ser uma pessoa pragmática e muito enfocada no presente. É eficiente no aspecto tático. Sente-se cômodo realizando tarefas ou atividades repetitivas. Pode ser percebido como conservador, com visão estreita, muito rígido e tem grande dificuldade em compartilhar. Prefere aquilo que já é provado e verdadeiro em vez de arriscar-se com o novo ou incerto. Moderado: Sem opinião formada. São práticos. Não são muito criativos ou curiosos. De vez em quando se fazem presentes. Às vezes, podem adaptar uma idéia que foi criada por outra pessoa e expandi-la ou melhorá-la. Explorador: Tende a ter interesses variados. Gosta de tecnologia de ponta e do pensamento estratégico. Curioso, busca novas experiências e está orientado para o futuro, mas é acomodado com a troca. É mais criativo, com mais imaginação, mais artístico. Pode ser pouco prático e se aborrece facilmente. Detesta a rotina. Está mais aberto a reexaminar valores pessoais.

EGOCENTRISMO: Retido ou Desafiador: Relaciona-se com os outros. É expressivo, agressivo, cauteloso, persistente e competitivo. De pensamento independente, faz perguntas para proteger seus próprios interesses, seja para se assegurar que a posição defendida é ganhadora ou para se assegurar que vai ter razão e não provarão que está equivocado. Ganhar é muito importante, a qualquer custo. Pode-se percebê-lo como hostil, rude, egocêntrico, orgulhoso, cínico, que se sente superior aos outros. Não trabalha em equipe. Negociador: Tende a oscilar facilmente entre situações competitivas e cooperadoras, buscando um resultado de ganhar e ganhar. Não é dependente e nem independente. Trabalha bem sozinho e em equipe. Adaptável: Tolerante, altruísta, grato. Difere-se dos outros e é muito cooperador. Facilmente emotivo e humilde. Promove a harmonia e trabalha muito bem em equipe. Não

está muito interessado em ganhar ou em estar correto. O importante é que a equipe ganhe. Sacrifica-se pelos outros. Pode ser percebido como inocente, submisso, alguém que evita conflitos e que carece de princípios, visto que tem a tendência a ceder ao grupo.

AUTOCONTROLE: Flexível: Enfrenta as metas de forma relaxada, espontânea e aberta. Tem a habilidade de realizar muitas tarefas simultaneamente. Pode trabalhar em vários projetos de uma vez. Pode trocar de caminho facilmente. É facilmente distraído. Pode adiar os assuntos e, algumas vezes, pode ser muito casual sobre suas responsabilidades. Seu lugar de trabalho, seu carro, sua casa vão estar desorganizadas. Por outro lado, não é menos produtivo. Balanceado: Tende a manter uma boa relação entre família e trabalho. É mais ambicioso que o flexível, porém mais predisposto a gozar da vida do que o focado. Ocasionalmente, perde o enfoque devido a diversões espontâneas. Às vezes, é organizado e, às vezes, desorganizado. Enfocado: Trabalha de forma disciplinada, persistente, consistente e organizada. Tem uma forte vontade de alcançar metas e, freqüentemente, está preparado. É percebido como muito concentrado no trabalho. É um dominador, arbitrário, compulsivo, meticuloso ou inflexível. Pensa muito antes de agir. Às vezes, faltam-lhe oscilações na vida, visto que se concentram muito no trabalho ou em suas metas, deixando de lado outras áreas da vida.

2.5.3 Estudos sobre traços de personalidade em atletas de alto rendimento

Pesquisas realizadas por Gosling, Rentfrow e Swann (2003), empregando o NEO-PI R em 112 jogadores de basquete universitário, com idade entre 18 a 20 anos, do sexo masculino, correlacionaram os seguintes traços de personalidade: No traço autoconfiança, 65% dos atletas foram localizados no nível negativo do fator emocionalidade (R -) e 92% do escore positivo do fator extroversão (E+). O traço liderança foi localizado no nível negativo do fator emocionalidade (R -) e egocentrismo (A-), ambos com 70% das respostas. Para o traço

autocontrole, 73% dos atletas foram localizados no nível positivo do fator autocontrole (C+). O traço motivação teve resposta no fator egocentrismo negativo (A -) com 98% e autocontrole positivo (C+) com 83% das respostas. O traço concentração teve escore médio apenas em autocontrole (C=) com 52 % das respostas. O traço criatividade foi localizado apenas no fator positivo de abertura (O+) com 89% das respostas. Para os traços combatividade e sociabilidade, ambos foram marcados por 92% dos atletas no fator extroversão positivo (E+). Gosling, Rentfrow e Swann (2003) concluíram que através do instrumento NEO-PI R é possível prever algumas qualidades positivas em atletas de alto rendimento, como autoconfiança, motivação, liderança, autocontrole e concentração.

Cunha e Oliveira (2003) desenvolveram estudo em um time de futebol da 1ª divisão do Campeonato Paulista, correlacionando traços de personalidade e o desempenho dos atletas, utilizando o NEO-PI-R. Foram pesquisados 22 jogadores, com idades entre 18 e 31 anos. A pesquisa obteve as seguintes conclusões: Sujeitos com fator de emocionalidade negativo (R-): apresentavam traços de autoconfiança, controle emocional, concentração; Sujeitos com fator de emocionalidade positivo (R +): apresentavam traços de ansiedade, frustração, pessimismo; Sujeitos com fator de extroversão negativo (E -): individualistas, cauteloso, atento; Sujeitos com fator de extroversão positivo (E +): altamente sociáveis, criativos, espírito de liderança e de grupo; Sujeitos com fator de abertura negativo (O -): prático, objetivo, atento, eficiente, perfeccionista; Sujeitos com fator de abertura positivo (O +): criativo, curioso, individualista; Sujeitos com fator de egocentrismo negativo (A -): combativo, motivado, autoconfiante, egoísta; Sujeitos com fator egocentrismo positivo (A+): dependente, espírito de grupo, evita conflitos; Sujeitos com fator autocontrole negativo (C -): desorganizado, criativo, sociável, distraído, desiste fácil; Sujeitos com fator autocontrole positivo (C +): combativo, controlado, motivado, concentrado.

Middleton et al. (2003) utilizaram o instrumento NEO-PI reduzido para analisar dois grupos de atletas universitários de alto rendimento nas modalidades esportivas do vôlei, basquete e rugby, em dois países distintos: Austrália e Nova Zelândia. A amostra foi constituída por 263 atletas australianos (62% homens, 38% mulheres) e 272 atletas neozelandeses (61% homens, 39% mulheres), com idades entre 17 e 18 anos. Um dos objetivos da pesquisa era comparar quantitativamente as incidências dos fatores de Emocionalidade Positiva, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole entre os dois grupos pesquisados.

O estudo concluiu que, no grupo masculino, os neozelandeses possuem mais traços consistentes nos fatores Extroversão e Egocentrismo que os atletas australianos. Os fator de Emocionalidade Positiva está mais presente nos atletas australianos. E verificou-se semelhança entre os dois grupos nos fatores Abertura e Autocontrole. No grupo feminino, o fator de Extroversão foi mais consistente nas atletas neozelandesas em relação às australianas. Nos fatores Emocionalidade Positiva, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, o estudo apresentou semelhanças muito próximas à igualdade entre os dois grupos pesquisados. Segundo Middleton (2003), as muitas semelhanças não surpreenderam, inclusive confirmaram as expectativas dos pesquisadores, apesar de serem países distintos, que o fator migratório dos australianos para a Nova Zelândia contribuiu significativamente para essas semelhanças de comportamento.

2.6 MODELO DE ANÁLISE DOS HÁBITOS DE VIDA

Segundo Marques e Gaya (1999), o desenvolvimento de hábitos, comportamentos e atitudes descritoras de estilos de vida saudáveis e ativos tendem a desenvolver-se cedo no seio familiar e que prosseguem na escola. Dessa tendência, decorre a crença, muito presente entre

especialistas em Educação Física, que a infância e a adolescência possam representar períodos ótimos para a intervenção pedagógica no sentido de estimular hábitos e comportamentos que se espera manter durante toda a vida do indivíduo. Não obstante, destaca-se o importante número de estudos epistemológicos que têm demonstrado a forte e consistente associação entre atividade física e saúde. Neste sentido, uma das preocupações da Educação Física e da Ciência do Movimento tem sido o estudo sobre os Hábitos de Vida, Níveis Socioeconômicos, Indicadores de Crescimento e Aptidão Física dos jovens estudantes praticantes ou não de esportes de alto rendimento, comparando as informações obtidas nas pesquisas entre jovens urbanos, entre escolas e também, objeto deste estudo, entre países.

A Educação Física configura-se como uma disciplina cuja especificidade lhe atribui responsabilidades essenciais para o desenvolvimento tanto da cultura corporal quanto de aspectos sociais, educacionais e de saúde. Entende-se por cultura corporal a competência relativa às habilidades e condicionamentos passíveis de educarem jovens através de práticas corporais tais como o esporte, a ginástica e jogos. É de responsabilidade da Educação Física, dentre outras, a promoção da saúde através da educação para uma vida fisicamente ativa, e esportivamente rica e desenvolver conhecimentos sobre as relações das práticas corporais com os hábitos de vida (MARQUES; GAYA, 1999).

Torres (1998) define os hábitos de vida como um conjunto de atividades cotidianas regulares que se refere à organização do cotidiano, participação sócio-cultural e a participação em práticas desportivas.

Para Sobral (1989,1992), o estudo dos hábitos de vida configura-se como importante fator para análise do fenômeno da performance desportiva, uma vez que a conceitualização de performance desportiva, enquanto um fenômeno biocultural implica no reconhecimento da influência de fatos referentes às condições socioeconômicas, à organização do cotidiano, às atividades físicas habituais, entre outros, em sua manifestação. A organização do cotidiano,

como categoria para análise dos hábitos de vida, representa a dimensão onde se encontram variáveis relativas aos hábitos de sono, atividades realizadas no interior de residência e atividades fora da residência. Com relação a atividades socioculturais, entende-se como sendo um conjunto de elementos físico-geográficos, sociais e culturais com os quais o homem pode interagir. Refere-se, também, à identificação dos materiais de esporte que os adolescentes possuem, local preferido para as práticas desportivas e a participação em algum grupo como, por exemplo, dança, música, teatro entre outros. Quanto à participação em práticas desportivas, concerne tanto a aspectos relacionados com a própria participação esportiva quanto à estruturação e organização dos programas de treinamento, como volume e intensidade das sessões de treino.

2.6.1 Resultados de pesquisas sobre hábitos de vida em jovens e atletas

Pesquisa citada por Oliveira (1998) procurou comparar os hábitos de vida dos escolares entre quatorze e dezoito anos de idade com incidência particular nas atividades sócio-culturais de dois contextos familiares e habitacionais diferentes. O contexto 'A' refere-se à situação socioeconômica privilegiada e no contexto 'B' a situação socioeconômica desprivilegiada, no qual o autor verificou que em relação às atividades desenvolvidas pelos estudantes adolescentes fora de casa: o parque infantil, o jardim público e as instalações desportivas eram freqüentados pelos escolares de ambos os grupos, principalmente durante os finais de semana. A rua ou praça era também um local pouco freqüentado, aumentando essa freqüência nos finais de semana em ambos os grupos. Em relação às atividades desportivas e artísticas praticadas, os escolares pertencentes ao contexto 'A', todos praticavam uma ou mais destas atividades. Os escolares pertencentes ao contexto 'B', ao contrário, referiram na sua grande maioria não praticar qualquer tipo de atividade artística ou desportiva.

Nas atividades praticadas em casa, o autor verificou que os estudantes de ambos os grupos têm hábitos de leitura nos seus tempos livres, no entanto, os escolares pertencentes ao contexto 'A', fazem-no com maior frequência. Os estudantes, que pertenciam ao contexto 'A', utilizam o computador muito mais que os escolares pertencentes ao contexto 'B'. Verificou-se uma maior utilização de jogos eletrônicos por partes dos escolares que pertenciam ao contexto 'A'. A participação dos dois grupos se torna elevada no que se refere às tarefas em casa, aos estudos e trabalhos de casa. Ouvir música, os dois grupos referem em sua maioria. Assistir televisão ou vídeo, os estudantes do contexto 'A' assistem mais do que os do contexto 'B'. Relacionado às atividades musicais (tocar instrumentos) e brincar com brinquedos, o autor conclui que ambos os grupos têm comportamentos semelhantes (OLIVEIRA, 1998).

Observou-se, na pesquisa citada por Oliveira (1998), que tanto em relação às atividades realizadas fora de casa quanto às atividades realizadas no interior da residência, a frequência de ocorrência é predominante nos escolares pertencentes ao contexto 'A' em relação os escolares do contexto "B". Assim, o nível socioeconômico, para essa amostra estudada, parece ser uma variável interveniente nos hábitos de vida.

Torres e Gaya (1997) realizaram um estudo de grande extensão em escolares da rede Municipal de Porto Alegre e concluíram que: os hábitos de sono diferem de acordo com o turno de estudo (quem estuda pela manhã dorme normalmente oito horas por dia, enquanto aqueles que estudam pela tarde têm maior heterogeneidade em relação aos horários de dormir e acordar). Assistir televisão, brincar/conversar com os amigos, escutar música e realizar tarefas domésticas são as atividades mais frequentes realizadas por esses escolares no interior da sua moradia. Os autores destacam nesse estudo que as atividades domésticas e a responsabilidade pelo cuidado com os irmãos mais jovens são tarefas precocemente atribuídas às escolares. Às atividades realizadas no exterior das residências como brincar e ou conversar

com os amigos e andar de bicicleta foram às opções com o maior número de respostas. Os escolares informaram que não possuem materiais desportivos diferenciados e seus locais de práticas desportivas são o pátio de casa e a rua. A participação sócio-cultural apresenta-se restrita e a prática desportiva sistematizada é um fato incomum para esses escolares.

Grupta (1986) relacionou o nível socioeconômico e a prática desportiva em 200 estudantes indianos de 17 a 26 anos de idade. Os resultados evidenciaram que os escolares de famílias de alto nível socioeconômico estavam mais envolvidos com o esporte.

Cauley *et al.* (1991) analisaram a participação esportiva em 917 indivíduos por classe social. O estudo apontou que a participação esportiva é maior em indivíduos da classe alta e que o nível socioeconômico é um fator de valor significativo.

França *et al.* (2004) investigaram a prática de atividades motoras junto à população de nível socioeconômico desprivilegiado, do município de Santana de Paraíba, em São Paulo. Os resultados obtidos parecem corroborar o fato de que a prática de atividades motoras ocorrem com maior frequência nas classes socioeconômicas privilegiadas do meio urbano.

Torres e Gaya (1998) descreveram o perfil dos hábitos de vida em jovens atletas praticantes de desporto de rendimento e identificaram os possíveis efeitos relacionados ao gênero, nível socioeconômico e da prática desportiva. A amostragem foi de 393 atletas praticantes de esportes coletivos e participantes da etapa final dos Jogos da Juventude de 1996. Os autores chegaram às seguintes conclusões: no que tange ao perfil dos hábitos de vida, o nível socioeconômico corresponde às classes 'A' e 'B'; as atividades realizadas no interior e exterior da moradia (estudar, escutar música, assistir televisão, conversar com amigos dentro de casa, jogar bola e conversar com os amigos fora de casa) houve pouca diversidade. Os autores destacam o fato de que o nível socioeconômico da maioria dos participantes da amostra não corresponde ao nível socioeconômico de grande parte da população brasileira, e que, desta forma, possa ocorrer outra seleção, *a priori*, daquela

inerente ao desporto de rendimento: seleção econômica. Assim, o nível socioeconômico caracteriza-se como uma variável importante no que se refere à realização de práticas esportivas.

Os estudos relatados nesta pesquisa sugerem a presença da relação entre o nível socioeconômico e os hábitos de vida dos estudantes adolescentes quanto às dimensões da organização do cotidiano, prática sócio-cultural e a prática desportiva. Estas apontam que estudantes adolescentes de nível socioeconômico mais elevado têm maiores oportunidades e melhores condições de praticar atividades esportivas.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Quanto ao nível de investigação, considera-se este estudo uma pesquisa do tipo ‘Aplicada’. Segundo Salomon (2000 p. 158), as pesquisas do tipo ‘Aplicada’ são as que se destinam a aplicar leis, teorias e modelos, na solução de problemas que exigem ação e/ou diagnóstico de uma realidade (geográfica, social, econômica, política). Geralmente essas pesquisas supõem a existência de pesquisas puras já realizadas, mas pode ocorrer que o problema específico exija um trabalho duplo: o da investigação de uma ‘microteoria’ que passará a funcionar como o quadro de referência específico e a aplicação desse quadro na ação planejada em decorrência da pesquisa. Isso é muito freqüente quando se tem que testar a validade de algum estudo realizado em locais e culturas diferentes, antes de aplicar seu corpo de informações ao caso concreto de que se ocupa uma pesquisa aplicada, como é o caso deste estudo.

Este estudo utilizou duas abordagens para análise e interpretação dos dados: a abordagem quantitativa e a qualitativa. Segundo Chizzotti (1991), a pesquisa quantitativa volta-se para a descrição, explicação e predição da realidade. A utilização de técnicas e procedimentos estatísticos permite a construção de um estudo, no qual se evite “incorrer em distorções que irão ferir a legitimidade, cientificidade e credibilidade do trabalho de investigação”.

Na análise quantitativa, os dados de hábitos de vida e traços de personalidade receberam tratamento estatístico visando mensurar as variáveis: sexo e posição em quadra. Quantificadas essas variáveis, verificou-se, a partir da análise de freqüências absolutas e

relativas, as incidências e correlações estatísticas nas variáveis de hábitos de vida: indicadores físicos (altura, peso, massa corporal), indicadores socioeconômicos (hábitos diários, cultura esportiva), atividades culturais e prática esportiva; e as incidências e correlações nas variáveis traços de personalidade: emocionalidade, extroversão, abertura, egocentrismo e autocontrole, comparando-as distintamente.

A análise qualitativa, por sua vez, foi definida como voltada para os dados produzidos pelas interações interpessoais, provenientes da co-participação das situações em que os informantes estavam envolvidos (ANDRADE, 2001). Segundo Chizzotti (1991, p. 79), o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Nas metodologias qualitativas, os sujeitos de estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual. Considera-se que, ao reduzir pessoas a agregados estatísticos, se perde de vista a natureza subjetiva do comportamento humano. Há uma possibilidade de conhecer os seres humanos e compreender como ocorre a evolução das definições de mundo destes sujeitos fazendo uso de dados descritivos derivados de registros e anotações pessoais, de falas de pessoas, de comportamentos observados (CHIZZOTTI, 1991).

Neste estudo, a análise qualitativa foi empregada na interpretação através da comparação dos dados obtidos nos questionários de hábitos de vida (Anexo 1 e 2) e traços de personalidade (Anexo 3).

Esta pesquisa caracteriza-se ainda como “Exploratória e Descritiva”. Segundo Rudio, (1982, p.73) a pesquisa exploratória é um tipo de pesquisa empírica na qual a investigação está voltada para a clarificação de conceitos existentes sobre o problema pesquisado e

possibilita a familiarização com a realidade investigada. Para Salomon (2000, p. 158), as pesquisas exploratórias e descritivas são as que têm por objetivo definir melhor o problema, proporcionar as chamadas intuições de solução, descrever comportamentos de fenômenos, definir e classificar fatos e variáveis.

Considera-se este estudo uma pesquisa exploratória porque o objetivo foi a ampliação dos conhecimentos sobre os hábitos de vida e traços de personalidade dos atletas de Santa Catarina e Oklahoma, aumentando a familiaridade com a questão pesquisada. Também é uma pesquisa descritiva, porque descreveu as características que compõem as situações e representações da realidade pesquisada. Ou seja, apresentaram-se descritivamente as principais características dos hábitos de vida e traços de personalidade dos atletas pesquisados de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA)⁶.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

3.2.1 Descrição da população

A população foi constituída por atletas, jogadores de basquetebol, masculinos e femininos, com idade de 16 a 18 anos, dos Estados de Santa Catarina (Brasil) e Oklahoma (EUA), e que pratiquem o esporte há no mínimo um ano (Tabela 1).

⁶ Não foi objeto deste estudo a análise do desempenho dos atletas, mas estabelecer um perfil dos hábitos e vida e traços de personalidade da população pesquisada. Num segundo momento, foram verificadas e comparadas as qualidades positivas, descritas Weinberg e Gould (2001), que definem a personalidade ideal de atleta, tais como: autodisciplina, autoconfiança, inteligência de jogo, controle emocional, concentração, motivação positiva, determinação, compromisso.

Tabela 1 - Descrição da população: Informações gerais de Santa Catarina e Oklahoma; estimativa da população de jogadores brasileiros e americanos, masculino e feminino

Ordem	INFORMAÇÕES GERAIS	SANTA CATARINA	OKLAHOMA**
1	EXTENSÃO TERRITORIAL	95.286,10 Km ²	109.867,20 km ²
2	POPULAÇÃO	5.356.360	3.511.532
2.1	Branco (+Hispanicos)	4.835.010 = 90,26%	2.858.387 = 81,4%
2.2	Negros/Pardos	494.984 = 9,24%	266.876 = 7,6%
2.3	Indígenas	1.515 = 0,2%	277.477 = 7,9%
3	RENDA PER CAPITA (2002)*	R\$ 9.272	US\$ 17.646
4	ESTIMATIVA POPULAÇÃO TOTAL DE JOGADORES – 16 A 18 ANOS	1.200***	8.580****
5	ESTIMATIVA POPULAÇÃO TOTAL DE JOGADORES MASCULINOS	690 = 57,5%	4.985 = 58,1%
6	ESTIMATIVA POPULAÇÃO TOTAL DE JOGADORAS FEMININAS	510 = 42,5%	3.595 = 41,9%

Fontes:

* IPEA 2002: RENDA PER CAPITA: R\$ 9.272,00 p/ano.

** Disponível em <http://quickfacts.census.gov/qfd/states/40000.htm>

*** Estimativa fornecida pela Federação Catarinense de Basketball (FBA) e Fundação Catarinense de Desportes. Disponível em <http://www.fesporte.sc.gov.br/paginasprincipais/framegeral.asp>.

**** Estimativa fornecida por *Coachesaid*. Disponível em <http://www.coachesaid.com/showclass.asp>.

3.2.2 Definição da amostra

A técnica de amostragem selecionada foi a do tipo “Probabilística Aleatória” estratificada por localização e sexo, ou seja, os sujeitos foram escolhidos ao acaso dentro do universo da população estudada. Por definição, este tipo de técnica pode originar uma generalização estatística apoiada no cálculo de probabilidades e permitir a utilização da inferência estatística (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Segundo Lakatos e Marconi (2001), na Amostragem Aleatória, a escolha de um indivíduo na população a ser estudada é aleatória ou ao acaso quando cada membro da população tem a mesma probabilidade de ser escolhido. Isto exclui, portanto, a escolha

pessoal, através da qual os elementos, por exemplo, mais cooperativos, mais inteligentes ou mais acessíveis seriam os selecionados. Em outros termos, o número requerido de indivíduos selecionados tem cada qual a mesma chance de ser escolhido que todos os outros.

O número requerido de indivíduos estudados, ou tamanho da amostra, foi determinado através do uso de fórmulas específicas para o tipo de desenho a ser utilizado (KIRKWOOD, 1990). Para satisfazer este requisito, foram adotados os conceitos da *European Society for Opinion and Marketing* (ESOMAR), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABIPEME) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que afirmam que uma pesquisa científica de método comparativo, cuja amostragem seja Probabilística Aleatória, para ser representativa, o tamanho da amostra deve ser igual ou superior a 1,5% do universo da população total pesquisada, seja ela estimada ou definida (EUROPEAN SOCIETY FOR OPINION AND MARKETING, ESOMAR, 1983) (Tabela 2).

Tabela 2 – Descrição da amostra: população dos jogadores pesquisados em Santa Catarina e Oklahoma, masculino e feminino

Ordem	INFORMAÇÕES GERAIS	SANTACATARINA	OKLAHOMA **
1	POPULAÇÃO TOTAL DE JOGADORES PESQUISADOS	157	150
1.1	Percentual sobre a Estimativa da População Total de Jogadores	13,08%	1,75%
2	POPULAÇÃO DE JOGADORES PESQUISADOS MASCULINO	76	75
2.1	Percentual sobre a Estimativa da População Total de Jogadores Masculinos	11,01%	1,50%
3	POPULAÇÃO DE JOGADORAS PESQUISADAS FEMININO	81	75
3.1	Percentual sobre a Estimativa da População Total de Jogadoras Femininas	13,72%	2,08%

3.2.2.1 Amostra de Santa Catarina (Brasil)

Jogadores de Basquetebol, de ambos os sexos, que disputam competições oficiais patrocinadas pela Federação Catarinense de Basketball, ou seja, o Campeonato Estadual Juvenil de Basquete; Fundação Catarinense de Desportos (FESPORTE), Olimpíada Estudantil de Santa Catarina (OLESC) e Joguinhos Abertos de Santa Catarina. A escolha dos pesquisados foi aleatória. A amostra de 157 jogadores pesquisados representa 13,08% sobre a estimativa da população total de jogadores de basquete no Estado de Santa Catarina com idades entre 16 a 18 anos. Os clubes e as cidades onde as amostras foram colhidas e seus respectivos percentuais de participação na pesquisa estão detalhados na Tabela 3.

Tabela 3 – Amostra dos jogadores de basquete masculino e feminino: Santa Catarina

SANTA CATARINA - MASCULINO				SANTA CATARINA - FEMININO			
CLUBE	CIDADE	AMOSTRA	%	CLUBE	CIDADE	AMOSTRA	%
Figueirense	Fpolis	23	30,3	Geração	Fpolis	24	29,6
Floripa Jr.	Fpolis	12	15,8	ADBLU	Blumenau	6	7,4
Unisul	Tubarão	13	17,2	AJAB	Jaraguá	8	9,8
APAB	Criciúma	9	11,8	Bom Jesus	Joinville	20	24,8
Ipiranga	Blumenau	10	13,1	Unisul	Tubarão	12	14,8
Bandeirante	Brusque	9	11,8	DME	Araranguá	5	6,2
				EEB	Piçarras	6	7,4
n =		76	100	n =		81	100

3.2.2.2 Amostra de Oklahoma (EUA)

Jogadores de Basquetebol, de ambos os sexos, que disputam competições oficiais entre as *high-schools* no Estado americano de Oklahoma. A escolha dos pesquisados foi aleatória. A amostra de 150 jogadores pesquisados representa 1,75% sobre a estimativa da população total de jogadores de basquete no Estado de Oklahoma com idades entre 16 a 18

anos. As escolas e as cidades onde as amostras foram colhidas e seus respectivos percentuais de participação na pesquisa estão detalhados na Tabela 4.

Tabela 4 – Amostra dos jogadores de basquete masculino e feminino: Oklahoma

OKLAHOMA - MASCULINO				OKLAHOMA - FEMININO			
ESCOLA	CIDADE	AMOSTRA	%	ESCOLA	CIDADE	AMOSTRA	%
Hutchinson	Hutchinson	19	25,4	Elliwood	Elliwood	1	1,3
Mccurtain	Mccurtain	15	20,0	Mccurtain	Mccurtain	10	13,3
Victory	Tulsa	16	21,3	Hutchinson	Hutchinson	19	25,4
Eldorado	Eldorado	5	6,7	Buhler	Hutchinson	1	1,3
Harrisburg	Harrisburg	6	8,0	Victory	Tulsa	22	29,3
Harding	Harding	13	17,3	Harrisburg	Harrisburg	7	9,4
Winfield	Winfield	1	1,3	Galatia	Galatia	1	1,3
				Eldorado	Eldorado	6	8,0
				Harding	Harding	7	9,4
				Pope County	Golconda	1	1,3
n =		75	100	n =		75	100

3.2.2.3 Constituição da amostra por sexo e posição em quadra

A constituição da amostra por sexo e posição em quadra e o número de jogadores participantes deste estudo nas frequências absoluta e relativa estão detalhados na Tabela 5.

Tabela 5 – Constituição da amostra por sexo e posição em quadra dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino

SEXO POSIÇÃO	MASCULINO				FEMININO			
	SC	%	OK	%	SC	%	OK	%
ALA	29	38,2	25	33,34	29	35,81	29	38,67
ARMADOR	25	32,9	20	26,66	25	30,86	29	38,67
PIVÔ	22	28,9	30	40	27	33,33	17	22,66
TOTAIS	76	100	75	100	81	100	75	100

Abreviaturas: SC = Santa Catarina; OK = Oklahoma.

A escolha de atletas ligados a Clubes, em Santa Catarina, e Escolas ou *High Schools*, em Oklahoma, deu-se pelo fato deles possuírem uma estrutura semelhante de Educação Física e, principalmente, por disputarem competições oficiais, em que os atletas estão envolvidos nos ambientes esportivos e competitivos. Essa justificativa atende uma das prerrogativas desta pesquisa, qual seja, a de que as interpretações sempre considerarão os atletas, tanto brasileiros como americanos, como de alto rendimento, mesmo que estes não sejam profissionais.

3.3 INSTRUMENTOS DO ESTUDO

Foram utilizados como instrumentos desta pesquisa dois questionários do tipo “Padronizado ou Estruturado”. O objetivo foi sujeitar o universo dos pesquisados às mesmas perguntas, podendo desta forma comparar as suas respostas (LAKATOS & MARCONI, 2001).

A estrutura e composição dos questionários compreendem:

- ❑ Questionários de aspectos físicos, composto por perguntas de fato: Dados pessoais, Posição em quadra, Idade, Altura, Peso, Massa Corporal (Anexo 1);
- ❑ Para Hábitos de Vida, foi empregado o questionário de Hábitos de Vida na Infância e Adolescência – EVIA (Sobral, 1989), adaptado à realidade brasileira a partir do projeto piloto realizado por Torres e Gaya (1998), como instrumento de aferição e medida para os indicadores de Hábitos de Vida. O questionário é composto por: Indicadores Socioeconômicos (critério ABIPEME): Perguntas de múltipla escolha com uma opção; Indicadores Hábitos Diários: Perguntas de múltipla escolha com uma opção; Indicadores de Cultura Esportiva e Indicadores de Atividades Culturais; Perguntas de múltipla escolha com mais de uma opção; Indicadores de Prática Esportiva Sistematizada: Perguntas abertas (Anexo 2);

- Para o teste de traços de personalidade, foi utilizado uma adaptação reduzida do NEO-PI, o *BIG FIVE TEST*. Este Teste de Personalidade tem por objetivo definir os traços de personalidade do atleta, determinando quais são seus pontos fortes e fracos, assim como suas habilidades para se relacionar com outras pessoas (DE POSADA, 2004a; 2004b). São 25 perguntas de múltipla escolha com uma opção (Anexo 3).

O Psicodiagnóstico Esportivo refere-se à avaliação de condutas, atitudes e aptidões psicológicas (incluindo pontos fortes e vulneráveis) que possibilitam aos esportistas melhorar as condições e recursos de sua prática esportiva (DE POSADA, 2004a; 2004b).

3.4 ESTUDO PILOTO

Foram realizados dois estudos pilotos com o objetivo de testar os instrumentos de pesquisa. No primeiro, os testes foram feitos em conjunto com a Rede CENESP que desenvolve o Projeto de Iniciação Esportiva (PIESP). Participaram 15 atletas de basquetebol do time juvenil do CEFID. O objetivo da pesquisa foi verificar os traços de personalidade de cada atleta. O estudo realizou-se entre maio e julho de 2004 (Anexo 4). No segundo, foram pesquisados 25 atletas de basquetebol, sendo oito da equipe masculina de Joinville, onze da equipe masculina de Blumenau e seis da equipe feminina de Blumenau, durante a realização dos XVII Joguinhos Abertos de Santa Catarina, em São José, no mês de setembro de 2004. A pesquisa teve por objetivo analisar e comparar aspectos relacionados à personalidade dos atletas de basquetebol (Anexo 5).

O dois estudos apresentaram as frequências relativas em que os níveis dos traços de personalidade incidem nos fatores de Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole. O instrumento permitiu fazer uma comparação das incidências dos níveis dos

traços de personalidade dentro de cada fator entre os grupos pesquisados. Os resultados dos ‘Estudos Pilotos’ encontram-se nos anexos 4 e 5.

Não foi realizado ‘Estudo Piloto’ com os atletas americanos, porque não havia uma pessoa responsável em Oklahoma para a distribuição dos questionários. Todavia, não houve prejuízo ao estudo, uma vez que o ‘Estudo Piloto’ aplicado em Santa Catarina permitiu que fossem feitos os ajustes necessários para a utilização adequada dos instrumentos.

3.5 COLETA DE DADOS

Em Santa Catarina, os questionários foram entregues durante os treinamentos das equipes e nos alojamentos antes de jogos do Campeonato Estadual, do Regional da OLESC e do Regional dos Joguinhos Abertos. Primeiro, os questionários foram apresentados aos técnicos e depois distribuídos aos atletas. Não houve interferência do pesquisador no preenchimento dos questionários. A coleta de dados abrangeu os municípios de Florianópolis, Piçarras, Blumenau, Joinville, Brusque, Jaraguá do Sul, Tubarão, Criciúma e Araranguá. O tempo da coleta de dados foi de Abril a Julho de 2005. Distribuídos 250 questionários; respondidos 157 questionários, sendo 76 masculinos e 81 femininos. Os questionários foram recolhidos pelo pesquisador à medida que os técnicos informavam que a maioria dos atletas o haviam preenchido; esse processo ocorreu entre os meses de maio de 2005 a agosto de 2005.

Para a distribuição dos questionários em Oklahoma, foi empreendida uma viagem ao Estado do Oklahoma (EUA), durante o mês de fevereiro de 2005, com o objetivo de entregar os questionários pessoalmente. Com a ajuda do técnico de Basquete, Rick Karr, da *ORU University*, foram visitadas, aleatoriamente, dez escolas, em dez cidades diferentes: *Elliwood, Mccurtain, Hutchinson, Tulsa, Harrisburg, Galatia, Harding, Golconda, Winfield* e *Eldorado*. Os questionários foram apresentados primeiro aos diretores de esporte e aos

técnicos de basquete da escola visitada, e depois distribuídos aos atletas. Não houve interferência do pesquisador no preenchimento do questionário. O tempo da coleta de dados foi durante o mês de fevereiro de 2005. Foram distribuídos 180 questionários; respondidos 150 questionários, sendo 75 masculinos e 75 femininos. Os questionários foram recolhidos por Rick Karr à medida que os técnicos informavam que a maioria dos atletas o haviam preenchido; esse processo ocorreu entre os meses de março de 2005 a julho de 2005.

3.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

3.6.1 Indicadores físicos

Os Indicadores Físicos foram digitados no banco de dados e transcritos do questionário sem a necessidade de codificação. Para cada variável, criou-se um arquivo específico. As Variáveis Nominais dos indicadores físicos foram classificadas por localização, sexo e posição em quadra. E Variáveis Contínuas classificadas por: altura, peso, massa corporal.

3.6.2 Indicadores socioeconômicos

Os Indicadores Socioeconômicos foram os determinadores da classe social e econômica de cada atleta pesquisado. Utilizou-se o critério de classificação econômica da ABIPEME na somatória de pontos, tanto para Santa Catarina como para Oklahoma. Para determinar a qual classe socioeconômica o atleta pertenceria, empregou-se o critério ABIPEME para Santa Catarina e GALLUP para Oklahoma. (Tabela 6).

Tabela 6 – Critérios de classificação socioeconômica – ABIPEME (Brasil) e Gallup (EUA)

Critério Brasil – ABIPEME*		Critério EUA – Gallup**	
Classe	Pontos	Classe	Pontos
A1	30 – 34	A	Acima de 35 pontos
A2	25 – 29	B	30 – 34
B1	21 – 24	C	25 – 29
B2	17 – 20	D	20 – 24
C	11 – 16	E	10 – 19
D	6 – 10	Sem classificação	–
E	0 – 5	Sem classificação	–

Fontes:

* Critério Brasil: ABIPEME. Disponível em <http://www.anep.org.br/classificacao>

** Critério EUA: The Gallup Organization. Disponível em <http://consulting.gallup.com/content/?CI=40>

A classificação do grau de instrução do chefe de família dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, junto com os critérios de classificação socioeconômica, determinou a qual classe socioeconômica o atleta pertence (Tabela 7).

Tabela 7 – Classificação do grau de instrução do chefe de família dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos

Grau de instrução do chefe de família – Pai / Mãe	Pontos
- Analfabeto / Primário incompleto	0
- Primário Completo / Ginásial Incompleto	1
- Ginásial Completo / Colegial Incompleto	2
- Colegial Completo / Superior Incompleto	3
- Superior Completo	5

A classificação dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos, por posse de bens, combinada com a classificação socioeconômica e a classificação do grau de instrução do chefe de família, determinou a qual classe socioeconômica o atleta pertence (Tabela 8).

Tabela 8 – Classificação socioeconômica por posse de bens dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos

Posse de Bens	Não tem Pontos	Tem - Pontos			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada Mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de Pó	0	1	1	1	1
Máquina de Lavar	0	1	1	1	1
Videocassete – DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer	0	1	1	1	1
Geladeira com Freezer	0	3	3	3	3
Computador	0	2	3	3	3

As Variáveis Nominais dos indicadores socioeconômicos foram classificadas: por localização e sexo. E Variáveis Ordinais classificadas por: Grau de instrução, posse de bens, classe econômica

3.6.3 Indicadores de Hábitos Vida

Para os critérios de avaliação de Hábitos de Vida, foram utilizados os indicadores do Projeto Esporte Brasil, PROESP – BR, desenvolvido pelo Setor de Pedagogia do Esporte do Centro de Excelência Esportiva (CENESP), da Secretaria Nacional de Esporte de Rendimento do Ministério do Esporte e os indicadores do EVIA.

Para os Indicadores de Hábitos Diários:

- A que horas você costuma acordar de manhã?, foram utilizados os Códigos: 1 = Antes das 6 horas; 2 = Entre 6 e 7 horas; 3 = Entre 7 e 8 horas; 4 = Entre 8 e 9 horas; 5 = Depois das 9 horas. Estes foram digitados no banco de dados, depois somados, determinando as frequências absoluta e relativa.
- A que horas você costuma dormir?, foram utilizados os Códigos: 1 = Antes das 21 horas; 2 = Entre 21 e 22 horas; 3 = Entre 22 e 23 horas; 4 = Entre 23 e 24 horas; 5 =

Depois das 24 horas. Estes foram digitados no banco de dados, depois somados, determinando as frequências absoluta e relativa.

- Nas Atividades Diárias, foram utilizados os Códigos: 1 = Muitas Vezes; 2 = Poucas Vezes; 3 = Nunca. Estes foram digitados no banco de dados, depois somados, determinando as frequências absoluta e relativa.

Para os Indicadores de Prática Esportiva Sistematizada:

- As questões tempo, frequência semanal e quantas horas por dia pratica basquete foram transcritas do questionário sem a necessidade de codificação. Estes foram digitados no banco de dados, depois somados, determinando as frequências absoluta e relativa e as médias

3.6.4 Indicadores dos Traços de Personalidade

O questionário para avaliação dos traços de personalidade é composto por 25 perguntas, extraídos do NEO-PI R, em que cada pergunta relaciona um Fator a uma escala de valores qualitativos. A psicometria é interpretada pelo pesquisado, observando uma escala de cinco variáveis: alta, alta negativa, ambivalente, baixa positiva, baixa. Preenche-se o questionário, conforme o conteúdo exposto na Figura 2.

The Big Five Locator Test - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editor Exibir Favoritos Ferramentas Ayuda

Busca Marcador Opciones Pop-ups Bloqueados (99) Hotmail Messenger Meu MSN Links

Endereço http://www.jdeposada.com/test_sp.asp?name=Osny+Raffs+3.8&email=rffsj@uol.com.br&Submit=Tomar+1a+Prueba%21

Programas Productos Clientes Prueba Psicologica Suscribirse Perfil Contactenos

Prueba de Personalidad

DR. JOACHIM DE POSADA
jdeposada.com
Atras | Pagina principal | Inglés

1. Impaciente 5 4 3 2 1 Calmado
○ ○ ○ ○ ○

2. Prefieres compania 5 4 3 2 1 Prefieres estar solo
○ ○ ○ ○ ○

3. Eres un sonador, visionario 5 4 3 2 1 Eres muy practico
○ ○ ○ ○ ○

4. Cortez, atento 5 4 3 2 1 Abrupto, brusco, precipitado
○ ○ ○ ○ ○

5. Ordenado 5 4 3 2 1 Desordenado
○ ○ ○ ○ ○

6. Cauto, precavido 5 4 3 2 1 Confiado, atrevido
○ ○ ○ ○ ○

7. Optimista 5 4 3 2 1 Pesimista
○ ○ ○ ○ ○

8. Tiendes a ser teorico 5 4 3 2 1 Tiendes a ser practico
○ ○ ○ ○ ○

9. Generoso 5 4 3 2 1 Egoista
○ ○ ○ ○ ○

10. Decidido, terminante, firme 5 4 3 2 1 Mas flexible, abierto
○ ○ ○ ○ ○

Instrucciones
En la escala numerica, indique hacia donde usted se inclina, despues de leer las palabrasque lo describen. Si usted siente que las dos descripciones aplican igualmente, marque 3.

Concluido

Inicio

Caixa de e... 3 Intern... PDF III-METOD... TESTE DE P... REVISÃO 5... INFORMAC... Documento... Adobe Res... 02:53

Figura 2 – Modelo do questionário do instrumento *Big Five Test* para a realização do teste de personalidade.
Fonte: De Posada (2005).

Após, clica-se em *submit test* e o diagnóstico é apresentado na tela posterior. Os resultados são apresentados individualmente por fatores; estes determinam os níveis ou traços. Os níveis, por sua vez, apresentam uma série de características do pesquisados, chamados de descritores de traços. No fator Emocionalidade, o resultado poderá ser o traço: elástico, respondente ou reativo. No fator Extroversão, o resultado poderá ser o traço: introvertido, ambiverto ou extrovertido. No fator abertura, o resultado poderá ser o traço: conservador, moderado ou explorador. No fator Egocentrismo, o resultado poderá ser o traço: desafiador, negociador ou adaptável. No fator autocontrole, o resultado poderá ser o traço: flexível, balanceado ou enfocado (Figura 3).

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'http://www.jdeposada.com/result_sp.asp'. The page content includes a navigation menu at the top with links for 'Programas', 'Productos', 'Clientes', 'Prueba Psicologica', 'Suscribirse', 'Perfil', and 'Contactenos'. The main heading is 'Prueba de Personalidad' followed by the name 'DR. JOACHIM DE POSADA' and the website 'jdeposada.com'. Below this, there are links for 'Atras', 'Pagina principal', and 'Inglés'.

The main content area is titled 'Resultados prueba:' and lists five personality traits with their scores and descriptions:

- Emocionalidad Negativa**: **Respondiente**. Normalmente tiende a estar calmado, seguro y estable. Algunas sorpresas, presiones, situaciones difíciles, crisis o circunstancias estresantes, pueden llevarlo a preocuparse, a enfadarse o a descorazonarse. Tiene un aguante moderado al manejar el estres.

"De apreciar la base animal de la vida, buscar valor solamente en el nivel conciente de inteligencia y esfuerzo racional, es a la larga perder el sentido cósmico de las relaciones" Lewis Mumford
- Extroversión**: **Ambiverto**. Tiende a cambiar facilmente de trabajar con otras personas a trabajar solo. Estar demasiado tiempo con otras personas o demasiado tiempo solo, le molesta. O sea, a veces prefiere estar con otras personas y otras veces prefiere estar solo.

"La soledad y la compañía de otras personas pueden turnarse: uno de ellos crea amor a la humanidad, el otro crea amor a nosotros mismos; la soledad nos releva cuando estamos hartos de estar con otros y la conversación nos releva cuando estamos hartos de estar solos, así que uno cura al otro. No hay hombre mas miserable que aquél que no sabe usar su tiempo" Seneca
- Apertura**: **Moderado**. Navega en el medio de la carretera y es bastante práctico pero esta dispuesto a considerar alternativas si suficiente evidencia es presentada. No es muy creativo o curioso pero estas cualidades de vez en cuando se hacen presentes. A veces puede adoptar una buena idea que fue creada por otra persona y expandirla o mejorarla.

"Los hombres de acción cuyas mentes estan muy ocupadas con el trabajo diario y no ven mas allá, son hombres esenciales; no podemos prescindir de ellos, sin embargo no debemos permitir que toda nuestra visión esta presa de las limitaciones que tienen los hombres de acción" Pearl S. Buck
- Egocentrismo**: **Retador**. Se relaciona con otros siendo expresivo, duro, cauteloso, persistente, muy competitivo y generalmente agresivo. Es independiente en su pensamiento, hace preguntas para proteger sus intereses propios o para asegurarse que una posición ganadora es defendida o para asegurarse que va a tener la razón y que no se prueba que está equivocado. Ganar es muy importante, quizás todo. Otros personas lo pueden percibir como hostil, rudo, egocentrico, orgulloso, testarudo, cinico, que se siente superior a otros y no trabaja en equipo.

"Creo en la hermandad de los hombres, todos los hombres, pero no creo en la hermandad de quien no quiere hermandad conmigo. Creo en tratar a la gente correctamente, pero no voy a perder mi tiempo tratando a alguien correctamente que no sabe como corresponder esa actitud" Malcolm X
- Auto control**: **Balaceado**. Tiende a mantener un buen balance entre el trabajo y la familia. Es mas equilibrado que el típico, con sus inclinaciones a ser autodidacta y al estudio.

At the bottom of the page, there is a 'Concluido' button and a taskbar showing various open applications like 'Internet E...', 'DISSERTAÇÃO...', 'III-METODOL...', 'INFORMAÇÃO...', 'Documento3...', 'REVISÃO 4 - T...', and 'Adobe Reader...'. The system clock shows '10:11'.

Figura 3 – Modelo do diagnóstico do teste de personalidade realizado pelo instrumento *Big Five Test*.
Fonte: De Posada (2005).

Para manipular o banco de dados nos indicadores de traços de personalidade foram estabelecidos códigos de localização, sexo e posição em quadra. Para os fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, as escalas dos valores qualitativos e diagnósticos do *Big Five Test* são apresentadas na Tabela 9. Estes foram digitados no banco de dados, depois somados, determinando as frequências absoluta e relativa.

Tabela 9 – Escala dos valores qualitativos e diagnósticos da personalidade nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole do *Big Five Test*

DIAGNÓSTICO – VALORES QUALITATIVOS						
FATORES	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3	FATOR 4	FATOR 5	
	EMOCIONALIDADE	EXTROVERSÃO	ABERTURA	EGOCENTRISMO	AUTOCONTROLE	
NÍVEL	(-) BAIXO	1= ELÁSTICO	1= INTROVERTIDO	1=CONSERVADOR	1 = DESAFIADOR	1 = FLEXÍVEL
	(=) MÉDIO	2=RESPONDENTE	2 = AMBIVERTIDO	2 = MODERADO	2 = NEGOCIADOR	2 = BALANCEADO
	(+) ALTO	3 = REATIVO	3=EXTROVERTIDO	3 = EXPLORADOR	3 = ADAPTÁVEL	3 = ENFOCADO

Para conhecer as qualidades positivas ou descritores de traços, Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança, Motivação dos atletas brasileiros e americanos, primeiro, baseado na literatura pesquisada, fez-se um resumo dos descritores de traços em cada nível de fator. Depois, montou-se um Banco de Dados específico por localização, sexo e posição em quadra, utilizando os mesmos códigos do NEO-PI R para cada questionário (Tabela 10). No resumo dos descritores de traços, foi verificado se essas qualidades positivas existiam. Ao serem localizadas, eram digitadas no banco de dados, depois somadas, determinando as frequências absoluta e relativa.

Tabela 10 – Equivalência das escalas dos valores qualitativos e diagnósticos da personalidade nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole entre o *Big Five Test* e o NEO-PI

DIAGNÓSTICO – VALORES QUALITATIVOS						
FATORES	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3	FATOR 4	FATOR 5	
	EMOCIONALIDADE OU ESTABILIDADE	EXTROVERSÃO	ABERTURA OU ORIGINALIDADE	EGOCENTRISMO OU AMABILIDADE	AUTOCONTROLE OU CONSCIENCIOSIDADE	
NÍVEL	(-) BAIXO	1 = (R -)	1 = (E -)	1 = (O -)	1 = (A -)	1 = (C -)
	(=) MÉDIO	2 = (R =)	2 = (E =)	2 = (O =)	2 = (A =)	2 = (C =)
	(+) ALTO	3 = (R +)	3 = (E +)	3 = (O +)	3 = (A +)	3 = (C +)

3.6.5 Tratamento estatístico

O tratamento estatístico está baseado no ‘Método Comparativo’ que tem por objetivo verificar as semelhanças e diferenças entre os grupos pesquisados com o auxílio do ‘Método Estatístico’ que consiste em reduzir os fenômenos estudados a termos quantitativos, permitindo, através da manipulação estatística, comprovar relações entre os fenômenos e obter generalizações, ocorrências ou significados destes (LAKATOS & MARCONI, 2001).

Para o tratamento estatístico, optou-se em criar um banco de dados no *Microsoft Access*, e não diretamente no SPSS 13.0 *for Windows*, em virtude da grande quantidade de informações. Com isso, assegurou-se que a base do Banco de Dados não viesse a ser corrompida pelas diversas manipulações no SPSS.

Para os Indicadores de Hábitos de Vida e Traços de Personalidade por localização, sexo, posição em quadra e geral, e também nos Indicadores Físicos de altura, peso e massa corporal, aplicou-se a estatística descritiva para obter as frequências absolutas e/ou relativas, a média, o desvio padrão, a mediana, os valores mínimo e máximo e os percentis. Para comparação entre os sujeitos pesquisados de Santa Catarina e Oklahoma, foi empregado o teste “*t*” de Student. O nível de significância é de $P < 0,05$.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Atendendo aos objetivos específicos, os resultados desta pesquisa são apresentados na seguinte ordem: a) Identificação e comparação dos hábitos de vida por sexo dos atletas de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos, incluídos os indicadores socioeconômicos, hábitos de vida e de prática esportiva sistematizada; b) Identificação e comparação dos indicadores físicos por sexo e posição em quadra; c) Identificação e comparação dos traços de personalidade por sexo e posição em quadra; d) Identificação e comparação por sexo e posição em quadra das qualidades positivas: autoconfiança, autocontrole, criatividade, combatividade, espírito de grupo, concentração, sociabilidade, liderança e motivação positiva.

4.1 MASCULINO

4.1.1 Hábitos de Vida dos atletas brasileiros e americanos

Segundo a classificação de Sobral *apud* Torres e Gaya (1998), os Hábitos de Vida ou EVIA são subdivididos em cinco indicadores: socioeconômicos; hábitos de vida; cultura esportiva; atividades culturais; e práticas esportivas sistematizadas.

4.1.1.1 Indicadores socioeconômicos

Observa-se que 81,6% dos pais dos atletas brasileiros possuem grau de instrução superior incompleto e completo, enquanto 50,7% dos pais dos atletas americanos possuem

grau de instrução incompleto ou superior. De analfabeto a colegial incompleto, os pais dos atletas brasileiros são 18,4%, e os americanos, 49,3%. Destaca-se que, entre os brasileiros, não se verificou nenhuma resposta de pais de atletas analfabetos, enquanto que 9,3% dos pais de atletas americanos são analfabetos ou com o nível primário incompleto (Tabela 11).

Tabela 11 – Comparação do grau de instrução do Pai e/ou da Mãe entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

GRAU DE INSTRUÇÃO PAI/MÃE	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA *	FR (%) ⁷	FA	FR (%)
ANALFABETO ou PRIM INCOMPLETO	0	0	7	9,3
GINASIAL INCOMPLETO	4	5,3	7	9,3
COLEGIAL INCOMPLETO	10	13,1	23	30,7
SUPERIOR INCOMPLETO	18	23,7	8	10,7
SUPERIOR COMPLETO	44	57,9	30	40
n =	76	100	75	100

O estudo indicou que a maioria dos jogadores de basquete brasileiros (68,4%) está inserida nas classes socioeconômicas A1+A2+B1, consideradas elevadas para os padrões brasileiros, enquanto a maioria dos jogadores americanos (74,7%) está inserida nas classes socioeconômicas A2+B1, consideradas ‘média’ para os padrões americanos (Tabela 12).

Tabela 12 – Comparação da classificação socioeconômica entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

CLASSE SOCIOECONÔMICA	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
A1	8	10,5	1	1,3
A2	23	30,3	22	29,4
B1	21	27,6	34	45,3
B2	14	18,4	8	10,6
C	10	13,2	10	13,4
D	0	0	0	0
n =	76	100	75	100

⁷ As abreviaturas FA e FR são, respectivamente, Freqüência Absoluta (FA), que se refere ao número de indivíduos inseridos naquela categoria, e Freqüência Relativa (FR), que se refere ao percentual de indivíduos inseridos na mesma categoria.

4.1.1.2 Indicadores de hábitos de vida

Quanto aos hábitos de acordar, a pesquisa demonstra que a maioria dos atletas brasileiros (73,7%) acorda entre antes das 6h e 7h e a maioria dos americanos (68%) acorda entre 6h e 8h (Tabela 13).

Tabela 13 – Comparação do hábito de acordar entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

HÁBITO DE ACORDAR	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Antes das 6 horas	9	11,8	5	6,7
Entre 6 e 7 horas	47	61,9	21	28
Entre 7 e 8 horas	8	10,5	30	40
Entre 8 e 9 horas	4	5,3	14	18,6
Depois das 9 horas	8	10,5	5	6,7
n =	76	100	75	100

Os hábitos de dormir concentram-se entre 22h e 24 h para a maioria dos atletas brasileiros (67,1%) como também para a maioria dos atletas americanos (77,3%) (Tabela 14).

Tabela 14 – Comparação do hábito de dormir entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

HÁBITOS DE DORMIR	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Antes das 21 horas	3	3,9	1	1,3
Entre 21 e 22 horas	14	18,4	5	6,7
Entre 22 e 23 horas	22	28,9	35	46,6
Entre 23 e 24 horas	29	38,2	23	30,7
Depois das 24 horas	8	10,6	11	14,7
n =	76	100	75	100

Quanto aos hábitos de atividades diárias, percebem-se comportamentos semelhantes entre brasileiros e americanos. A maioria dos atletas brasileiros (53,9%) respondeu que lê poucas vezes. Os americanos responderam de forma semelhante, sendo que a maioria (54,7%)

também lê poucas vezes. Destaca-se o número de atletas que nunca lê, 31,6% brasileiros e 30,6% americanos (Tabela 15).

Tabela 15 – Comparação do hábito de leitura entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

HÁBITO – LEITURA	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	11	14,5	11	14,7
Poucas Vezes	41	53,9	41	54,7
Nunca	24	31,6	23	30,6
n =	76	100	75	100

Quanto aos hábitos de estudar, a maioria dos atletas brasileiros (55,3%) respondeu que estuda poucas vezes, como também a maioria dos atletas americanos (45,3%). Porém, destaca-se que 16% dos atletas americanos responderam que nunca estudam (Tabela 16).

Tabela 16 – Comparação do hábito de estudar entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

HÁBITO – ESTUDAR	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	29	38,1	29	38,7
Poucas Vezes	42	55,3	34	45,3
Nunca	5	6,6	12	16
n =	76	100	75	100

Com relação ao hábito de jogar basquete por lazer, a maioria dos atletas brasileiros (51,3%) e dos atletas americanos (65,4%) jogam muitas vezes. A diferença entre os dois escores significa que o número de atletas americanos que jogam basquete por lazer é maior em 14,3% em relação aos brasileiros (Tabela 17).

Tabela 17 – Comparação do hábito de jogar basquete por lazer entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

HÁBITO – JOGAR BASQUETE LAZER	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	39	51,3	49	65,4
Poucas Vezes	25	32,9	19	25,3
Nunca	12	15,8	07	9,3
n =	76	100	75	100

4.1.1.3 Indicadores de cultura esportiva

Quanto aos materiais esportivos que os atletas possuem, observa-se semelhança entre os grupos pesquisados. Os itens que se destacam são: 60% dos atletas americanos possuem tabelas de basquete em casa, enquanto 39,5% dos atletas brasileiros possuem esse equipamento; a maioria dos atletas pesquisados, tanto brasileiros (97,4%) como americanos (98,7%), possuem bolas de basquete (Tabela 18).

Tabela 18 – Comparação da posse de materiais esportivos entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

Materiais de esporte que o pesquisado possui*	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Patins/roller	09	11,8	11	14,7
Bicicleta	51	67,1	50	66,7
Bola de Basquete	74	97,4	74	98,7
Bola de Handebol	04	5,2	10	13,3
Raquete de tênis	18	23,7	25	33,3
Tabela de Basquete	30	39,5	45	60
Patinete	06	7,9	12	16
Skate	24	31,6	14	18,6
Bola de Vôlei	10	13,2	21	28
Bola de Futebol	33	43,4	37	49,3
Chuteiras	21	27,6	12	16
Tênis	76	100	75	100
Outros	08	10,5	11	14,7

* Pergunta de múltipla escolha.

Com relação aos locais utilizados para as práticas esportivas, a maioria dos atletas americanos prefere praticar esportes em casa (64%), na praça (56%) e na escola (64%). A maioria dos atletas brasileiros pratica esportes em clubes esportivos (64,5%) (Tabela 19).

Tabela 19 – Comparação dos locais mais utilizados para as práticas esportivas entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

Locais mais utilizados para as práticas esportivas*	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Pátio casa ou condomínio	29	38,2	48	64
Rua/Parque/Praça	24	31,6	42	56
Quadra da Escola/Ginásio	28	36,8	48	64
Clube Esportivo	49	64,5	35	46,7
Outros	07	9,2	04	5,3
Total	137		177	
Relação atleta/local	1,8		2,36	

* Pergunta de múltipla escolha.

Sendo a pergunta de múltipla escolha é possível determinar uma relação entre o número de atletas pesquisados com o local da prática esportiva. Considerando que a somatória das respostas dos atletas brasileiros (em quais locais ele pratica esporte) totalizou 137 respostas, pode-se dizer que há 1,8 atleta praticando esporte para cada local em Santa Catarina. E considerando que a somatória das respostas dos atletas americanos (em quais locais ele pratica esporte) totalizou 177 respostas, pode-se dizer que há 2,36 atletas praticando esporte para cada local em Oklahoma.

4.1.1.4 Indicadores de prática esportiva sistematizada

Quanto ao tempo que pratica o basquete, os atletas brasileiros praticam o basquete, em média, há 4 anos (+12 -1/s= 2,42), enquanto os americanos praticam em média há 7,3 anos (+14 -2s/= 2,99) (Tabela 20).

Tabela 20 – Comparação do tempo que pratica basquete entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

Comparação do tempo que pratica basquete	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
2 meses a 1 ano	10	13,2	0	0
1 a 2 anos	13	17,1	4	5,3
3 a 4 anos	24	31,6	10	13,3
5 a 6 anos	18	23,7	13	17,3
7 a 8 anos	5	6,6	12	16
9 a 10 anos	2	2,6	20	26,7
11 a mais	2	2,6	5	6,7
Não responderam	2	2,6	11	14,7
n =	76	100	75	100
Média	4 anos		7,3 anos	
Desvio padrão	2,42		2,99	

Com relação à frequência semanal de prática do basquete, os atletas brasileiros jogam em média 4,98 vezes por semana (+7 -2/s= 1,25) e os atletas americanos jogam em média 4,86 vezes por semana (+7 -1/s= 1,27). A maioria dos atletas brasileiros (68,4%) joga entre cinco e seis vezes por semana, e a maioria dos atletas americanos (61,3%) joga entre cinco e sete vezes por semana (Tabela 21).

Tabela 21 – Comparação da frequência semanal que pratica o basquete entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

Frequência semanal de prática do basquete	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
1x	0	0	1	1,3
2x	4	5,3	0	0
3x	8	10,6	10	13,3
4x	3	3,9	7	9,4
5x	36	47,3	33	44
6x	16	21,1	4	5,3
7x	7	9,2	9	12
Não responderam	2	2,6	11	14,7
n =	76	100	75	100
Média	4,98		4,86	
Desvio padrão	1,25		1,27	

Os brasileiros treinam em média 2h e 30m por dia (+6 -1/s= 0,84), enquanto os americanos treinam em média 2h e 45m por dia (+5 -1/s= 0,95). A maioria dos atletas brasileiros (81,6%) e a maioria dos atletas americanos (68%) treinam entre duas e três horas por dia (Tabela 22).

Tabela 22 – Comparação das horas de treino diário entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

Horas de treino por dia	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
1 h	2	2,6	2	2,7
2 h	44	57,9	28	37,3
3 h	18	23,7	23	30,7
4 h	9	11,8	6	8
5 h	0	0	5	6,6
6 h	1	1,4	0	0
7 h	0	0	0	0
Não responderam	2	2,6	11	14,7
n =	76	100	75	100
Média	2,30 h p/dia		2,45 h p/dia	
Desvio padrão	0,84		0,95	

4.1.2 Indicadores físicos por posição em quadra

Altura, peso e massa corporal são os indicadores físicos dos jogadores de basquete brasileiros e americanos. As posições em quadra no basquete são: ala, armador e pivô, e cada posição foi analisada separadamente. Ao final, fez-se a comparação de todas as posições em quadra com a altura, peso e massa corporal dos jogadores brasileiros e americanos.

A Organização Mundial da Saúde (OMC) utiliza como critério para determinar o Índice de Massa Corporal⁸ ou IMC os seguintes padrões: a) Abaixo do peso: menos de 18

⁸ Fórmula de cálculo: IMC = peso dividido pela altura ao quadrado.

IMC; b) Peso normal ou ideal: entre 18 e 25 IMC; c) Acima do peso: acima de 25 IMC; d) Obeso: acima de 30 IMC.

As tabelas de frequência absoluta e frequência relativa foram suprimidas, pois o objetivo deste estudo é verificar se existem diferenças entre as médias de peso, altura e massa corporal por posição em quadra, na comparação entre os dois grupos de atletas pesquisados

4.1.2.1 ALA: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 29 brasileiros e 25 americanos. Os resultados indicam que as médias não apresentam diferenças significativas de altura, peso e massa corporal na posição ALA (Tabela 23).

Tabela 23 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ALA (masculino)

ALA	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 29	OK = 25	SC = 29	OK = 25	SC = 29	OK = 25
Mínima	1,71	1,61	57	46	17,1	15,7
25% Percentil	1,79	1,74	62,5	64	18,7	19,5
Mediana	1,84	1,82	73	72	21,5	22,1
75% Percentil	1,90	1,90	80	80,5	23,0	23,0
Máxima	2,04	2,01	100	92	24,5	26,3
Média	1,84	1,82	72,4	72,2	21,1	21,5
Desvio Padrão	0,07	0,09	10,5	11,7	2,2	2,4
Teste t (P < 0,05)	0,36		0,94		0,57	

4.1.2.2 ARMADOR: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 25 brasileiros e 20 americanos. A posição em quadra ARMADOR apresenta semelhança na média de altura e diferenças significativas nas médias de peso ($P = 0,01 < 0,05$) e, por consequência, da massa corporal (P

= 0,02 < 0,05). Significa dizer que os armadores americanos são mais fortes que os armadores brasileiros (Tabela 24).

Tabela 24 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ARMADOR (masculino)

ARMADOR	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 25	OK = 20	SC = 25	OK = 20	SC = 25	OK = 20
Mínima	1,59	1,51	42	44	16,6	17,8
25% Percentil	1,72	1,78	60	69	19,5	20,5
Mediana	1,77	1,81	70	75	21,5	23,3
75% Percentil	1,80	1,84	72,5	84,5	23,2	25,4
Máxima	1,89	1,89	82	99	26,7	29,3
Média	1,76	1,79	66,8	75,5	21,3	23,2
Desvio Padrão	0,06	0,08	9,1	13,9	2,43	3,14
Teste t (P < 0,05)	0,23		0,01		0,02	

4.1.2.3 PIVÔ: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 22 brasileiros e 30 americanos. Os resultados apontam que as médias não apresentam diferenças significativas. No entanto, os pivôs americanos, em média, são cinco quilos mais pesados que os brasileiros, refletindo no IMC. O teste *t* indica índices bem próximos ao nível de significância ($P < 0,05$) para o indicador peso ($P = 0,06$) e massa corporal ($P = 0,06$) (Tabela 25).

Tabela 25 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de PIVÔ (masculino)

PIVÔ	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 22	OK = 30	SC = 22	OK = 30	SC = 22	OK = 30
Mínima	1,71	1,77	60	59	17,4	18,8
25% Percentil	1,88	1,82	73	79	20,1	22,8
Mediana	1,91	1,86	82	86	21,7	24,0
75% Percentil	1,96	1,93	89	98	24,9	25,3
Máxima	2,02	2,13	110	110	30,4	31,5
Média	1,91	1,89	83,2	87,2	22,6	24,3
Desvio Padrão	0,07	0,09	14,0	12,5	3,4	2,7
Teste t (P < 0,05)	0,38		0,06		0,06	

4.1.2.4 TODAS AS POSIÇÕES: altura, peso e massa corporal

O número total de atletas pesquisados foram 76 brasileiros e 75 americanos. A análise descritiva de todas as posições indica que a média de altura é semelhante entre os grupos pesquisados. Com relação ao peso e massa corporal, a análise apresenta diferenças significativas, sendo os americanos, em média, 5,2 quilos mais pesados que os brasileiros, refletindo no índice de massa corporal, com uma diferença a favor dos atletas americanos, em média, de 2,4 (IMC). Como a média do IMC está dentro do peso normal ou ideal, significa dizer que os atletas americanos são mais fortes que os atletas brasileiros (Tabela 26).

Tabela 26 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos em TODAS AS POSIÇÕES (masculino)

Todas as posições	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 76	OK = 75	SC = 76	OK = 75	SC = 76	OK = 75
Mínima	1,59	1,51	42	44	16,6	15,7
25% Percentil	1,78	1,80	65	72	19,6	21,3
Mediana	1,83	1,83	73	79	21,5	22,9
75% Percentil	1,90	1,89	81	88	23,2	24,8
Máxima	2,04	2,13	110	110	30,4	31,5
Média	1,84	1,84	73,7	78,9	21,6	24,0
Desvio Padrão	0,09	0,10	12,8	14,2	2,7	2,9
Teste t (P < 0,05)	0,79		0,02		0,03	

4.1.3 Traços de personalidade dos atletas brasileiros e americanos

Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole são os fatores que compõem os traços de personalidade. Esses fatores foram analisados estatisticamente pelas frequências absolutas (FA) e frequências relativas (FR), por posição em quadra e em todas as posições. Os resultados são apresentados por níveis (traços) dos fatores. As semelhanças e as diferenças dos traços de personalidade dos atletas brasileiros e americanos são identificadas através da comparação do volume de frequências em cada nível.

4.1.3.1 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis, na posição de ALA

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 29 brasileiros e 25 americanos (Tabela 27). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, os alas brasileiros e americanos apresentam semelhança no traço respondente e diferenças nos traços elástico e reativo de personalidade. A maioria dos alas brasileiros (55,2%) e americanos (52%) possuem o traço respondente de personalidade. Os alas brasileiros (37,9%) possuem maior presença do traço

elástico de personalidade que e os alas americanos (32%). A minoria dos alas brasileiros (6,9%) e americanos (16%) apresentam o traço reativo de personalidade, presença maior do traço reativo nos alas americanos.

Na avaliação do fator “Extroversão”, os alas brasileiros e americanos apresentam semelhanças no traço ambiverto e diferenças nos traços introvertido e extrovertido de personalidade. A maioria dos alas brasileiros (51,7%) e dos alas americanos (52%) possuem o traço ambiverto de personalidade. Os alas americanos (20%) apresentam maior presença do traço introvertido de personalidade que os alas brasileiros (10,4%). No traço extrovertido, ocorre o inverso, os alas brasileiros têm maior presença do traço extrovertido de personalidade (37,9%) que os alas americanos (28%).

Na avaliação do fator “Abertura”, os alas brasileiros e americanos apresentam semelhança no traço conservador e diferenças nos traços moderado e explorador de personalidade. A maioria dos alas brasileiros (55,2%) e americanos (48%) apresentam o traço moderado de personalidade, presença maior do traço moderado nos alas brasileiros. Os alas brasileiros (24,1%) possuem maior presença do traço conservador de personalidade que os alas americanos (20%). Os alas americanos (32%) possuem presença maior do traço explorador de personalidade que os alas brasileiros (20,7%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, os alas brasileiros e americanos apresentam grandes diferenças nos traços desafiador, negociador e adaptável de personalidade. Os alas americanos (52%) possuem maior presença do traço negociador de personalidade que os alas brasileiros 41,4%. No traço desafiador de personalidade, os alas brasileiros são minoria (5,9%) enquanto os americanos são 36%, presença maior do traço desafiador nos alas americanos. No traço adaptável de personalidade, os alas brasileiros são maioria (51,7%) e os americanos, 12%, presença maior do traço adaptável nos alas brasileiros.

Na avaliação do fator “Autocontrole”, os alas brasileiros e americanos apresentam semelhanças nos traços flexível e enfocado e diferença no traço balanceado de personalidade. Os alas americanos (48%) apresentam maior presença do traço balanceado de personalidade que os alas brasileiros (41,4%). O traço flexível de personalidade apresenta semelhança entre os alas brasileiros (27,6%) e os alas americanos (24%). O traço enfocado de personalidade apresenta semelhança entre os alas brasileiros (31%) e os alas americanos (28%).

Tabela 27 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ALA (masculino)

ALA – FATORES	SANTA CATARINA (n=29)						OKLAHOMA (n=25)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	11	37,9	16	55,2	02	6,9	08	32	13	52	04	16
EXTROVERSÃO (E)	03	10,4	15	51,7	11	37,9	05	20	13	52	07	28
ABERTURA (O)	07	24,1	16	55,2	06	20,7	05	20	12	48	08	32
EGOCENTRISMO (A)	02	6,9	12	41,4	15	51,7	09	36	13	52	03	12
AUTOCONTROLE (C)	08	27,6	12	41,4	09	31	06	24	12	48	07	28

As variações dos traços de personalidade dos jogadores brasileiros e americanos da posição ALA, apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura e Autocontrole, encontrando quase uma igualdade nos níveis dos traços respondente (Emocionalidade) e ambiverto (Extroversão); e uma tendência à diferença no fator Egocentrismo, sendo opostas nos níveis dos traços desafiador e adaptável (Gráfico 1)

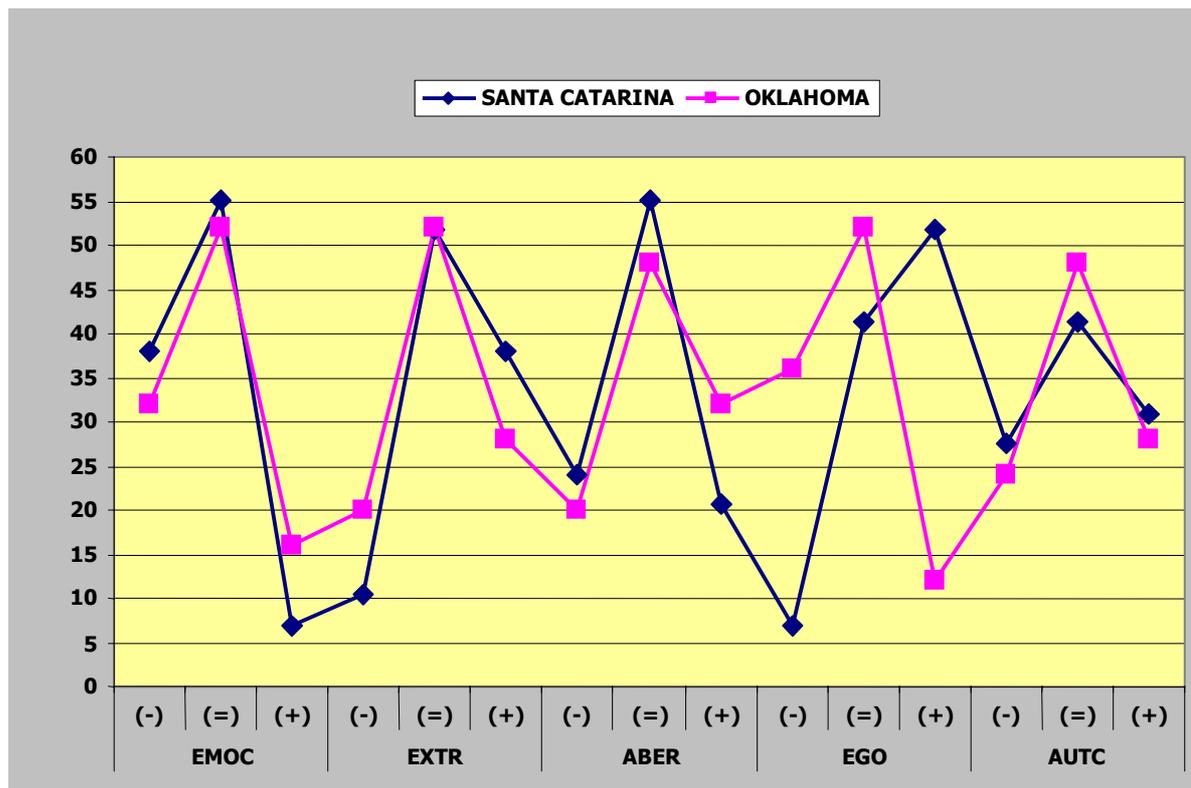


Gráfico 1 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ALA (masculino)

4.1.3.2 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis, na posição de ARMADOR

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 25 brasileiros e 20 americanos (Tabela 28). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, os armadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços. A maioria dos armadores brasileiros (52%) e americanos (70%) apresentam o traço respondente de personalidade, maior presença do traço respondente nos armadores americanos. Os armadores brasileiros (32%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade que os armadores americanos (25%). A minoria dos armadores brasileiros (16%) e americanos (5%) apresentam o traço reativo de personalidade, maior presença do traço reativo nos armadores brasileiros.

Na avaliação do fator “Extroversão”, os armadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os armadores americanos (65%) possuem maior presença do traço ambiverto de personalidade que os armadores brasileiros (40%). Os armadores americanos (15%) apresentam maior presença do traço introvertido de personalidade que os armadores brasileiros (4%). Os armadores brasileiros (56%) apresentam presença maior do traço extrovertido que os armadores americanos (20%).

Na avaliação do fator “Abertura”, os armadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os armadores americanos (70%) apresentam maior presença do traço moderado de personalidade que os armadores brasileiros (56%). Os armadores brasileiros (20%) possuem maior presença do traço conservador de personalidade que os armadores americanos (15%). Os armadores brasileiros (24%) apresentam maior presença do traço explorador de personalidade que os armadores americanos (15%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, os armadores brasileiros e americanos apresentam grandes diferenças em todos os traços de personalidade. Os armadores brasileiros (52%) apresentam maior presença do traço negociador de personalidade que os armadores americanos (20%). No traço desafiador de personalidade, verifica-se a maior diferença, os armadores brasileiros são minoria (8%) e os armadores americanos são maioria (50%). Os armadores brasileiros (40%) apresentam maior presença do traço adaptável que os armadores americanos (30%).

Na avaliação do fator “Autocontrole”, os armadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os armadores americanos (40%) possuem maior presença do traço balanceado de personalidade que os armadores brasileiros (28%). Os armadores americanos (35%) apresentam maior presença do traço flexível de personalidade que os armadores brasileiros (24%). Os armadores brasileiros (48%) possuem maior presença do traço enfocado de personalidade que os armadores americanos (25%).

Tabela 28 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de ARMADOR (masculino)

ARMADOR – FATORES	SANTA CATARINA (n=25)						OKLAHOMA (n=20)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	08	32	13	52	04	16	05	25	14	70	01	05
EXTROVERSÃO (E)	01	04	10	40	14	56	03	15	13	65	04	20
ABERTURA (O)	05	20	14	56	06	24	03	15	14	70	03	15
EGOCENTRISMO (A)	02	08	13	53	10	40	10	50	04	20	06	30
AUTOCONTROLE (C)	06	24	07	28	12	48	07	35	08	40	05	25

As variações dos traços de personalidade dos jogadores brasileiros e americanos da posição ARMADOR apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Emocionalidade e Abertura; e uma tendência à diferença nos fatores Extroversão, Egocentrismo e Autocontrole, sendo oposto no nível do traço extrovertido (Extroversão); nos níveis dos traços desafiador e negociador (Egocentrismo); e nos níveis dos traços flexível, balanceado e enfocado (Autocontrole) (Gráfico 2).

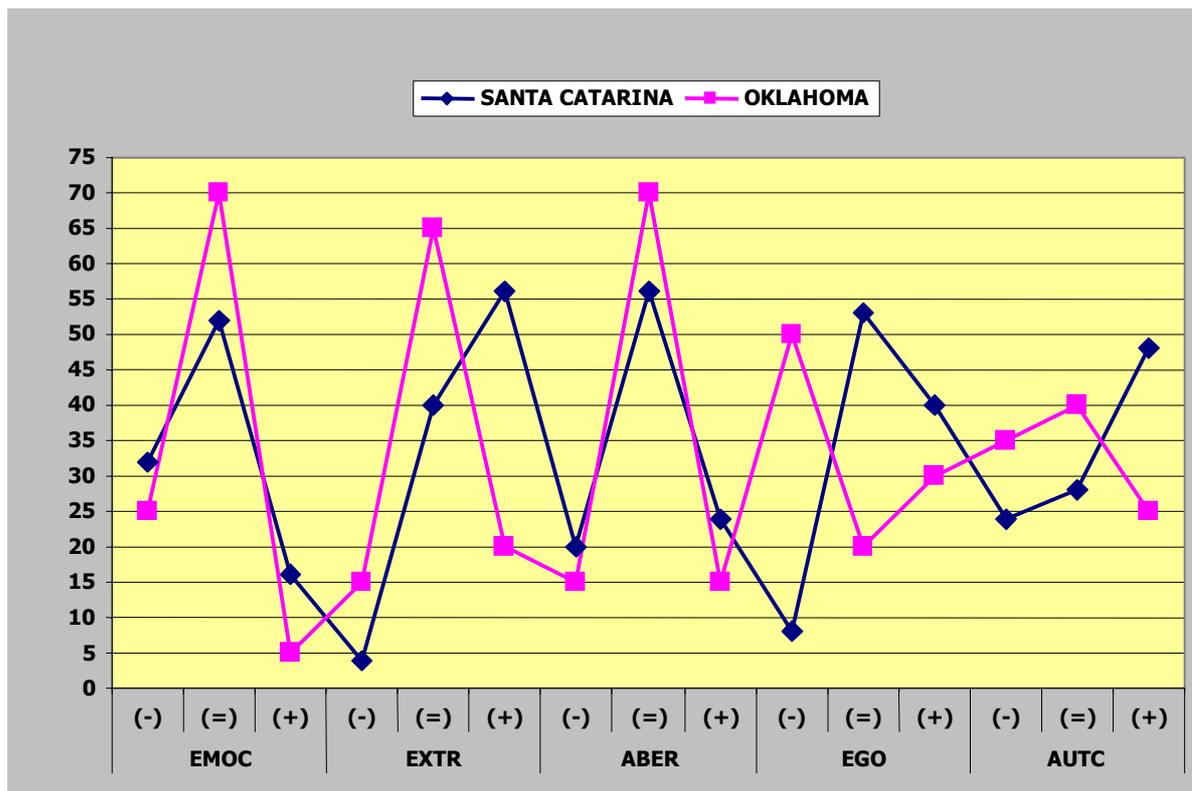


Gráfico 2 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ARMADOR (masculino)

4.1.3.3 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis, na posição de PIVÔ

O número de atletas pesquisados nesta posição foram 22 brasileiros e 30 americanos (Tabela 29). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, os pivôs brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os pivôs brasileiros (45,4%) apresentam maior presença do traço respondente de personalidade que os pivôs americanos (36,7%). Os pivôs americanos (46,7%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade que os pivôs brasileiros (27,3%). Os pivôs brasileiros (27,3%) apresentam maior presença do traço reativo de personalidade que os pivôs americanos (16,6%).

Na avaliação do fator “Extroversão”, os pivôs brasileiros e americanos apresentam semelhança no traço introvertido e diferenças nos traços ambiverto e extrovertido de

personalidade. Os pivôs americanos (63,3%) apresentam maior presença do traço ambiverto de personalidade que os pivôs brasileiros (40,9%). O traço introvertido de personalidade apresenta semelhança entre os pivôs brasileiros (9,1%) e americanos (10%). Os pivôs brasileiros (50%) têm maior presença do traço extrovertido de personalidade que os pivôs americanos (26,7%).

Na avaliação do fator “Abertura”, os pivôs brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os pivôs brasileiros (59,1%) apresentam maior presença do traço moderado de personalidade que os pivôs americanos (40%). Os pivôs americanos (23,3%) possuem maior presença do traço conservador de personalidade que os dos pivôs brasileiros (18,2%). Os pivôs americanos (36,7%) apresentam maior presença do traço explorador de personalidade que os pivôs brasileiros (22,7%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, os pivôs brasileiros e americanos apresentam semelhança no traço adaptável e diferenças nos traços negociador e desafiador de personalidade. Os pivôs brasileiros (50%) possuem maior presença do traço negociador que os pivôs americanos (40%). Os pivôs americanos (33,3%) apresentam maior presença do traço desafiador de personalidade que os pivôs brasileiros (9,1%). Os pivôs brasileiros (40,9%) e os pivôs americanos (36,7%) possuem o traço adaptável de personalidade, apresentando uma tendência à semelhança neste traço.

Na avaliação do fator “Autocontrole”, os pivôs brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os pivôs brasileiros (59,1%) apresentam maior presença do traço balanceado de personalidade que os pivôs americanos (40%). Os pivôs americanos (33,3%) possuem maior presença do traço flexível de personalidade que os pivôs brasileiros (27,3%). Os pivôs americanos (26,7%) apresentam maior presença do traço enfocado de personalidade que os pivôs brasileiros (13,6%).

Tabela 29 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos na posição de PIVÔ (masculino)

PIVÔ – FATORES	SANTA CATARINA (n=22)						OKLAHOMA (n=30)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	06	27,3	10	45,4	06	27,3	14	46,7	11	36,7	05	16,6
EXTROVERSÃO (E)	02	9,1	09	40,9	11	50	03	10	19	63,3	08	26,7
ABERTURA (O)	04	18,2	13	59,1	05	22,7	07	23,3	12	40	11	36,7
EGOCENTRISMO (A)	02	9,1	11	50	09	40,9	10	33,3	12	40	08	26,7
AUTOCONTROLE (C)	06	27,3	13	59,1	03	13,6	10	33,3	12	40	08	26,7

As variações dos traços de personalidade dos jogadores brasileiros e americanos da posição de PIVÔ apresentam uma tendência à semelhança apenas no fator Abertura, apesar das linhas se encontrarem no nível de traço introvertido (Extroversão); e uma tendência à diferença nos fatores Emocionalidade, Extroversão, Egocentrismo e Autocontrole, sendo oposta no nível do traço elástico (Emocionalidade), no traço extrovertido (Extroversão), no traço desafiador (Egocentrismo) e no traço balanceado (Autocontrole) (Gráfico 3).

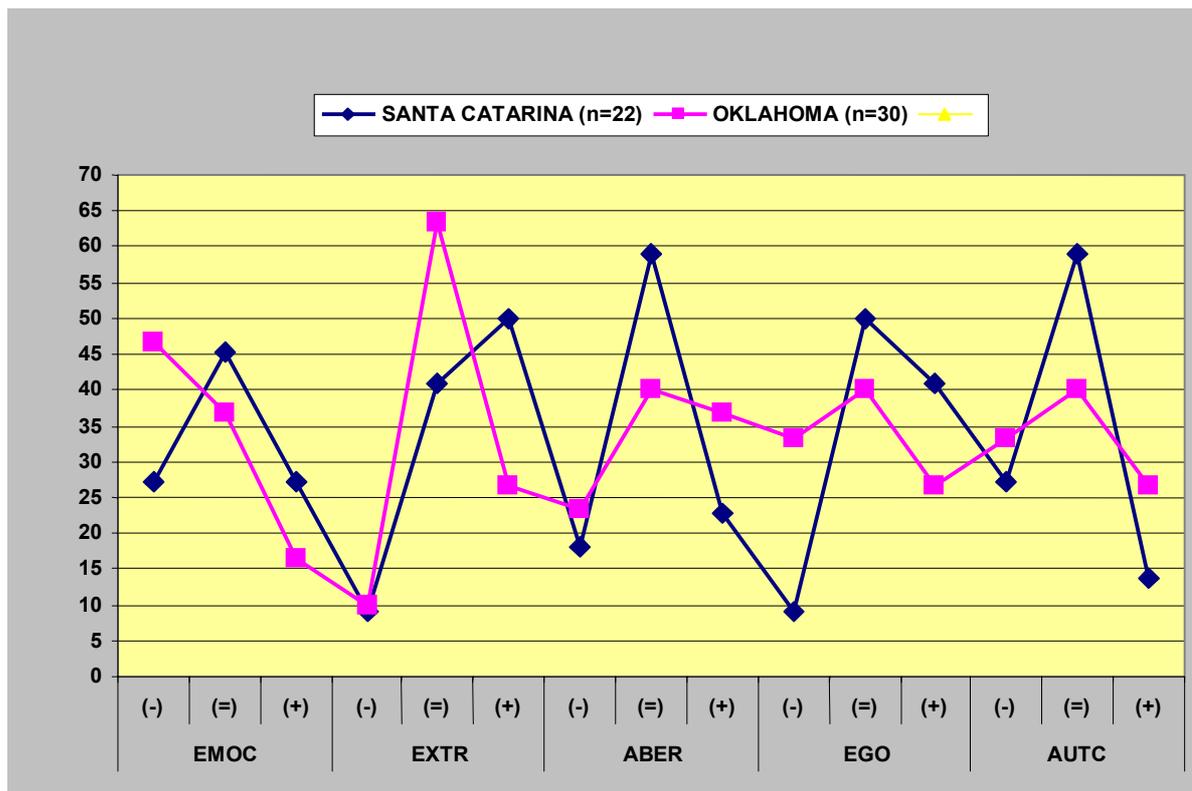


Gráfico 3 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de PIVÔ (masculino)

4.1.3.4 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis, em TODAS AS POSIÇÕES

O número total de atletas pesquisados foi 76 brasileiros e 75 americanos (Tabela 30). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, os jogadores brasileiros e americanos apresentam semelhanças em todos os traços de personalidade. A maioria dos jogadores brasileiros (51,3%) e americanos (52%) apresentam o traço respondente de personalidade. Os jogadores brasileiros (32,9%) e os jogadores americanos (34,7%) apresentam o traço elástico de personalidade. A minoria dos jogadores brasileiros (15,8%) e americanos (13,3%) possuem o traço reativo de personalidade. O fator “Emocionalidade” é aquele que apresenta o maior semelhança de comportamento entre todos os fatores.

Na avaliação do fator “Extroversão”, os jogadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os jogadores americanos (61,3%) possuem maior presença do traço ambiverto de personalidade que os jogadores brasileiros (44,7%). Os jogadores americanos (13,3%) apresentam maior presença do traço introvertido de personalidade que os jogadores brasileiros (7,9%). Os jogadores brasileiros (47,4%) possuem maior presença do traço extrovertido de personalidade que os jogadores americanos (25,4%).

Na avaliação do fator “Abertura”, os jogadores brasileiros e americanos apresentam semelhanças nos traços moderado e conservador e diferença no traço explorador de personalidade. A maioria dos jogadores brasileiros (56,6%) e americanos (52%) apresentam o traço moderado de personalidade. Os jogadores brasileiros (21%) e americanos (18,7%) apresentam o traço conservador de personalidade. Os jogadores americanos (29,3%) possuem maior presença do traço explorador de personalidade que os jogadores brasileiros (22,4%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, os jogadores brasileiros e americanos apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. Os jogadores brasileiros (47,4%) apresentam maior presença do traço negociador de personalidade que os jogadores americanos (40%). Os jogadores americanos 37,3% possuem maior presença do traço desafiador de personalidade que os jogadores brasileiros (7,9%). Os jogadores brasileiros (44,7%) possuem presença maior do traço adaptável de personalidade que os jogadores americanos (22,7%).

Na avaliação do fator “Autocontrole”, os jogadores brasileiros e americanos apresentam semelhanças em todos os traços de personalidade. A maioria dos jogadores brasileiros (42,1%) e americanos (44%) apresentam o traço balanceado de personalidade. Os jogadores brasileiros (26,3%) e os jogadores americanos (29,3%) possuem o traço flexível de personalidade. Os jogadores brasileiros (31,6%) e os jogadores americanos (26,7%) possuem o traço enfocado de personalidade.

Tabela 30 – Comparação dos fatores de personalidade, Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos em TODAS AS POSIÇÕES (masculino)

TODAS AS POSIÇÕES	SANTA CATARINA (n=76)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE				
ELÁSTICO	25	32,9	26	34,7
RESPONDENTE	39	51,3	39	52
REATIVO	12	15,8	10	13,3
EXTROVERSÃO				
INTROVERTIDO	06	7,9	10	13,3
AMBIVERTO	34	44,7	46	61,3
EXTROVERTIDO	36	47,4	19	25,4
ABERTURA				
CONSERVADOR	16	21	14	18,7
MODERADO	43	56,6	39	52
EXPLORADOR	17	22,4	22	29,3
EGOCENTRISMO				
DESAFIADOR	06	7,9	28	37,3
NEGOCIADOR	36	47,4	30	40
ADAPTÁVEL	34	44,7	17	22,7
AUTOCONTROLE				
FLEXÍVEL	20	26,3	22	29,3
BALANCEADO	32	42,1	33	44
ENFOCADO	24	31,6	20	26,7

As variações dos traços de personalidade dos jogadores brasileiros e americanos em TODAS AS POSIÇÕES apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Emocionalidade, Abertura e Autocontrole, chegando muito próximas nos níveis dos traços elástico, respondente, reativo (Emocionalidade), conservador (Abertura) e balanceado (Autocontrole); e uma tendência à diferença nos fatores Extroversão e Egocentrismo, sendo oposta no nível do traço extrovertido (Extroversão) e no traço desafiador e adaptável (Egocentrismo) (Gráfico 4).

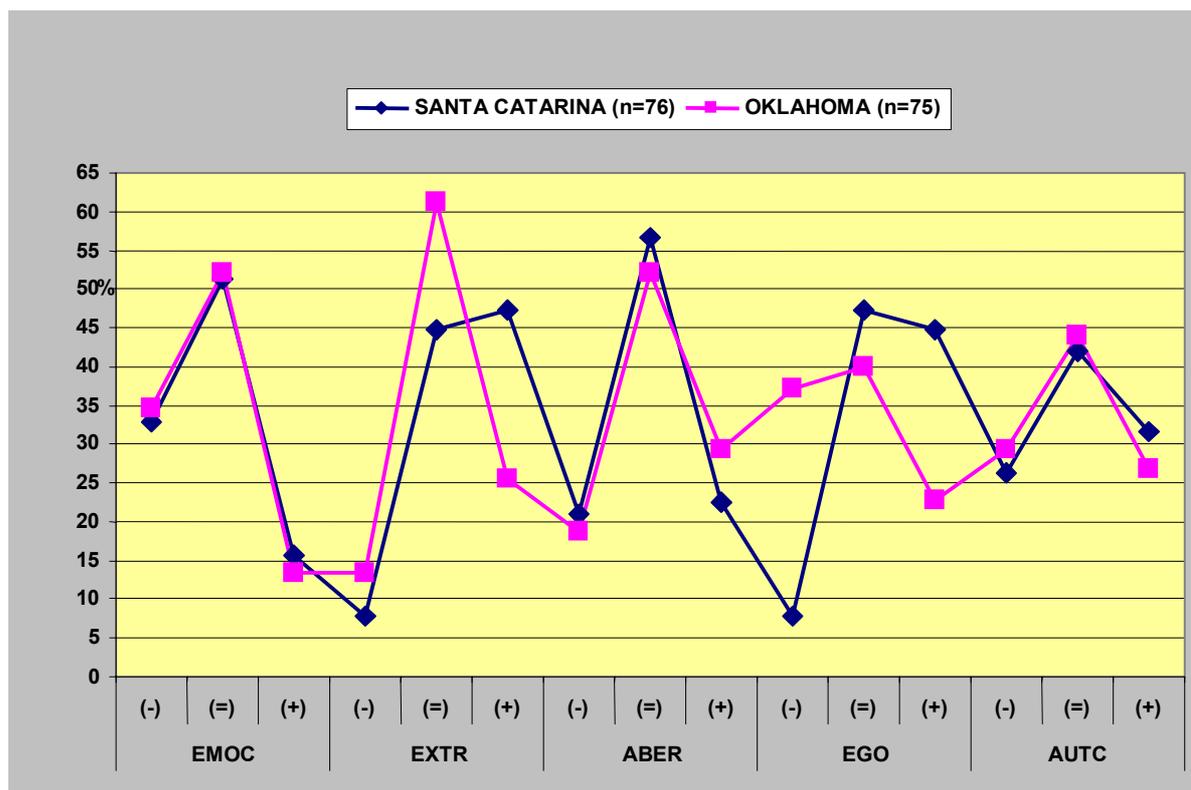


Gráfico 4 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, analisados nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole em TODAS AS POSIÇÕES (masculino)

4.1.4 Qualidades positivas Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de Grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança e Motivação dos atletas brasileiros e americanos

Neste estudo foram verificadas se as qualidades positivas Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de Grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança e Motivação estão localizadas nos descritores dos fatores do NEO PI, de McCrae e Costa (2001), e do *Big Five Test*, de De Posada (2004a; 2004b). Essas qualidades positivas, descritas na literatura revisada, foram localizadas nos seguintes fatores e níveis dos traços de personalidade:

- ❑ O traço de personalidade ‘autoconfiança’ foi localizado no fator Emocionalidade, no nível elástico; no fator Extroversão, no nível extrovertido; no fator Egocentrismo, no nível desafiador.
- ❑ O traço de personalidade ‘autocontrole’ foi localizado no fator Emocionalidade, no nível elástico; e no fator Autocontrole, no nível enfocado.
- ❑ O traço de personalidade ‘criatividade’ foi localizado no fator Extroversão, no nível extrovertido; no fator Abertura, no nível explorador; e no fator Autocontrole, no nível flexível.
- ❑ O traço de personalidade ‘combatividade’ foi localizado no fator Extroversão, no nível extrovertido; no fator Egocentrismo, no nível desafiador; e no fator Autocontrole, no nível enfocado.
- ❑ O traço de personalidade ‘espírito de grupo’ foi localizado no fator Extroversão, no nível extrovertido; e no fator Egocentrismo, no nível adaptável.
- ❑ O traço de personalidade ‘concentração’ foi localizado no fator Emocionalidade, no nível elástico; e no fator Autocontrole, no nível enfocado.
- ❑ O traço de personalidade ‘sociabilidade’ foi localizado no fator Extroversão, no nível extrovertido; e no fator Autocontrole, no nível flexível.
- ❑ O traço de personalidade ‘liderança’ foi localizado no fator Emocionalidade, no nível elástico; no fator Extroversão, no nível extrovertido; e no fator Egocentrismo, no nível desafiador.
- ❑ O traço de personalidade ‘motivação’ foi localizado no fator egocentrismo, no nível desafiador; e no fator autocontrole, no nível enfocado (Quadro 5).

CGF	EMOCIONALIDADE –	EXTROVERTIDO	ABERTURA	EGOCENTRISMO	AUTOCONTROLE
NÍVEIS	(-) BAIXO	ELÁSTICO	CONSERVADOR	DESAFIADOR	FLEXÍVEL
		<ul style="list-style-type: none"> - ESTABILIDADE EMOCIONAL - BAIXO NÍVEL DE ANSIEDADE - RACIONAL - CALMO - CONCENTRADO - CORAJOSO - PROFUNDO À LIDERANÇA - CONTROLADO - AUTOCONFIANTE 	<ul style="list-style-type: none"> - DESCONFIA DO - FECHADO - CONSERVADOR - RESISTENTE À MUDANÇAS - PRÁTICO - OBJETIVO - PERFECCIONISTA - PROTECTOR - EFICIENTE 	<ul style="list-style-type: none"> - TÊM IDÉIAS PRÓPRIAS - ESPÍRITO DE LIDERANÇA - NARCISISTA - PERSONALIDADE INDEPENDENTE - AUTOCONFIANTE - COMBATIVO - PERSISTENTE - MOTIVADO - INDIVIDUALISTA – EGOÍSTA - QUESTIONADOR - REJEITADOR 	<ul style="list-style-type: none"> - NEGLIGENTE - SUBJETIVO - RELAXADO - ESPONTÂNEO - CRIATIVO - SOCIÁVEL - MULTITAREFA - DISTRÁIDO - DESORGANIZADO - DESISTE FÁCIL
NÍVEIS	(1) MÉDIO	RESPONDENTE	MODERADO	NEGOCIADOR	BALANCEADO
		<ul style="list-style-type: none"> - TENDE A SER CALMO, SEGURO E ESTÁVEL. MAS EM CRÍSE OU SITUAÇÕES DIFÍCEIS, PODE LEVÁ-LO A PREOCUPAÇÃO, IRRITAÇÃO OU DESENCORAJAMENTO - DESLIGADO EMOCIONALMENTE - DISTANCIAMENTO - PERCEPTIVO - REALISTA 	<ul style="list-style-type: none"> - DESATENTO - FÁCIL DE SE ENTEDIAR - CAUTELOSO 	<ul style="list-style-type: none"> - ADAPTA-SE ENTRE A LIDERANÇA E SUBORDINAÇÃO - CONFIANTE - MALEÁVEL - AFÁVEL - ACESSÍVEL - ARGUMENTATIVO - TOLERANTE 	<ul style="list-style-type: none"> - OSCILA ENTRE FLEXÍVEL E ENFOCADO - PODE DESISTIR DIANTE DE DIFICULDADES - ALGUMA ORGANIZAÇÃO - PENSATIVO
NÍVEIS	(+) ALTO	REATIVO	EXPLORADOR	ADAPTÁVEL	ENFOCADO
		<ul style="list-style-type: none"> - ANSIEDADE – TENS - HOSTILIDADE – RAIVA - DEPRESSIVO - TENDE À FRUSTRAÇÃO - MAU HUMOR – IRRITADO - REDUZIDA CAPACIDADE COGNITIVA - RUIM PARA TOMAR DECISÕES - DESENCORAJADO - ENVERGONHADO - CONSTRANGIDO - IMPULSIVO - INCAPAZ DE LIDAR COM O STRESSE - PESSIMISTA 	<ul style="list-style-type: none"> - FLEXÍVEL DE PENSAMENTO - APRECIA AS MUDANÇAS - CURIOSO - INDIVIDUALISTA - IMAGINATIVO - CRIATIVO - LIBERAL - GOSTA DE VARIEDADE - PERCEPTIVO - SONHADOR - NÃO ATENTO AOS DETALHES - POUCO PRÁTICO - VISÃO LARGA 	<ul style="list-style-type: none"> - PERSONALIDADE DEPENDENTE - SUBMISSO - HUMILDE - HARMONIOSO - SEMPRINCÍPIOS - EVITA CONFLITOS - TRABALHA BEM EM EQUIPE E TEM ESPÍRITO DE GRUPO 	<ul style="list-style-type: none"> - RESPONSÁVEL - CONFIÁVEL - PERSEVERANTE - COMBATIVO - TENDÊNCIA À HONESTIDADE - ORGANIZADO - CONTROLADO - FOCADO - CONCENTRADO - METICULOSO - MOTIVADO

Quadro 5 – Localização das qualidades positivas nos níveis dos traços de personalidade

Os traços das qualidades positivas foram analisados estatisticamente pelas frequências absolutas (FA) e frequências relativas (FR). As totalizações, por posição em quadra e em todas as posições, não podem ser consideradas, porque cada qualidade positiva é descrita em mais de um fator. Com isso, há multiplicidade de respostas, ou seja, há jogadores que apresentam descritores em um ou mais fatores e em um ou mais níveis de fatores. As qualidades positivas foram analisadas exclusivamente no critério de todas as posições.

Autoconfiança: no nível elástico, os jogadores americanos (36%) possuem maior presença do traço autoconfiança que os jogadores brasileiros (36%). No nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço autoconfiança que os jogadores americanos (25%). No nível desafiador, os jogadores americanos (37%) possuem maior presença do traço autoconfiança que os jogadores brasileiros (8%) (Tabela 31).

Tabela 31 – Comparação do Traço autoconfiança entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

AUTO CONFIANÇA	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	11	37	8	32	6	27	14	47	8	32	5	25	25	33	27	36
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
DESAFIADOR	2	7	8	32	2	9	10	33	2	8	10	50	6	8	28	37

Autocontrole: no nível elástico, os jogadores americanos (36%) possuem maior presença do traço autocontrole que os jogadores brasileiros (33%). No nível enfocado, os jogadores brasileiros (32%) possuem maior presença do traço autocontrole que os jogadores americanos (27%) (Tabela 32).

Tabela 32 – Comparação do Traço autocontrole entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

AUTO CONTROLE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	11	37	8	32	6	27	14	47	8	32	5	25	25	33	27	36
ENFOCADO	9	31	7	28	3	14	8	27	12	48	5	25	24	32	20	27

Criatividade: no nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço criatividade que os jogadores americanos (25%). No nível explorador, os jogadores americanos (29%) apresentam maior presença do traço criatividade que os jogadores brasileiros (22%). No nível flexível, os jogadores americanos (31%) possuem maior presença do traço criatividade que os jogadores brasileiros (26%) (Tabela 33).

Tabela 33 – Comparação do Traço criatividade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

CRIATIVI DADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
EXPLORADOR	6	21	8	32	5	23	11	37	6	24	3	15	17	22	22	29
FLEXÍVEL	8	27	6	24	6	27	10	33	6	24	7	35	20	26	23	31

Combatividade: no nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço combatividade que os jogadores americanos (25%). No nível desafiador, os jogadores americanos (37%) possuem maior presença do traço combatividade que os jogadores brasileiros (8%). No nível enfocado, os jogadores brasileiros (32%) possuem maior presença do traço combatividade que os jogadores americanos (27%) (Tabela 34).

Tabela 34 – Comparação do Traço combatividade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

COMBATIV IDADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
DESAFIADOR	2	7	8	32	2	9	10	33	2	8	10	50	6	8	28	37
ENFOCADO	9	31	7	28	3	14	8	27	12	48	5	25	24	32	20	27

Espírito de Grupo: no nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço espírito de grupo que os jogadores americanos (25%). No nível adaptável, os jogadores brasileiros (45%) apresentam maior presença do traço espírito de grupo que os jogadores americanos (23%) (Tabela 35).

Tabela 35 – Comparação do Traço espírito de grupo entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

ESPÍRITO DE GRUPO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
ADAPTÁVEL	15	52	3	12	9	41	8	27	10	40	6	30	34	45	17	23

Concentração: no nível elástico, os jogadores americanos (36%) possuem maior presença do traço concentração que os jogadores brasileiros (33%). No nível enfocado, os jogadores brasileiros (32%) possuem maior presença do traço concentração que os jogadores americanos (27%) (Tabela 36).

Tabela 36 – Comparação do Traço concentração entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

CONCEN TRAÇÃO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	11	37	8	32	6	27	14	47	8	32	5	25	25	33	27	36
ENFOCADO	9	31	7	28	3	14	8	27	12	48	5	25	24	32	20	27

Sociabilidade: no nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço sociabilidade que os jogadores americanos (25%). No nível flexível, os jogadores americanos (31%) possuem maior presença do traço sociabilidade que os jogadores brasileiros (26%) (Tabela 37).

Tabela 37 – Comparação do Traço sociabilidade entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

SOCIABILIDADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
FLEXÍVEL	8	27	6	24	6	27	10	33	6	24	7	35	20	26	23	31

Liderança: no nível elástico, os jogadores americanos (36%) possuem maior presença do traço liderança que os jogadores brasileiros (33%). No nível extrovertido, os jogadores brasileiros (47%) apresentam maior presença do traço liderança que os jogadores americanos (25%). No nível desafiador, os jogadores americanos (37%) possuem maior presença do traço liderança que os jogadores brasileiros (8%) (Tabela 38).

Tabela 38 – Comparação do Traço liderança entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

LIDERANÇA	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	11	37	8	32	6	27	14	47	8	32	5	25	25	33	27	36
EXTROVERTIDO	11	38	7	28	11	50	8	27	14	56	4	20	36	47	19	25
DESAFIADOR	2	7	8	32	2	9	10	33	2	8	10	50	6	8	28	37

Motivação: No nível desafiador, os jogadores americanos (37%) possuem maior presença do traço motivação que os jogadores brasileiros (8%). No nível enfocado, os jogadores brasileiros (32%) possuem maior presença do traço motivação que os jogadores americanos (27%) (Tabela 39).

Tabela 39 – Comparação do Traço motivação entre os jogadores de basquete brasileiros e americanos (masculino)

MOTIVAÇÃO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 25		SC = 22		OK = 30		SC = 25		OK = 20		SC = 76		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
DESAFIADOR	2	7	8	32	2	9	10	33	2	8	10	50	6	8	28	37
ENFOCADO	9	31	7	28	3	14	8	27	12	48	5	25	24	32	20	27

4.2 FEMININO

4.2.1 Hábitos de Vida das atletas brasileiras e americanas

4.2.1.1 Indicadores socioeconômicos

Observa-se que 67,9% dos pais das atletas brasileiras possuem grau de instrução superior incompleto e completo, enquanto 48% dos pais das atletas americanas possuem grau de instrução incompleto ou superior. De analfabeto a colegial incompleto, os pais das atletas brasileiras são 32,1%, e as americanas, 52% (Tabela 40).

Tabela 40 – Comparação do grau de instrução do Pai e/ou da Mãe entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

GRAU DE INSTRUÇÃO	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA *	FR (%)	FA	FR (%)
ANALFABETO ou PRIM INCOMPLETO	03	3,7	07	9,3
GINASIAL INCOMPLETO	03	3,7	06	8
COLEGIAL INCOMPLETO	20	24,7	26	34,7
SUPERIOR INCOMPLETO	20	24,7	06	8
SUPERIOR COMPLETO	35	43,2	30	40
n =	81	100	75	100

O estudo indicou que a maioria das jogadoras de basquete brasileiras (64,2%) está inserida nas classes socioeconômicas A1+A2+B1, consideradas elevadas para os padrões brasileiros, enquanto a maioria das jogadoras americanas (76%) está inserida nas classes socioeconômicas A2+B1, consideradas ‘média’ para os padrões americanos (Tabela 41).

Tabela 41 – Comparação da classificação socioeconômica entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

CLASSE SOCIOECONÔMICA	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
A1	10	12,4	0	0
A2	21	25,9	18	24
B1	21	25,9	39	52
B2	08	9,9	14	18,7
C	17	21	04	5,3
D	04	4,9	0	0
n =	81	100	75	100

4.2.1.2 Indicadores de hábitos de vida

Quanto aos hábitos de acordar, a pesquisa demonstra que a maioria das atletas brasileiras (60,5%) acorda entre antes das 6h e 7h e a maioria das americanas (81,3%) acorda entre 6h e 8h (Tabela 42).

Tabela 42 – Comparação do hábito de acordar entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

HÁBITOS DE ACORDAR	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Antes das 6 horas	03	3,7	06	8
Entre 6 e 7 horas	49	60,5	34	45,3
Entre 7 e 8 horas	14	17,3	27	36
Entre 8 e 9 horas	11	13,6	05	6,7
Depois das 9 horas	04	4,9	03	4
n =	81	100	75	100

Os hábitos de dormir concentram-se entre 22h e 24h para a maioria das atletas brasileiras (64,2%) como também para a maioria das atletas americanas (72%) (Tabela 43).

Tabela 43 – Comparação do hábito de dormir entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

HÁBITOS DE DORMIR	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Antes das 21 horas	09	11,1	05	6,7
Entre 21 e 22 horas	12	14,8	13	17,3
Entre 22 e 23 horas	29	35,8	35	46,6
Entre 23 e 24 horas	23	28,4	19	25,4
Depois das 24 horas	08	9,9	03	4
n =	81	100	75	100

Quanto aos hábitos de atividades diárias, percebem-se comportamentos semelhantes entre as atletas brasileiras e americanas. A maioria das atletas brasileiras (59,3%) respondeu que lê poucas vezes. As americanas responderam de forma semelhante, sendo que a maioria (58,7%) também lê poucas vezes (Tabela 44).

Tabela 44 – Comparação do hábito de leitura entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

HÁBITO – LEITURA	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	18	22,2	17	22,6
Poucas Vezes	48	59,3	44	58,7
Nunca	15	18,5	14	18,7
n =	81	100	75	100

Quanto aos hábitos de estudar, a maioria das atletas brasileiras (50,6%) respondeu que estuda muitas vezes, como também a maioria das atletas americanas (54,7%) (Tabela 45).

Tabela 45 – Comparação do hábito de estudar entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

HÁBITO – ESTUDAR	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	41	50,6	41	54,7
Poucas Vezes	39	48,2	26	34,7
Nunca	01	1,2	08	10,6
n =	81	100	75	100

Com relação ao hábito de jogar basquete por lazer, a maioria das brasileiras (63%) respondeu que joga muitas vezes. A maioria das americanas (69,3%) também respondeu que joga muitas vezes (Tabela 46).

Tabela 46 – Comparação do hábito de jogar basquete por lazer entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

HÁBITO – JOGAR BASQUETE LAZER	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Muitas Vezes	51	63	52	69,3
Poucas Vezes	21	25,9	18	24
Nunca	09	11,1	05	6,7
n =	81	100	75	100

4.2.1.3 Indicadores de cultura esportiva

Quanto aos materiais esportivos que os atletas possuem, observa-se semelhança entre os grupos pesquisados. Os itens que se destacam são: 53,3% das americanas possuem tabelas de basquete em casa, enquanto 39,5% das brasileiras possuem esse equipamento; a maioria das atletas pesquisadas, tanto brasileiras (80,2%) como americanas (93,3%), possuem bolas de basquete (Tabela 47).

Tabela 47 – Comparação da posse de materiais esportivos entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

Materiais de esporte que o pesquisado possui*	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Patins/roller	36	44,4	38	50,6
Bicicleta	58	71,6	64	85,3
Bola de Basquete	65	80,2	70	93,3
Bola de Handebol	07	8,6	18	24
Raquete de tênis	24	29,6	27	36
Tabela de Basquete	32	39,5	40	53,3
Patinete	16	19,7	21	28
Skate	11	13,6	25	33,3
Bola de Vôlei	45	55,5	46	61,3
Bola de Futebol	46	56,8	35	46,7
Chuteiras	09	11,1	20	26,7
Tênis	81	100	75	100
Outros	08	9,9	12	16

* Pergunta de múltipla escolha.

Com relação aos locais utilizados para a prática esportiva, a maioria das atletas americanas prefere praticar esportes em casa (58,7%), na praça (54,7%) e na escola (53,3%). E a maioria das atletas brasileiras pesquisadas pratica esportes em clubes esportivos (69,1%) e na escola (51,9%) (Tabela 48).

Tabela 48 – Comparação dos locais mais utilizados para as práticas esportivas entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

Locais mais utilizados para as práticas esportivas*	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
Pátio casa ou condomínio	33	40,7	44	58,7
Rua/Parque/Praça	24	29,6	41	54,7
Quadra da Escola/Ginásio	42	51,9	40	53,3
Clube Esportivo	56	69,1	25	33,3
Outros	04	4,9	06	8
Total	159		156	
Relação atleta/local	1,96		2,08	

* Pergunta de múltipla escolha.

Sendo a pergunta de múltipla escolha é possível determinar uma relação entre o número de atletas pesquisadas com o local da prática esportiva. Considerando que a somatória das respostas das atletas brasileiras (em quais locais ele pratica esporte) totalizou 159 respostas, pode-se dizer que há 1,96 atleta praticando esporte para cada local citado em Santa Catarina. E considerando que a somatória das respostas das atletas americanas (em quais locais ele pratica esporte) totalizou 156 respostas, pode-se dizer que há 2,08 atletas praticando esporte para cada local citado em Oklahoma.

4.2.1.5 Indicadores de prática esportiva sistematizada

Quanto ao tempo que pratica o basquete, as atletas brasileiras pesquisadas praticam o basquete, em média, há 4,2 anos ($+10 -1s= 2,46$), enquanto as americanas praticam em média há 6,4 anos ($+13 -1s= 2,82$) (Tabela 49).

Tabela 49 – Comparação do tempo que pratica basquete entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

Tempo que pratica basquete	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
1 a 2 anos	25	30,9	06	8
3 a 4 anos	18	22,2	05	6,7
5 a 6 anos	23	28,4	26	34,6
7 a 8 anos	11	13,6	12	16
9 a 10 anos	03	3,7	08	10,7
11 a mais	0	0	05	6,7
Não responderam	01	1,2	13	17,3
n =	81	100	75	100
Média	4,2 anos		6,4 anos	
Desvio padrão	2,46		2,82	

Com relação à frequência semanal que pratica o basquete, as atletas brasileiras pesquisadas jogam em média 4,37 vezes por semana ($+7 -2/s= 1,30$) e as atletas americanas jogam em média 4,56 vezes por semana ($+7 -2/s= 1,19$). A maioria das atletas brasileiras

(68,4%) e a maioria das atletas americanas (61,3%) jogam entre três e seis vezes por semana, sendo que a frequência semanal está concentrada em cinco vezes por semana (Tabela 50).

Tabela 50 – Comparação da frequência semanal que pratica o basquete entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

Frequência semanal que pratica o basquete	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
1x	0	0	0	0
2x	6	7,4	1	1,3
3x	22	27,2	16	21,4
4x	05	6,2	05	6,7
5x	31	38,3	31	41,3
6x	15	18,5	05	6,7
7x	01	1,2	04	5,3
Não responderam	01	1,2	13	17,3
n =	81	100	75	100
Média	4,37		4,56	
Desvio padrão	1,3		1,19	

As brasileiras treinam em média 2h e 36m por dia (+4 -1/s= 0,77), enquanto as americanas treinam em média 2h e 27m por dia (+4 -1/s= 0,69). A maioria das atletas brasileiras (97,6%) e a maioria das atletas americanas (80%) treinam entre duas e quatro horas por dia (Tabela 51).

Tabela 51 – Comparação das horas de treino diário entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

Horas de treino por dia	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR (%)	FA	FR (%)
1 h	1	1,2	2	2,7
2 h	42	51,9	35	46,6
3 h	24	29,7	20	26,7
4 h	13	16	05	6,7
5 h	0	0	0	0
6 h	0	0	0	0
7 h	0	0	0	0
Não responderam	01	1,2	13	17,3
n =	81	100	75	100
Média	2,36 h p/dia		2,27 h p/dia	
Desvio padrão	0,77		0,69	

4.2.2 Indicadores físicos por posição em quadra

4.2.2.1 ALA: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisadas nesta posição foram 29 brasileiras e 29 americanas. Os resultados indicam que as médias não apresentam diferenças significativas de altura, peso e massa corporal na posição ALA (Tabela 52)

Tabela 52 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ALA

ALA	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 29	OK = 29	SC = 29	OK = 29	SC = 29	OK = 29
Mínima	1,57	1,52	42	43	15,8	15,4
25% Percentil	1,62	1,58	52	51,5	18,8	18,6
Mediana	1,68	1,68	56	56	20,5	20,8
75% Percentil	1,75	1,75	67	64	21,9	22,8
Máxima	1,82	1,82	74	90	25	27,1
Média	1,68	1,67	58,2	58,2	20,4	20,8
Desvio Padrão	0,07	0,09	8,9	9,7	2,4	2,9
Teste t (P < 0,05)	0,50		0,98		0,57	

4.2.2.2 ARMADORA: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisadas nesta posição foram 25 brasileiras e 29 americanas. A posição em quadra ARMADOR apresenta diferenças significativas nas médias de altura ($P = 0,001 < 0,05$), sendo as atletas americanas mais altas doze centímetros, e peso ($P = 0,001 < 0,05$), sendo as americanas mais pesadas 10,3 quilos. Já o IMC é bastante semelhante. Significa dizer que as armadoras americanas são mais altas e mais fortes que as armadoras brasileiras (Tabela 53).

Tabela 53 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ARMADOR

ARMADORA	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 25	OK = 29	SC = 25	OK = 29	SC = 25	OK = 29
Mínima	1,48	1,64	39	48	15,2	16,3
25% Percentil	1,58	1,69	50,5	57	19,2	18,6
Mediana	1,62	1,74	54	63	20,0	20,8
75% Percentil	1,69	1,81	59	70	21,8	21,8
Máxima	1,80	1,89	68	83	23,8	27,2
Média	1,63	1,75	54,4	64,1	20,2	20,7
Desvio Padrão	0,07	0,06	7,54	8,98	1,95	2,6
Teste t (P < 0,05)	0,001		0,001		0,38	

4.2.2.3 PIVÔ: altura, peso e massa corporal

O número de atletas pesquisadas nesta posição foram 27 brasileiras e 17 americanas. Os resultados apontam que, na posição PIVÔ, as médias não apresentam diferenças significativas nos indicadores altura e IMC. No entanto, as pivôs americanas, em média, são 7,3 quilos mais pesadas que as brasileiros, porém não refletindo no IMC. O teste *t* indica índice igual ao nível de significância ($P < 0,05$) para o indicador peso ($P = 0,05$) (Tabela, 54).

Tabela 54 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de PIVÔ

PIVÔ	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 27	OK = 17	SC = 27	OK = 17	SC = 27	OK = 17
Mínima	1,67	1,61	52	53	16	17,6
25% Percentil	1,73	1,75	58	63	19,1	19,7
Mediana	1,77	1,80	66	81	21,5	22,8
75% Percentil	1,82	1,84	78	86	24,1	24,8
Máxima	1,95	1,89	87	90	26,8	31,5
Média	1,77	1,79	67,8	75,1	21,5	22,8
Desvio Padrão	0,06	0,07	14,0	11,1	2,7	3,4
Teste t (P < 0,05)	0,33		0,05		0,15	

4.2.2.4 Todas as posições: altura, peso e massa corporal

O número total de atletas pesquisadas foram 76 brasileiras e 75 americanas. A análise descritiva de todas as posições em quadra apresenta diferenças significativas nos indicadores altura ($P = 0,02 < 0,05$) e peso ($P = 0,04 < 0,05$). As atletas americanas são, em média, três centímetros mais altas e 3,8 quilos mais pesadas que as brasileiras, porém não refletindo no IMC. Como a média do IMC está dentro do peso normal ou ideal, significa dizer que as atletas americanas são mais fortes que as atletas brasileiras (Tabela 55).

Tabela 55 – Comparação das médias de altura, peso e massa corporal entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas em TODAS AS POSIÇÕES

Todas as posições	ALTURA		PESO		MASSA CORPORAL	
	SC = 81	OK = 75	SC = 81	OK = 75	SC = 81	OK = 75
Mínima	1,48	1,52	39	43	15,2	15,4
25% Percentil	1,62	1,68	53	55	19,0	19,1
Mediana	1,70	1,74	58	63	20,8	20,8
75% Percentil	1,77	1,80	67,5	69	22,3	23,2
Máxima	1,95	1,89	87	90	26,8	36
Média	1,70	1,73	60,2	63,8	20,7	21,3
Desvio Padrão	0,08	0,01	10,8	11,1	2,4	3,3
Teste t (P < 0,05)	0,02		0,04		0,20	

4.2.3 Traços de personalidade das atletas brasileiras e americanas

4.2.3.1 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição de ALA

O número de atletas pesquisadas nesta posição foi de 29 brasileiras e 29 americanas (Tabela 56). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, as alas brasileiras e americanas apresentam semelhanças no traço reativo e diferenças nos traços respondente e elástico de

personalidade. As alas brasileiras (58,7%) apresentam maior presença do traço respondente de personalidade que as alas americanas (41,4%). As alas americanas (48,3%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade em relação às alas brasileiras (31%). As alas brasileiras (10,3%) e as alas americanas (10,3%) apresentam o traço reativo de personalidade.

Na avaliação do fator “Extroversão”, as alas brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As alas brasileiras (72,4%) possuem maior presença do traço ambiverto de personalidade que as alas americanas (58,6%). As alas americanas (10,3%) apresentam maior presença do traço introvertido de personalidade em relação às alas brasileiras (0%). As alas americanas (31%) possuem maior presença do traço extrovertido de personalidade que as alas brasileiras (27,6%).

Na avaliação do fator “Abertura”, as alas brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As alas brasileiras (58,6%) apresentam maior presença do traço moderado de personalidade em relação às alas americanas (48,3%). As alas americanas (31%) possuem maior presença do traço conservador de personalidade que as alas brasileiras (27,6%). As alas americanas (20,7%) apresentam maior presença do traço explorador de personalidade em relação às alas brasileiras (13,8%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, as alas brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As alas brasileiras (44,8%) possuem maior presença do traço negociador de personalidade que as alas americanas (27,6%). As alas americanas (27,6%) apresentam maior presença do traço desafiador de personalidade em relação às alas brasileiras (6,9%). As alas brasileiras (48,3%) possuem maior presença do traço adaptável de personalidade que as alas americanas (44,8%).

Na avaliação do fator “Autocontrole”, as alas brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As alas americanas (48,3%) possuem maior presença do traço balanceado de personalidade em relação às alas brasileiras (41,4%). As alas

americanas (27,6%) apresentam maior presença do traço flexível de personalidade que as alas brasileiras (13,8%). As alas brasileiras (44,8%) apresentam maior presença do traço focado de personalidade em relação às alas americanas (24,1%).

Tabela 56 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ALA

ALA – FATORES	SANTA CATARINA (n=29)						OKLAHOMA (n=29)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	09	31	17	58,7	03	10,3	14	48,3	12	41,4	03	10,3
EXTROVERSÃO (E)	0	0	21	72,4	08	27,6	03	10,3	17	58,6	09	31
ABERTURA (O)	08	27,6	17	58,6	04	13,8	09	31	14	48,3	06	20,7
EGOCENTRISMO (A)	02	6,9	13	44,8	14	48,3	08	27,6	08	27,6	13	44,8
AUTOCONTROLE (C)	04	13,8	12	41,4	13	44,8	08	27,6	14	48,3	07	24,1

As variações dos traços de personalidade das jogadoras de basquete brasileiras e americanas da posição ALA apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Extroversão e Abertura; e uma tendência à diferença nos fatores Emocionalidade, Egocentrismo e Autocontrole, sendo opostas nos níveis dos traços elástico e respondente (Emocionalidade), nos níveis desafiador e negociador (Egocentrismo) e no nível focado (Autocontrole) (Gráfico 5).

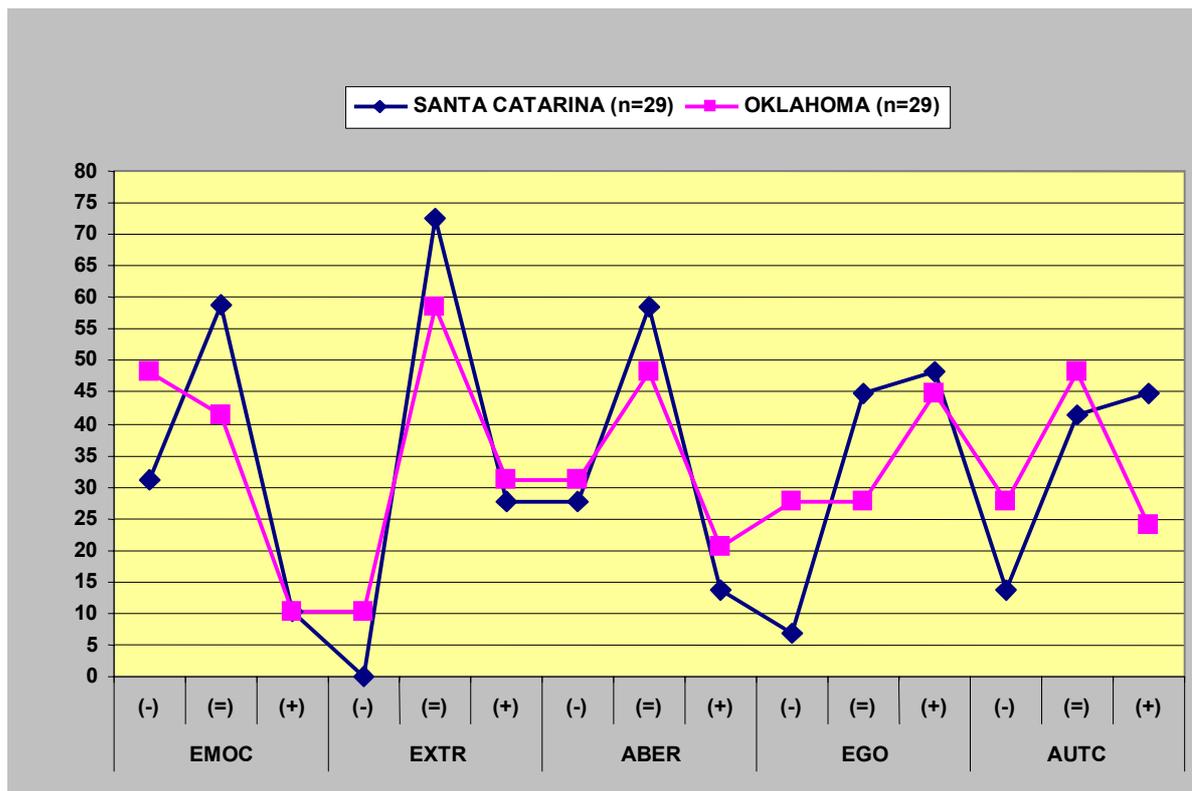


Gráfico 5 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ALA

4.2.3.2 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição de ARMADOR

O número de atletas pesquisadas nesta posição foi de 25 brasileiras e 29 americanas (Tabela 57). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, as armadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As armadoras brasileiras (64%) possuem maior presença do traço respondente de personalidade em relação às armadoras americanas (55,2%). As armadoras americanas (24,1%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade que as armadoras brasileiras (8%). As armadoras brasileiras (28%) possuem maior presença do traço reativo de personalidade que as armadoras americanas (20,7%).

Na avaliação do fator “Extroversão”, as armadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As armadoras americanas (62,1%) apresentam maior presença do traço ambiverto de personalidade em relação às armadoras brasileiras (56%). As armadoras americanas (10,3%) possuem maior presença do traço introvertido de personalidade que as armadoras brasileiras (4%). As armadoras brasileiras (40%) apresentam maior presença do traço extrovertido de personalidade que as armadoras americanas (27,6%).

Na avaliação do fator “Abertura”, as armadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As armadoras brasileiras (56%) apresentam maior presença do traço moderado de personalidade comparada às armadoras americanas (41,4%). As armadoras brasileiras (36%) possuem maior presença do traço conservador de personalidade que as armadoras americanas (24,1%). As armadoras americanas (34,5%) possuem maior presença do traço explorador de personalidade em relação às armadoras brasileiras (8%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, as armadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As armadoras brasileiras (52%) apresentam maior presença do traço negociador de personalidade que as armadoras americanas (24,1%). As armadoras americanas (27,6%) possuem maior presença do traço desafiador de personalidade comparada às armadoras brasileiras (8%). As armadoras americanas (48,3%) apresentam maior presença do traço adaptável de personalidade que as armadoras brasileiras (40%).

Na avaliação do fator “Autocontrole”, as armadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As armadoras americanas (37,9%) possuem maior presença do traço balanceado em relação às armadoras brasileiras (32%). As armadoras americanas (34,5%) possuem maior presença do traço flexível de

personalidade que as armadoras brasileiras (20%). As armadoras brasileiras (48%) apresentam maior presença do traço enfocado de personalidade que as armadoras americanas (27,6%).

Tabela 57 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de ARMADOR

ARMADOR – FATORES	SANTA CATARINA (n=25)						OKLAHOMA (n=29)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	02	08	16	64	07	28	07	24,1	16	55,2	06	20,7
EXTROVERSÃO (E)	01	04	14	56	10	40	03	10,3	18	62,1	08	27,6
ABERTURA (O)	09	36	14	56	02	08	07	24,1	12	41,4	10	34,5
EGOCENTRISMO (A)	02	08	13	52	10	40	08	27,6	07	24,1	14	48,3
AUTOCONTROLE (C)	05	20	08	32	12	48	10	34,5	11	37,9	08	27,6

As variações dos traços de personalidade das jogadoras de basquete brasileiras e americanas da posição ARMADOR apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Emocionalidade e Extroversão; e uma tendência à diferença nos fatores Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, sendo opostas no nível do traço explorador (Abertura), nos níveis desafiador, negociador e adaptável (Egocentrismo) e nos níveis flexível e enfocado (Autocontrole) (Gráfico 6).

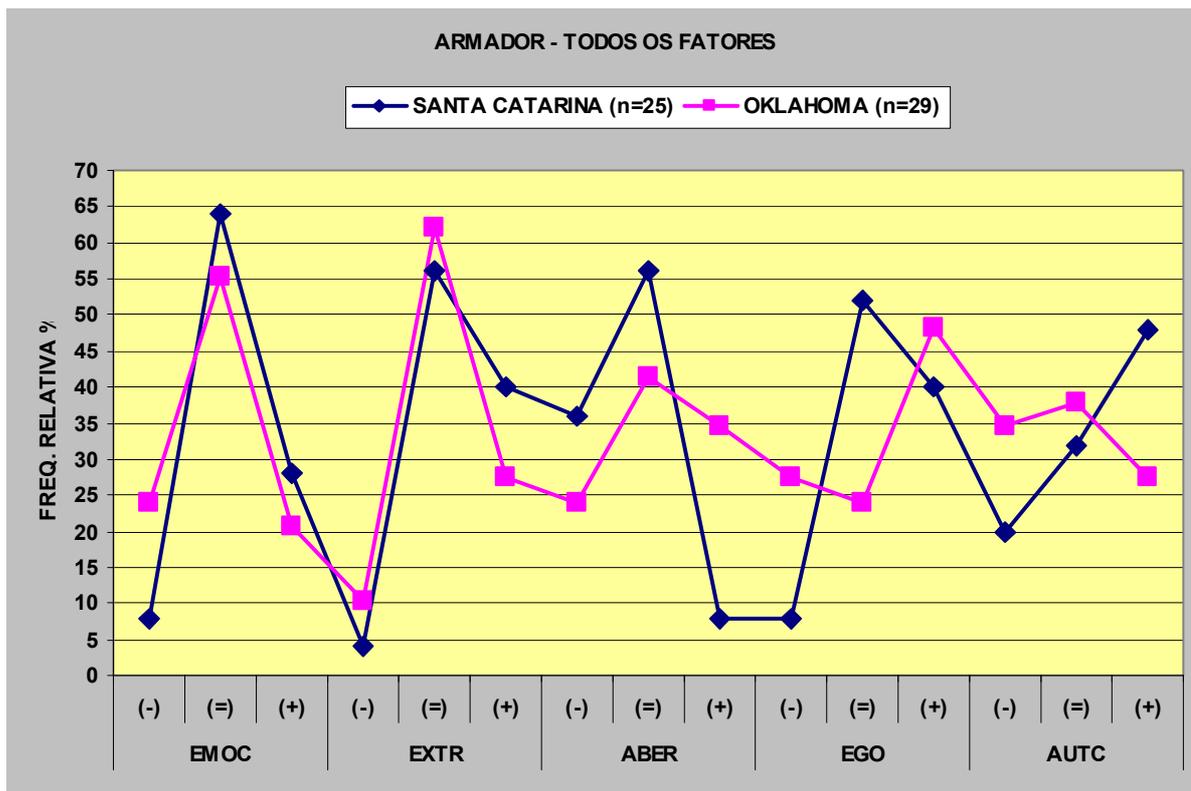


Gráfico 6 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de ARMADORA

4.2.3.3 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, na posição PIVÔ.

O número de atletas pesquisadas nesta posição foi de 27 brasileiras e 17 americanas (Tabela 58). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, as pivôs brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço reativo e diferenças nos traços respondente e elástico de personalidade. As pivôs americanas (52,9%) possuem maior presença do traço respondente de personalidade em relação às pivôs brasileiras (40,7%). As pivôs brasileiras (40,7%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade que as pivôs americanas (29,4%). As pivôs brasileiras (18,6%) e americanas (17,7%) apresentam o traço reativo de personalidade.

Na avaliação do fator “Extroversão”, as pivôs brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço introvertido e diferenças nos traços ambiverto e extrovertido de personalidade. As pivôs americanas (52,9%) possuem maior presença do traço ambiverto de personalidade em relação às pivôs brasileiras (37,1%). A minoria das pivôs brasileiras (14,8%) e americanas (17,7%) possuem o traço introvertido de personalidade. As pivôs brasileiras (48,1%) apresentam maior presença do traço extrovertido de personalidade que as pivôs americanas (29,4%).

Na avaliação do fator “Abertura”, as pivôs brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As pivôs brasileiras (77,8%) possuem maior presença do traço moderado de personalidade em relação às pivôs americanas (53%). As pivôs americanas (23,5%) apresentam maior presença do traço conservador de personalidade que as pivôs brasileiras (14,8%). As pivôs americanas (23,5%) possuem maior presença do traço explorador de personalidade comparada às pivôs brasileiras (7,4%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, as pivôs brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço adaptável e diferenças nos traços negociador e desafiador de personalidade. As pivôs brasileiras (55,6%) possuem maior presença do traço negociador de personalidade em relação às pivôs americanas (47,1%). As pivôs americanas (11,8%) apresentam maior presença do traço desafiador de personalidade que as pivôs brasileiras (3,7%). As pivôs brasileiras (40,7%) e as americanas (41,1%) apresentam o traço adaptável de personalidade.

Na avaliação do fator “Autocontrole”, as pivôs brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As pivôs americanas (64,7%) possuem maior presença do traço balanceado de personalidade em relação às pivôs brasileiras (33,3%). As pivôs americanas (23,5%) possuem maior presença do traço flexível de personalidade

comparada às pivôs brasileiras (14,8%). As pivôs brasileiras (51,9%) apresentam maior presença do traço enfocado de personalidade que as pivôs americanas (11,8%).

Tabela 58 – Comparação dos fatores de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de PIVÔ

PIVÔ – FATORES	SANTA CATARINA (n=27)						OKLAHOMA (n=17)					
	(-)		(=)		(+))		(-)		(=)		(+))	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE (R)	11	40,7	11	40,7	05	18,6	05	29,4	09	53	03	17,7
EXTROVERSÃO (E)	04	14,8	10	37,1	13	48,1	03	17,7	09	53	05	29,4
ABERTURA (O)	04	14,8	21	77,8	02	7,4	04	23,5	09	53	04	23,5
EGOCENTRISMO (A)	01	3,7	15	55,6	11	40,7	02	11,8	08	47,1	07	41,1
AUTOCONTROLE (C)	04	14,8	09	33,3	14	51,9	04	23,5	11	64,7	02	11,8

As variações dos traços de personalidade das jogadoras de basquete brasileiras e americanas na posição de PIVÔ apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Abertura e Egocentrismo; e uma tendência à diferença nos fatores Emocionalidade, Extroversão e Autocontrole, sendo as linhas opostas nos níveis dos traços elástico e respondente (Emocionalidade), no nível do traço extrovertido (Extroversão), e nos níveis dos traços balanceado e enfocado (Autocontrole) (Gráfico 7).

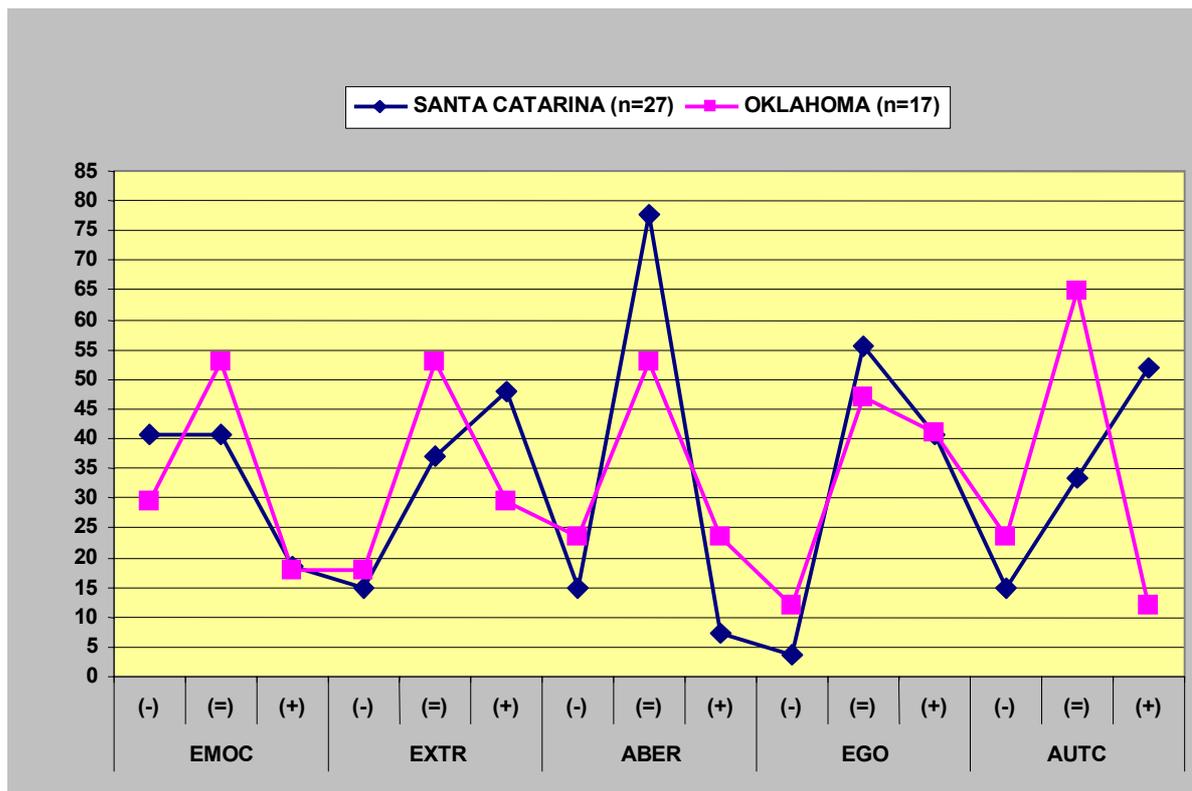


Gráfico 7 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole na posição de PIVÔ

4.2.3.4 Fatores Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, por níveis de personalidade, em TODAS AS POSIÇÕES

O número total de atletas pesquisadas foi de 81 brasileiras e 75 americanas (Tabela 59). Na avaliação do fator “Emocionalidade”, as jogadoras brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço reativo e diferenças nos traços respondente e elástico de personalidade. As jogadoras brasileiras (54,3%) apresentam maior presença do traço respondente de personalidade em relação às jogadoras americanas (49,3%). As jogadoras americanas (34,7%) possuem maior presença do traço elástico de personalidade que as das jogadoras brasileiras (27,2%). As jogadoras brasileiras (18,5%) e americanas 16% possuem o traço reativo de personalidade.

Na avaliação do fator “Extroversão”, as jogadoras brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço ambiverto e diferenças nos traços introvertido e extrovertido de personalidade. As jogadoras brasileiras (55,6%) e as americanas (58,7%) apresentam o traço ambiverto de personalidade. As jogadoras americanas (12%) possuem maior presença do traço introvertido de personalidade em relação às jogadoras brasileiras (6,2%). As jogadoras brasileiras (38,2%) apresentam maior presença do traço extrovertido de personalidade que as jogadoras americanas (29,3%).

Na avaliação do fator “Abertura”, as jogadoras brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço conservador e diferenças nos traços moderado e explorador de personalidade. As jogadoras brasileiras (64,2%) possuem maior presença do traço moderado de personalidade em relação às jogadoras americanas (46,6%). As jogadoras brasileiras (21%) e as americanas (20%) apresentam o traço conservador de personalidade. As jogadoras americanas (26,7%) possuem maior presença do traço explorador de personalidade que as jogadoras brasileiras (9,9%).

Na avaliação do fator “Egocentrismo”, as jogadoras brasileiras e americanas apresentam semelhança no traço adaptável e diferenças nos traços negociador e desafiador de personalidade. As jogadoras brasileiras (64,2%) possuem maior presença do traço negociador de personalidade em relação às jogadoras americanas (30,7%). As jogadoras americanas (24%) possuem maior presença do traço desafiador de personalidade que as jogadoras brasileiras (6,2%). As jogadoras brasileiras (43,2%) e as americanas (45,3%) apresentam o traço adaptável de personalidade.

Na avaliação do nível “Autocontrole”, as jogadoras brasileiras e americanas apresentam diferenças em todos os traços de personalidade. As jogadoras americanas (48%) possuem maior presença do traço balanceado de personalidade em relação às jogadoras brasileiras (35,8%). As jogadoras americanas (29,3%) apresentam maior presença do traço

flexível de personalidade que as jogadoras brasileiras (16%). As jogadoras brasileiras (48,2%) apresentam maior presença do traço enfocado de personalidade que as jogadoras americanas (22,7%).

Tabela 59 – Comparação dos fatores de personalidade, Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo, Autocontrole, por níveis de traços, entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas em TODAS AS POSIÇÕES

TODAS AS POSIÇÕES	SANTA CATARINA (n=81)		OKLAHOMA (n=75)	
	FA	FR	FA	FR
EMOCIONALIDADE				
ELÁSTICO	22	27,2	26	34,7
RESPONDENTE	44	54,3	37	49,3
REATIVO	15	18,5	12	16
EXTROVERSÃO				
INTROVERTIDO	05	6,2	09	12
AMBIVERTO	45	55,6	44	58,7
EXTROVERTIDO	31	38,2	22	29,3
ABERTURA				
CONSERVADOR	21	25,9	20	26,7
MODERADO	52	64,2	35	46,6
EXPLORADOR	08	9,9	20	26,7
EGOCENTRISMO				
DESAFIADOR	05	6,2	18	24
NEGOCIADOR	41	50,6	23	30,7
ADAPTÁVEL	35	43,2	34	45,3
AUTOCONTROLE				
FLEXÍVEL	13	16	22	29,3
BALANCEADO	29	35,8	36	48
ENFOCADO	39	48,2	17	22,7

As variações dos traços de personalidade das jogadoras de basquete brasileiras e americanas em TODAS AS POSIÇÕES apresentam uma tendência à semelhança nos fatores Emocionalidade e Extroversão; e uma tendência à diferença nos fatores Abertura, Egocentrismo e Autocontrole, sendo as linhas opostas no nível do traço negociador (Egocentrismo) e no nível do traço enfocado (Autocontrole) (Gráfico 8).

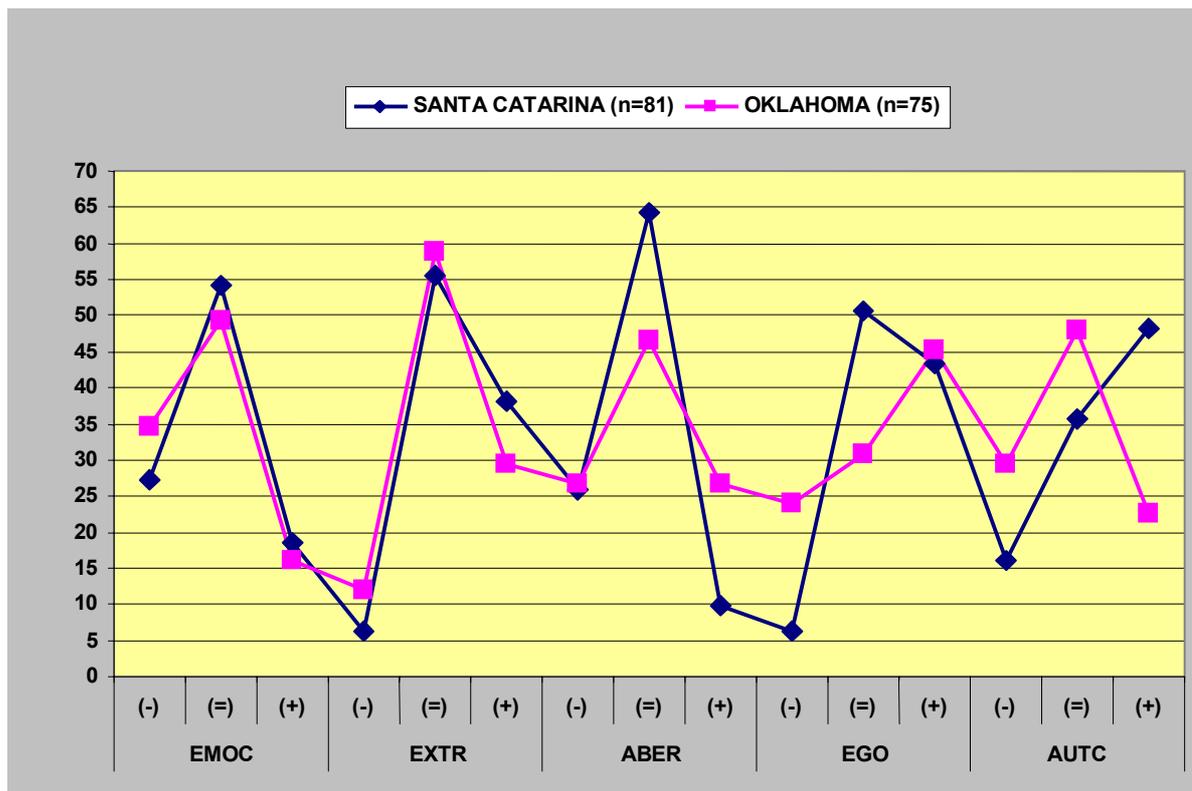


Gráfico 8 – Variações das semelhanças e diferenças de comportamento das jogadoras de basquete brasileiras e americanas, analisadas nos fatores dos traços de personalidade Emocionalidade, Extroversão, Abertura, Egocentrismo e Autocontrole em TODAS AS POSIÇÕES

4.2.4 Qualidades positivas Autoconfiança, Autocontrole, Criatividade, Combatividade, Espírito de Grupo, Concentração, Sociabilidade, Liderança e Motivação das atletas brasileiras e americanas

Autoconfiança: no nível elástico, as jogadoras americanas (35%) possuem maior presença do traço autoconfiança em relação às jogadoras brasileiras (27%). No nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço autoconfiança em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível desafiador, as jogadoras americanas (24%) apresentam maior presença do traço autoconfiança que as jogadoras brasileiras (6%) (Tabela 60).

Tabela 60 – Comparação do Traço autoconfiança entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

AUTO CONFIANÇA	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	9	31	14	48	11	41	5	29	2	8	7	24	22	27	26	35
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	29
DESAFIADOR	2	7	8	27	1	4	2	12	2	8	8	27	5	6	18	24

Autocontrole: no nível elástico, as jogadoras americanas (35%) possuem maior presença do traço autocontrole em relação às jogadoras brasileiras (27%). No nível enfocado, as jogadoras brasileiras (48%) possuem maior presença do traço autocontrole em comparação às jogadoras americanas (23%) (Tabela 61).

Tabela 61 – Comparação do Traço autocontrole entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

AUTO CONTROLE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	9	31	14	48	11	41	5	29	2	8	7	24	22	27	26	35
ENFOCADO	13	45	7	24	14	52	2	12	12	48	8	28	39	48	17	23

Criatividade: no nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço criatividade em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível explorador, as jogadoras americanas (27%) possuem maior presença do traço criatividade em comparação às jogadoras brasileiras (10%). No nível flexível, as jogadoras americanas (30%) apresentam maior presença do traço criatividade em relação às jogadoras brasileiras (16%) (Tabela 62).

Tabela 62 – Comparação do Traço criatividade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

CRIATIVI DADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	29
EXPLORADOR	4	14	6	21	2	7	4	23	2	8	10	34	8	10	20	27
FLEXÍVEL	4	14	8	27	4	15	4	23	5	20	10	34	13	16	22	30

Combatividade: no nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço combatividade em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível desafiador, as jogadoras americanas (24%) apresentam maior presença do traço combatividade que as jogadoras brasileiras (6%). No nível focado, as jogadoras brasileiras (48%) possuem maior presença do traço combatividade em relação às jogadoras americanas (23%) (Tabela 63).

Tabela 63 – Comparação do Traço combatividade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

COMBATI VIDADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	29
DESAFIADOR	2	7	8	27	1	4	2	12	2	8	8	27	5	6	18	24
ENFOCADO	13	45	7	24	14	52	2	12	12	48	8	28	39	48	17	23

Espírito de Grupo: no nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço espírito de grupo em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível adaptável, as jogadoras americanas (45%) possuem maior presença do traço espírito de grupo em relação às jogadoras brasileiras (43%) (Tabela 64).

Tabela 64 – Comparação do Traço espírito de grupo entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

ESPÍRITO DE GRUPO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	29
ADAPTÁVEL	14	48	13	45	11	41	7	41	10	40	14	48	35	43	34	45

Concentração: no nível elástico, as jogadoras americanas (35%) possuem maior presença do traço concentração em relação às jogadoras brasileiras (27%). No nível focado, as jogadoras brasileiras (48%) possuem maior presença do traço concentração em comparação às jogadoras americanas (23%) (Tabela 65).

Tabela 65 – Comparação do Traço concentração entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

CONCEN TRAÇÃO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	9	31	14	48	11	41	5	29	2	8	7	24	22	27	26	35
ENFOCADO	13	45	7	24	14	52	2	12	12	48	8	28	39	48	17	23

Sociabilidade: no nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço sociabilidade em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível flexível, as jogadoras americanas (30%) apresentam maior presença do traço sociabilidade em relação às jogadoras brasileiras (16%) (Tabela 66).

Tabela 66 – Comparação do Traço sociabilidade entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

SOCIABI LIDADE	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	30
FLEXÍVEL	4	14	8	27	4	15	4	23	5	20	10	34	13	16	22	30

Liderança: no nível elástico, as jogadoras americanas (35%) possuem maior presença do traço liderança em relação às jogadoras brasileiras (27%). No nível extrovertido, as jogadoras brasileiras (38%) apresentam maior presença do traço liderança em comparação às jogadoras americanas (29%). No nível desafiador, as jogadoras americanas (24%) apresentam maior presença do traço liderança em relação às jogadoras brasileiras (6%) (Tabela 67).

Tabela 67 – Comparação do Traço liderança entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

LIDERAN ÇA	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
ELÁSTICO	9	31	14	48	11	41	5	29	2	8	7	24	22	27	26	35
EXTROVERTIDO	8	27	9	31	13	48	5	29	10	40	8	27	31	38	22	29
DESAFIADOR	2	7	8	27	1	4	2	12	2	8	8	27	5	6	18	24

Motivação: no nível desafiador, as jogadoras americanas (24%) apresentam maior presença do traço motivação em relação às jogadoras brasileiras (6%). No nível enfocado, as jogadoras brasileiras (48%) possuem maior presença do traço motivação em comparação às jogadoras americanas (23%) (Tabela 68).

Tabela 68 – Comparação do Traço motivação entre as jogadoras de basquete brasileiras e americanas

MOTIVAÇÃO	ALA				PIVÔ				ARMADOR				TODAS POSIÇÕES			
	SC = 29		OK = 29		SC = 27		OK = 17		SC = 25		OK = 29		SC = 81		OK = 75	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR										
DESAFIADOR	2	7	8	27	1	4	2	12	2	8	8	27	5	6	18	24
ENFOCADO	13	45	7	24	14	52	2	12	12	48	8	28	39	48	17	23

4.3 RESUMO E AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS PRINCIPAIS RESULTADOS APRESENTADOS DOS JOGADORES BRASILEIROS E AMERICANOS, MASCULINO E FEMININO

4.3.1 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Socioeconômicos

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS INDICADORES SOCIOECONÔMICOS		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	Escolaridade Pai/Mãe: Maioria possui grau de instrução superior completo ou incompleto = 62 (81,6%)	Escolaridade Pai/Mãe: Maioria possui grau de instrução colegial incompleto ou superior incompleto = 45 (60%)
	Classe econômica: Maioria concentra-se nas classes A1, A2 e B1 = 52 (68,4%)	Classe econômica: Maioria concentra-se nas classes B1, B2 e C = 52 (69,3%)
Feminino	Escolaridade Pai/Mãe: Maioria possui grau de instrução superior completo ou incompleto = 55 (67,9%)	Escolaridade Pai/Mãe: Maioria não completou o superior = 45 (60%)
	Classe econômica: Maioria concentra-se nas classes A1, A2, B1 = 52 (64,1%)	Classe econômica: Maioria concentra-se nas classes B1 e B2 = 53 (70,6%)

Quadro 6 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores socioeconômicos dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos

4.3.2 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Hábitos de Vida

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS INDICADORES HÁBITOS DE VIDA		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	Hábitos de acordar: A maioria acorda entre 6 e 8 horas = 55 (72,4%)	Hábitos de acordar: A maioria acorda entre 6 e 8 horas = 51 (68%)
	Hábitos de dormir: A maioria dorme entre 22 e 24 horas = 51 (67,1%)	Hábitos de dormir: A maioria dorme entre 22 e 24 horas = 58 (77,3%)
	Hábitos de leitura: A maioria lê poucas vezes = 41 (53,9%)	Hábitos de leitura: A maioria lê poucas vezes = 41 (54,7%)
	Hábitos de estudar: A maioria estuda poucas vezes = 42 (55,3%)	Hábitos de estudar: A maioria estuda poucas vezes = 34 (45,3%)
	Hábitos de jogar basquete por lazer: A maioria joga muitas vezes = 39 (51,3%)	Hábitos de jogar basquete por lazer: A maioria joga muitas vezes = 49 (65,4%)
Feminino	Hábitos de acordar: A maioria acorda entre 6 e 8 horas = 63 (77,7%)	Hábitos de acordar: A maioria acorda entre 6 e 8 horas = 61 (81,3%)
	Hábitos de dormir: A maioria dorme entre 22 e 24 horas = 51 (62,9%)	Hábitos de dormir: A maioria dorme entre 22 e 24 horas = 58 (77,3%)
	Hábitos de leitura: A maioria lê poucas vezes = 48 (59,3%)	Hábitos de leitura: A maioria lê poucas vezes = 44 (58,7%)
	Hábitos de estudar: A maioria estuda muitas vezes = 41 (50,6%)	Hábitos de estudar: A maioria estuda muitas vezes = 41 (54,7%)
	Hábitos de jogar basquete por lazer: A maioria joga muitas vezes = 51 (63%)	Hábitos de jogar basquete por lazer: A maioria joga muitas vezes = 52 (69,3%)

Quadro 7 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores dos hábitos de vida dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculinos e femininos

4.3.3 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores de Prática Esportiva Sistematizada

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS INDICADORES DE PRÁTICA ESPORTIVA SISTEMATIZADA		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	Tempo que pratica basquete: média de 4 anos	Tempo que pratica o basquete: média de 7,3 anos
	Frequência semanal que pratica o basquete: média de 4,98 por semana	Frequência semanal que pratica o basquete: média de 4,86 por semana
	Horas de treino diário: média de 2h e 30m por dia	Horas de treino diário: média de 2h e 45m por dia
Feminino	Tempo que pratica basquete: média de 4,2 anos	Tempo que pratica o basquete: média de 6,4 anos
	Frequência semanal que pratica o basquete: média de 4,37 por semana	Frequência semanal que pratica o basquete: média de 4,56 por semana
	Horas de treino diário: média de 2h e 36m por dia	Horas de treino diário: média de 2h e 27m por dia

Quadro 8 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores de prática esportiva sistematizada dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino

4.3.4 Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores Físicos por Posição em Quadra

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS INDICADORES FÍSICOS POR POSIÇÃO EM QUADRA		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	ALA: semelhanças nas médias para Altura = 1,84; Peso = 72,4; Massa corporal = 21,1	ALA: semelhanças nas médias para Altura = 1,82; Peso = 72,2; Massa corporal = 21,5
	ARMADOR: semelhança na média para Altura = 1,76. Diferenças nas médias para Peso = 66,8; Massa corporal = 21,3	ARMADOR: semelhança na média para Altura = 1,79. Diferenças nas médias para Peso = 75,5; Massa corporal = 23,2
	PIVO: semelhança na média para Altura = 1,91. Diferenças nas médias para Peso = 83,2; Massa corporal = 22,6	PIVO: semelhança na média para Altura = 1,89. Diferenças nas médias para Peso = 87,2; Massa corporal = 24,3
	TODAS AS POSIÇÕES: igualdade na média para Altura = 1,84. Diferenças nas médias para Peso = 73,7; Massa Corporal = 21,6	TODAS AS POSIÇÕES: igualdade na média para Altura = 1,84. Diferenças nas médias para Peso = 78,9; Massa corporal = 24,0
Feminino	ALA: semelhança na média para Altura = 1,68. Igualdade na média para Peso = 58,2. Semelhança na média para Massa corporal = 20,4	ALA: semelhança na média para Altura = 1,67. Igualdade na média para Peso = 58,2. Semelhança na média para Massa corporal = 20,8
	ARMADORA: diferenças nas médias para Altura = 1,63; Peso = 54,4. Semelhança na média para Massa corporal = 20,2	ARMADORA: diferenças nas médias para Altura = 1,75; Peso = 64,1. Semelhança na média para Massa corporal = 20,7
	PIVÔ: semelhança na média para Altura = 1,77. Diferença na média para Peso = 67,8. Semelhança na média para Massa corporal = 21,5	PIVÔ: semelhança na média para Altura = 1,79. Diferença na média para Peso = 75,1. Semelhança na média para Massa corporal = 22,8
	TODAS AS POSIÇÕES: diferenças nas médias para Altura = 1,70; Peso = 60,2. Semelhança na média para Massa corporal = 20,7	TODAS AS POSIÇÕES: diferenças nas médias para Altura = 1,73; Peso = 63,8. Semelhança na média para Massa corporal = 21,3

Quadro 9 – Avaliação comparativa dos resultados: Indicadores físicos por posição em quadra dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino

4.3.5 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – ALA

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE POR POSIÇÃO EM QUADRA - ALA		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 16 (55,2%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 13 (52%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 15 (51,7%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 13 (52%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 16 (55,2%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 12 (48%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Adaptável = 15 (51,7%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 13 (52%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 12 (41,4%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 12 (48%)
Feminino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 17 (58,7%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Elástico = 14 (48,3%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 21 (72,4%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 17 (58,6%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 17 (58,6%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 14 (48,3%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Adaptável = 14 (48,3%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Adaptável = 13 (44,8%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Enfocado = 13 (44,8%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 14 (48,3%)

Quadro 10 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de ALA

4.3.6 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra –
ARMADOR

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE POR POSIÇÃO EM QUADRA - ARMADOR		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 13 (52%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 14 (70%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Extrovertido = 14 (56%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 13 (65%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 14 (56%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 14 (70%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 13 (53%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Desafiador = 10 (50%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Enfocado = 12 (41,4%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 08 (40%)
Feminino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 16 (64%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 16 (55,2%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 14 (56%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 18 (62,1%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 14 (56%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 12 (41,4%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 13 (52%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Adaptável= 14 (48,3%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Enfocado = 12 (48%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 11 (37,9%)

Quadro 11 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de ARMADOR

4.3.7 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra – PIVÔ

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE POR POSIÇÃO EM QUADRA - PIVÔ		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 10 (45,4%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Elástico = 14 (46,7%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Extrovertido = 11 (50%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 19 (63,3%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 13 (59,1%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 12 (40%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 11 (50%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 12 (40%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 13 (59,1%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 12 (40%)
Feminino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 11 (40,7%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 09 (53%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Extrovertido = 13 (48,1%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 09 (53%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 21 (77,8%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 09 (53%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 15 (55,6%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 08 (47,1%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Enfocado = 14 (51,9%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 11 (64,7%)

Quadro 12 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, na posição de PIVÔ

4.3.8 Avaliação comparativa dos resultados: Traços de personalidade por posição em quadra –
TODAS AS POSIÇÕES

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE POR POSIÇÃO EM QUADRA – TODAS AS POSIÇÕES		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 39 (51,3%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 39 (52%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Extrovertido = 36 (47,4%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 46 (61,3%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 43 (56,6%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 39 (52%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 36 (47,4%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 30 (40%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 32 (41,4%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 33 (44%)
Feminino	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 44 (54,3%)	EMOCIONALIDADE: Maioria localiza-se no nível Respondente = 37 (49,3%)
	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 45 (55,6%)	EXTROVERSÃO: Maioria localiza-se no nível Ambiverto = 44 (58,7%)
	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 52 (64,2%)	ABERTURA: Maioria localiza-se no nível Moderado = 35 (46,6%)
	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Negociador = 41 (50,6%)	EGOCENTRISMO: Maioria localiza-se no nível Adaptável = 34 (45,3%)
	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Enfocado = 39 (48,2%)	AUTOCONTROLE: Maioria localiza-se no nível Balanceado = 36 (48%)

Quadro 13 – Avaliação comparativa dos resultados: Traços de Personalidade dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino, em TODAS AS POSIÇÕES

4.3.9 Avaliação comparativa dos resultados: QUALIDADES POSITIVAS

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS RESULTADOS – QUALIDADES POSITIVAS		
SEXO	SANTA CATARINA	OKLAHOMA
Masculino	TRAÇO AUTOCONFIANÇA: maior incidência no nível elástico = 25 (33%) e extrovertido = 36 (47%)	TRAÇO AUTOCONFIANÇA: maior incidência no nível elástico = 27 (36%), extrovertido = 19 (25%) e desafiador = 28 (37%)
	TRAÇO AUTOCONTROLE: maior incidência no nível elástico = 25 (33%) e enfocado = 24 (32%)	TRAÇO AUTOCONTROLE: maior incidência no nível elástico = 27 (36%) e enfocado = 20 (27%)
	TRAÇO CRIATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 36 (47%)	TRAÇO CRIATIVIDADE: maior incidência no nível explorador = 22 (29%) e flexível = 23 (31%)
	TRAÇO COMBATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 36 (47%)	TRAÇO COMBATIVIDADE: maior incidência no nível desafiador = 28 (37%)
	TRAÇO ESPÍRITO DE GRUPO: maior incidência no nível extrovertido = 36 (47%) e no nível adaptável = 34 (45%)	TRAÇO ESPÍRITO DE GRUPO: maior incidência no nível extrovertido = 19 (25%)
	TRAÇO CONCENTRAÇÃO: maior incidência no nível elástico = 25 (33%) e enfocado = 24 (32%)	TRAÇO CONCENTRAÇÃO: maior incidência no nível elástico = 27 (36%) e enfocado = 20 (27%)
	TRAÇO SOCIABILIDADE: Maior incidência no nível extrovertido = 36 (47%) e nível flexível = 20 (26%)	TRAÇO SOCIABILIDADE: Maior incidência no nível extrovertido = 19 (25%) e flexível = 23 (31%)
	TRAÇO LIDERANÇA: maior incidência no nível extrovertido = 36 (47%)	TRAÇO LIDERANÇA: maior incidência no nível elástico = 27 (36%) e desafiador = 28 (37%)
	TRAÇO MOTIVAÇÃO: maior incidência no nível enfocado = 24 (32%)	TRAÇO MOTIVAÇÃO: Maior incidência no nível desafiador = 28 (37%) e enfocado = 20 (27%)
Feminino	TRAÇO AUTOCONFIANÇA: maior incidência no nível elástico = 22 (27%) e extrovertido = 31 (38%)	TRAÇO AUTOCONFIANÇA: maior incidência no nível elástico = 26 (35%), extrovertido = 22 (29%) e desafiador = 18 (24%)
	TRAÇO AUTOCONTROLE: maior incidência no nível elástico = 22 (27%) e enfocado = 39 (48%)	TRAÇO AUTOCONTROLE: maior incidência no nível elástico = 26 (35%) e enfocado = 17 (23%)
	TRAÇO CRIATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 31 (38%)	TRAÇO CRIATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 22 (29%), explorador = 20 (27%) e flexível = 22 (30%)
	TRAÇO COMBATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 31 (48%) e enfocado = 39 (48%)	TRAÇO COMBATIVIDADE: maior incidência no nível extrovertido = 22 (29%), desafiador = 18 (24%) e enfocado = 17 (23%)
	TRAÇO ESPÍRITO DE GRUPO: maior incidência no nível extrovertido = 31 (38%) e no nível adaptável = 35 (43%)	TRAÇO ESPÍRITO DE GRUPO: maior incidência no nível extrovertido = 22 (29%) e adaptável = 34 (45%)
	TRAÇO CONCENTRAÇÃO: maior incidência no nível elástico = 22 (27%) e enfocado = 39 (48%)	TRAÇO CONCENTRAÇÃO: maior incidência no nível elástico = 26 (35%) e enfocado = 17 (23%)
	TRAÇO SOCIABILIDADE: Maior incidência no nível extrovertido = 31 (38%)	TRAÇO SOCIABILIDADE: Maior incidência no nível extrovertido = 22 (30%) e flexível = 22 (30%)
	TRAÇO LIDERANÇA: maior incidência no nível elástico = 22 (27%), extrovertido = 31 (38%)	TRAÇO LIDERANÇA: maior incidência no nível elástico = 26 (35%), extrovertido = 22 (39%) e desafiador = 18 (24%)
	TRAÇO MOTIVAÇÃO: maior incidência no nível enfocado = 39 (48%)	TRAÇO MOTIVAÇÃO: Maior incidência no nível desafiador = 18 (24%) e enfocado = 17 (23%)

Quadro 14 – Avaliação comparativa dos resultados: Qualidades Positivas dos jogadores de basquete brasileiros e americanos, masculino e feminino

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os indicadores socioeconômicos (Quadro 6) mostram que a maioria dos atletas pesquisados brasileiros, tanto masculinos como femininos, está inserida numa classe socioeconômica mais elevada (A1 e A2), enquanto que a maioria dos atletas americanos, masculinos e femininos, concentra-se na classe média (B1 e B2). Isso confirma as percepções empíricas que a prática do basquete, nos EUA, é mais popular e, no Brasil, mais elitizada.

Analisando os dados dos indicadores socioeconômicos, é possível fazer três interpretações. A primeira refere-se ao estudo dos hábitos de vida que, segundo Sobral (1989,1992), configura-se como importante fator para análise do fenômeno da performance desportiva, uma vez que a conceitualização de performance desportiva, enquanto um fenômeno biocultural, implica no reconhecimento da influência de fatos referentes às condições socioeconômicas, à organização do cotidiano, às atividades físicas habituais, entre outros.

Nesse sentido, em relação aos atletas brasileiros pesquisados, esta pesquisa aproxima-se dos dados obtidos por Torres e Gaya (1998), em pesquisa realizada com 393 atletas praticantes de esportes coletivos e participantes da etapa final dos Jogos da Juventude de 1996. Os autores concluíram que o nível socioeconômico da maioria dos participantes da amostra não corresponde ao nível socioeconômico de grande parte da população brasileira, e que, desta forma, possa ocorrer outra seleção, *a priori*, daquela inerente ao desporto de rendimento: a seleção econômica. França et al. (2004) investigaram a prática de atividades esportivas junto à população do município de Santana de Paraíba, em São Paulo. Os resultados obtidos parecem corroborar o fato de que a prática de esportes ocorrem com maior frequência nas classes socioeconômicas privilegiadas do meio urbano. Assim, o nível

socioeconômico caracteriza-se como uma variável importante no que se refere à realização de práticas esportivas.

A segunda interpretação possível refere-se ao esporte, em particular o basquete, como fator de inclusão social. Segundo Matsudo (1999), somente a partir da década de 1960 que os governos ocidentais passaram a adotar mais intensamente a política da inclusão social através do esporte, seguindo diretrizes do Comitê Olímpico Internacional (COI). Nos dias atuais, concluiu Matsudo (1999), o esporte consolidou-se como o principal meio de inclusão e de acesso social das classes menos favorecidas. Torres e Gaya (1998), Oliveira (1998) e Serrano (1996) afirmam que a heterogeneidade social e econômica, na formação de equipes em esportes coletivos, é um dos principais fatores de motivação e disputa por vagas nas equipes principais. Para Silva (1967), referindo-se aos aspectos da competição, a atividade esportiva é um meio de afirmação social e de prestígio pessoal; significa uma realização. Não é sem razão que a mais importante atividade esportiva brasileira, o futebol, seja procurada, de preferência, por pessoas oriundos de meios pobres e socialmente humildes. É um mecanismo psicológico de caráter compensador, pela busca da elevação econômica e social.

Essa questão remete à terceira interpretação, que se refere ao acesso do adolescente à prática do basquete. Enquanto, em Oklahoma, o acesso ao basquetebol ocorre nas escolas públicas e particulares, estas inclusive fornecendo bolsas de estudos a atletas carentes com talento, em Santa Catarina, o acesso ocorre em clubes e em escolas particulares, dificultando a prática do basquete pelas classes sociais menos favorecidas.

Considerando as três análises e observando as tabelas 11, 12, 40 e 41, observa-se um maior equilíbrio na distribuição por classe socioeconômica dos atletas americanos, masculinos e femininos.

Com relação aos indicadores de hábitos de vida (Quadro 7), verificam-se muitas semelhanças entre os dois grupos pesquisados. Nos hábitos de acordar e dormir, a maioria dos

atletas, masculinos e femininos, acorda entre 6 e 8 horas e dorme entre 22 e 24 horas. Segundo Filin e Volkov (1998), a Organização Mundial de Saúde (OMS) sugere que indivíduos com idades entre 15 e 19 anos, independente do grau de atividade física despendido durante o dia, devem ter no mínimo 7h e 30m e no máximo 9h de sono por dia. Constata-se, portanto, que a maioria dos atletas pesquisados se enquadra dentro das especificações da OMS.

Com relação aos hábitos de leitura, os atletas lêem poucas vezes ou não lêem, refletindo uma tendência dos hábitos de adolescentes que preferem a internet. Com relação aos hábitos de estudar, os atletas masculinos, brasileiros e americanos, responderam que estudam poucas vezes. Por sua vez, as atletas brasileiras e americanas responderam que estudam mais vezes. Os atletas americanos (65,4%) jogam mais vezes basquete por lazer que os atletas brasileiros (51,3%). No grupo feminino, as respostas foram semelhantes.

A similaridade dos hábitos reflete uma semelhança de comportamento entre os dois grupos analisados. Segundo Rubim (2000) e Wolf (2005), a uniformização do comportamento nas sociedades do mundo ocidental iniciou na década de 1930, com a distribuição de imagens, através do cinema, do modo de vida americano, o que alguns escritores chamaram de ‘imperialismo cultural’. Com o advento da televisão, o processo de horizontalização do comportamento tornou-se mais acentuado, dirigidos principalmente aos interesses da produção e consumo de produtos e serviços distribuídos em escala mundial. A partir da década de 1980, o avanço das tecnologias de comunicação e informação, junto com outros processos socioeconômicos, consolidou a globalização dos comportamentos.

Entretanto, uma outra interpretação é possível. Em face dos grupos pesquisados se dedicarem assiduamente ao basquete, isto os levaria a não dar atenção às atividades curriculares e extracurriculares, dentro e fora da escola. Para Rubio (2001a), isso conota certo grau de alienação dos jovens àquilo que os cerca, particularmente nas atividades culturais. Por

isso, concorda-se com a percepção de Rubio (2001a), já que se verificou que os grupos pesquisados poucos lêem e estudam.

Nos indicadores de cultura esportiva, quanto aos materiais que os atletas possuem, observa-se semelhança entre os dois grupos pesquisados. O único item que denota uma diferença refere-se à posse da tabela de basquete em casa. No grupo masculino, 60% dos americanos têm tabelas de basquete e os brasileiros, 39,5%. No grupo feminino, 53,3% das americanas têm tabelas de basquete em casa e as brasileiras, 39,5%. Esse aspecto cultural configura uma distinção importante de comportamento esportivo entre os dois grupos pesquisados. Segundo Friedmann (1998), a marca registrada que caracteriza os subúrbios americanos não são as casas, não são os automóveis, mas a presença constante das tabelas de basquete seja na frente, ao lado ou nos fundos das casas.

O mesmo ocorre com relação ao local para práticas esportivas. No grupo masculino, a maioria dos americanos prefere praticar esportes em casa (64%), na praça (56%) e na escola (64%). Já a maioria dos brasileiros pratica esportes em clubes esportivos (64,5%). No grupo feminino, a maioria das americanas prefere praticar esportes em casa (58,7%), na praça (54,6%) e na escola (53,3%) e a maioria das brasileiras pratica esporte em clubes esportivos (69,1%) e na escola (51,9). Nos dois grupos, verifica-se que os atletas americanos praticam mais esporte que os brasileiros, pois a somatória das respostas em quais locais se pratica esporte, totalizaram mais respostas positivas em Oklahoma do que em Santa Catarina. Ou seja, no grupo masculino, para cada local em Oklahoma, há 2,36 atletas praticando esporte; enquanto que, para cada local em Santa Catarina, há 1,8 atleta praticando esporte. E, no grupo feminino, para cada local em Oklahoma, há 2,08 atletas praticando esporte; enquanto que, para cada local em Santa Catarina, há 1,96 atleta praticando esporte.

Os motivos das diferenças de comportamento encontradas no item 'local para práticas esportivas' podem ser assim interpretados:

- Na organização dos campeonatos de basquete. Em Santa Catarina, a disputa dos campeonatos juvenis é feita entre clubes e em disputas regionais, como o OLESC e os Joguinhos Abertos. Em Oklahoma, os campeonatos são disputados entre as escolas, em diversos níveis sociais e geográficos. Isso ocasiona que os times americanos joguem mais vezes durante o ano.
- A participação dos atletas americanos em atividades escolares é maior, porque passam o período matutino e vespertino na escola, enquanto, em Santa Catarina, o adolescente permanece na escola apenas um período.
- A tradição americana em diversas atividades e opções de atividades esportivas, em que, além de oferecer melhor estrutura esportiva, são consideradas e utilizadas pelos adolescentes como centros de lazer. Enquanto, em Santa Catarina, as opções de atividades esportivas são restritas à prática do futebol de salão, handebol e voleibol.

Com relação ao tempo que pratica basquete, a pesquisa constatou que, no grupo masculino, os atletas brasileiros jogam em média há 4 anos e os americanos, há 7,3 anos, configurando uma diferença importante entre os grupos pesquisados. Com isso, pode-se dizer, considerando que os atletas pesquisados têm entre 16 e 18 anos (média de 17 anos), que a maioria dos atletas brasileiros pesquisados começou a jogar basquete com 13 anos de idade, enquanto os americanos com 9,7 anos de idade. No grupo feminino, as atletas brasileiras jogam em média há 4,2 anos e as americanas, há 6,4 anos, configurando também uma diferença importante. Com isso, pode-se dizer, considerando que as atletas pesquisadas têm entre 16 e 18 anos (média de 17 anos), que a maioria das atletas brasileiras começou a jogar basquete com 12,8 anos de idade, enquanto as americanas com 10,6 anos de idade.

Neste caso, é preciso considerar os aspectos culturais de cada país. Nos EUA, além de promoverem competições de basquete para categorias com idades inferiores de doze anos, a criança ganha na infância uma bola de basquete; enquanto, no Brasil, a criança recebe dos

país uma bola de futebol. No Brasil, os campinhos de ‘peladas’ são os locais onde a maioria dos brasileiros tem contato pela primeira vez com o esporte. Nos EUA, esse primeiro contato se dá nas quadras de basquete. Outros fatores importantes: em Oklahoma, existem ‘clínicas’ de verão para iniciantes em basquetebol. Também a massificação da divulgação do basquetebol nos Estados Unidos é mais intensa, comparável ao futebol no Brasil. Com isso, as crianças e adolescentes têm a possibilidade de assistir, além dos jogos profissionais, NBA e WNBA (feminino), os jogos das ligas universitárias, NCAA e NJCAA, ao vivo.

Paes (1989) estudou a reprodução empírica do conhecimento de treinadores que atuam no treinamento com crianças e adolescentes, no Brasil e nos EUA. O autor concluiu que a idade ideal para o início do treinamento especializado em basquete fica entre quatorze e quinze anos. Dessa forma, segundo o autor, acontece um processo pedagógico único que respeita as fases sensíveis e críticas do desenvolvimento e as características específicas dos adolescentes. Porém, segundo Versari (2004), o processo de iniciação de treinamento especializado em basquete nos EUA vem sistematicamente reduzindo a idade de iniciação ao longo dos últimos 20 anos. Em 1985, o adolescente começava seus treinamentos com 12,8 anos. Em 2000, pesquisa realizada em 800 escolas do 1º Grau na Costa Leste americana revelou que os adolescentes iniciaram seus treinamentos especializados a partir de 10,2 anos. Ferguson (1999), com esta crescente profissionalização do desporto juvenil, verificou que, nos últimos anos, tem ocorrido um rejuvenescimento na idade de início da prática desportiva. No Brasil, segundo pesquisas da Rede CENESP, a idade de iniciação esportiva especializada fica entre 12,8 e 15,1 anos para os esportes coletivos e entre 12,1 e 14,4 para os esportes individuais. É importante frisar que essa pesquisa da Rede CENESP é um estudo em andamento e, portanto, os números ainda não foram finalizados. Porém o resultado dessa pesquisa é bastante semelhante aos dados obtidos junto ao Comitê Olímpico Brasileiro

(COB). A única exceção é a idade de início dos treinamentos em ginástica olímpica que, dependendo da especialização, pode ser bem precoce, de até oito anos.

Quanto à frequência semanal que o atleta pratica basquete, no grupo masculino, os brasileiros treinam 4,98 dias por semana e os americanos, 4,86 dias por semana. No grupo feminino, as brasileiras treinam 4,37 dias por semana e as americanas, 4,56 dias por semana. Se a análise dos números for individual, observa-se semelhança. Mas, se a análise dos números compreender, por exemplo, um conjunto de 30 dias, essas diferenças, mesmo considerando as médias, apresentarão diferenças.

Uma explicação possível sobre o menor índice de frequência semanal de treinos dos atletas americanos deve-se ao fato deles jogarem mais vezes por semana. E de acordo com as regras estabelecidas pela *National Federation State High School Association* (NFHS), após os jogos oficiais, obrigatoriamente os atletas têm um dia de folga.

Hohmann (2003) entrevistou doze técnicos de equipes de basquete que se classificaram para jogar as Olimpíadas de 1998 e 2002. A pesquisa revelou que, no período de preparação, os atletas treinavam em média 5,2 dias por semana, considerando que um eventual jogo preparatório era avaliado como treino. Isso significa que o número de dias por semana que os atletas pesquisados treinam ou jogam está bastante próximo da pesquisa de Hohmann. Filin e Volkov (1998) dizem que atletas adolescentes em formação devem ter treinamento especializado de, no máximo, cinco dias por semana, devendo o corpo ficar em descanso por, pelo menos, 36 horas.

Com relação a horas de treinos por dia, no grupo masculino, os brasileiros jogam em média 2h e 30m por dia, enquanto os americanos jogam em média 15 minutos a mais, com 2h e 45m por dia. Quinze minutos por dia, ao longo de um período de 30 dias, apresentará uma diferença importante ao final do período. No grupo feminino, as brasileiras jogam em média 2h e 36m por dia, enquanto as americanas jogam em média 2h e 27m por dia, uma diferença

pró-brasileiras de 9 minutos, o que também, ao longo de um período de 30 dias, pode representar uma diferença importante.

Verificou-se que os atletas brasileiros e americanos, masculinos e femininos, treinam quase cinco dias por semana e dedicam $\frac{1}{4}$ do período que estão acordados ao basquete. Ou seja, é possível afirmar que os atletas pesquisados estão envolvidos com o ambiente competitivo proporcionado pela prática do basquete.

No estudo de Hohmann (2003), no período de preparação, segundo os técnicos, os atletas treinavam em média 6h e 15m por dia. Significa dizer que atletas de alto nível que disputam Jogos Olímpicos treinam em média 3h e 30m a mais do que os atletas pesquisados neste estudo. Para Filin e Volkov (1998), atletas adolescentes em formação devem ter treinamento especializado de, no máximo, quatro horas por dia, devendo o corpo ficar em descanso por, pelo menos, oito horas.

Os indicadores físicos, no grupo masculino, a posição ALA apresentou semelhanças nas médias de peso, altura e massa corporal. Na posição ARMADOR, os resultados mostraram semelhança nas médias de altura e diferenças nas médias de peso e massa corporal, sendo os armadores americanos mais fortes que os brasileiros. A posição PIVÔ apresentou semelhança nas médias de altura e diferença nas médias de peso e massa corporal, sendo os pivôs americanos mais fortes que os pivôs brasileiros. O estudo de TODAS AS POSIÇÕES apresentou semelhança nas médias de altura e diferenças nas médias de peso e massa corporal, sendo os jogadores americanos mais pesados e mais fortes que os jogadores brasileiros.

No grupo feminino, a posição ALA apresentou semelhança nas médias de peso, altura e massa corporal. A posição ARMADOR apresentou diferenças nas médias de altura e peso, sendo as armadoras americanas mais altas e mais pesadas que as armadoras brasileiras. Porém registra-se uma semelhança na média de massa corporal. A posição PIVÔ apresentou

semelhança na média de altura e diferenças nas médias de peso e massa corporal, sendo as pivôs americanas mais altas e mais pesadas que as pivôs brasileiras. O estudo de TODAS AS POSIÇÕES apresentou diferenças nas médias de altura e peso, sendo as jogadoras americanas mais altas e mais pesadas que as jogadoras brasileiras. Porém as médias do indicador massa corporal apresentaram semelhanças.

Contudo, o dado que mais chama a atenção refere-se ao IMC. Em todas as posições, nos grupos masculino e feminino, o IMC dos americanos é superior ao dos brasileiros. O exemplo que se destaca é o IMC do grupo masculino na análise de TODAS AS POSIÇÕES, 21,6 dos brasileiros e 24,0 dos americanos, uma diferença de 2,4 IMC a favor dos americanos. Como a média dos IMC está dentro do peso normal ou ideal, significa dizer que os atletas americanos, masculinos e femininos, são mais fortes que os atletas brasileiros.

Generalizando, pode-se afirmar que um atleta mais forte tem mais velocidade, mais força física, grande mobilidade defensiva e ofensiva e uma tendência menor de ter uma lesão; e, no caso de uma lesão, o tempo de recuperação é menor do que um atleta mais fraco. Dessa maneira, como os atletas americanos, tanto do grupo masculino como feminino, apresentaram massa muscular ou relação peso *versus* altura superior aos brasileiros, isso significa que os atletas americanos têm uma estrutura física mais adequada à prática do basquetebol em relação aos atletas brasileiros.

Encontrou-se na literatura três justificativas possíveis para essa diferença de massa corporal. Primeiro, a predominância do tipo físico mesomórfico dos atletas americanos. Segundo, a alimentação rica em carboidratos. Terceiro, o modelo de treinamento físico empregado pelos treinadores americanos é mais rígido e consistente do que o modelo empregado pelos treinadores brasileiros (ELLIOT; MESTER, 2004).

Quanto aos traços de personalidade, a posição de ALA é considerada pelos técnicos de basquetebol como a do jogador ‘matador’, ou seja, um jogador com característica de

finalização do jogo, principalmente na linha de três pontos. Tem um poder de decisão muito grande. Pode ter estatura alta e média e deve ser muito rápido para finalizar um contra-ataque.

No grupo masculino, a posição ALA apresentou semelhanças no fator Emocionalidade, com a maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator Extroversão, com a maioria possuindo o traço Ambiverto; no fator Abertura, com a maioria possuindo o traço Moderado; e no fator Autocontrole, com a maioria apresentando o traço Balanceado de personalidade. A posição ALA apresentou diferença no fator Egocentrismo. A maioria dos alas brasileiros possui o traço Adaptável e a maioria dos alas americanos apresenta o traço Negociador de personalidade.

No grupo feminino, a posição ALA apresentou semelhanças no fator Extroversão, com a maioria possuindo o traço Ambiverto de personalidade; no fator Abertura, a maioria possuindo o traço Moderado; e no fator Autocontrole, com a maioria apresentando o traço Balanceado de personalidade. As diferenças estão no fator Emocionalidade, em que a maioria das alas brasileiras apresenta o traço Respondente e a maioria das alas americanas possui o traço Elástico de personalidade; e no fator Autocontrole, em que a maioria das alas brasileiras apresenta o traço Enfocado e maioria das alas americanas possui o traço Balanceado de personalidade.

A posição de ARMADOR é considerada pelos técnicos como a mais importante. A posição exige muita responsabilidade em quadra. O armador é o jogador que fica mais tempo com a posse de bola; é jogador que cadencia o jogo, podendo fazer seu time jogar rápido ou lento. Tem que ter excelente visão de jogo, drible e assistência em quadra. É de baixa estatura e muito rápido. Apresenta com principal característica a organização da sua equipe. É chamado pelos especialistas como maestro ou, até mesmo, como um técnico dentro de quadra.

No grupo masculino, a posição ARMADOR apresentou semelhanças no fator Emocionalidade, com a maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator

Abertura, com a maioria apresentando o traço Moderado. As diferenças estão no fator Extroversão, em que a maioria dos armadores brasileiros apresenta o traço Extrovertido e a maioria dos armadores americanos possui o traço Ambiverto de personalidade; no fator Egocentrismo, a maioria dos armadores brasileiros apresenta o traço Negociador e a maioria dos armadores americanos possui o traço Desafiador de personalidade; e no fator Autocontrole, em que a maioria dos armadores brasileiros apresenta o traço Enfocado e a maioria dos armadores americanos possui o traço Balanceado de personalidade.

No grupo feminino, a posição ARMADOR apresentou semelhanças no fator Emocionalidade, com a maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator Extroversão, com a maioria possuindo o traço Ambiverto; e no fator Abertura, com a maioria apresentando o traço Moderado de personalidade. As diferenças estão no fator Egocentrismo, em que a maioria das armadoras brasileiras apresenta o traço Negociador e a maioria das armadoras americanas possui o traço Adaptável de personalidade; e no fator Autocontrole, em que a maioria das armadoras brasileiras apresenta o traço Enfocado e a maioria das armadoras americanas possui o traço Balanceado de personalidade.

A posição de PIVÔ exige maior contato entre os atletas em quadra, principalmente dentro do garrafão. Tem como característica física: atletas altos, fortes, que gostem de jogar no corpo a corpo, porém lentos em virtude da altura e peso. Como característica técnica, possuem arremessos curtos (*ganchos* e *jumps* curtos) e boa noção de rebote. Na terminologia do esporte, são os pivôs que fazem o serviço sujo no garrafão, os bloqueios para que os Alas e os Armadores fiquem livres para arremessar ou infiltrar para cesta. Das posições no basquetebol, é aquela considerada como desligada e não focado no jogo.

No grupo masculino, a posição PIVÔ apresentou semelhanças no fator Abertura, com a maioria possuindo o traço Moderado de personalidade; no fator Egocentrismo, com a maioria possuindo o traço Negociador; e no fator Autocontrole, com a maioria apresentando o

traço Balanceado de personalidade. As diferenças estão no fator Emocionalidade, em que maioria dos pivôs brasileiros possui o traço Respondente e a maioria dos pivôs americanos apresenta o traço Elástico de personalidade; e no fator Extroversão, em que a maioria dos pivôs brasileiros apresenta o traço Extrovertido e a maioria dos pivôs americanos possui o traço Ambiverto de personalidade.

No grupo feminino, a posição PIVÔ apresentou semelhanças no fator Emocionalidade, com maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator Abertura, com a maioria apresentando o traço Moderado; e no fator Egocentrismo, com a maioria possuindo o traço Negociador de personalidade. As diferenças estão no fator Extroversão, em que a maioria das pivôs brasileiras possui o traço Extrovertido e a maioria das pivôs americanas apresenta o traço Ambiverto de personalidade; e no fator Autocontrole, em que a maioria das pivôs brasileiras possui o traço Enfocado e a maioria das pivôs americanas apresenta o traço Balanceado de personalidade.

Em TODAS AS POSIÇÕES, no grupo masculino, os resultados indicaram semelhanças no fator Emocionalidade, com a maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator Abertura, com a maioria apresentando o traço Moderado; no fator Egocentrismo, com a maioria possuindo o traço Negociador; e no fator Autocontrole, com a maioria apresentando o traço Balanceado de personalidade. O fator Extroversão apresentou diferença, em que a maioria dos jogadores brasileiros possui o traço Extrovertido e a maioria dos jogadores americanos apresenta o traço Ambiverto de personalidade.

No grupo feminino, as semelhanças estão no fator Emocionalidade, com a maioria possuindo o traço Respondente de personalidade; no fator Extroversão, com a maioria apresentando o traço Ambiverto; e no fator Abertura, com a maioria possuindo o traço Moderado de personalidade. As diferenças estão no fator Egocentrismo, em que a maioria das jogadoras brasileiras possui o traço Negociador e a maioria das jogadoras americanas

apresenta o traço Adaptável de personalidade; e no fator Autocontrole, em que a maioria das jogadoras brasileiras possui o traço Enfocado e a maioria das jogadoras americanas possui o traço Balanceado de personalidade.

Analisando as posições em quadra de forma individual e coletiva, observa-se que há distinções entre os grupos pesquisados, estendendo essas diferenças de fatores e níveis entre o grupo masculino e feminino. Apenas o nível Moderado, do fator Abertura, apresenta certa semelhança em todos os grupos pesquisados. A partir desses dados, é possível afirmar que existem traços de personalidade distintos entre os indivíduos pesquisados por sexo e por posições em quadra: Ala, Armador e Pivô.

Segundo Lundin (1974), as respostas aos inventários de personalidade funcionam como indicações de traços. Essas respostas podem ser quantificadas e somadas, para formarem uma avaliação do grau de um traço particular que uma pessoa ou grupo de pessoas possuem, da forma como é indicado pelas suas respostas. Depois, pode-se traçar um perfil, para mostrar como o indivíduo ou grupo de indivíduos se situa em uma variedade de traços, em relação à coletividade em que o teste foi padronizado. Uma das grandes vantagens desses inventários é a facilidade com que podem ser apurados e interpretados. São objetivos, no sentido de que os métodos de aplicação e as técnicas de interpretação são os mesmos para todos que se submetem ao teste.

Na análise da comparação das qualidades positivas: autoconfiança, autocontrole, criatividade, combatividade, espírito de grupo, concentração, sociabilidade, liderança e motivação positiva, por sexo e posição em quadra, foram considerados as incidências que essas qualidades aparecem descritas nos níveis dos fatores. Dessa maneira, foi possível mensurar a quantidade da presença que determinado traço de personalidade ou qualidade positiva incide no grupo pesquisado.

Para melhor avaliar a importância dessas qualidades positivas, considerou-se o estudo de Ramos e Tavares (2000) que pesquisaram os aspectos do processo de seleção com base no entendimento dos técnicos. Os resultados foram apresentados a partir de recursos de estatística de medida central (\pm). E os estudos de Gould, Tammen, Murphy e May (1991) que pesquisaram treinadores e atletas de elite para identificar os principais tópicos que eles freqüentemente relacionavam como necessários para o desempenho ideal do atleta. Os resultados dessas pesquisas foram adaptados para este estudo, considerando que 1 = não importante e 10 = muito importante. Os resultados: 1º) motivação: 9,72; 2º) autoconfiança: 9,61; 3º) concentração: 9,56; 4º) autocontrole: 8,68; 5º) criatividade: 8,45; 6º) combatividade: 8,33; 7º) liderança: 8,30; 8º) espírito de grupo: 8,21; 9º) sociabilidade: 7,33.

No grupo masculino, tem-se que, no traço autoconfiança, os atletas americanos possuem maior incidência do traço autoconfiança; no traço autocontrole, os dois grupos apresentam incidências semelhantes; no traço criatividade, os atletas americanos possuem maior incidência do traço criatividade; no traço combatividade, os dois grupos apresentam incidências semelhantes, apesar de se concentrarem em níveis diferentes; no traço espírito de grupo, os atletas brasileiros possuem maior incidência do traço espírito de grupo; no traço concentração, os dois grupos possuem incidências semelhantes; no traço sociabilidade, os dois grupos apresentam incidências semelhantes; no traço liderança, os atletas americanos possuem maior incidência do traço liderança; no traço motivação, os atletas americanos possuem maior incidência do traço motivação.

No grupo feminino, tem-se que, no traço autoconfiança, as atletas americanas possuem maior incidência do traço autoconfiança; no traço autocontrole, os dois grupos apresentam incidências semelhantes; no traço criatividade, as atletas americanas possuem maior incidência do traço criatividade; no traço combatividade, as atletas americanas possuem maior incidência do traço combatividade; no traço espírito de grupo, os dois grupos apresentam

incidências semelhantes; no traço concentração, os dois grupos apresentam incidências semelhantes; no traço sociabilidade, as atletas americanas possuem maior incidência do traço sociabilidade; no traço liderança, as atletas americanas possuem maior incidência do traço liderança; no traço motivação, as atletas americanas possuem maior incidência do traço motivação.

Observa-se, portanto, que os atletas americanos, tanto masculinos como femininos, possuem mais qualidades positivas que os atletas brasileiros. No entanto, faz-se necessário que os dados obtidos através dos testes de traços de personalidade, descritos neste estudo, sejam analisados com maior profundidade científica por especialistas em psicologia esportiva, com o objetivo de se ter diagnósticos individuais de cada teste realizado. Com isso, as generalizações apresentadas neste estudo poderão ser confirmadas por profissionais especializados.

De uma maneira geral, pode-se dizer que os atletas americanos estão mais preparados que os atletas brasileiros, não só por suas características físicas e psicológicas, mas, principalmente, pelas condições materiais e o incentivo que as escolas e o governo americano dedicam aos seus atletas nas categorias de base.

Entretanto, é preciso considerar as diferenças históricas, sociais e culturais entre os Estados Unidos e o Brasil. A massificação da divulgação do basquetebol nos Estados Unidos é intensa, o que torna a prática desse esporte muito popular e um poderoso fator mobilizador capaz de criar padrões e moldar comportamentos entre crianças e adolescentes, comparável a massificação cultural do futebol no Brasil.

Por outro lado, têm-se exemplos de que é possível popularizar uma prática esportiva, desde que haja incentivos e organização. A Argentina sagrou-se Medalha do Ouro dos Jogos Olímpicos de Atenas (2002), desbancando a hegemonia vitoriosa do *Dream Team* Americano, por dois motivos principais: o primeiro, durante os últimos 20 anos, a *Confederación*

Argentina de Basquetbol investiu seus esforços no desenvolvimento das categorias de base com a construção de quadras de basquete nos bairros das grandes cidades, tornando o esporte popular. O segundo motivo está no acompanhamento da evolução física e psicológica de jovens talentos, fazendo-os compreender da necessidade de encarar o basquete como esporte competitivo e, ao mesmo tempo, transformando-os em atletas de alto rendimento, o que possibilitou o surgimento de uma elite de atletas profissionais com características físicas distintas em relação ao time americano.

Aqui, no Brasil, pode-se citar o caso do Vôlei. Até os anos 1980, a hegemonia desse esporte estava concentrada em países do Leste Europeu, em Cuba e nos Estados Unidos. A partir do incentivo da Confederação Brasileira de Vôlei em popularizar o esporte em todos os níveis e na organização eficiente de campeonatos estaduais e nacionais, as seleções brasileiras tornaram-se times a serem batidos.

No Brasil, já é possível ver investimentos governamentais nas categorias de base e também no incentivo ao desenvolvimento do esporte competitivo escolar, vistos nos Jogos da Juventude e nas Olimpíadas Universitárias disputadas este ano. Nos municípios, como no caso de Florianópolis, a Fundação Municipal do Esporte (FME) tem desenvolvido diversos projetos de inclusão social e melhorias nas quadras esportivas. Observa-se também que as parcerias com a iniciativa privada vêm dando resultados bastante animadores. Mas é preciso fazer muito mais. É preciso trazer o jovem carente, aquele vive nas periferias das cidades, para dentro do esporte, incluí-lo socialmente, reforçar sua auto-estima, capacitá-lo através do esporte para a vida em sociedade.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Considerando os objetivos propostos, a literatura revisada e a análise dos resultados, com base nas informações coletadas através dos questionários de Hábitos de Vida ou EVIA e no resultado da aplicação do inventário de traços de personalidade do instrumento *Big Five Test*, pode-se concluir:

Numa visão mais ampla, os atletas pesquisados apresentam diferenças importantes tanto em relação aos hábitos e vida como nos traços de personalidade, sendo que essas diferenças favorecem qualitativamente os atletas americanos, tanto do grupo masculino como feminino.

De maneira mais detalhada, respondendo aos objetivos específicos do estudo, pode-se concluir que:

- 1) Há um equilíbrio maior na distribuição por classe socioeconômica dos atletas americanos, masculinos e femininos, em relação aos atletas brasileiros que podem ser considerados elitizados.
- 2) Os indicadores dos hábitos de vida apresentaram semelhanças nos hábitos de acordar, dormir, ler e estudar entre os dois grupos pesquisados.
- 3) Os indicadores de cultura esportiva, quanto aos materiais que os atletas possuem e ao local para as práticas esportivas, apresentaram semelhanças entre os dois grupos pesquisados. No entanto, a análise detalhada desses indicadores, nos dois grupos pesquisados, revelou que os atletas americanos praticam mais esporte que os brasileiros.
- 4) Com relação ao tempo que pratica basquete, no grupo masculino, os atletas brasileiros começaram a jogar basquete com 13 anos de idade, enquanto os atletas americanos, com 9,7 anos de idade. No grupo feminino, as atletas brasileiras começaram a jogar basquete com 12,8

anos de idade, enquanto as atletas americanas com 10,6 anos de idade, configurando uma diferença importante entre os grupos pesquisados.

5) A frequência semanal que o atleta pratica basquete apresentou semelhanças entre os grupos pesquisados.

6) Os atletas americanos masculinos treinam mais horas por dia que os atletas brasileiros. E as atletas brasileiras treinam mais horas por dia que as atletas americanas.

7) Os indicadores físicos por posição em quadra apresentaram diferenças importantes em ambos os grupos pesquisados. Os atletas americanos, masculinos e femininos, apresentaram Índice de Massa Muscular (IMC) superior aos atletas brasileiros, significando que a estrutura física do atleta americano é mais adequada a prática do basquete em relação ao atleta brasileiro.

8) Com relação aos traços de personalidade, observa-se que há distinções entre os grupos pesquisados, estendendo essas diferenças de fatores e níveis entre o grupo masculino e feminino. Portanto, é possível afirmar que existem traços de personalidade distintos entre os indivíduos pesquisados por sexo e por posições em quadra: Ala, Armador e Pivô.

9) Com relação às qualidades positivas, os americanos apresentam mais traços de autoconfiança, criatividade, liderança e motivação em comparação aos brasileiros. Os brasileiros apresentam mais traços de espírito de grupo em comparação aos americanos. Os traços de personalidade autocontrole, combatividade, concentração e sociabilidade são semelhantes entre brasileiros e americanos. Concluiu-se que os atletas americanos possuem mais qualidades positivas associadas à personalidade que os brasileiros.

10) No grupo feminino, as atletas americanas apresentam mais traços de autoconfiança, criatividade, combatividade, sociabilidade, liderança e motivação em comparação às brasileiras. Os traços de personalidade autocontrole, espírito de grupo e concentração são

semelhantes entre brasileiras e americanas. Concluiu-se que as atletas americanas possuem mais qualidades positivas associadas à personalidade que as brasileiras.

Além das conclusões apresentadas, relacionadas especificamente aos objetivos propostos no início do trabalho, é possível apresentar algumas sugestões e recomendações:

- Desenvolver projetos de escolinhas de basquetebol em escolas e praças públicas, em áreas carentes de Santa Catarina. Um modelo em Santa Catarina é o projeto PIESP/CEFID/UDESC de basquetebol com acesso gratuito aos participantes.
- Instalar tabelas de basquetebol nas praças públicas, ajustadas aos postes de luz, em regiões carentes de cidades, com o objetivo de ampliar o interesse e dar acesso à prática da modalidade.
- Desenvolver atividades recreativas de basquetebol nas escolas com faixa etária entre 8 – 10 anos.
- Apresentar a psicólogos especializados em Psicologia Esportiva os resultados desta pesquisa, para uma melhor avaliação dos diagnósticos obtidos através da aplicação do modelo dos Cinco Grandes Fatores.
- Ampliar os objetivos desta pesquisa, desenvolvendo estudos qualitativos, utilizando os questionários já respondidos e os seus resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- AJURIAGUERRA, J. **Psicología y epistemología genéticas**. Buenos Aires: Proteo, 1970.
- ALMEIDA, H.; WICHERHAUSER, P. M. **O critério ABA/ABIPEME: em busca de uma atualização**. São Paulo: ABIPEME, 1991.
- ALLPORT, G. W. **Personalidade**. São Paulo, EPU. 1973.
- ALVARENGA, M. A.; CARVALHO, H. W.; MENDOZA, C. E. F. (Orientadora). Perfil dos traços de personalidade do cidadão brasileiro: um estudo com o NEO-PI. *In*: VII Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica, 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, LADI-UFMG, 2004. disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~ladi/trabpremperson.htm>>. Acesso em 14 ago. 2005.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Association news. Disponível em <<http://www.apa.org/monitor/mar05/an.html>>. Acesso em 24 out. 2005.
- ANDRADE, A. **Ocorrência e controle subjetivo do stress na percepção de bancários ativos e sedentários**. A importância do sujeito na relação “Atividade física e saúde”. 2001, 252 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção na área de Ergonomia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- ARAÚJO, J.M. **Basquetebol português e alta competição**. Lisboa: Editorial Caminho, Coleção desporto e tempos livres, 1982.
- AZEVEDO M, J. A.; JUNISHI, S. K. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e a formação de crianças e jovens. *In* RUBIO, K. (org.). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BALAGUER, I. **Entrenamiento psicológico en el deporte**. Valência: Albatros, 1994.
- BALLONE, G. Ansiedade e Esporte. *In*: **PsiquWeb**. Disponível em <www.virtualpsy.org/temas/esporte.html>. Acesso em 15 jan. 2005.
- BARBANTI, V.J. **Teoria e prática do treinamento desportivo**. São Paulo: Edgard Blucher, 1997.
- BARBERO, J. I. **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993.
- BARRETO, J.A. **Psicologia do esporte para o atleta de alto Rendimento**. São Paulo. Shape Editora, 2002.
- BARRETO, S. J. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2.ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.
- BARROS R. Os adolescentes e o tempo livre: lazer atividade física. *In*: COATES, V. et al. **Medicina do adolescente**. São Paulo: Sarvier, 1993.

BECKER JR, B. **Manual de psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Nova Prova, 2000.

BERGAMO, V. R. **O Perfil físico e técnico de atletas de basquetebol feminino: contribuições para identificação do talento esportivo múltiplo**. 2003, 298 p. Tese (Doutorado em Educação Física). Unicamp, Campinas, 2003.

BERGAMO, V.R. **Talento, treinamento e rendimento no basquetebol feminino**. 1996, p. 170. Piracicaba: Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, 1996.

BERNARDES, J. S. História. *In*: JACQUES, M. G. et al.; FONSECA, T. M. G. (orgs). **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOMPA, T.O. **From childhood to champion**. Toronto: Veritas, 1995.

BOMPA, T.O. **Treinamento total para jovens campeões**. São Paulo: Manole, 2002.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 2000.

BRANDÃO, M. R. F. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. 1996, 152 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade de Santa Maria, 1996.

BRANDÃO, M. R. F. A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte. *In*: RUBIO, K.(org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BRANDÃO, M. R. F; HATA, M. BONJARDIM, E.; MACEDO L. L. Grupo de pesquisa: Análise da distância psicológica dos seus componentes. Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte da USP, 2005. Disponível em <http://juno.cnpq.br/gpesq2/garea6/apg702/reg_se/uf_sp/i_usp/g_6509/gp6509.htm>. Acesso em 28 out. 2005.

BRANDÃO, M.; CASAL, H.; MENDOZA, M. Estrés en jugadores de fútbol: una comparación Brasil & Cuba. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.2, n.1, 2002.

BRASIL, M.A.S. **Curso de Psicologia da Personalidade: Estudo Prático**. Belo Horizonte. Lê, 1971.

_____. **Curso de Psicologia da Personalidade: Estudo Teórico**. Belo Horizonte. Lê, 1971.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO (MET). Portaria Ministerial nº 221, de 01 de outubro de 2002. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/cenesp/portaria/Portaria221_AnexoIV.pdf>. Acesso em 04 set. 2005.

BRIGGS, S. R. Assessing the five-factor model of personality description. **Journal of Personality**, v. 60, n. 253, 2002.

- BROHM, J. M. **Tesis sobre el deporte. Materiales de sociología del deporte.** Madrid: La Piqueta, 1993.
- BUCETA, J. M. **Psicología del entrenamiento deportivo.** Madrid: Dykinson, 1998.
- BUSS, D. M. **Evolutionary personality psychology.** Annual Review of Psychology, 2001.
- CARAZZATO, J.G. Atividade física na criança e no adolescente. *In*: GHORAYEB,N.; BARROS, T.L. **O exercício. Preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e prevenção.** São Paulo: Atheneu, 1999.
- CATTELL, R. B. **Análise científica da personalidade.** São Paulo: Ibrasa, 1975.
- CAULEY, J.A. et al. Physical activity by socioeconomic status in two population based cohorts. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, Indianapolis, v. 2,1991.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.
- CORSINI, C.F. É agressivo ou está agressivo??? Eis a questão! **Saúde e vida on-line.** Campinas, 2004. Disponível em <<http://www.saudevidaonline.com.br/agres.htm>>. Acesso em 14 jul. 2005.
- CRATTY, B.J. **Psicologia no esporte.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
- CUNHA, J. P. A.; OLIVEIRA, S. M. S. S. **Estudo da correlação entre traços de personalidade e o desempenho de atletas em times de futebol.** Campinas:Unicamp, 2003.
- DE MARCO, A.; JUNQUEIRA, F. C. Diferentes tipos de influências sobre a motivação de crianças numa iniciação esportiva. *In*: PICCOLO, V. L. N. (org.), **Educação Física Escolar: ser ou não ter?** Campinas, SP: Uunicamp, 1993.
- DE POSADA, J. Big Five Locator Personality Test. Disponível em <<http://www.jdeposada.com/test.asp>>. Acesso em 06 jun. 2005.
- DE POSADA, J. Big Five Locator Personality Test: **Test results.** Disponível em <<http://www.jdeposada.com/results.asp>>. Acesso em 28 jun. 2005.
- DE POSADA, J. **For team coaches:** turn challengers into champions! Disponível em <http://www.motivationalbookspeaker.com/sports_coach.html>. Acesso em 05 maio 2005.
- DE POSADA, J. **How to survive Among Piranhas.** Miami: Cobex, 2004a.
- DE POSADA, J. **Share your mission:** The personal american with mission and drive. Miami: Cobex, 2004b.
- DE POSADA, J. **The Consultative-Relationship Way.** Miami: Cobex, 2003.
- DE POSADA, J. Today is the first day of the rest of your life. **Science Sports Magazine.** Disponível em <<http://www.motivationalbookspeaker.com/articles/20040203-01.doc>>. Acesso em 04 maio 2005.

DE ROSE JÚNIOR, D. **Stress pré-competitivo no esporte infanto-juvenil**: elaboração e validação de um instrumento. São Paulo, 1996. 110p. Tese (Doutorado em Psicologia do Esporte) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996.

DE ROSE JÚNIOR, D.; DESCHAMPS, G.; KORSAKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquetebol infanto-juvenil. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n.2, p.36-44, 2001.

DE ROSE JÚNIOR, D.; TAVARES, A. C.; GITTI, V. Perfil técnico de jogadores de basquetebol: relações entre os indicadores de jogo e posições específicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte**, v. 18, nº 04, p. 48-52, out/dez, 2004.

DE ROSE JÚNIOR, D.; VASCONCELLOS, E.G. Situações específicas de “stress” no basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, v.7, n.2, p.25- 34, 1993.

DE ROSE JÚNIOR, D.; VASCONCELLOS, E.G.; SIMÕES, A.C. Situações de jogo causadoras de “stress” no handebol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, v.8, n.1, p.30-7, 1994.

DE ROSE JÚNIOR, D.; VASCONCELLOS, E.G.; SIMÕES, A.C.; MEDALHA, J. Padrão de comportamento do “stress” em atletas de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, v.10, n.2, p.139-45, 1996.

DIGMAN, J. M. **Personality structure**: The emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 2003.

ELLIOTT, B.; MESTER, J. **Treinamento no Esporte**: Aplicando Ciência no Esporte. São Paulo: Phorte, 2004.

ESOMAR, European Society for Opinion and Marketing. **Código de conduta para publicação de pesquisas**. São Paulo: ABIPEME, 1983.

EYSENCK, H. J. **The structure of human personality**. Lenders: Methuen. 1977.

FADMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harba, 1986.

FEIJÓ, O. G. **Corpo e movimento**: uma psicologia para o esporte. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FEIJÓ, O. G. Psicologia do Esporte e no Esporte. *In*: RUBIO, K. (org.). **Encontros e desencontros**: descobrindo a Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FERGUSON, A. Conheça a loucura do esporte infantil nos EUA. **Time Magazine do Jornal Folha de São Paulo**, v. 2, n. 27, p. 4, 08 jul. 1999.

FERREIRA, A. E. X.; DE ROSE JÚNIOR, Dante. **Basquetebol**: técnicas e tática: uma abordagem didática pedagógica. São Paulo: EPU, 1987.

FERREIRA, H. B. **Iniciação esportiva**: Uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no Basquetebol. Campinas: Unicamp, 2001.

FILIN, V.P. **Desporto Juvenil**: Teoria e metodologia. Londrina. CID, 1996.

FILIN, V.P.; VOLVKOV, V.M. **Seleção de talentos nos desportos**. Londrina: Midiograf, 1998.

FLEURY, S. . Avaliação em psicologia esportiva. São Paulo: GEPPSE, disponível em <<http://geppse.esporte.org.br/modules.php?name=Sections&op=viewarticle&artid=17>>. Acesso em 18 set. 2005.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FRANÇA, N. M. Estado nutricional, crescimento e desenvolvimento de escolares brasileiras. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.5, n.4, 2004.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRIEDMANN, A. **Brincar**: crescer e aprender o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

FRIEDMANN, D. The NBA Rookie Career Transition. **Selfhelp Magazine**, 1998. Disponível em <<http://www.selfhelpmagazine.com/articles/sports/rookie.html>>. Acesso em 14 set 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I: Fundamentos de una hermenéutica filosófica**. Salamanca: Sígueme, 1996.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, escolares, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

GAYA, A. Hábitos de vida: um estudo exploratório sobre a influência do nível socioeconômico e do gênero no cotidiano de jovens atletas. **Revista da Faculdade de Educação Física da U.A.**, v.1, n.1-2, Jan.-dez. 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDBERG, L. R. Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. **Review of Personality and Social Psychology**, 1981.

GOLDBERG, L. R.. Personality traits and eating habits: The assessment of food preferences in a large community sample. **Personality and Individual Differences**, n. 32, p. 49-65, 2002.

GOLMESKI, A. **Baloncesto: la direcion del equipo**. Barcelona: Hispano Europea 1990.

GOSLING, S. D.; RENTFROW, P. J.; SWANN, W. B. A very brief measure of the Big-Five personality domains. **Journal of Research of Personality**. Austin, Texas, nº 37, 2003. Disponível em <<http://www.elsevier.com/locate/jrp>> Acesso em 05 set. 2005.

GOULD, D.; DAMARJIAN, N. Treinamento Mental no Esporte. *In*: ELLIOTT, B.; MESTER, J. **Treinamento no esporte: Aplicando Ciência no Esporte**. São Paulo: Phorte. 2000.

GOULD, D.; MURPHY, S.; TAMMEN, V.; MAY, J. **An evaluation of U.S. Olympic sport psychology consultant effectiveness.** New Jersey: The Sports Psychologist, 1991.

GRECO, S. P. et al: **Formação esportiva universal.** Belo Horizonte:UFMG. 1998, v.1 e 2

GRUPTA, S.K. The parent's and teachers's attitudes and reactions towards participation in sports by young athletes of a university in an Indian State. **International Review for the Sociology of Sport**, Munich, v.22, n.4, p.305-315, 1986.

GUILFORD, J. P. **Factors and factors of personality.** Psychological Bulletin, 1975.

HALL, C.S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade.** 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1984.

HOHMANN, A. Aspectos científicos del desarrollo de talentos: el modelo alemán. *In: Talentos: detección, entrenamiento y gestión.* Governó de Canarias, Dirección General de Deportes, Espanha, 2003.

JACKSON, P.; DELEHANTY, H. **Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KIRKWOOD, B R. **Essentials of medical statistics.** London: Blackwell Scientific Publications, 1990.

KNAPP, B. **Skill in sport.** London: Routledge & Kegan Paul, 1964.

KNAPP, P. (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KREB'S, R.J: Da estimulação à especialização. **Revista Kinesis**, n. 9. 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2001.

LAWTHER, J. D. **Psicologia del deporte y del desportista.** Buenos Aires: Paidós, 1978.

LIMA, T. Os limites da alta competição. **Revista Horizonte**, n. 39, p.74, 1990

LUCCAS, A. N. A Psicologia, o Esporte e a Ética. *In: RUBIO, K. (org.). Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LUNDIN, R. W. **Psicologia da personalidade.** Rio de Janeiro. José Olympio, 1974.

LUNDIN, R. W. **Personalidade: uma análise do comportamento.** São Paulo: EPU, 1997.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: Conceito e aplicação.** São Paulo:Edgard Blucher. 2000.

MARQUES, A T.; GAYA, A. Atividade física, aptidão física e educação para a saúde: estudos na área pedagógica em Portugal e no Brasil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.01, p.83-102, jan.-jun. 1999.

MARTENS, R. **Sport competition anxiety test.** Champaign Human Kinetics, 1977.

- MATSUDO, V.K.R. Avaliação a potência anaeróbica. Teste de 40 segundos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.1, n.1, p. 8-16, 1979.
- MATSUDO, V.K.R. Menarca em esportistas brasileiras – Estudo preliminar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 4, n. 1, 1982.
- MATSUDO, V.K.R. (Editor) **Testes em ciências do esporte**. 4. ed.. São Caetano do Sul: CELAFISCS, 1999.
- MATVEEV, L.P. **Preparação desportiva**. São Paulo: Aratebi, 1996.
- McADAMS, D. P. The Five-factor Model in personality: A critical appraisal. **Journal of Personality**, v. 68, n. 2, 2004.
- McCRAE, R. R.; COSTA, P. T. The Five-Factor Model. **American Psychologist**, v. 56, n. 6, 2001.
- McCRAE, R. R.; COSTA, P. T.. Folk concepts, natural language, and psychological constructs: The California Psychological Inventory and the Five-Factor Model. **Journal of Personality**, v. 8, n. 12, 1993.
- McCRAE, R. R.; COSTA, P. T. More reasons to adopt the Five-Factor Model. **American Psychologist**, v. 3, n. 8, 1989.
- McCRAE, R. R., COSTA, P. T.; PIEDMONT, R. L. Folk concepts, natural language, and psychological constructs: The California Psychological Inventory and the Five-Factor Model. **Journal of Personality**, v. 4, n. 12, 1992.
- McCRAE, R. R.; JOHN, O. P. An introduction to the Five-Factor Model and its applications. **Journal of Personality**, v. 4, n. 4, 1992.
- McGURK, H. **Crescimento e mudança**: introdução à psicologia do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- McPHERSON, B.D.; CURTIS, J.E.; LOY, J.W. **The social significance of sport**: an introduction to the sociology of sport. Champaign Human Kinetics, 1989.
- MIDDLETON, S. C. et al. Mental toughness: is the mental toughness test tough enough? Paper presented at Nzare AARE, Auckland, New Zeland, 2003.
- MOSQUERA J.; STOBÄUS C. **Psicologia do desporto**. Porto Alegre: Universitária, 1984.
- MUSS; COLLEGE. **Teorias da adolescência**. São Paulo: Interlivros, 1971.
- NUTTIN, J. **A Estrutura da personalidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- OLIVEIRA, A. R. A velocidade em escolares de diferentes níveis socioeconômicos na faixa etária de 11 a 14 anos de idade. **Revista de Educação Física**, v.11, n.12, p.41-43, 1998.
- OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos Desportivos**. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 1995.
- OSÓRIO, L. **Adolescência hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

_____. **Evolução psíquica da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Movimento, 1989.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce no caso do basquetebol**. 1989, p. 148. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, 1989.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Unicamp, 1997.

PETROVSKI, A. V. **Dicionário psicológico breve**. Moscou: Polotisdat, 1985.

RAMIREZ, F. A. **Uma perspectiva psicanalítica para treinamentos em equipes de base de basquetebol**. Campinas: Unicamp, 1999.

RAMOS, V.; TAVARES, F.J.S. A seleção de jovens atletas de basquetebol: estudo com técnicos brasileiros. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, n.1, 2000.

RELIU, J.C.. **Psicología del deporte: personalidad, evaluación y tratamiento psicológico**. Barcelona, España: Sintesis Psicología, 1997

RUBIM, A. A. C. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 2000.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a.

RUBIO, K. **El encuentro de la psicología del deporte con la psicología social. Psicología Social hoy**. México: Universidad Autonoma de Mexico, 2001b.

RUBIO, K. O trajeto da psicologia do esporte e a formação de um campo profissional. *In*: RUBIO, K. (org.). **Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000a.

RUBIO, K. Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Rumos e necessidades da psicologia do esporte no Brasil. *In* RUBIO, K. (org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000b.

RUBIO, K. Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia, Ciência e Profissão**. vol, 19, nº 3, p. 60-69, 1999.

RUBIO, K. Psicologia do Esporte: espaço de pesquisa e campo de intervenção. **Cadernos de Psicologia**. vol. 4, nº 1, 1998.

RUBIO, K. (Org.) **Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001c.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SALMELA, J. **Psicologia do esporte**. São Paulo: USP, 2003.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia**. São Paulo: Manole. 2002.

- SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. Belo Horizonte: UFMG 1995.
- SANTOS, O.B. **Orientação e desenvolvimento do potencial humano**. São Paulo: Pioneira, 1978.
- SERRANO, J. J. M. **Envolvimento social e desenvolvimento da criança**. Estudo das rotinas de vida diária das escolares com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano. 1996, 302 p. Lisboa: Dissertação (Mestrado em Motricidade Humana). Universidade Técnica de Lisboa, 1996.
- SILVA, A. R. **Psicologia esportiva e preparo do atleta**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- SIMÕES, A. C.; DE ROSE JÚNIOR, D.; KNIJNIK, J.D.; CORTEZ. A psicossociologia como área de conhecimento da ciência do esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, p.73-81, ago. 2004
- SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes: mitos e verdades**. 2ª ed. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1986.
- SMITH, H. C. **Desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- SOBRAL, F. Investigação das relações entre saúde e desporto: história, estado atual e perspectivas de evolução. *In*: BENTO, J.; MARQUES, A. **Desporto Saúde e Bem-Estar**. Porto:Universidade do Porto, 1992. p.41-52.
- SOBRAL, F. **Estado de crescimento e Aptidão Física na População Escolar dos Açores**. Lisboa: ISEF/UTL, 1989
- SOUSA FILHO, P. G. de. O que é a Psicologia dos Esportes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 8, n. 04, set, 2000.
- THOMAS, A. **Esporte: introdução à psicologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- TORRES, L. **O estilo de vida em jovens atletas**. Estudo exploratório sobre a influência do gênero, do nível socioeconômico e do nível de prestação desportiva no perfil dos hábitos de vida. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- TORRES, L.; GAYA, A.C.A. Hábitos de vida de escolares de uma escola da rede municipal de Porto Alegre. **Revista Perfil**, Porto Alegre, n.1, p.24-37, 1997.
- TORRES, L.; GAYA, A.C.A. Hábitos de vida: Um estudo exploratório sobre a influência do nível socioeconômico e do gênero sexual no cotidiano de jovens atletas. *In*: **O movimento olímpico em face ao novo milênio**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. Disponível em <<http://www.cenesp.uel.br/livros/forum/Texto.pdf>>. Acesso em 14 jun. 2005.
- TUPES, E. C.; CHRISTAL, R. E. Recurrent personality factors based on trait ratings. **Journal of Personality**, v. 2, n. 6, 1992.

VENZON, Hércules. **Futebol Interativo: Guia de exercícios com objetivos integrados**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

VERSARI, Cristina B. Sports Psychology: athletes and personality type. **Selfhelp Magazine**, v. 20, n. 01, jan. 2004. Disponível em <http://www.selfhelpmagazine.com/articles/sports/pers.html>>. Acesso em 12 jun. 2005.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINECK, J: **Biologia do esporte**. São Paulo. Manole, 1991.

WEINECK, J. **Manual de treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 1996.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.

WIDGER, T. A.; TRULL, T. J. Personality and psychopathology: An application of the Five-Factor Model. **Journal of Personality**, v. 4, n. 4, 1992

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZAKHAROV, Andrei. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1990. Adaptação científica de Antonio Carlos Gomes.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – INDICADORES FÍSICOS E POSIÇÃO EM QUADRA

ANEXO 2 - INDICADORES HÁBITOS DE VIDA

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO DO TESTE DE PERSONALIDADE EM ATLETAS

ANEXO 4 – ESTUDO PILOTO ‘A’ – PROJETO PIESP/CEFID – UDESC

**ANEXO 5 – ESTUDO PILOTO ‘B’ – PROJETO UNISUL – XVII JOGUINHOS
ABERTOS DE SANTA CATARINA**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DESPORTOS – CEFID

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

ESTUDOS BIOCUMPORTAMENTAIS DO MOVIMENTO HUMANO

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS DE VIDA

CÓDIGO ATLETA:				H	M
Posição na Quadra			Nasc.: / /	Idade:	
Escola ou Clube:			Série:	Turno: (M) (E) (N)	
Cidade:	Estado:	Altura:	Peso:	Massa Corporal:	
Nome do Técnico ou Professor:					

ANEXO 2

INDICADORES SOCIOECONÔMICOS (CRITÉRIO ABIPEME):

1) Escolaridade Pai/Mãe

1.1 Qual de seus pais obteve maior grau de escolaridade?

- Pai
 Mãe
 Não estudaram

1.2 Considerando entre os pais o de maior escolaridade, assinale o grau de instrução:

- Não completou a 5ª série do Ensino Fundamental – Primário Incompleto;
 Completou a 5ª série do Ensino Fundamental – Primário Completo;
 Não completou a 8ª série do Ensino Fundamental – Ginásio Incompleto;
 Completou a 8ª série do Ensino Fundamental – Ginásio Completo;
 Não completou a Ensino Universitário – 3º Grau Incompleto;
 Completou o Ensino Universitário.

2) Itens de conforto doméstico

2.1 Na sua casa tem...(assinale cada item abaixo):

TV a cores	Não	Sim – Quantos?
Videocassete	Não	Sim – Quantos?
Rádio	Não	Sim – Quantos?
Banheiro	Não	Sim – Quantos?
Carro	Não	Sim – Quantos?
Empregadas mensalistas	Não	Sim – Quantos?
Aspirador de Pó	Não	Sim – Quantos?
Máquina de Lavar Roupa	Não	Sim – Quantos?
Computador	Não	Sim – Quantos?

2.2 Assinale um dos itens abaixo:

Não possui geladeira	
Possui geladeira sem freezer	
Possui geladeira dúplex ou freezer	

2.3 Escreva o número de peças que há em sua casa ou apartamento:

- a) Quarto: _____
b) Sala: _____
c) Cozinha: _____
d) Banheiro: _____ ; Dentro de casa? () Sim () Não

2.4 Quantas pessoas moram na sua casa ou apartamento, incluindo você? _____

INDICADORES DE HÁBITOS DE VIDA

3) Hábitos de sono

3.1 A que horas você costuma acordar de manhã?

- () Antes das 6 horas;
() Entre 6 e 7 horas;
() Entre 7 e 8 horas;
() Entre 8 e 9 horas;
() Depois das 9 horas.

3.2 A que horas você costuma dormir?

- () Antes das 21 horas;
() Entre 21 e 22 horas;
() Entre 22 e 23 horas;
() Entre 23 e 24 horas;
() Depois das 24 horas.

4) Atividades diárias

4.1 Assinale as atividades que você costuma fazer quando está em casa:

ATIVIDADE	MUITAS VEZES	POUCAS VEZES	NUNCA
Ver TV			
Jogar vídeo game			
Leituras de Lazer			
Escutar música			
Conversar/brincar com amigos			
Ajudar nas tarefas domésticas			
Cuidar de crianças que moram na mesma casa			
Estudar			

4.2 O que você costuma fazer quando sai de casa?

ATIVIDADE	MUITAS VEZES	POUCAS VEZES	NUNCA
Freqüentar danceteria			
Conversar/brincar com amigos			
Passear a pé			
Passear de carro			
Andar de Bicicleta			
Andar de patins/roller			
Andar de skate			
Jogar bola			
Outros:			

INDICADORES DE CULTURA ESPORTIVA

5) Assinale os materiais de esporte que você tem:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Patins/roller; | <input type="checkbox"/> Patinete; |
| <input type="checkbox"/> Bicicleta; | <input type="checkbox"/> Skate; |
| <input type="checkbox"/> Bola de plástico; | <input type="checkbox"/> Bola de vôlei; |
| <input type="checkbox"/> Bola de basquete; | <input type="checkbox"/> Bola de futebol; |
| <input type="checkbox"/> Bola de handebol; | <input type="checkbox"/> Chuteiras; |
| <input type="checkbox"/> Raquete de tênis; | <input type="checkbox"/> Tênis; |
| <input type="checkbox"/> Tabela de basquete; | <input type="checkbox"/> |
- Outros: _____; _____; _____.

6) Local mais utilizado para as práticas esportivas de lazer:

- Pátio de casa;
- Condomínio onde mora;
- Campo ou terreno baldio perto de casa;
- Rua;
- Parque/prça;
- Quadra da escola no turno contrário ao das aulas;
- Clube esportivo ou recreativo;
- Outros: _____; _____; _____.

INDICADORES DE ATIVIDADES CULTURAIS

7) Se você participa de algum grupo, assinale quais:

- Atividades na escola, no turno contrário ao das aulas. Quais: _____; _____;
- Clube;
- Grupo de atividades folclóricas;
- Grupo de teatro;
- Grupo de dança;
- Grupo musical;
- Atividades religiosas (catequese; grupo de jovens);
- Centro comunitário;
- Outros: _____; _____; _____.

INDICADORES DE PRÁTICA ESPORTIVA SISTEMATIZADA

8) Caso você, atualmente, esteja praticando algum esporte com orientação de um professor/treinador, responda as perguntas abaixo:

Qual esporte que você pratica? _____;

Por que você escolheu este esporte?

Há quanto tempo? _____; Onde? _____;

Quantas vezes por semana? _____ Quantas horas por dia? _____.

9) Se você, há algum tempo atrás, praticou algum esporte com orientação de um professor/treinador, responda:

Qual o esporte que você praticava? _____; Há quanto tempo? _____;

Onde? _____; Quantas vezes por semana? _____;

Quantas horas por dia? _____; Por quanto tempo o praticou? _____;

Por que parou de praticá-lo? _____.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DESPORTOS – CEFID
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO
ESTUDOS BIOCUMPORTAMENTAIS DO MOVIMENTO HUMANO**

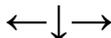
TESTE DE PERSONALIDADE EM ATLETAS

O Teste de Personalidade tem por objetivo definir os traços de personalidade do atleta, determinando quais são seus pontos fortes e fracos, assim como suas habilidades para se relacionar com outras pessoas.

Esta pesquisa é parte integrante do Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Ciência do Movimento Humano, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano, de Gilberto Vaz, com o “ESTUDO COMPARATIVO DOS HABITOS DE VIDA TRAÇOS DA PERSONALIDADE EM ATLETAS DE BASQUETEBOL JUVENIL NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA – BRASIL E OKLAHOMA – EUA”.

Instruções:

- 1) Responda as perguntas de forma objetiva.
- 2) Ler as perguntas na escala numérica, marcando um número para onde sua personalidade se inclina. Se você sente que mais de uma descrição se aplica a você ou não está seguro sobre uma pergunta, marque 3. É importante que você responda as perguntas honestamente.



1	IMPACIENTE	5	4	3	2	1	CALMO
2	PREFERES COMPANHIA	5	4	3	2	1	PREFERES FICAR SÓ
3	VOCÊ É UM SONHADOR, VISIONÁRIO	5	4	3	2	1	VOCÊ É MUITO PRÁTICO
4	CORTÊS, ATENCIOSO	5	4	3	2	1	INACESSÍVEL, BRUSCO, PRECIPITADO
5	ORGANIZADO	5	4	3	2	1	DESORGANIZADO
6	CAUTELOSO, PRECAVIDO	5	4	3	2	1	CONFIADO, ATREVIDO
7	OTIMISTA	5	4	3	2	1	PESSIMISTA
8	TENDE A SER TEÓRICO	5	4	3	2	1	TENDES A SER PRÁTICO
9	GENEROSO	5	4	3	2	1	EGOÍSTA
10	DECIDIDO, DETERMINADO, FIRME	5	4	3	2	1	MAIS FLEXÍVEL, ABERTO
11	DESANIMADO	5	4	3	2	1	ANIMADO
12	VOCÊ É COMO UM LIVRO ABERTO	5	4	3	2	1	VOCÊ É MUITO PRIVADO
13	SEGUE MAIS A IMAGINAÇÃO	5	4	3	2	1	SEGUE MAIS A AUTORIDADE
14	CORDIAL, AMISTOSO	5	4	3	2	1	DESAFETO, INDIFERENTE, DESINTERESSADO
15	FOCALIZADO, CONCENTRADO	5	4	3	2	1	DISTRAI-SE FACILMENTE
16	ENVERGONHA-SE FACILMENTE	5	4	3	2	1	DIFICILMENTE SE ENVERGONHA
17	EXPRESSIVO	5	4	3	2	1	SERENO
18	BUSCAS A NOVIDADE, A INOVAÇÃO	5	4	3	2	1	PREFERES A ROTINA, O HÁBITO
19	TRABALHAS BEM EM EQUIPE	5	4	3	2	1	PREFERES SER INDEPENDENTE
20	PREFERES A ORDEM	5	4	3	2	1	ACOMADA-SE COM O CAOS
21	PERDES O CONTROLE	5	4	3	2	1	ÉS CONTROLADO
22	CONSERVADOR	5	4	3	2	1	REFLEXIVO
23	ACOMADA-SE COM A AMBIGÜIDADE, INDECISÃO	5	4	3	2	1	PREFERE AS COISAS CLARAS E PRECISAS
24	CONFIAS NAS PESSOAS	5	4	3	2	1	DESCONFIAS OU TENS RESTRIÇÕES
25	FAZES AS COISAS SEMPRE A TEMPO	5	4	3	2	1	DEIXAS PARA A ÚLTIMA HORA

ANEXO 4

TESTE DE PERSONALIDADE EM ATLETAS DE BASQUETEBOL DO PROJETO PIESP / CEFID - UDESC

Autores: Rafael Phelippe Goulart, Clóvis Hugo Ratjhe Filho, Guilherme Martins, Alfredo Alves da Silva Filho e Rodrigo Carvalho. **Orientador:** Prof. Gilberto Vaz CEFID / UDESC Florianópolis – SC - Brasil.

Introdução: O Centro de Educação Física, Fisioterapia da Universidade do Estado de Santa Catarina em conjunto com a Rede Cenesp, desenvolve o Projeto PIESP (projeto de iniciação esportiva) nas modalidades de atletismo e basquetebol. Nesta pesquisa realizamos um teste de personalidade baseado em uma amostra do teste desenvolvido nos Estados Unidos conhecido como BIGFIVE. Os testes foram aplicados em cerca de 15 atletas de basquetebol do time infante e juvenil do CEFID. Foi passado a cada atleta um questionário com 25 perguntas colhidas no site do Dr. Joachim de Posada, os dados de cada atleta foram recolhidos e colocados no site que nos deu os respectivos resultados. O objeto de estudo, foi verificar os aspectos da personalidade de cada atleta. Neste teste são avaliados 5 dimensões da personalidade de cada atleta, a emocionalidade negativa, a extroversão, a abertura, o egocentrismo e o autocontrole. Após a análise do site foram encontrados os seguintes resultados: para o teste de emocionalidade negativa, 42% dos atletas pesquisados se encaixam no tipo respondente, e 58% dos atletas se encaixam no tipo elástico. Sobre a extroversão 25% dos atletas pesquisados são introvertidos, 25% são extrovertidos e 50% são ambivalentes. Para a abertura 58% dos atletas pesquisados se encaixam no tipo moderado, 25% dos atletas são conservadores e 17% são exploradores. Para o egocentrismo 42% dos atletas são negociadores, 41% dos atletas se encaixam no perfil de desafiadores, e 17% são adaptáveis. Para o autocontrole 33,3% dos atletas são Balanceados, 33,3% dos atletas são flexíveis e 33,3% são enfocados. Devido a nenhum dos autores da pesquisa não ter qualquer tipo de treinamento especial para fazer avaliações psicológicas nesses atletas não foram realizados nenhum tipo de análise da personalidade dos atletas. Porém estes resultados podem ser de suma importância para técnicos de basquetebol, pois conhecendo a personalidade de cada atleta de sua equipe, pode-se fazer uma orientação personalizada para cada um deles e/ou melhorar alguns traços de personalidades incompatíveis a um jogo que necessita um trabalho intenso de equipe. Nunca se deve utilizar apenas o teste de personalidade para selecionar jogadores para uma equipe, pois além de não serem suficientemente precisos podem estar, como qualquer teste psicológico, suscetível a erros. É bom corroborar que o teste de personalidade realizado com estes atletas é apenas uma amostra sendo que os resultados alcançados são apenas superficiais, o teste original contém mais de 150 perguntas tornando-o bem mais confiável e preciso. Sendo assim o teste de personalidade em conjunto com outros métodos de avaliação como; medida de desempenho físico, avaliações do técnico e níveis reais de habilidade, pode tornar-se uma poderosa ferramenta na mão de técnicos que desejam montar uma equipe em condições físicas e psicológicas adequadas para tornarem-se vencedores.

CEFID/UDESC: Rua Paschoal Simone, 358 Coqueiros – Florianópolis/SC – Brasil – CEP: 88080-350

ANEXO 5

1 RESUMO

Como sabemos através do estudo da psicologia todo o indivíduo é único e por isso difere-se dos outros. Essas diferenças são construídas por fatores hereditários e por fatores ambientais. Sendo assim, podemos dizer que cada pessoa reage de maneira diferente a diferentes situações. Dessa forma esse estudo tem como objetivo analisar e comparar os aspectos relacionados à personalidade dos atletas de basquetebol. Para a realização desta pesquisa foram investigados vinte e cinco atletas de ambos os sexos, sendo oito da equipe masculina de Joinville, onze da equipe masculina de Blumenau e seis da equipe feminina de Blumenau, todos entre a faixa etária de 15 a 18 anos, pertencentes a um grupo que participou dos XVII Joguinhos Abertos de Santa Catarina, realizado na cidade de São José – SC (2004). Para a coleta dos dados foi utilizado o programa BIG FIVE TEST (POSADA, 1996) que possui 25 perguntas relacionadas à personalidade do indivíduo como: a emocionalidade negativa, extroversão, abertura, egocentrismo, autocontrole. Os questionários foram entregues no local da prática, onde os sujeitos responderam de forma descritiva as questões apresentadas, assinalando em que nível da escala numérica (1 – 5) ela encontrava-se. Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva e quantitativa. Os resultados foram quantificados e apresentados na tabela abaixo.

Atletas	Emocionalidade negativa	Extroversão	Abertura	Egocentrismo	Auto Controle
6 atletas femininos Blumenau	Respondente 50%	Aberta 66,7%	Moderada 66,7%	Negociadora 66,7%	Balanceda 16,7%
	Elástica 16,7 %	Extrovertida 16,7%	Exploradora 33,3%	Adaptável 33,3%	Enfocada 50%
	Reativa 33,3%	Introversa 16,7%	—	—	Flexível 33,3%
11 atletas masculinos Blumenau	Respondente 54,5%	Aberto 27,3%	Moderado 63,6%	Negociador 45,4%	Balancedo 27,3%
	Elástico 36,4%	Extrovertido 63,6%	Conservador 18,2%	Adaptável 45,4%	Enfocado 63,6%
	Reativo 9,1%	Introverso 9,1%	Explorador 18,2%	Retido 9,1%	Flexível 9,1%
8 atletas masculinos Joinville	Elástico 12,5%	Aberto 50%	Moderado 50%	Negociador 25%	Balancedo 50%
	Respondente 87,5%	Extrovertido 37,5%	Conservador 37,5%	Adaptável 50%	Enfocado 12,5%
	—	Introverso 12,5%	Explorador 12,5%	Retido 25%	Flexível 37,5%
25 atletas no total	Respondente 64%	Aberto 44%	Moderado 60%	Negociador 44%	Balancedo 32%
	Elástico 24%	Extrovertido 44%	Conservador 20%	Adaptável 44%	Enfocado 44%
	Reativo 12%	Introverso 12%	Explorador 20%	Retido 12%	Flexível 24%